

MARINICE DA SILVA FORTUNATO

**A CATEGORIA SOLIDARIEDADE HUMANA NO PENSAMENTO DE
KROPOTKIN**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA E FILOSOFIA

PUC / SÃO PAULO / 1998

MARINICE DA SILVA FORTUNATO

**A CATEGORIA SOLIDARIEDADE HUMANA NO PENSAMENTO DE
KROPOTKIN**

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para a
obtenção do título de DOUTORA em
educação: história e filosofia sob a
orientação do Professor Doutor Antônio
Joaquim Severino

Comissão Julgadora

RESUMO

ABSTRAT

Sempre desejei conhecer um homem
santo em carne e osso. Aos *santos ateus*
Jaime Cubero e Antônio Martinez e a
outros que como eles ofertam suas vidas
à humanidade, dedico esta tese.

AGRADECIMENTOS

Ao casal Jaime e Maria Cubero e Antônio Martinez do Centro de Cultura Social de São Paulo, por todo o material ofertado e, principalmente, pela amizade e testemunho de vida fraterna.

Aos professores Antônio Joaquim Severino, Maurício Tragtemberg e Evaldo Amaro Vieira, pelo incentivo na pesquisa e pelas valiosas indicações bibliográficas.

À Ana Lebedeva, bisneta de Kropotkin, que ora reside em Moscou, por seu pronto atendimento indicando obras a serem investigadas e pelas informações referentes à Conferência Internacional de Moscou (1992) realizada nos 150 anos da data natalícia de Kropotkin.

Ao professor José Maria Carvalho Ferreira da Universidade Técnica de Lisboa que me ofereceu hospedagem em Lisboa e endereços para contatos em Paris e Barcelona, além de colocar sua biblioteca particular à disposição.

Ao Senhor Carlos Abreu e Silva, do Arquivo Histórico Social (Biblioteca Nacional de Lisboa) pela orientação das leituras.

Ao Doutor Luiz Carlos Silva do jornal *A Batalha* (Lisboa) que colocou o arquivo da sede à disposição onde pude encontrar o jornal *Freedom* nos seus números atuais (1973-1995), jornal fundado por Kropotkin em Londres em 1887.

Aos professores Antônio Candeias do Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa, estudioso das idéias, práticas e políticas educacionais do séc. XIX e XX e João Freire do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa de Lisboa pela troca de idéias e estímulo.

Ao militante anarquista José de Brito (in memoriam) que me recebeu em sua casa em Lisboa, pelo seu entusiasmo e por sua esperança na construção da sociedade ácrata apesar de ele contar já com 95 anos.

Aos padres Pierre Jourdanne e Bernard pela calorosa hospedagem em Paris, pela ajuda na busca dos endereços e por terem atendido com muita presteza minhas solicitações bibliográficas.

Ao diretor da revista *Itineraire*, Didier Roy (Paris), pelo envio de material. À livraria Le Monde Libertaire e ao Centre de Recherches D'Histoire des Mouvements Sociaux et du Sindicalisme por facilitar-me o acesso às obras.

Ao escritor Abel Paz e ao casal Anton Castells e Merce Solar responsáveis pela revista *Polêmica* (Barcelona) por me terem hospedado e orientado as investigações realizadas na Biblioteca Pública Arús e no Arquivo Público de Barcelona.

Ao Senhor Manuel Aisa, Josep Guillamot e A. Turón do Ateneu Enciclopèdia Popular de Barcelona, pelo terno atendimento na busca de artigos e obras.

Ao Senhor Joan Conesa do Ateneu Libertário de Gracia e José M. Gallard Alcaez do Centro Municipal de Serveis Socials de Gracia, ambos em Barcelona, pelas indicações bibliográficas e encaminhamento de visitas à instituições libertárias.

Ao meu filho André Padovani por seu trabalho de digitação e tradução dos textos em espanhol. À professora Telma Elita Marques Yamashita pela confecção dos mapas, aos professores Gilberto Esdras e Miguel Savietto, pelas leituras dos rascunhos.

Aos meus amigos, em especial Cidelenia Prates, ao filho Pedro, neta Camila e família, pela compreensão e carinho demonstrado, em especial na difícil fase final de redação da tese que requer uma vida apartada, semelhante a de monge. Ao meu companheiro, sempre presente, trazendo luz quando tudo se fazia trevas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
KROPOTKIN E SEU TEMPO	23
1.1. Infância e juventude	24
1.2. Kropotkin na Sibéria	42
1.3. Kropotkin abandona a vida militar	47
1.4. Kropotkin no movimento operário internacional	49
1.5. Sua militância nos círculos de Tchaikovsky	53
1.6. Kropotkin na prisão; sua fuga	55
1.7. O exílio	56
1.8. A vida de Kropotkin na Inglaterra	67
1.9. A Rússia que Kropotkin vai encontrar	72
1.10. Seus últimos anos de vida na Rússia comunista	83
1.11. Resumo Biográfico	92
1.12. O trajeto de sua vida	95
A CATEGORIA SOLIDARIEDADE HUMANA NO PENSAMENTO DE KROPOTKIN	99
2.1. A obra <i>Apoio Mútuo</i>	112
2.1.1. Gênese e Estrutura de Apoio Mútuo	112
2.1.2. Construção da categoria solidariedade humana	117
2.1.2.1. A ajuda mútua entre os animais	127
2.1.2.2. A ajuda mútua entre os selvagens	135

2.1.2.3. A ajuda mútua entre os bárbaros	139
2.1.2.4. A ajuda mútua na cidade medieval	146
2.1.2.5. A ajuda mútua na sociedade moderna	160
2.2. Conclusões a que Kropotkin chegou	171
EXTENSÃO DA TEORIA DO APOIO MÚTUO AO CAMPO DA ÉTICA	177
3.1. A obra <i>Ética: Origem e Evolução da Moral</i>	181
3.1.1. Gênese e Estrutura de <i>Ética: Origem e Evolução da Moral</i>	181
3.1.2. A ética no século XIX	186
3.1.3. As doutrinas morais e o conceito de justiça	205
3.1.4. Origem do sentimento moral	211
3.2. Considerações finais	228
CONSIDERAÇÕES GERAIS	231
<i>Implicações no campo da educação</i>	236
BIBLIOGRAFIA	240
APÊNDICE	248

INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo pensamento de Kropotkin nasceu concomitantemente ao estudo das fontes primárias que forneciam dados sobre a gênese de um sistema escolar público não-estatal brasileiro (1900-1920), objeto da minha dissertação de mestrado. (Fortunato, 1992). Essa pesquisa mostrou-me o quanto Kropotkin foi lido pelos trabalhadores militantes de movimentos populares através da imprensa operária. Minha curiosidade foi aguçada ao perceber quão importante era esse autor para a luta que se fazia por escola, servindo suas obras de significativa referência para a compreensão da proposta educacional *ferrerista*¹, desenvolvida no início deste século em vários países da Europa e América Latina.

A influência de Kropotkin nos movimentos educacionais pode ser aferida de vários dados históricos no campo político e educacional. Assim, destaca-se a intensa participação de Kropotkin no projeto de cultura operária autônoma, unida à luta econômica elaborado pelo movimento operário francês em 1884, quando preconizava a criação de escolas e aparatos educativos controlados pelos próprios trabalhadores. Em 1892, esse movimento criou a Federação de Bolsas de Trabalho, primeira organização sindical nacional. Essas Bolsas de Trabalho tornaram-se os bastiões daqueles que preconizavam a independência sindical. Em 1895, foi criada, no Congresso de Limoges, na França, a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e, até 1914, a influência libertária foi aí predominante. Kropotkin exerceu grande influência em toda essa luta, quer mediante seus escritos, quer em função de sua participação efetiva em reuniões, debates, congressos.

¹ Ferrer (1859-1909) fundou escola em Barcelona em 1901; seus princípios educacionais tiveram grande influência no movimento por escola no Brasil no período 1900-20 (Fortunato, 1992).

Por outro lado, a Associação Internacional dos Trabalhadores² (AIT) tratava freqüentemente do direito à educação da classe trabalhadora. No Congresso de Lausanne (1867), discutia-se, por exemplo, se a AIT deveria se posicionar a favor de um ensino escolar obrigatório estatal ou em prol da democratização do mesmo, onde ele já existisse. Foi para esse Congresso que Robin (1837-1912), militante dessa associação e fundador da escola de Cempius³, preparou um relatório sobre o ensino integral que, apesar de não ter sido discutido, levou o Congresso a tomar deliberações nesse sentido, preconizando **o ensino científico, profissional e produtivo, o estudo de um programa de ensino integral, a organização da escola-oficina e a eliminação do ensino religioso**. A resolução manifestava desconfiança com respeito à educação dada pelo Estado, pronunciando-se também a favor de uma língua universal. No Congresso de Bruxelas (1868), o texto de Robin sobre educação integral foi adotado, com aprovação de Marx, mesmo sem a presença do autor. (Fortunato, 1992:54). Robin assinou o *Manifesto dos amigos da instrução e do progresso para a difusão dos métodos principais e dos procedimentos da instrução integral* (1883), distinguindo-se também entre os promotores de uma *Associação Universal da Instrução Integral*, fundada na Bélgica. Lecionou na Universidade Nova de Bruxelas onde fundou o jornal *A instrução integral* (1895). Kropotkin faz parte de um grupo que resume as idéias de Robin, organizando o **Programa do Comitê para o Ensino Anarquista** (1882)⁴.

Kropotkin participou também da **Liga Internacional pela Educação Racional da Infância**, fundada por Ferrer (1908) na Europa e que recebeu adesões de sábios tais como Languerin, Bernard Shaw, Berthelot, Gorki, Anatole France, Aristide Briand

² A AIT foi fundada por trabalhadores em 1864 em Londres e pretendia organizar-se internacionalmente, na luta contra a exploração e opressão oriunda do sistema capitalista. Mais informações, consultar Tragtenberg, 1987.

³ Segundo Dommanget (1974:365-399), essa escola foi a mais importante experiência de educação libertária, instalação única no seu gênero para a época e que parece não ter sido ultrapassada até hoje. A escola de Cempius (Seine-et-Oise) funcionou no período 1880-1894 e era subsidiada com dinheiro de um comerciante que colocou a condição de que ela fosse laica e aberta para homens e mulheres. (Tomassi, 1988:172-179)

⁴ Este programa de educação propõe a supressão da **disciplina** que gera a dispersão e a mentira; dos **programas** que anula a originalidade, a iniciativa e a responsabilidade; das **classificações** que geram a rivalidade, a inveja e a competição. O ensino deverá ser **integral, racional, misto, libertário** (entendido como “*sacrifício progressivo da autoridade, uma vez que o objetivo final da educação é o de formar homens livres que respeitem e amem a liberdade alheia.*”). (Kropotkin. *Oeuvres*. Paris, Maspero, 1976:200-201)

(*Boletín de la Escuela Moderna*, 1978:211-213 e Fortunato, 1992:48-50). Ferrer foi o fundador da Escola de Barcelona (1901), tida como a melhor expressão prática dos princípios proclamados pelo **Programa do Comitê para o Ensino Anarquista**, escola que herdou de Cempius suas características principais. Kropotkin e Ferrer estiveram juntos nessa luta. A carta que Kropotkin envia à Ferrer evidencia o envolvimento daquele e sua influência (Ferrer Guardia, 1978:264-266). Outro dado que mostra a congruência entre as idéias kropotkinianas e a pedagogia ferrerista está no tipo humano que se pretende formar na Escola Moderna de Barcelona (Ferrer Guardia, 1978:38-40).

O historiador Luizetto (1974), dividindo o movimento anarquista em duas fases, deixa clara a importância da figura de Kropotkin no que se relaciona à crítica à educação burguesa e à definição de um programa educacional libertário. A primeira (1840-1882) tem Proudhon e Bakunin como figuras centrais e se caracteriza por um forte teor de denúncia na avaliação do sistema educacional da época, condenando radicalmente esse sistema com seu ensino religioso, sua dicotomia entre “educação científica” e “educação profissional”, entre “ensino e aprendizagem”. Apresenta propostas genéricas de reformulação do sistema educacional vigente. Kropotkin e Malatesta são figuras principais da segunda fase (1882-1920) que se caracteriza por estar formulando, de modo sistemático, os pressupostos que deveriam orientar a educação libertária, desafiando os métodos e objetivos da escola oficial (estatal) e da educação dogmática (confessional), passando a colocar em prática e/ou apoiar propostas educacionais que pareciam adequadas aos seus propósitos revolucionários. Não fica apenas no questionamento do ensino burguês e na defesa da educação integral. Pertencem a essa fase: Robin, o Programa Educacional do Comitê para o Ensino Anarquista, Ferrer e todo o movimento por educação racionalista, a criação de Centros de Estudo, de Escolas Livres, de Universidades Livres ou Populares.

No campo político, as críticas de Kropotkin aos métodos aplicados na Revolução Russa de 1917, a defesa que fazia por um sindicato revolucionário, a defesa do movimento dos soviets, sua oposição à ditadura bolchevique que, segundo ele, tentava destruir todo germe de liberdade e de solidariedade ao estabelecer o fantasma da ordem, da lei, da autoridade e do Estado, evidenciam a atualidade dos temas. Com relação a Revolução Russa, pressentiu e previu os perigos e o possível fracasso dessa revolução à qual faltava ideal moral mais elevado, confundindo-se os *rojos* e os

blancos em um amorismo político e em uma indiferença completa nos métodos de luta, pondo os vencidos e vencedores no mesmo nível.

O anarquismo teve grande influência no movimento operário latino-americano. No Brasil, foi corrente hegemônica no período 1900-20. Apesar disso, é muito pouco estudado no nosso meio universitário e/ou intelectual e, muitas vezes, tratado de forma simplista, reducionista, visto como uma prática política ingênua, romântica, atrasada, pertencente ao nosso folclore. A partir de 1970, começaram a surgir contribuições significativas quanto ao resgate dessa complexa experiência, tanto no âmbito político quanto no campo educacional⁵.

Faz-se necessário um olhar reflexivo sobre essas experiências tentando desvelar, não de forma mecânica e/ou saudosista, o que elas podem nos sugerir quanto a nossos problemas atuais. Mas não se trata só disso: elas não fazem parte apenas de um passado. Temos propostas atuais de organização, de resistência, de autonomia frente à dominação e subordinação (referente quer seja à classe econômica dominante ou mesmo a direções de organizações, partidos e/ou sindicatos considerados de esquerda), sendo desenvolvidas no meio operário, que muito se assemelham às propostas anarquistas.

Tomo como exemplo os **Conselhos Populares**, embora sendo proposta de partido político, ao que o anarquismo é avesso. Celso Daniel, prefeito de Santo André (PT 1989-1992 e 1997-2000), concebe-os como “*órgãos da sociedade, portanto independentes do Estado, organizados com a perspectiva de buscar a ocupação de uma gestão local...*”⁶ e alerta para que não confundamos conselhos populares com as instâncias de participação criadas pelo próprio Estado⁷. É ainda na fala do PT que

⁵ Vide, das obras elencadas na referência bibliográfica desta projeto, as obras de RODRIGUES, Edgar, 1969; SFERRA, Giuseppina, 1987; TRAGTENBERG, Maurício., 1978; BOSI, Ecléa, 1987; CAMPOS, Cristina H., 1988; PRADO, Antônio A.(org.), 1986; DE DECCA, Edgard, 1981; DULLES, John W.F., 1977; FAUSTO, Boris, 1986; HARTMAN, Francisco F., 1984; KHOURY Yara M.A., 1981; LUIZETTO, Flávio V., 1974; MAGNANI, Sílvia L., 1982; MARAN, S.Leslie, 1979; GALLO, Sílvia, 1995; GHIRALDELLI JR., Paulo, 1987; JOMINI, Regina M., 1990; MAZZOTTI, Tarso B., 1987; FORTUNATO, Marinice 1992.

⁶ DANIEL, Celso. *Gestão local e participação da sociedade*. In Villas-Boas, Renata, org. *Participação popular nos governos locais*. São Paulo, Pólis, 1994:27

⁷ O Estado cria instâncias de participação e chega a “legalizar” seus “amigos” como lideranças dos supostos conselhos populares, excluindo da participação, por decreto, o resto da sociedade.

encontro referência à participação direta e ao projeto de autogoverno. Transcrevo, como exemplo:

“Oferecemos à sociedade brasileira um projeto de autogoverno da sociedade, no qual os cidadãos, sobretudo os excluídos dos frutos do desenvolvimento e do poder se reconheçam como homens livres e sujeitos da construção de uma nova sociedade.”
(Daniel, 1994:24)

Um outro fato a destacar são as **Comissões de Fábrica** que surgiram a partir da segunda metade da década de 1970, defendendo a democracia direta (para os anarcosindicalistas, seria ação direta), a elegibilidade e revogabilidade dos delegados pela assembléia geral dos trabalhadores, a viabilização de formas embrionárias de controle e gestão da produção pelos trabalhadores. A obra de Lúcia Bruno, *O que é autonomia operária* (1985) trata da importância das lutas operárias acontecidas no interior da fábrica, quando desenvolvem a ação direta.

Os **Movimentos dos Sem Terra**, bem como a luta popular por habitação nos centros urbanos, apresentam, muitas vezes, conteúdo revolucionário em uma linha de autogestão. (Nascimento, 1993)

A existência, até nossos dias, do **Centro de Cultura Social (CCS)**, fundado em 1933, quando o refluxo do movimento libertário se fez sentir, é uma demonstração de que o anarquismo está vivo, presente como pode. Esse Centro tem como tradição convidar oradores de todos os Centros, de todos os meios sociais, de todas as classes, de todo e qualquer princípio, para realizar suas conferências (Leuenroth, 1965). Nos seus estatutos consta que sua finalidade é:

“estimular, apoiar e promover nos meios populares e, principalmente, entre os trabalhadores, onde as possibilidades de cultura são limitadas por toda espécie de empecilhos, o estudo de todos os problemas relacionados com a questão social.

“trabalhará (o Centro) para desenvolver nos meios populares o espírito de solidariedade (...), condenando todas as formas de tirania que prejudicam as liberdades individuais e coletivas; todas as formas de exploração que anulam as possibilidades econômicas para o desenvolvimento do indivíduo” (Estatutos do CCS, p.02)

Comenta Maurício Tragtenberg em seu Memorial: *“Eu freqüentava à noite, aos sábados, as conferências do Centro de Cultura Social onde Edgard Leuenroth, Pedro Catallo, a feminista Anita Carrijo, o escritor Mário Ferreira dos Santos pontificavam.”* (Tragtenberg, 1991:93)

Expressando-se no contexto de passado recente da realidade política brasileira, o autor acima citado espera que a leitura dos textos de Kropotkin possa ajudar

“a combater as ilusões liberais e democratizantes enunciadas pela ‘Nova República’ com a cumplicidade de uma auto denominada esquerda, cujo conceito de revolução está restrito à apropriação privada dos cargos públicos e é dada a uma ‘revolução burocrática’ à brasileira. Sem expurgos, sem fuzilamentos, sorridente e festiva.” (Tragtenberg, In Kropotkin, 1987:17)

Salientando a atualidade do pensamento kropotkiniano, continua:

“Por sua análise da necessidade da existência de ‘minorias revolucionárias’ que estimulem a mudança social, sem se converterem em portadoras de privilégios ou imunidades em relação ao militante comum; por sua crítica ao fetichismo do ‘governo representativo’ nos quadros da democracia de massas atual; por sua análise das relações entre o poder e a lei dominantes: por sua análise crítica da prisão, que existe para nos dar a impressão de que somos livres para estigmatizar os pobres que lá estão confinados, para garantir a ‘boa consciência’ das altas classes da sociedade, sendo que sua única solução é a eliminação pura e simples; por todas estas contribuições, a leitura da obra de Kropotkin permanece atual.

“Sua discussão da incoerência lógica implícita na noção de governo revolucionário, que detém o poder e procura ampliá-lo, nunca autodestrui-lo, é fundamental para o entendimento de situações históricas atuais (...)

“A valorização da ação direta popular como caminho de defesa de interesses de classes sociais, a preocupação com a descentralização industrial, a análise crítica doariado (...) merecem reflexões. Especialmente a desvalorização do trabalho simples e a super valorização do trabalho complexo como fonte de diferenciação salarial, que já levou um marxista como Pierre Naville a discuti-la nos cinco volumes de Le Nouveau Leviathan.” (Tragtenberg, In Kropotkin, 1987:16)

No pensamento kropotkiniano, objetivos pedagógicos e político-sociais se encontram interligados assim como solidariedade humana e liberdade. A educação anarquista tem como objetivo social a **solidariedade** e, no plano individual, a **liberdade**. Os homens só serão totalmente livres se todos os outros que compõem o coletivo social também o forem. O desenvolvimento do indivíduo e seu compromisso com o desenvolvimento dos outros indivíduos caminham conjuntamente.

Já a filosofia política liberal considera **liberdade** como característica natural, comum a todos os homens, garantida via legislação: todos os homens são livres, pela lei; trabalha com um conceito abstrato, metafísico de liberdade. Para Locke, a liberdade natural deve ser abandonada em nome da cultura da civilização; para Rousseau, a liberdade natural é a verdadeira liberdade, e a sociedade é uma limitação desta.

Em virtude de seus vínculos históricos com outra classe social, a filosofia política anarquista toma rumo oposto quanto à conceituação de **liberdade**, tomando-a como um *produto da sociedade*, trabalhando com um conceito materialista de liberdade; liberdade é *construção social* e comum a todos os homens, garantida na luta por sua construção e pela construção do homem, concomitantemente. (Gallo, 1995a:27-28) Para Proudhon, a verdadeira liberdade é a social, constituída como relacionamento autônomo e igualitário entre os homens. Bakunin considera a liberdade como uma construção eminentemente social, como produto cultural da civilização. É ponto de chegada, não de partida.

As duas obras de Silvio Gallo (1995) acerca da pedagogia libertária defendem a possibilidade da concepção anarquista tornar-se um dos paradigmas possíveis para a análise educacional contemporânea. O autor explicita muito bem a atualidade e a potencialidade, através do conceito de autogestão, base da teoria e prática libertária, das idéias/práticas anarquistas no campo da educação:

“Além de constituir-se no suporte teórico para a construção do projeto de educação que tem como meta a autogestão, a filosofia da educação anarquista nos serve de ferramenta de análise e crítica da sociedade capitalista e da educação por ela pensada, assim como do sistema de ensino por ela constituído - a sempre ambígua dualidade dos sistemas público e privado de ensino (...). No caso específico do Brasil contemporâneo, ela pode constituir-se num interessante referencial para a discussão

e análise dos graves problemas educacionais que enfrentamos, de uma perspectiva bastante singular, como no caso da qualidade do ensino e publicização/democratização da escola.” (Gallo, 1995b:232)

Apesar de toda a atualidade e potencialidade do pensamento kropotkiniano, não encontrei dissertação e/ou tese especificamente sobre ele, no Brasil. Além disso, as obras de Kropotkin não tem edição recente no nosso país, sendo que a maior parte delas não se encontra traduzida para o português.

É verdade que as teses sobre o anarquismo ou sobre a pedagogia libertária referem-se a esse autor com frequência. Porém, a teoria anarquista em si é muito pouco conhecida nos meios educacionais não só nos seus aspectos políticos como nos aspectos educacionais. Os livros de História da Educação Brasileira não exploram suficientemente o período 1900-1920, quando a teoria anarquista era hegemônica no meio sindical. É recente o único livro que encontrei nessa área que explicita um pouco mais esse assunto (Xavier, M. Elizabete e outros, 1994).

O pensamento kropotkiniano insere-se na grande corrente de filosofia política do séc. XIX, representada pela teoria anarquista, situada no universo do pensamento socialista. Partindo da categoria *solidariedade humana*, Kropotkin faz suas críticas tanto ao liberalismo como ao socialismo de Estado, ao mesmo tempo que tece uma proposta de ação revolucionária peculiar, afinada com a teoria anarquista, afastando-se das concepções de revolução defendidas pelas propostas neoliberais e pelas propostas socialistas de cunho marxista. Parece-me que o divisor de águas entre Kropotkin e essas correntes da filosofia política do séc. XIX está aí explicitada. Solidariedade humana é fator necessário, imprescindível, no processo de transformação social, embora não suficiente; ela é meio e é fim. Para ele, os problemas inerentes à luta e à própria convivência serão resolvidos por meio do *apoio mútuo*.

Este trabalho pretende estudar o significado da categoria **solidariedade humana** bem como o papel que ela ocupa no pensamento de Kropotkin. Trata-se de ver como esse autor nela se apoia ao construir sua proposta de ação revolucionária, com vistas à transformação da sociedade.

Propus-me, nessa tese de doutorado, a realizar um estudo fundamentalmente bibliográfico, fundando minha investigação, prioritariamente, em duas obras do autor, consideradas básicas pelos estudiosos: *Apoio Mútuo: um fator de evolução* e *Ética: origem da evolução moral*. Minha opção se deve ao fato de ser *Apoio Mútuo* (1902) a obra mais representativa da personalidade de Kropotkin, apresentada como uma tese científico-filosófica e que constitui por sua vez uma particular interpretação do evolucionismo darwiniano. Esta tese chega a ser o fundamento de toda a sua filosofia social e política e de todas as suas doutrinas e interpretações da realidade contemporânea. Como gonzo entre aquele fundamento e estas doutrinas encontra-se uma ética de expansão vital.

Ética: origem e evolução da moral completa a obra acima citada. Inacabada, em virtude da morte de Kropotkin (1921), está dividida em duas partes: uma dedicada ao estudo da origem e evolução da moral e outra consagrada à exposição das bases e finalidade da ética realista. Apresenta um conceito de moral que, segundo R. Van Duyn, difere do conceito marxista; para este, a moral é relativa e depende sempre da classe que ocupa o poder, enquanto que o conceito kropotkiniano de moral é absoluto. (*Polêmica*, 1992:09)

Não deixei de levar em consideração, no entanto, os demais trabalhos do autor, elencados nas referências bibliográficas, uma vez que eles comportam elementos reforçadores da categoria central de seu pensamento político. Dentre eles, priorizei aqueles que mais estavam relacionadas com meu objeto de estudo e fiz um exame mais apurado das mesmas. Além disso, recorri a fontes secundárias representadas pelas biografias e pelos estudos sobre o pensamento de Kropotkin (livros, artigos, teses, correspondência).

O material foi coletado, principalmente, no acervo da biblioteca do Centro de Cultura Social de S. Paulo a que tive acesso graças aos contatos com Jaime Cubero, Antônio Martinez, José Carlos Morel e outros membros desse CCS e no Arquivo E. Leuenroth da Unicamp, Campinas. Esse estudo me levou a realizar uma pesquisa bibliográfica fora do país (Barcelona, Paris e Lisboa) a partir do contato com o Prof. José Maria Carvalho Ferreira, prof. no Instituto Superior de Economia, na Universidade Técnica de Lisboa.

Estudar uma categoria dentro do pensamento de um autor significou, para mim, investigação da *construção* desse conceito de **solidariedade humana** na obra de Kropotkin que, nesse processo de construção, utilizou seus potenciais racionais e valorativos tanto no universo teórico como no universo da sua prática, desenvolvendo teses, colocando-as em relação com suas antíteses, buscando uma síntese. (Não é verdade que a teoria pertença *apenas* à esfera da teoria, nos termos de Thompson (1951:53)). Significou também investigação do diálogo de Kropotkin com autores que discutiam solidariedade humana e/ou que colocavam outra categoria no mesmo nível de solidariedade humana, quando da formulação das propostas de ação revolucionária que visavam a transformação da sociedade. Por último, significou investigação da concepção da categoria *solidariedade humana* no pensamento de Kropotkin na sua interlocução com outras categorias de sua própria obra, quando formula sua proposta de ação revolucionária.

A sociedade, para nosso autor, sempre existiu, é anterior à existência dos indivíduos, não foi criada por nenhum contrato, não é fruto de um pacto de não agressão, como acredita Huxley. Opõe-se também ao contratualismo tanto na versão pessimista de Hobbes, que fundamenta o absolutismo monárquico, como na visão otimista de Rousseau, fundamento da democracia liberal. Kropotkin trabalha com a idéia de que o homem é o que é a sua sociabilidade, isto é, o homem apresenta forte tendência ao apoio mútuo e à convivência permanente. Para ele, no capitalismo a liberdade não existe porque está condicionada à exploração de uns sobre os outros, a liberdade de uns é sustentada pela escravidão de outros.

O tema de partida para a discussão da categoria *solidariedade humana* em *Apoio Mútuo*, está no seu estudo da teoria darwiniana, tanto quando as admira e respeita como quando a questiona. A categoria *competição* é, no trabalho de Kropotkin, substituída pela *solidariedade humana*.

A tese de doutorado de Bizzo apresenta algumas evidências de que existem razões ideológicas para que o darwinismo seja divulgado de forma distorcida, propagando uma “*visão de mundo*” que defende o princípio da *luta pela existência* entendida como *competição (lei do mais forte)* como verdade científica. Afirma que há possibilidade de a Biologia ser utilizada como arma social:

“O darwinismo em particular se apresenta como um dos mais úteis conjunto de idéias que podem ser utilizados para convencer os cidadãos que as idéias neoliberais são naturais”. (Bizzo, 1991:275)

Importante salientar e reforçar que Kropotkin, ao desenvolver o estudo da categoria *solidariedade humana*, relacionando essa categoria com a de *autogestão*, ou seja, com a rejeição de qualquer forma de autoridade, ele não só **impulsiona criação de sistemas escolares públicos autogeridos**, mas também **penetra na própria questão dos valores morais que se prega na educação**.

Meu olhar de educadora em obras tão complexas, tal como *Apoio Mútuo*, na qual o autor trata da destruição dos argumentos biológicos e antropológicos do liberalismo, privando-o de todo seu fundamento filosófico — assim como Marx teve o mérito de, em *O Capital*, haver solapado os seus fundamentos econômicos — ao mesmo tempo que é limitado por não ter conhecimentos específicos das diferentes áreas que abarca, pretende ser um olhar que desperte o desejo e a consciência da necessidade de se criar uma nova educação, um novo homem e uma nova sociedade, defendendo valores morais já tão esquecidos e mesmo negados por nossa sociedade capitalista.

À vista do exposto, o presente trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro apresenta uma biografia contextualizada de Kropotkin, príncipe russo, amigo de Lênin, biólogo, filósofo social, historiador e ideólogo, figura de renome no movimento anarquista internacional. Preocupado em compreender por que os homens se unem, realizou pesquisas teóricas e experiências práticas que resultaram em um posicionamento pessoal peculiar, coerente com suas descobertas, o de um comprometimento com o desenvolvimento da espécie humana. Esse engajamento produziu obras teóricas no campo da geografia física e também no campo da filosofia política, defendendo a *autogestão social* que garantiria a *liberdade*, a *solidariedade*, a *justiça*, e a *abnegação*. Por esse caminho, vai questionar tanto o liberalismo como o socialismo do Estado.

O segundo investiga a construção do conceito de *solidariedade humana* na obra *Apoio Mútuo*, levando-se em consideração outras obras e/ou artigos do autor e considerando o artigo *O Estado* como o último capítulo de *Apoio Mútuo*. *Apoio Mútuo* defende a tese de que a categoria *solidariedade humana* constitui fator mais importante do que a

luta mútua no processo de evolução dos animais e progresso dos homens. Além disso, essa tese constitui uma busca de justificação científica para o anarquismo, no domínio da *sociabilidade*, mostrando que, já na própria sociedade burguesa ou em outras anteriores, existia potencialidades, tendências de comportamentos sociais que dispensam o sistema competitivo e autoritário da sociedade capitalista, demonstrando que há possibilidade e conveniência de se criar uma sociedade ácrata, baseada na responsabilidade comunal individual.

O terceiro capítulo trata da extensão da teoria do apoio mútuo ao campo da Ética. Investiga a construção da ética kropotkiniana, uma ética *científica, naturalista, realista, humana* que se expressa como *teoria da solidariedade* e que leva em consideração o *utilitarismo* e a *autonomia moral* do indivíduo; investiga a elaboração de sua moral social constituída pelos elementos: *solidariedade, justiça e abnegação*. A ética kropotkiniana que se baseia no princípio “*sem igualdade não há justiça, sem justiça não há moral*” deveria servir de guia para as atividades práticas de todo revolucionário. Constitui um esforço para responder à questão: por que hei de viver uma vida moral?

Nas Considerações Gerais, a guisa de conclusão, busco avaliar as contribuições e contradições que possam oferecer o pensamento de Kropotkin, bem como apontar as implicações que pode ter a *teoria do apoio mútuo* na campo educacional.

Capítulo 1

KROPOTKIN E SEU TEMPO

Piotr Alexievich Kropotkin (1842-1921), príncipe russo, geólogo, biólogo, filósofo social, historiador e ideólogo, figura de renome no movimento anarquista internacional, teve vida intensa, repleta de atividade política, social e intelectual transcorrida entre cárceres, exílios e triunfos. Viveu mergulhado no contexto histórico-político-cultural de sua época, exercendo grande influência no movimento operário, no período de 1880-1920 em diversos países tais como: Itália, França, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Bélgica, Holanda, Argentina, Espanha.

Mergulhou, desde jovem, ainda quando era Pagem de Câmara⁸ e depois como oficial na Sibéria, nos problemas de seu país e do mundo, tanto no campo científico, realizando expedições e estudos geográficos no seio da Sociedade Geográfica Russa⁹, publicando artigos em revistas internacionais tais como *The Nineteenth Century*, *Nature*, *Times*, como no campo social e filosófico, participando, de forma apaixonada, em projetos reformistas propostos no governo populista de Alexandre II — projetos de reforma de prisões, reformas do sistema de deportação, projeto de autonomia municipal.

⁸ Função que se exercia após ter frequentado o Corpo de pagem, escola militar que era, na verdade, também uma instituição da Corte, ligada à Casa Imperial.

⁹ Kropotkin foi secretário da seção de Geografia Física e convidado a ser secretário dessa Sociedade, tendo recusado o convite por priorizar seu engajamento nas lutas por questões sociais.

Mais tarde, com a mesma paixão, militou nos círculos revolucionários de Tchaikovsky, cuja ação atingia trinta e oito províncias do Império Russo; participou de atividades clandestinas na Rússia, da Associação Internacional do Trabalhador (AIT), movimento operário internacional. Esteve preso na Rússia (1874-76) e na França (1882-84); viveu exilado na Inglaterra (1877) onde se instalou definitivamente em 1886; da Suíça, foi expulso em 1881. Em 1872, havia se declarado anarquista convertendo-se em um dos animadores da Federação Jurassiana (Suíça)¹⁰. Criou e participou de vários jornais operários tais como *Le Révolté* (França), *Freedom* (Inglaterra); publicou livros e folhetos; realizou conferências em vários países.

Regressou à Rússia em 1917 e manteve contato com a Revolução recebendo visitas de Lenin e se correspondendo com ele. Logo que chegou, fundou, junto com outros anarquistas, a Liga Federalista, grupo que se propunha a oferecer subsídios para a indústria e agricultura. Morreu escrevendo *Ética*.

1.1. Infância e juventude

Nasceu em Moscou, no Bairro dos Escudeiros, onde viveu por 15 anos. Esse bairro era habitado pela nobreza que se extinguiu e que tinha seus nomes na história da Rússia até antes de Pedro, o Grande¹¹. Cada bairro de Moscou formava um pequeno mundo à parte e, nesta época, conta-nos Kropotkin (*Em torno de uma vida*, 20), esse bairro passou a receber famílias que vinham “não se sabe de onde” tomar posse dos mais altos cargos governamentais; a nobreza as considerava como “intrusas”.

Enquanto os europeus estavam formando monarquias centralizadas, a Rússia era, nessa época, governada por Nicolau I (1825-55) que imperou com despotismo militar

¹⁰ A Federação Jurassiana foi fundada em 1871 no congresso de Sonvillier, convocado pelos coletivistas, ou seja, pelos bakuninistas que divergiam, dentro da AIT, dos comunistas, ou seja, dos marxistas. Esta cisão vem desde o Congresso de Basiléia (1869) e agravou-se na Conferência de Londres (1871) ao serem tomadas as resoluções que determinavam a total subordinação dos grupos locais da Conselho Geral e a conseqüente proibição do estabelecimento de seções independentes da AIT. A Federação Jurassiana torna-se o centro da oposição organizada contra o conselho geral.

¹¹ Pedro, o Grande, (1682-1725), o czar reformista, criou um Estado militarista apoiado em um grande esforço de industrialização da Rússia; pregava a ocidentalização da Rússia como condição de garantia de sua defesa; elaborou (1722) a escala de status na qual a posição social da nova aristocracia agrária estava na dependência da posição do aristocrata na escala de serviço prestado ao Estado. Para desmobilizar a antiga aristocracia latifundiária, o czar escolhia, como seus assessores, pessoas malnascidas, muitas delas estrangeiras.

até sua derrota na Guerra da Criméia¹² (1854-55). A crueldade arbitrária do czar e o servilismo de seus súditos eram bem conhecidos dos europeus. O czarismo apresentava certas características resumidas por Tragtenberg:

“1) A sacrossanta encarnação da autoridade no czar nunca fora limitada explicitamente por mecanismos legais ou institucionais, mas pelos costumes e dependência da classe latifundiária e pelo setor militar.

2) O serviço obrigatório ao Estado, inicialmente aplicado à classe dos latifundiários, estendeu-se a todos os súditos, especialmente durante o século XVIII.

3) A terra russa era considerada propriedade do czar.

4) Vinculava-se a idéia de serviço à amplitude ilimitada de ação do Estado, especialmente como criador de todas as associações abrangidas por ele, excluindo a Igreja.

5) A falta de diferenciação entre as atribuições legislativas, judiciais e administrativas e o desenvolvimento de uma burocracia centralizada correspondia à amplitude de ação do Estado e à extensão do Império.

6) A intensificação do uso da força e da ação arbitrária da polícia no âmbito governamental tornara o exército elemento fundamental na política do czar.”
(Tragtenberg, 1992:10)

A estas características, continua Tragtenberg, a dinastia dos Romanov, no século XIX, acrescentou outra: tentativa de uniformizar o Império Russo. É Tragtenberg ainda que afirma:

“Nos fins do século XIX podia-se dizer que o czarismo constituía uma espécie de federação irresponsável de departamentos independentes, que mantinham entre si, às vezes, aberta ou disfarçada hostilidade.” (Tragtenberg, 1992:19)

Nicolau I enfrentou o movimento revolucionário dos Dezembristas (1825)¹³, a sublevação da Polônia (1831), a guerra da Criméia, conviveu com a efervescência

¹² A Guerra da Criméia deixou clara a incapacidade do exército russo para fazer frente a um exército moderno. (Tragtenberg, 1992:56)

camponesa¹⁴ expressada por um descontentamento geral, com uma juventude vivendo concepções *niilistas*¹⁵ e se colocando contra a servidão, contra o absolutismo, contra o obscurantismo czarista. Com Nicolau I, a indústria nacional começa a apontar, assim como a classe proletária. O surgimento desta classe se constituirá na razão econômica da abolição da servidão que se dará em 1861¹⁶. Aumentam as reivindicações por escolas; no final de seu governo, contava-se com seis universidades.

A população russa apresentava-se composta por três classes excludentes entre si, com suas diferenças de tradição e costumes: a *aristocracia*, os *comerciantes* e *artesãos* e os *camponeses*. Existia uma organização corporativa das classes e estamentos sociais, criada e mantida pelo Estado, o que garantia o isolamento dos vários setores da sociedade civil. Essas associações eram responsáveis pela conduta de seus membros, preenchendo funções disciplinares e tributárias.

Faziam parte da aristocracia, os *nobres* com títulos (príncipes, condes, barões) e os *nobres* hereditários (os pais de Herzen e de Bakunin se incluíam aí). A nobreza não

¹³ Os Dezembristas eram burgueses e nobres descontentes com o regime; parte deles era constituída por exilados russos que conviveram, na França, com um regime mais liberal que o da Rússia. Anticzaristas, organizaram um movimento que pretendia a abolição da servidão e a formação de um regime constitucional republicano.

¹⁴ As rebeliões camponesas eram organizadas muito mais contra a servidão e/ou opressão e contra o desgoverno oficial do que contra o czar, considerado o representante de Deus na terra. Para os não russos, era importante reagir contra a colonização russa e defender o islamismo. Os movimentos camponeses não se aliavam aos movimentos urbanos; só em 1648, houve aliança entre cidades em rebelião, resultando daí a crise da Assembléia da Terra e o novo código das leis. Para combater essas rebeliões camponesas, o governo enviava não companhias ou batalhões e sim unidades inteiras com artilharia, relata Kropotkin (Woodcock, 1971:43)

¹⁵ O niilismo não deve ser confundido com doutrina revolucionária e/ou partido revolucionário. Surgiu na Rússia por volta de 1850 tendo como base filosófica o materialismo e o individualismo, movimento de caráter mais filosófico que político no sentido direto. Pregava o direito à felicidade para todos, a rebeldia individual diante de costumes formais, emancipação completa do indivíduo face a tudo que atentasse à sua independência ou à liberdade de pensamento (família, sociedade, religião, tradição...). Combatia-se tudo que estivesse além da razão pura, dos valores úteis imediatos; colocava-se contra o domínio sentimental, idealista, contra a estética, a beleza, o conforto, os prazeres. Foi introduzido na literatura por Turguenev (1818-83) com a obra Pais e Filhos. Divulgaram o niilismo o escritor Chernishevski e seu discípulo Debroluvov, porém o filósofo característico do movimento foi Pisarev, que morreu em 1868 (Woodcock, 1971:101). Outras obras nesta linha de pensamento foram bastante divulgadas entre os jovens: Força e Matéria, do filósofo materialista alemão Buchner (1824-99), obras de Moleschott, de Darwin. Coube à geração seguinte (1870- 80) responder a questão que então se colocava: O que fazer para efetivamente libertar o indivíduo? Surgiram os grupos revolucionários e socialistas.

¹⁶ Dados sobre a situação do campo e da indústria neste período (Serge,1993:26-27)

tinha muita consciência de sua nacionalidade (só na década seguinte é que se fez sentir a influência do nacionalismo eslavo), tinha o francês quase como língua nativa e exercia o monopólio do exército, da terra e da burocracia civil. O modelo de eficiência social, suas tradições e interesses eram oriundos da Europa Ocidental.

Seu sistema feudal tinha características próprias; não se baseava em uma relação contratual entre senhor e vassalos e sim no *edito do rei*¹⁷. Era a negação da primitiva economia comunal do *mir*¹⁸, que subsistia por detrás e por baixo e constituía um dos elementos vitais de coesão da sociedade rural.

Os intelectuais e profissionais destacados estavam entre os *comerciantes e artesãos*; tinham maior consciência de serem russos, porém não exerciam muita influência política. Em relação com essa classe média, havia outra classe amorfa de homens livres, mais pobres, artesãos, pequenos comerciantes desenvolvendo uma indústria em pequena escala (o sistema fabril só se desenvolveu na metade do século seguinte).

A maioria do povo russo era composta por *camponeses*, servos que poderiam ser vendidos e/ou enviados ao exército. Analfabetos, dominados por um clero supersticioso e venal, possuíam, na melhor das hipóteses, consciência comunal localista, não representando mais do que uma força social potencial, fonte de insurreição contra a servidão e opressão, nunca contra o czarismo considerado regime natural (o czar, *paizinho*, se fosse bem assessorado, estaria do lado dos camponeses, assim pensavam os camponeses); as grandes revoltas camponesas careciam de um programa político.

Além do nascimento de Kropotkin, o ano de 1842 foi palco de dois outros acontecimentos importantes: publicação de *Almas Mortas*, de Gogol (que se tornou defensor do sistema czarista) sobre literatura russa e o pensamento progressista;

¹⁷ A servidão russa, basicamente com fundamento econômico, fundava-se no *edito do rei*; a servidão constituiu nas mãos do Estado um recurso para assegurar uma arrecadação fiscal estável e permanente, em um país onde havia abundância de terra e a agricultura representava a principal fonte de exploração econômica, mas onde a mão-de-obra era escassa. (Tragtenberg, 1992:54).

¹⁸ Quando o Estado moscovita foi criado, a prática comunal já estava implantada e o Estado, então, tratava com o grupo e não com o indivíduo. Há que se distinguir dois tipos de comuna: uma que é a comunidade agrícola florestal, tendo a família como unidade produtiva, unida por associações e outra que é uma organização administrativa e fiscal dependente do Estado. Durante os séc.XVII e XVIII, deu-se a fusão dos dois tipos e, a partir de 1861, com a emancipação dos servos, a comuna adquiriu importância nacional. (Tragtenberg, 1992:30-31) Mais informações sobre mir, vide Makno, 1988:24-25)

publicação de *A Reação na Alemanha*, de Bakunin que, com sua doutrina, influenciou os grupos radicais russos.

O governo incentivava, na época, a filosofia e literatura romântica alemã, a metafísica de Fichte, Hegel, ou seja, tudo que vinha da Academia de Berlim, porque essa corrente favorecia o absolutismo. Os intelectuais russos reagiram e foram perseguidos pelo czar. Belinsky critica a estratificação social da Rússia (1840-48); Herzen¹⁹ (1815-70) volta do desterro (1840); Bakunin vai para a Alemanha voltando só em 1849 e seu companheiro, Turguenev²⁰, recebe influência da ideologia européia radical; Stankevick torna-se a personalidade mais notável do renascimento russo, morrendo na Itália.

Descendente de um neto de Rotislav Mstislavitch, o Audaz, Príncipe de Kiev, a família Kropotkin, por não demonstrar tendência acentuada para o serviço do Estado, passou para o segundo plano quando os Romanovs chegaram ao trono de Moscou e iniciaram a sua obra de consolidação do Estado russo. Seu avô, simples tenente, abandonou o serviço militar retirando-se para Urusovo, terra da família, situada no território de Riazan, bela por suas florestas, rios e prados. Casou-se com uma Princesa Gagarine, família que escandalizou Moscou por um dos seus membros ter se casado com artista de teatro (a famosa Semionova), que continuou atriz mesmo após o casamento. Um filho da princesa foi poeta secundário da Rússia.

O pai de Kropotkin era um homem áspero, funcionário (general) de Nicolau I, amante da disciplina militar mecânica, tão em voga na época. Ele governava com despotismo os seus 1.200 servos; detestava a arte e o liberalismo; era ignorante e supersticioso. Segundo Alexandre, irmão de Kropotkin, era vingativo, intratável, obstinado, mesquinho e embusteiro. Tinha, pelo menos, uma virtude: era absolutamente honrado,

¹⁹ Herzen foi o primeiro intelectual russo a definir a *obchtchina* (comunidade rural) como unidade de produção socialista e o camponês russo como socialista nato, capaz de criar com suas próprias forças, o socialismo na Rússia; foi o primeiro a lançar a palavra de ordem *terra e liberdade*. Através de seu jornal *Kolokol* (Sino), editado em Londres, influenciou a intelectualidade russa na luta para que os camponeses possuísem a terra em comum. (Tragtenberg, 1992:65)

²⁰ Em 1845, Turguenev publicou *Memórias de um Caçador* e Dostoievski, *Pobres Gentes* (1846). Kropotkin conheceu Turguenev em Paris, durante seu exílio; considera-o um romancista de mais alta perfeição artística: “sua prosa é para os ouvidos de um russo uma verdadeira música — tão profunda quanto a de Beethoven.” (Kropotkin, 1946:387). O romance “Memórias de um Caçador”, desse romancista tornou a servidão detestada. Turguenev participava no poderoso jornal de Herzen, o *Sino* e escreveu muito sobre a mulher russa

não se envolvendo com a corrupção generalizada da época (Woodcock, 1971:32). Não era muito amante da vida do campo, nem tinha temperamento belicoso; orgulhava-se de uma orquestra montada e mantida por ele.

A fina sensibilidade moral de Kropotkin, assim como sua suave inteligência as herdou de sua mãe, amiga dos criados da casa a ponto de com eles dançar, muitas vezes. Ela lia poesias russas proibidas (de Ryleiev, enforcado por Nicolau I em 1826, de Lamartine, de Byron). Ekaterina Nicholaevna Sulima era filha do general Nikolai Semionovich Sulima que teve papel importante na guerra de 1812²¹ contra Napoleão. Ele foi governador da Sibéria Ocidental e depois da Sibéria Oriental; pessoa independente e íntegra, descendente de Ivan Sulima²², Atamán dos cossacos²³ Zoporozies, ucranianos independentes que se estabeleceram em Dnieper e organizaram uma sociedade baseada no cristianismo primitivo. Com 34 anos, Ekaterina morreu de tuberculose (1846) deixando Kropotkin com a idade de 3 anos, Alexandre com 5, Helena com 11 e Nicolau com 12.

Órfão, foi criado pela alemã Burman e pela russa Uliana até o dia em que seu pai se casou com Isabel Koradino (1848), que proibiu contatos com a família materna, além de propor a venda da casa, dos móveis e dispensar a senhora Burman. Um de seus

²¹ Napoleão invadiu a Rússia nesta data porque o czar Alexandre I foi obrigado a acabar com o bloqueio à Inglaterra, devido à grande crise econômica. Apenas 30 mil dos 600 mil soldados franceses retornaram.

²² Ivan foi contra os polacos pela independência da Ucrânia, foi preso, torturado em Varsóvia até a morte. Venceram a luta, mas caíram nas mãos dos Romanov. Não percebendo as sutilezas de Catarina a Grande, tornaram-se servidores do czar, destruidores da liberdade e independência de outros, deixando de ser exemplo de liberdade e independência.

²³ Os cossacos eram, originalmente, vagabundos procedentes de Moscou ou Ucrânia polaca. Constituíam um grupo amante da liberdade, ingovernáveis, desempenhando um papel anárquico durante o período conhecido como Período das Perturbações (1603-13), quando Ivan, o Terrível conseguiu subornar ao Estado a antiga aristocracia, abalando suas raízes locais e empobrecendo-a mediante uma política fiscal (Tragtenberg, 1992:15). Por volta de 1670, deixam de ser bando organizado militarmente, governado democraticamente por meio de uma Assembléia Central onde os oficiais eram eleitos e, a partir de 1723, perdem o direito de eleger seu chefe (o ataman) que passou a ser nomeado diretamente pelo Ministro de Guerra do Estado russo. A partir daí, surge uma casta, uma oligarquia. As rebeliões camponesas de Stenka Razin (1670-71), Bulavin (1707-08) foram vencidas graças a aliança dessa oligarquia cossaca com Moscou. Durante o séc. XVIII, os cossacos foram agentes colonizadores, polícia interna do Estado e alguns chegaram a ser grandes latifundiários admitidos no estamento da nobreza, com direito a servos. Na revolução de 1905, houve cisão entre eles: parte apoiava o czar e parte lutava para depô-lo. Em 1914, os cossacos do Don formavam uma força militar de 150.000 soldados de cavalaria à serviço do Estado, formando uma classe oposta à grande massa recém-chegada de ex-servos, agricultores independentes, mineiros e diaristas. Em 1936, batalhões cossacos integravam o Exército Vermelho. (Tragtenberg, 1992:4-8)

preceptores foi o francês Mr. Poulain, que anteriormente foi preceptor do filho mais velho do romancista Zagoskine e graças à sua influência, Kropotkin, desde os 12 anos, deixou de usar o título de príncipe. O outro preceptor foi o estudante russo, Nicolau Pavlovitch Smirnov, da Faculdade de Direito da Universidade de Moscou, o qual lhe deu o primeiro impulso no desenvolvimento literário. Era preciso decorar as lições (gramática de Noel e Chapsal, cuja lembrança foi conservada por mais de uma geração de jovens russos; diálogos franceses, história e geografia universais); quando ele e seu irmão não davam conta, recebiam castigos (ficar de joelhos, apanhar com vara de bétula). Após o almoço, passeavam com o preceptor que se tornava um camarada contando-lhes histórias sem fim. O estudo continuava após o jantar (história da Rússia, a língua russa, aritmética). Algumas noites de domingo, quando ficavam aos cuidados de Uliana, organizavam, às escondidas, junto com os criados, jogos de toda a espécie, coreografia, dançavam a dança cossaca etc.

Seu contato com o teatro se deu bem cedo, conhecendo Fanny Elssler, estrela famosa do corpo de baile, e atores famosos de Moscou: Schepkine, Sadovsky, Chumaki, pertencentes à escola realista. Chega mesmo a uma conclusão:

“Isso me fez crer que os pais que desejam desenvolver o gosto artístico dos filhos deveriam levá-los a ver de vez em quando uma peça realmente bem representada, em vez de entretê-los com uma infinidade de ‘sainetes’²⁴ para crianças.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 36)

Em sua casa, em Moscou, havia 50 criados para servi-los e, na casa de campo, havia 25. Essa casa de campo distava de Moscou 565km, caminho feito à pé todo verão pela criadagem. Kropotkin afirma que a estadia no campo lhe despertou amor pela natureza e lhe proporcionou contatos com os camponeses, fazendo observações tais como:

“Pouca gente sabe que tesouros de bondade se podem encontrar no coração dos camponeses russos, apesar dos séculos da mais cruel opressão que os devia, pelo contrário, tornar endurecidos.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 57)

Com 16 anos fez sua primeira viagem do campo a Moscou sem a família. Ao parar em uma estalagem, travou conversa com camponeses. Sobre essa conversa, comenta:

*“Foi nessa noite e nessa estalagem que nasceu em mim o sentimento de simplicidade, de igualdade e de cordial boa vontade que experimentaria sempre mais tarde, encontrando-me entre os camponeses ou em suas casas. Nada de extraordinário se passou naquela noite e duvido mesmo de que o incidente mereça ser mencionado. No entanto, essa noite quente, na pequena estalagem de aldeia, essa conversa com os camponeses e o grande interesse que eles mostraram por tantas coisas alheias ao círculo de suas idéias habituais, fizeram com que dali por diante uma pobre “estalagem branca” exercesse sobre mim maior atração que o melhor restaurante do mundo.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 112)*

Presenciou também, na infância, maus tratos aos servos que chegavam ao suicídio por esses sofrimentos e também quando eram enviados ao serviço militar. Comenta:

*“Não se admitia nem sequer se suspeitava de que existissem nos servos sentimentos humanos e quando Turguenév publicou a sua novela *Mumu* e Grigorovitch começou a publicação de seus empolgantes romances, que faziam chorar os leitores com os infortúnios dos servos, para muita gente foi uma revelação notável. Amam-se pois como nos amamos? Será possível? — exclamavam as damas sentimentais (...)” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 67)*

Faz parte de sua infância lembranças sobre a Guerra da Criméia:

“Em Moscou ninguém se preocupava muito com isso. Naturalmente, em cada casa, ao serão, faziam-se ataduras para os feridos. Porém elas não chegavam aos soldados russos: enormes quantidades eram roubadas e vendidas aos exércitos inimigos. Minha irmã Helena e outras moças cantavam canções patrióticas, mas na sociedade o tom geral não era influenciado pela grande luta que se desenrolava. No campo, pelo contrário, a guerra causava muita tristeza. O recrutamento prosseguia com rapidez e ouvíamos freqüentemente os cantos fúnebres das camponesas. O povo russo considerava a guerra como uma calamidade que a providência lhe envia, e aceita-a com uma solenidade que contrasta com a leviandade que testemunhei em outras partes, em iguais circunstâncias. Apesar da minha tenra idade, não me escapou esse sentimento de resignação solene que reinava nas nossas aldeias.

²⁴ Sainete: peça curta, com dois ou três personagens.

“Meu irmão Nicolau, como muitos outros, foi assaltado pela febre da guerra e sem acabar seus estudos no corpo de cadetes, foi reunir-se ao exército no Cáucaso. Não o tornei a ver.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 72)

Foi com a idade de 8 anos, numa festa, provavelmente por ocasião do 25º. aniversário da coroação de Nicolau I, que ele foi notado pelo czar e escolhido para ser Pagem na Corte, fato que muito alegrou sua família. Com 15 anos, teve seu preceptor, Mr. Poulain, substituído por um alemão idealista, que recitava versos de Schiller. No inverno seguinte, foi fazer curso em um ginásio de Moscou conservando apenas o seu preceptor russo, Smirnov. Kropotkin lia o que era proibido: Gogol, Zagorskine, Puchkine, Lermontov, A. K. Tolstoi, Ryliev, Turguenev, Dumas, Daudet, Zola, Nekrassov (seu poeta preferido desde a infância).

Ingressou então, em 1857, no Corpo de Pagens (São Petersburgo²⁵), escola composta por 150 rapazes, na maioria filhos da nobreza e que tinha duplo caráter: era escola militar com prerrogativas especiais e era instituição da Corte, ligada à Casa imperial. O estudo aí durava de 4 a 5 anos e, se aprovado, o jovem passaria a oficial de um Regimento da Guarda ou de qualquer outro exército. Kropotkin chegou a ser um dos 16 melhores alunos e, por isso, foi nomeado Pagem de Câmara.

Em 1848, havia acontecido muitas mudanças na Europa. O capitalismo estava se desenvolvendo, organizavam-se eleições para o Parlamento, surgiam os partidos políticos, desenvolviam-se concentrações urbano-indústriais, constituía-se um funcionalismo burocrático relativamente qualificado, ampliava-se o ensino leigo de responsabilidade estatal, proclamava-se os direitos de cidadania. A eliminação da escravidão na Alemanha e Áustria, indiretamente, produzia profundos efeitos no desenvolvimento social da Rússia, único país a manter o sistema feudal. Os liberais passaram a ter mais força na década seguinte. O regime havia assassinado cruelmente Dostoiévski (1849); Herzen, Belinski foram perseguidos, Bakunin foi preso por 6 anos.

Com a morte de Nicolau I, em 1855, a Rússia parecia despertar de um pesadelo. Os problemas educacionais (ignorância das massas, obstáculos à popularização da

²⁵ Após 1914 esta cidade recebeu o nome de Petrogrado e em 1924, Leningrado.

educação, falta de escolas rurais, de métodos pedagógicos adequados) passam a vir à tona. A severidade da censura diminuiu; surgem os primeiros liceus femininos (1857).

O estudo começa a ser levado mais a sério no Corpo de Pagem que passa a utilizar livros de autoria dos homens mais competentes da época. O ensino era o mais prático possível e seu corpo docente passa a ser formado por ótimos professores universitários. Dirige agora esta escola o preceptor do herdeiro do trono, o coronel de artilharia, Winkler, matemático, progressista, que estimulava o amor ao estudo. O herdeiro do trono²⁶ estudava, uma vez por semana, nessa escola. Antes de Winkler, Kropotkin havia sido preso por algumas semanas por ter reagido, junto com seus colegas de classe, contra o autoritarismo do diretor anterior, o Coronel Girardot.

Exerceu grande influência na sua formação o professor de literatura, Klassovsky, erudito em disciplinas clássicas e em literatura russa e que fazia a ligação das ciências históricas e humanitárias, garantindo a unidade filosófica e humana. Um silêncio de admiração pelo mestre reinava em suas aulas:

“Naturalmente havia muitas coisas que não podíamos compreender ou cujo sentido profundo não alcançávamos. Mas a força arrebatadora de todo estudo não está na apresentação contínua de novos horizontes, imprevistos, incompreendidos a princípio e que nos estimula a fazer um estudo mais cuidadoso do que se nos apresenta sem contornos bem definidos?” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 94)

Seu professor de gramática alemã, Herr Becker, que também era bibliotecário na Biblioteca Nacional, estimulou-o na leitura de *Fausto*, de Goethe, em alemão — Kropotkin já tinha feito a leitura em russo. Tendo decorado trechos, o nosso príncipe cita versos que tratam da concepção de natureza:

“Tu me ofereceste a Natureza e a puseste sob a minha mão fazendo-me sentir o quanto era bela. Tu me disseste: não fiques diante dela apenas friamente exaltado, mas contempla o seu âmago como se fosse o coração de um amigo.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 93)

Kropotkin avalia o método desse professor como excelente. Sugere que cabe ao professor de geografia fazer com que os alunos entrem em contato com a física,

²⁶ O herdeiro era Alexandre III que foi czar de 1881 a 1894

química, astronomia, meteorologia, zoologia, botânica, conhecendo a filosofia de todas as ciências exatas, constituindo uma concepção elevada da vida da natureza. Do professor de caligrafia, narra um incidente ocorrido na sala de aula:

“Certo dia um dos habitantes da “longínqua península” embebeu em tinta a esponja do quadro negro e atirou-a ao calígrafo mártir.” Apanha, Ebert, gritou-lhe com um sorriso estúpido”. A esponja atingiu Ebert no ombro, salpicando-lhe de tinta o rosto e a camisa branca.

“Estávamos certos de que desta vez Ebert deixaria a aula e iria fazer queixas ao Inspetor. Mas tirando o lenço do bolso e passando-o no rosto ele limitou-se a dizer: “Meus senhores só uma peça. Por hoje basta. A camisa está perdida”, acrescentou em voz baixa. E continuou a corrigir o caderno de um aluno.

“Ficamos atônicos e envergonhados. Em vez de nos denunciar, só pensara no acordo. Ganhou a simpatia de toda a classe. Censuramos o nosso colega: “O que fizeste foi uma estupidez. É um homem pobre. Estragaste a sua camisa. É uma vergonha!”

“Imediatamente o culpado foi pedir-lhe desculpas.

“—É preciso aprender”, foi tudo o que ele disse, com voz triste.

“Ficamos todos silenciosos e na lição seguinte, como se tivéssemos combinado, nos aplicamos em escrever o melhor possível e levamo-lhe os cadernos para que os corrigisse. Ebert ficou radiante. Nesse dia sentiu-se verdadeiramente feliz.

“O acontecimento causou-me uma impressão profunda e a sua lembrança nunca se me apagou da memória. Ainda hoje sou reconhecido a esse homem pela lição que nos deu.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 96)

Em sua autobiografia, tece crítica ao professor de desenho que tinha o hábito de denunciar os alunos indisciplinados. Por causa dele, foi preso por 10 dias. Esse professor dava mais atenção nas aulas aos alunos que recebiam aulas particulares com ele.

Lia-se nos regimentos de guarda quase tanto como nos círculos liberais. (Woodcock, 1971:41) e Kropotkin tomava contato com as obras de Shakespeare, de Ostrovsky, de

Proudhon, de Bakunin, de Lamartine, Bianchini, Blanqui, Montesquieu, Guizot, Vogt, Buchner, Marco Aurélio, Darwin — graças à influência de seu irmão Alexandre; lia o *Dicionário Filosófico*, de Voltaire, os filósofos estóicos da antigüidade. Lia, desde 1858, a revista de Herzen, *La Estrella Polar*, admirando o vigor de suas idéias e o seu amor pela Rússia.

Com muito esforço, conseguiu ser admitido como leitor (por volta de 1860) na Biblioteca Imperial, fazendo aí investigações sobre a primitiva história da Rússia, aprendendo os rudimentos do método histórico e tendo um primeiro contato com a estrutura da sociedade medieval e suas instituições cooperativas, fonte de conhecimentos que vai desenvolver mais tarde em suas obras posteriores. Dessa experiência, ele nos relata:

“Um novo organismo social inteiro e um mundo de relações complexas me foram então reveladas; e a partir desse momento aprendi a apreciar muito mais as fontes originais da história do que as outras obras adaptadas aos pontos de vista modernos, — os preconceitos da política moderna ou mesmo de simples fórmulas recebidas, substituídas à vida real do período estudado. Não há nada que dê maior impulso ao desenvolvimento intelectual de um indivíduo do que as pesquisas independentes e esses estudos que fiz então foram, a seguir, de extrema utilidade para mim.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 117-118)

As ciências exatas estavam em pleno desenvolvimento²⁷. Aprofundando as leituras sobre astronomia, comenta:

*“A vida incessante do universo, que eu concebia como **vida** e como evolução, tornou-se para mim uma fonte inesgotável de alta poesia, e pouco a pouco o sentimento da unidade do homem e da natureza animada e inanimada — a poesia da natureza — tornou-se a filosofia da minha vida.”* (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 120)

²⁷ Grove, Clausius, Joule e Seguin demonstram que o calor e todas as forças físicas são apenas formas diferentes de movimento; Helmholtz pesquisa o som; Tyndall faz conferências sobre o átomo e moléculas; Geehardt e Avogadro apresentam a teoria das substituições e Mendeleiev, Lothar Meyer e Newlands descobriram as leis periódicas dos elementos; Darwin revoluciona as ciências biológicas; Kart Vogt e Moleschott, seguindo as pegadas de Claude Bernard, fixaram os fundamentos da psicofísica.

Ele relata também suas experiências na área de economia política. Leu *Economia Política*, de J. B. Say, realizando uma coleta de dados para uma descrição estatística. Descobre, com esse trabalho, que sabe falar com o camponês. Mais tarde, quando ele estiver fazendo propaganda socialista entre camponeses, vai se lembrar desse fato e criticará seus companheiros por não saberem se comunicar:

“É absolutamente desnecessário falar ou escrever especialmente para os camponeses. O camponês da Grande Rússia compreende a linguagem do homem culto, contanto que não seja deformada com palavras emprestadas às línguas estrangeiras. O que ele não compreende são as noções abstratas quando não lhe são explicadas com exemplos concretos. Mas se falarmos ao camponês russo com simplicidade, partindo de fatos concretos — e isso acontece em relação aos camponeses de todos os países — sei por experiência que não há teoria científica, social ou natural que não se possa expor ao de inteligência média, se aquele que a explica compreende também de maneira concreta. A diferença principal de um homem culto e um inculto, segundo me parece, está em que este último não é capaz de seguir um encadeamento de deduções; compreende a primeira e talvez a segunda, mas na terceira já se sente cansado se não vê onde se quer chegar. Mas não se encontra também, freqüentemente, a mesma dificuldade entre a gente culta?” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 110)

Estudou ciências naturais (matemática, física, astronomia), química, biologia, direito, economia política, história. Interessava-se pela história de Lorentz, pela luta entre o Papa Bonifácio VIII e o poder real. Elaborou um manual de física, atualizado, que foi litografado para uso da escola e organizou um laboratório, junto com seus colegas, para uso do grupo. Ele adotou o método de estudo dos universitários: tomava nota durante as aulas, completava-as com leituras e redigia um texto. Escreveu um curso inteiro de história da Idade Média para seu uso.

As atividades práticas — exercícios de agrimensura, construção de modelos de fortificações — propostas pela educação militar, também colaboraram na formação de suas idéias, deixando bem claro para ele a união da teoria com a prática, ou seja, a importância de se aplicar a teoria científica na prática concreta. Conheceu a estupidez dos educadores que não entendiam a importância de se associar teoria e prática: seus

superiores destruíram uma fortificação em miniatura que os jovens haviam construído espontaneamente com argila e areia, aplicando tudo que aprenderam. Escreve:

“Menciono o incidente com o fim de mostrar como as crianças e os jovens têm necessidade de encontrar uma aplicação prática do que aprenderam na escola, teoricamente, e como são estúpidos os educadores que não podem compreender que auxílio poderoso encontrariam nas aplicações concretas, para ajudar os seus alunos a aprender o sentido real das coisas que estudam.

“(...) Essa aspiração das crianças e dos jovens para o trabalho real fica inutilizada, porque a nossa concepção de escola é sempre a da escolástica, do mosteiro, da idade média!” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 128)

Comenta ainda sobre os trabalhos de agrimensura:

“O trabalho independente, o isolamento sob as árvores seculares, a vida na floresta, de que eu podia gozar a vontade, e, ao mesmo tempo, o interesse pelo trabalho - tudo isso deixou no meu espírito traços profundos e se mais tarde me tornei explorador na Sibéria e se vários dos meus colegas fizeram explorações na Ásia Central, posso dizer que os exercícios de agrimensura foram as causas determinantes disso.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 127)

Todo verão os jovens do Corpo de Pagens experienciavam a vida de acampamento, o que produzia uma ação benéfica na saúde deles; o acampamento tinha como objetivo os exercícios militares e o desenvolvimento de trabalhos práticos. Aprendeu lições de vida nessas ocasiões: numa noite, em virtude de uma ordem mal-entendida, os jovens marcharam contra o Imperador Alexandre II que teve que dar três enormes saltos para que a coluna não passasse por sobre ele. Sentiu, nessa experiência, a força da massa em movimento.

Nas férias, ele trabalhava nas bibliotecas, visitava galerias, fábricas e usinas imperiais, quando pode sentir a poesia das máquinas:

“Nas fábricas de hoje a máquina esmaga o operário porque ele se torna para toda a vida o servo de determinada máquina, e nada mais será. Mas isso é consequência de uma organização defeituosa e nada tem a ver com o maquinismo em si. O excesso de trabalho, a monotonia perpétua são igualmente prejudiciais, quer o trabalho seja

feito à mão, com ferramentas, ou a máquina. Mas fora disso, compreendo perfeitamente o prazer que o homem pode sentir, com a consciência do poder da máquina, o caráter inteligente do seu trabalho, a graça dos seus movimentos e a perfeição do que ela faz.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 122)

Seu interesse na produção de periódicos surgiu bem cedo, mesmo antes de ele ingressar no Corpo de Pagens. A primeira revista que criou (1855-57) se chamava *Vremennick*. Escrevia contos — entre eles *La Alumna* — e os enviava para revistas, mas eles nunca foram publicados²⁸. Só em 1861 é que teve um artigo publicado em *Knizhni Vestnik*²⁹. Seus artigos, *O luxo em Paris durante o reinado de Luís XIV* e *Comentários sobre a guerra de 1853-56*, evidenciam o interesse do príncipe por questões sociais e políticas.

Havia grandes diferenças de personalidades nos irmãos. Alexandre era mais passivo, de pensamento mais abstrato, amante da filosofia alemã em moda em 1830. Lia Kant, Hegel, era discípulo de Lavrov, socialista russo. Alexandre era um social-democrata, escreve Kropotkin. Este último, mais ativo, enérgico, estava ligado a aspectos concretos da ciência, preferindo os filósofos racionalistas da Ilustração Francesa; quanto à arte, apesar de sua geração (os jovens de 1860) reagirem contra ela em favor das ciências naturais, ele continuava sendo amante da ópera italiana que estava em estreita relação com o movimento radical³⁰.

No período em que freqüentou o Corpo de Pagens, o imperador era Alexandre II (1855-81), que fazia-se defensor da abolição da servidão³¹, além de promover

²⁸ Nicolas Lebedev, discípulo de Kropotkin, publicou, em Moscou (1932), a correspondência entre Kropotkin e seu irmão Alexandre e, no prólogo, fornece uma lista dos trabalhos de Kropotkin: 25 artigos, poemas originais, traduções de Lamartine e de outros poetas franceses, contos e relatos. Nessa correspondência citada, os irmãos tratavam de assuntos tais como: concepção de universo, relatividade das percepções, teoria darwiniana, teorias de Laplace, estrutura da matéria. Eles conheciam as três conferências sobre o transformismo editadas, em 1858 (antes de *Origem das Espécies*, de Darwin), pelo professor de zoologia, Roulier, da Universidade de Moscou.

²⁹ O artigo de Kropotkin consistia em uma crítica ao artigo de Shelgunov, colaborador de Marx, publicado na revista *Sovremennik*, de Chernishevski. Shelgunov analisava *La situación de la clase obrera en Inglaterra*, de Engels.

³⁰ Refere-se aos recitativos revolucionários do Guilherme Tell e dos Puritanos (Kropotkin, 1946:123). Havia outro grupo de jovens que admirava o teatro francês, que já continha em embrião o gênero Offenbach, que depois contaminaria toda a Europa.

³¹ O período entre 1856-61 foi muito importante na história da evolução intelectual da Rússia. Problema bastante polêmico era a luta pela abolição da servidão, iniciada em 1850. Alexandre II

reformas democráticas tais como a introdução dos Conselhos de Província e Governadores Provinciais, ou seja, unidades de auto-administração local, auto-governo de municípios em alguns aspectos, o que representou progresso diante da estrutura ultracentralizada anterior. Essas reformas, no entanto, não invalidaram nenhuma característica do czarismo citadas nesse trabalho. Nesse período, deu-se também a revolução comercial, industrial e financeira, a construção de ferrovia, rede telefônica (1881), rede telegráfica (1861) e a expansão russa na Manchúria e Pérsia. A emancipação dos servos³² deu-se em 1861. São palavras do czar: “*Mais vale outorgar a liberdade desde cima que esperar que a venham tomar desde baixo.*” (Volin, 1954:32).

No campo da imprensa, a censura preventiva estabelecida desde Catarina, a Grande, foi substituída, no império de Alexandre II, pela censura punitiva fundada em confisco, multas e apreensão das publicações³³.

Apesar da censura, os jovens russos acompanhavam os acontecimentos da Europa. Tomavam conhecimento das lutas sociais, das propagandas socialistas, da proposta marxista de se organizar a classe trabalhadora em partido político. A *intelligentzia*, portadora de uma cultura laica, dividia-se, inicialmente, em *ocidentalistas*, que tinham a história do Ocidente como modelo a ser atingido pela Rússia e os *eslavófilos ou populistas*, que acreditavam em um caminho original, considerando o *mir (comuna rural)* como o símbolo da especificidade da Rússia³⁴. Kropotkin ainda não estava

esperava que a nobreza fizesse a petição, enquanto aconteciam inúmeras insurreições camponesas e o partido favorável à servidão cerrava fileiras em torno do Imperador. As revistas *Sino* e *Estrella Polar*, de Herzen e a *Contemporânea*, de Tchernychevsky, discutiam os detalhes dos diferentes projetos. Os artigos políticos continuavam sendo censurados, mas o povo aprendeu a ler nas entrelinhas de novelas, nos contos de humor, nas notícias sobre acontecimentos da Europa Ocidental.

³² A situação da terra passa a ser a seguinte, com a emancipação: 1/3 das terras ficam nas mãos do Estado, 1/3 na dos latifundiários e 1/3 na de 75 milhões de camponeses. A abolição golpeou o latifundiário, mas também o camponês que teve que pagar muito caro pela terra que recebeu.

³³ Depois da revolução de 1905, o Estado começou a sistematizar sua propaganda política não exercendo apenas ação *negativa*; passou a desenvolver apoio às *centúrias negras*, grupos anti-semitas ativos. (Tragtemberg, 1992:24) Os conflitos que existiam entre ministérios e autoridades da censura favoreciam a confusão, possibilitando que obras mais revolucionárias fossem publicadas (*Capital*, de Marx-1900) e obras liberais fossem interditadas (*Leviatã*, de Hobbes, obras de Spinoza); possibilitando que se desenvolvessem, com razoável liberdade de imprensa, campanhas contra a rebelião polaca e as ameaças de intervenção da França e da Inglaterra (1863), assim como a campanha nacionalista durante a crise balcânica (1876-78) e a crise búlgara (1886-87).

³⁴ Por volta de 1880, surge um novo movimento revolucionário, os *Narodniki* que prega uma revolução popular e acredita no idealismo e na responsabilidade da elite intelectual. Dos destroços

envolvido no movimento radical, mas é abolicionista e comemora o aparecimento do Manifesto de Libertação (1861) indo assistir a uma ópera italiana³⁵.

Após a abolição, surgiram grandes movimentos de luta pela criação de Escolas Dominicais (particulares e/ou mantidas por associações) freqüentadas por camponeses e operários; os professores eram os oficiais, os estudantes ou até algum Pagem. Criou-se um método que ensinava a ler em 9 a 10 lições. Os camponeses passaram a estudar a lei da emancipação, a *Polojéniié*, tomando consciência de que o imposto do resgate da terra que seriam obrigados a pagar, era na verdade, uma indenização concedida aos nobres compensando-os dos direitos que perdiam sobre os servos. O governo fechou essas escolas. Kropotkin se lembra, no entanto, de membros da família real apoiando essas iniciativas (como exemplo, Maria Alexandrovna).

Foi também em 1861 que, por ser o primeiro aluno da classe, tornou-se sargento, passando a ser, como oficial, Pagem de Câmara do Imperador. Essa experiência lhe proporcionou perceber rapidamente toda a comédia dos rituais da Corte e suas futilidades. Queria cursar a Universidade, mas não contava com o apoio financeiro de seu pai e nem gostaria de ser auxiliado pela família imperial. Desistiu do projeto e se inscreve para ir à Sibéria, incorporando o *Regimento dos Cossacos Montados do Amur*. Tinha estudado muito sobre essa região que acabava de ser anexada pela Rússia; pensava nas regiões tropicais descritas por Humboldt e nas belas generalizações geográficas de Ritter, no trabalho que poderia desenvolver com os operários.

Encontrou obstáculos à sua escolha: desestímulo por parte dos camaradas, oposição do pai e descrédito do Capitão que considerou a escolha como troca. Todas as dificuldades foram indiretamente resolvidas mediante um acontecimento: o incêndio na Praça Apraxine, em São Petersburgo, que marcou uma reviravolta na política de Alexandre II e também no período da história da Rússia. Kropotkin teve, nesse

deste movimento, surge a *Sociedade Secreta Terra e Liberdade* que se divide em dois partidos: *Partilha Negra* que investe na propaganda na zona rural e *Narodnaia Volia* (Vontade do Povo), partidário do terrorismo e responsável pelo assassinato de Alexandre II. Os *narodniki* querem despertar a consciência das massas trabalhadoras, desmistificar a *lenda do czar* (o povo sempre acreditava na “bondade” do czar e culpava seus assessores por todo o mal). Pedro Lavroff e Mikhailovski forneceram uma filosofia a esse movimento e Bakunin ensinou-lhe a revolta. (Serge, 1993:27-29)

³⁵ Ópera que teve Baveri como regente da orquestra. (Kropotkin,1946:136)

incêndio, atuação fundamental, colaborando para que o fogo não destruísse o Ministério do Interior, cujos arquivos encerravam todos os documentos relativos à emancipação dos servos, o Banco do Estado, uma ala do Corpo de Pagens e a Biblioteca Nacional. Sentiu-se feliz em servir aos anseios da população, dos camaradas e percebeu, nessa ação, o distanciamento das autoridades na solução do problema, mesmo ele sendo tão urgente, mesmo diante da ação do fogo³⁶. Comenta:

“...muita gente gritava para as autoridades, dizendo: “Por que se ocupam eles com o Ministério do Interior, quando o Banco e o Asilo das crianças abandonadas estão a ponto de pegar fogo? Que faz o Chefe de Polícia, que não envia ao Banco uma brigada de bombeiros?” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 158)

Dominado o incêndio,³⁷ o Grão Duque ofereceu-se para recomendá-lo ao Governador Geral na Sibéria, o que facilitou a sua ida, ganhando também o consentimento do pai.

Recorda-se da fisionomia colérica de Alexandre II na cerimônia de sua promoção a oficial, quando declarou:

“Mas... se algum dia qualquer de vós...vier a faltar com essa lealdade ao Czar...será castigado com todo o rigor das leis, sem a mínima co-mi-se-ra-ção.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 164) Tendo convivido tão perto do czar, consegue vê-lo como ser humano, neurótico, fraco, mas também reacionário, oportunista, dominador. Antes de partir para a Sibéria, encontrou-se mais uma vez com o czar que lhe perguntou:

“Então vais para a Sibéria? Teu pai consentiu afinal? Respondi que sim. — Não tem medo de ir para longe? — Não; quero trabalhar, respondi com energia. Na Sibéria deve haver muito o que fazer para a aplicação das grandes reformas que se preparam. Alexandre olhou-me fixamente bem nos olhos e ficou pensativo (...) e o seu rosto assumiu uma tal expressão de fadiga e de desânimo que não pude deixar de

³⁶ Conhecendo pessoalmente o Chefe de Polícia, Kropotkin foi à sua procura. Os Pagens também lhe pediram que fosse procurar alguma autoridade. Encontrou o Governador Geral de São Petersburgo, o Príncipe Suvorov que, logo ao ser informado, pergunta-lhe: “—*Quem o envia?*” ao que responde: “—*Ninguém... Os camaradas...*” (Kropotkin, 1946:160).

³⁷ Kropotkin deduz que o incêndio tenha sido provocado, pois foi acompanhado de desastres análogos em várias aldeias da província. Katov, ex-liberal, que tinha ódio de Herzen e de Bakunin, acusou os poloneses e revolucionários, opinião que prevaleceu em São Petersburgo e em Moscou. Nessa época, a Polônia preparava-se para a revolução.

pensar: — É um homem cansado, pronto para ceder a tudo.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 165)

1.2. Kropotkin na Sibéria

A importância cultural da Rússia advinha de suas fronteiras com a Ásia e Europa e uma de suas dificuldades no campo econômico era não possuir saída para o mar. As numerosas guerras e a conquista da Sibéria nos séculos XVI e XVII alargaram as fronteiras da Rússia sem, no entanto, deixá-las bem definidas. Era necessário habitar esse território. O que tornou a Sibéria viável para a colonização foi o desejo ardente do camponês por terra e a extensão do sistema ferroviário, mais do que o papel dos deportados (criminosos comuns, presos políticos; esses últimos inovaram técnicas de trabalho industrial e agrícola, desenvolveram a ciência e a educação).

A maioria dos recém-chegados à Sibéria provinha do norte e do centro da Rússia ocupando as melhores terras até 1914. Em 1880, a população siberiana era de um milhão e chegou a cinco milhões³⁸ em 1897. A emigração chinesa no Oriente Próximo, em escala superior à siberiana, transformou a Manchúria em um campo de lutas pela hegemonia entre o imperialismo russo e o japonês. Foi então criado um Departamento Especial de Colonização pelo Estado russo³⁹.

Kropotkin permaneceu na Sibéria por 5 anos viajando num total de mais de 20 mil léguas de carruagem, barco a vapor, botes, cavalo. Aprendeu quão pouca coisa o homem necessita quando sai da civilização:

“Munidos de alguns livros, de pão e alguns pacotes de chá num saco de couro, de uma marmita, de uma machadinha, pendurados ao cabeção da sela e ainda de um cobertor colocado por baixo, que se estende num acampamento sobre uma cama feita de ramos de pinheiro cortados de fresco, podemos nos sentir espantosamente independentes, mesmo no meio de montanhas desconhecidas, cercadas de florestas

³⁸ As cooperativas siberianas passaram a competir ativamente no mercado inglês com a exportação de laticínios.

³⁹ A Rússia vai crescer tanto que ocupará, em 1917, o 3º lugar mundial em população e será a maior extensão territorial do mundo; sofrerá muito com a Primeira Guerra Mundial e com a Revolução e Guerra Civil de 1917. (Tragtenberg, 1992:3-8;50)

espessas e cobertas de neve. Poderia escrever um livro sobre esta parte da minha vida...” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 167)

Descreve a Sibéria não como uma terra gelada, enterrada na neve e povoada apenas de deportados. Compara a riqueza de produtos naturais existentes na sua parte meridional com o que existe no sul do Canadá; a riqueza do sul da Sibéria Ocidental com as províncias no norte de Moscou. Sua administração se aparenta mais esclarecida (1862) do que as províncias da Rússia Européia e é habitada por meio milhão de pessoas nativas mais 4 milhões de russos. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 168)

O Governador Geral da Sibéria Oriental, o Conde Muraviev, comenta Kropotkin, não se satisfazia apenas com uma república democrática; ele, junto com seus jovens oficiais e o exilado Bakunin - que fugiu da Sibéria em outubro de 1861 - discutiam as probabilidades que se tinha de poder criar os Estados Unidos da Sibéria federados, através do Pacífico, com os Estados Unidos da América. O movimento reacionário de São Petersburgo ainda não havia chegado na Sibéria.

O sucessor de Muraviev, Korsakov, recebeu muito bem Kropotkin que, em algumas semanas já estava atravessando o lago Baical, na direção de Tchita, capital da província de Transbaicália, junto com o General Kukel, Chefe do Estado Maior, lituano, homem de 35 anos, inteligente, famoso por suas posições radicais, leitor de Herzen, amigo de Bakunin.

Kropotkin conheceu aí a esposa de Bakunin, o poeta Mijailov, os dezembristas sobreviventes, desenvolvendo cada vez mais um pensamento independente, crescendo na compaixão pelos despossuídos, compreendendo o aspecto pernicioso das administrações autocráticas e a nulidade das reformas governamentais. Vai, aos poucos, tornando-se socialista, explicitando suas divergências com respeito a ortodoxia política e social de sua época.

Trabalhou como ajudante de campo de Kukel, que o estimulou a estudar, no *Diário do Ministério de Justiça*, a situação das prisões russas, para responder a um pedido do Ministério, o qual pretendia recolher sugestões de reformas nessa área. Foi com dificuldade que nosso príncipe conseguiu recolher dados, pois as autoridades mineiras relutavam em as oferecer. Quando ouvia o canto tradicional dos presos (o *miloserdnya*) pedindo caridade aos povos, ficava impressionado com a espontânea e

constante generosidade dos pobres que atendiam a eles, e os chamavam de *dolientes* (Woodcock, 1971:65). Conclui seus estudos condenando o confinamento celular, propondo uma classificação dos presos e a introdução do trabalho produtivo e remunerado em comum. Mais tarde, escreverá um livro sobre o assunto.

Kukel foi denunciado por sua amizade com os exilados políticos⁴⁰, condenado a trabalhos forçados e, em 1865, morre tuberculoso. Quando Kropotkin foi visitá-lo, recebeu dele *Sistema das contradições econômicas*, de Proudhon. Essa leitura o fez sentir-se socialista. Na verdade, a Sibéria o preparará para ser anarquista.

Além desse trabalho de pesquisa sobre as prisões, tornou-se secretário de um comitê que cuidava de toda a reforma do sistema de deportação e de um outro que preparava um projeto de autonomia municipal, no qual as pessoas eram eleitas livremente para aí participarem. Comenta:

“A nossa obra logo se tornou muito importante; e hoje, que a considero através de todos os anos já decorridos, posso dizer com toda a confiança, que se o self-government municipal tivesse sido concedido naquela época às cidades da Sibéria, sob a modesta forma que planejamos, elas seriam hoje completamente diferentes do que são.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 170)

Esse período das reformas terminou em 1863, com a insurreição polonesa⁴¹.

Kropotkin foi nomeado adido ao Governador Geral da Sibéria Oriental para os negócios dos Cossacos e devia residir em Irkutsk. Como já não se podia mais falar em reforma, ele aceitou a proposta de empreender uma exploração na Manchúria, disfarçando-se em mercador, pois aí não era possível a entrada de oficiais. Seu passaporte dizia que seu nome era Petr Alexeiev, negociante da 2ª. corporação de Irkutsk. Ele representou muito bem seu papel de mercador e chega a afirmar:

⁴⁰ Desde Muraviev, os deportados eram tratados com suavidade. Por exemplo, o poeta Mikhailov, deportado em 1861 por ter publicado um manifesto revolucionário, foi recebido com um jantar especial.

⁴¹ No início da sublevação da Polônia (1831) contra o domínio russo, a sociedade russa via com simpatia a luta dos poloneses e alguns oficiais russos chegaram até a se recusar a marchar contra a Polônia. O partido nacionalista e o partido aristocrata da Polônia, no entanto, se colocaram à frente e, ao não se interessarem por melhorar a lei russa quanto à emancipação dos servos, deixaram espaço para Alexandre II agir; este investiu contra a nobreza polonesa, ganhando os camponeses poloneses e a opinião pública russa.

“Muitas vezes tomei parte em diversos dramas, e sentia tanto prazer em representar, que cheguei a escrever um dia a meu irmão uma carta cheia de entusiasmo, em que lhe confessava o meu desejo ardente de abandonar a carreira militar e consagrar-me ao palco.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 197)

Acompanhado por 11 cossacos e um tunguse⁴², saiu de Transbaicália, região rica em gado, na direção da região central do Amur. Fazia o levantamento da estrada com a bússola e muitas vezes despertou desconfiança nos soldados chineses quando fazia suas anotações. A expedição conseguiu seus objetivos⁴³ e além disso custou, ao governo russo, apenas 22 rublos. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 195-208)

Ele registra, de uma forma poética e científica, as suas viagens⁴⁴, fornecendo dados estatísticos, localizações. No ano de 1864, sobe o rio Sungari até Kirin. O relato dessa viagem termina assim:

“Desde então, nossa expedição foi esquecida. O astrônomo Th. Usoltzev e eu publicamos um relatório, nas ‘Memórias’ da Sociedade de Geografia da Sibéria. Porém alguns anos mais tarde, um grande incêndio em Irkutsk destruiu todos os exemplares que restavam das ‘Memórias, bem como o mapa original do Sungari, e somente no ano passado (1896), quando começaram a construir a estrada de ferro Mandchúna, é que os geógrafos russos desenterraram os nossos relatórios e descobriram que o grande rio já havia sido explorado havia 35 anos.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 206)

Na busca da passagem direta entre as minas de ouro da província de Yakutsk e a Transbaicália, ele se apoiou num mapa que um tunguse traçara com uma faca sobre um pedaço de cortiça. Sobre esse mapa, Kropotkin comenta:

⁴² Nativo, que compreendia mandchu; os cossacos falavam mongol.

⁴³ Tsurukhaitu tornou-se a cabeça de linha da estrada de ferro da Manchúria, sendo esta expedição de Kropotkin a pioneira desse grande empreendimento. Colheu dados sobre a configuração da cadeia marginal do grande Khinghan, observou a facilidade com que podia ser atravessada pelos vulcões terciários da região de Uun Kholdontsi, que durante muito tempo fôra um enigma na literatura geográfica.

⁴⁴ Em 1865, explorou o Sayão ocidental; compreendeu melhor, então, a estrutura das altas terras siberianas e descobriu uma importante região vulcânica na fronteira chinesa; no ano seguinte, descobriu a passagem direta entre a província da Yakutsk e a Transbaicália que, depois, tornou-se passagem muito útil para a condução do gado, do sul para as minas de ouro.

“Essa pequena carta — prova maravilhosa da utilidade do sentido da geometria para a gente menos civilizada — pareceu-me que devia ser tão exata que confiei inteiramente nela.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 208)

Tentou ainda fazer propostas de reformas, contando com as boas intenções que possuíam a alta administração da Sibéria. No entanto as raízes desta administração estavam em São Petersburgo e essa forma piramidal, centralizada, comenta Kropotkin, paralisava as melhores propostas; os interesses do país eram subordinados aos interesses da máquina administrativa em si. A apatia e a venalidade da burocracia era um fato.

Foi o que lhe ensinou mais uma vez a experiência que fez ao estudar as condições econômicas dos Cossacos do Usuri. As colheitas se perdiam anualmente e o governo tinha que fornecer provisões para salvá-los da fome. Kropotkin sugeriu medidas que não só foram aceitas, como ele próprio foi promovido por isso, recebendo recompensas especiais e fundos especiais para efetivar o projeto. No entanto, os fundos eram desperdiçados no caminho burocrático e não chegavam ao objetivo.

Resume assim seus 5 anos na Sibéria:

“Os anos que passei na Sibéria me ensinaram muitas coisas que dificilmente eu teria aprendido em outra parte. Não tardei muito a compreender a impossibilidade absoluta de fazer qualquer coisa útil às massas por intermédio da máquina administrativa. E afastei essa ilusão de uma vez por todas. Comecei então a compreender não somente os homens e os caracteres, como também a engrenagem interna da vida social. O trabalho edificador das massas ignoradas, de que tão raramente se fala nos livros, a importância desse trabalho na evolução das formas sociais, apareceram-me então em plena luz. Ver, por exemplo, como as comunidades de Doukhobortsy (...) emigraram para a região do Amur, verificar as imensas vantagens que eles obtinham na sua organização fraternal semicomunista...

“(...)”

“Desejaria que todos aqueles que esboçam planos de organização social pudessem passar pela escola da vida real, antes de começar a construir as suas utopias: então

ouviriámos falar menos sobre esses projetos formidáveis de organização militar da sociedade.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 209-210)

1.3. Kropotkin abandona a vida militar

Ele já não se encontrava mais atraído pela Sibéria, diante das impossibilidades de se efetivar reformas, quando recebeu seu irmão Alexandre (1864), que veio se reunir a ele, ocupando o cargo de comandante de um Esquadrão de Cossacos. Ambos resolveram abandonar o serviço militar e, em 1867, puseram-se a caminho de São Petersburgo.

Kropotkin ingressou na Universidade estudando matemática, geografia e iniciando uma investigação das linhas principais da estrutura da Ásia, que resultaram na correção do mapa. Esse trabalho foi publicado pela Sociedade Geográfica. Sobre as suas atividades científicas, comenta:

“Na vida humana não há muitas alegrias que se possam comparar a essa de ver nascer de repente uma teoria que ilumina o espírito, depois de um longo período de pacientes pesquisas.(...) Da confusão espantosa dos fatos, do nevoeiro de hipóteses, - nem bem nascidas e já destruídas - surge um quadro imponente como se fosse uma cordilheira alpina emergindo de repente (...) das névoas que um momento antes a envolviam brilhantes aos raios do sol (...). E quando é submetida à prova e aplicada a centenas de fatos isolados que pareciam (...) contraditórios, essa teoria coloca cada um desses fatos no lugar que lhe é próprio (...).

“Quem já sentiu uma vez na vida a alegria da criação científica nunca mais a esquece; tão cedo não tornará a senti-la e sofrerá, à idéia de que essa espécie de felicidade pertence a um número bem pequeno de homens, quando tantos poderiam ter aí a sua parte, maior ou menor - se os métodos científicos e as oportunidades não fossem o privilégio de um grupo de homens.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 219-220)

Foi secretário da seção de geografia física na Sociedade Geográfica Russa⁴⁵. Recebeu também, em 1871, o convite para assumir o cargo de Secretário da Sociedade de

⁴⁵ Kropotkin tem interesse pelos diferentes campos da ciência. Refere-se aos estudos do zoólogo Sievertsov, de Miklukho Maklai, discípulo de Hacckel, de Fedtchenko, de Przewalski (Kropotkin,

Geografia, o que recusou, priorizando o seu engajamento nas lutas por questões sociais, embora desejasse muito realizar o seu sonho: escrever uma obra minuciosa a respeito da geografia física da Rússia, utilizando o método científico de Karl Ritter que estudou partes da Ásia. Afirma Kropotkin:

“O saber é uma força imensa. É preciso que o homem adquira conhecimentos. Mas, nós já sabemos muita coisa! O que aconteceria se esses conhecimentos (...) — se tornassem um bem comum de todos? (...)”

“As massas têm necessidade de instrução. Elas querem aprender, podem aprender. (...) Todos os discursos sonoros em que se fala em fazer progredir a humanidade enquanto os autores de tais projetos se conservam afastados daqueles aos quais pretendem ajudar, todas essas frases são puros sofismas criados por espíritos desejosos de escapar a uma contradição irritante.

“Eis aí os motivos por que enviei à Sociedade de Geografia a minha resposta negativa.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 231)

Descreve o processo violento de corrupção que está acontecendo em São Petersburgo: roubos nos Ministérios, nas companhias de estrada de ferro, nas empresas industriais. No campo educacional, os jesuítas queriam criar um Estado dentro do Estado e dominar as escolas, usando a divisa: “nada de escolas, exceto as clericais”. Reivindicar ensino técnico era atitude considerada revolucionária. No campo cultural⁴⁶, critica a decadência dos temas de ópera, de teatro, da música. No campo político, cita o atentado sofrido por Alexandre II, realizado por Karakosov⁴⁷ (1866).

Os círculos de Karakosov além de buscarem a socialização da ciência, tomaram também uma direção política e entendiam ser necessário destruir a continuação do

1946:221-223), do ressurgimento do interesse pela navegação, pesca e comércio da região russa do Oceano Ártico. Nessa Sociedade, foi secretário de uma comissão que prepararia uma expedição ártica russa; ele indicaria o trabalho científico a ser desenvolvido. Acabou escrevendo sozinho grande parte desse relatório e foi, por isso, convidado a dirigir uma expedição de reconhecimento que não se realizou porque o Ministério de Finanças recusou-se a financiar.

⁴⁶ O livro *Fumaça*, de Turguenev e principalmente as novelas de Hvoshinskaia, retratavam os progressos da degradação dos “liberais de 1860”.

⁴⁷ Karakosov, junto com professores universitários, historiadores e etnógrafos, havia criado, em 1864 círculos que objetivavam socializar a educação e a ciência à despeito da oposição do governo. Esses jovens instalavam-se como simples artífices nos grandes centros urbanos e fundavam associações cooperativas, escolas ilegais. Esse movimento foi denominado *Vnarod* (para o povo).

reinado de Alexandre II. Karakosov atirou no czar, errou o tiro, foi preso em flagrante, torturado e condenado a morte. A partir deste atentado, radicais e liberais corriam perigo de vida. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 241-245)

O único ponto luminoso que descobriu na vida de São Petersburgo foi o movimento feminista que tinha, além das reivindicações próprias, um lado revolucionário. Muitos liceus e universidades para mulheres foram abertos e mulheres aderiram aos círculos radicais e revolucionários. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 246-251)

Em 1871, foi visitar seu pai que estava à beira da morte. Nessa oportunidade, pôde conhecer a luta de muitos jovens no Bairro dos Escudeiros contra seus pais, saindo para estudar e/ou entrando em partidos revolucionários. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 251-253). Faz referência a esse bairro:

“Voltei um dia com Tchaikovsky à casa onde nossa família residira durante um ano, a fim de realizar ali a primeira reunião secreta de um círculo que havíamos fundado em Moscou e reconheci os aposentos que me tinham sido tão familiares na minha infância...” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 254)

1.4. Kropotkin no movimento operário internacional

Após a morte de seu pai, ele passa a ter condições econômicas para viajar. Faz sua primeira viagem à Europa Ocidental, ficando, em Zurique, hospedado entre estudantes (rapazes e moças) russos no bairro de Oberstruss. Conheceu a AIT no apogeu de seu desenvolvimento, descobrindo um novo mundo através das leituras de obras socialistas cristãs, socialistas de Estado, fourieristas, saint-simonianos, owenistas. Comenta:

“A literatura socialista nunca produziu muitos livros, ela se dirige aos trabalhadores para os quais um cêntimo é dinheiro; nos folhetos e jornais reside a sua principal força.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 261)

Refletiu sobre as soluções parciais da questão social: cooperativas de consumo e de produção, bancos populares, estabelecimentos de crédito gratuito. Assistiu à seções nos congressos, quando os trabalhadores colocavam suas aspirações, suas críticas e os

intelectuais davam forma teórica a tudo isso. A AIT estava presente na França, Bélgica, Itália, Espanha, Holanda, Portugal, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Hungria.

Filiou-se à uma das seções locais da AIT, em Zurique. Em Genebra, participou das reuniões da AIT que aconteciam no Templo Único, espaço para 2000 pessoas e que funcionava, ao mesmo tempo, como uma Universidade gratuita para operários e como Fórum Popular. Percebeu logo como a massa operária era aí utilizada para fins eleitorais. Pediu para conhecer outra fração da Associação de Genebra, cujos membros eram conhecidos pelo nome de “bakunistas”. Foi quando conheceu a Federação Jurassiana, identificando-se com ela, que introduzia, no socialismo, idéias antigovernamentais e federalistas.

A AIT era federalista nos seus princípios e Kropotkin via essa associação como movimento operário, de luta direta, econômica, contra o patrão e não como partido político. Ele admirava a garra de gente idosa que chegava a caminhar 10km debaixo de violenta tempestade para participar de uma pequena reunião.

“Vi que os operários não eram ali uma massa conduzida por uma minoria que dela se servia para alcançar objetivos políticos, os seus líderes eram simplesmente os camaradas mais empreendedores - agiam mais como iniciadores do que como chefes.(...); e estou firmemente convencido de que se a Federação Jurassiana desempenhou um papel sério no desenvolvimento do socialismo, não foi somente por causa da importância das idéias antigovernamentais e federalistas de que era paladina, mas também pela expressão que o bom senso dos relojoeiros do Jura dava às suas idéias.(...)”

“A exposição teórica da Anarquia, tal como era apresentada então pela Federação Jurassiana, e sobretudo por Bakunine, a crítica do socialismo de Estado, o receio de um despotismo econômico, muito mais perigoso que o simples despotismo político, - (...) e o caráter revolucionário do movimento, atraíram fortemente a minha atenção. Mas os princípios igualitários que eu encontrava nas montanhas do Jura, a independência de pensamento e de linguagem que eu via em desenvolvimento entre os operários e a sua absoluta dedicação, à causa do partido, tudo isso exercia sobre os meus sentidos uma influência cada vez mais forte; quando deixei aquelas montanhas, depois de alguns dias de permanência entre os relojoeiros, minhas opiniões sobre o

socialismo se haviam firmado. Eu era anarquista.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 273)

Observa, no entanto, que os revolucionários da velha escola, que pertenciam à classe média e tinham entrado para a Internacional embutidos de velhas idéias sobre as sociedades secretas, centralizadas e hierarquicamente organizadas, haviam trazido essas idéias para a AIT (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 267)

Ao lado dos conselhos federais e nacionais, estabeleceu-se, em Londres, um Conselho Geral que, segundo Kropotkin, extrapolava sua função de órgão intermediário entre os conselhos das diferentes nações (função de Secretário Geral da correspondência), pretendendo dirigir o movimento⁴⁸. Na verdade, afirma nosso autor, esse autoritarismo está embutido em todo governo, mesmo quando suas origens são democráticas. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 268).

Já desde 1872, a Federação Jurassiana se colocava contra a autoridade do Conselho Geral da AIT. Nessa Federação, travou amizade com James Guillaume, e o considera “um dos homens mais inteligentes e mais instruídos”. Conheceu também Malon, cesteiro, que era um dos dirigentes da Associação quando essa foi perseguida por Napoleão III (1869) e Ademar Schitzguebel, homem muito influente. Escutou histórias sobre militantes: o encadernador Varlin, o carpinteiro Pindy e sobre o velho Delécluze; leu o terrível *Livro Vermelho da Justiça Rural* que narrava os horrores cometidos pelo exército de Versalhes, comandado por Galiffet na Comuna. Referindo-se à essa leitura, escreve:

“Lendo aquelas páginas, eu desesperava da humanidade e teria permanecido nesse estado de espírito, se não tivesse notado depois, nos membros do partido vencido e que haviam passado por todos esses horrores, a ausência de ódio, a confiança no triunfo final de seus ideais, o olhar triste, porém calmo, fixo no futuro - essa vontade de esquecer o passado, que me surpreendeu em Malon e em quase todos os refugiados da Comuna e que ainda encontro em Luísa Michel, em Lefrançais, em Eliseu Reclus e outros amigos.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 271)

⁴⁸ O comportamento desse Conselho, na Comuna de Paris (1871), foi alvo de crítica e funcionou como centelha do anarquismo.

Não chegou a conhecer Bakunin⁴⁹, pois parece que Bakunin não quis, por considerar o príncipe moderado em suas idéias. Retornou à Suíça 4 anos depois e Bakunin já havia morrido. Demonstra sua admiração pelo companheiro que escrevia no jornal de Guillaumine e havia criado o centro de propaganda anarquista:

“O nome de Miguel” aparecia constantemente nas suas (dos jurassianos) conversações, não como o de um chefe ausente, cujas opiniões eram leis, mas como o de um amigo pessoal, do qual todos falavam com amor e com um espírito de camaradagem. O que mais importava era que a influência de Bakunin provinha menos de sua superioridade intelectual do que da sua personalidade moral. (...). Seus escritos, suas palavras, não tinham força de lei, como infelizmente acontece muitas vezes nos partidos políticos.(...) Todos estavam sempre sob a influência da figura do grande revolucionário, que tudo sacrificara pela causa da revolução, que só para ela vivia e que, da concepção que dela fazia, tirava as idéias mais elevadas e mais puras para a vida prática. em geral.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 274)

Em virtude das experiências vividas, vai chegando a conclusão de que

“não se produziria nenhuma revolução, pacífica ou violenta, enquanto novas idéias e o novo ideal não tivessem penetrado profundamente na própria classe cujos privilégios econômicos e políticos estavam ameaçados.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 275)

Ele comparava essa idéia com o fato de a emancipação dos servos na Rússia ter se dado com certa facilidade porque um grande número de proprietários de servos estavam convencidos da injustiça de seus direitos. Pensava que era necessário um trabalho com todas as classes sociais. Preocupava-se em esclarecer a classe média sobre as dúvidas quanto à capacidade da classe operária dirigir a produção. Observava também as diferenças de visões entre operários ingleses e os de raça latina. Aqueles se posicionavam como centro esquerda não aceitando, como proposta revolucionária, a socialização das indústrias pelo Estado; interessavam-se pela construção do

⁴⁹ Bakunin, em 1873, já fazia as seguintes observações: “Eles — os marxistas — controlarão com exclusividade as rendas do governo com mão firme e completa. Criarão um Banco Estatal único, que concentrará em suas mãos toda a produção comercial, industrial, agrícola e inclusive científica; e a massa do povo se dividirá em dois exércitos: o industrial eo agrícola, sob o mando direto de engenheiros estatais, que constituirão uma nova classe privilegiada.” (Bakunin In Woodcock, 1971:112)

movimento operário e das vias e meios que levassem à um período de reconstrução da sociedade; preocupavam-se em como gerir a produção. Os latinos refletiam mais sobre os princípios gerais, tal como a questão liberdade-ordem. Esses princípios gerais deveriam reger as mudanças parciais.

Afirma Kropotkin que, mais do que de armas, uma revolução precisa da força reconstrutora da sociedade, do valor moral do objetivo a ser atingido e chega a comentar que a Comuna⁵⁰ foi derrotada porque não tinha seus objetivos suficientemente claros.

1.5. Sua militância nos círculos de Tchaikovsky

Kropotkin retornou à Rússia, depois de ter permanecido três meses na Europa Ocidental, carregado de livros e coleções de jornais socialistas, proibidos pela censura russa; por isso teve que entrar por Cracovia, capital da antiga Polônia e foi aí auxiliado por judeus contrabandistas elogiados por Kropotkin por sua honestidade; quando precisou importar mais livros, utilizou-se novamente desses homens. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 279-280)

Na primavera de 1872, com o pseudônimo Borondi, tornou-se membro do círculo de Tchaikovsky⁵¹, composto por estudantes e que já contava com relações diretas com os operários de São Petersburgo e algumas cidades da província. Assim se refere ao círculo:

“O círculo preferia conservar-se como um grupo de amigos que se reuniam intimamente, e jamais encontrei, em parte alguma, homens e mulheres tão superiores, sob o ponto de vista moral, como as 20 ou 25 pessoas que conheci na primeira assembléia no círculo de Tchaikovsky. Sinto-me ainda hoje orgulhoso por ter sido admitido no seio dessa família.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 291)

⁵⁰ Comuna de Paris (1871): o povo rebela-se contra um poder centralizado e proclama a cidade de Paris livre, independente (Consultar Kropotkin, *La Commune de Paris* In *Palabras de un rebelde*, 1977:57-66)

⁵¹ Círculo fundado em 1869 por Nicolás Tchaikovsky, estudante de química que se proclamou depois anarquista durante alguns anos e se converteu logo em destacado cooperativista russo. Junto com Sofia Perovskaya dava aulas à crianças pobres. Depois foi fundado o primeiro círculo que foi aumentado por

O círculo era constituído, na maioria, por constitucionalistas e tinha como objetivo a educação mútua; fôra instituído em oposição aos métodos de Netchaiev que, em 1869, fundara, entre a mocidade, uma sociedade secreta revolucionária, autoritária. Não teria sido mais do que um círculo de estudo se seus membros não tivessem se dedicado à divulgação de livros proibidos — obras de Lassalle, de Bervi (sobre as condições das classes operárias da Rússia), de Marx — e se não tivesse se expandido nas 38 províncias do Império russo. Os jovens, nos relata Kropotkin, iam viver nas cidades universitárias, deixando suas ricas famílias (desde 1860, este movimento se fazia visível), gastando o menos possível e doando seu dinheiro à cooperativas de consumo e de produção. A palavra de ordem era: “*Vnarod!*” (Ide ao povo, sede o povo). (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 286)

O niilismo⁵² era filosofia hegemônica nesses círculos e propunha a reforma de hábitos e costumes advindos do tempo do servilismo, rompia com as superstições. Escreve Kropotkin:

“O niilismo, afirmando os direitos do indivíduo e condenando toda hipocrisia, não fazia mais do que dar o primeiro passo no caminho da formação de um tipo mais elevado de homem e mulher, igualmente livres e que consagram a vida a uma grande causa.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 285)

O círculo não tomava atitudes políticas extremas tipo atentados e, nesse meio, Kropotkin esteve integrado por dois anos, enquanto, concomitantemente, terminava seu relatório sobre a viagem que fizera à Finlândia, enviando-o à Sociedade de Geografia. Metido de corpo e alma na luta de propagação dos ideais socialistas⁵³, vivia ora em reuniões sociais, de onde trazia informes, ora em reuniões com os

um grupo de mulheres dirigidas por Sofia. Mais tarde Sofia terá um trágico papel no movimento terrorista.

⁵² Kropotkin faz um alerta para que não se confunda niilismo com terrorismo, o que seria o mesmo que confundir o estoicismo ou o positivismo com o movimento político republicano, por exemplo. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 281) O niilismo surgiu como um movimento social enérgico, pretendendo atacar o despotismo doméstico, que reinava em alto grau por toda a Europa, como testemunham as obras de Thackeray e Dickens. Suas idéias filosóficas eram as do positivismo, do agnosticismo e do evolucionismo à maneira de Spencer ou do materialismo científico. Os niilistas se reconheciam nos personagens do romance *Que fazer*, de Tchemychevsky, apesar de ter sido Turguev o introdutor do vocábulo *niilismo* na literatura.

⁵³ Fez grande amizade com o militante Serghei Kravtchinsky, que se tornou célebre na Inglaterra e nos Estados Unidos sob o nome de Stepniak. Fala de Sofia Perovskaia, de seu espírito de luta e de sua prisão. (Kropotkin, 1946:300-302)

camponeses e/ou operários. Chegou a utilizar citações bíblicas para conscientizar os camponeses sobre as injustiças que sofriam.

Kropotkin trabalhou muito no *comitê literário*, responsável pela impressão de folhetos no estrangeiro e por sua introdução na Rússia. O *comitê* mantinha correspondência com 40 das 50 províncias da Rússia. Para escrever folhetos, utilizavam o estilo de Lamennais, expunham, por exemplo, as doutrinas socialistas sob a forma de um conto de fadas. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 307)

A repressão cada vez se fazia mais forte e os pontos de reunião eram invadidos. Sua casa era permanentemente vigiada. No entanto, ele deveria permanecer em São Petersburgo para participar de reuniões na Sociedade de Geografia. No dia que apresentou seu trabalho sobre as formações glaciais na Finlândia e na Rússia — relatório que foi submetido a uma calorosa discussão, tendo sido elogiado pelo geógrafo Barbout-de-Marny — (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 315) e que foi convidado para presidir a seção de geografia física, acabou sendo preso⁵⁴ à noite, permanecendo por dois anos na Fortaleza de São Pedro e São Paulo.

1.6. Kropotkin na prisão; sua fuga

Nessa terrível Fortaleza, Pedro I matou seu filho com as próprias mãos, estiveram encarcerados a princesa Tarakanova, os poetas Ryleiev e Chevtchenko, Dostoievsky, Tchernichevsky, Pisarev, Netchaiev, foi enforcado Karakasov, Minich torturou seus inimigos e Catarina II mandou enterrar vivos os que a acusavam de ter assassinado o marido; aí começara o martírio dos Dezembristas que foram os primeiros a desfraudarem na Rússia a bandeira da república e da anti escravatura.

Kropotkin pensa em Bakunin, preso primeiro na Áustria (1848-1850), depois entregue a Nicolau I, sendo encarcerado por 6 anos nesta fortaleza. Se Bakunin resistiu, pensava, devo suportar também. O silêncio oprimia-o; seu irmão Alexandre, que regressou de Zurique, onde participava de um grupo moderado da AIT, passou a lhe enviar livros, penas, tinta e papel (Alexandre foi logo preso). A Sociedade de Geografia desejava que ele terminasse seu livro sobre o período glacial que acabou se

⁵⁴ Antes da prisão, conseguiu defender Polakov, zoólogo de renome, amigo seu da Universidade, reencontrando-se com ele em 1878, em Genebra, quando fizeram, então, uma excursão à geleira da Aletsch.

desdobrando em dois, sendo que o segundo ficou na prisão, quando Kropotkin se evadiu, e só foi encontrado em 1859.

Recebeu, na prisão, a visita do grão-duque Nicolau, irmão do czar Alexandre II, negando-se a responder suas perguntas; ele queria saber como Kropotkin havia se tornado revolucionário. Sofria muito com a visita dos parentes, comentando: “*A gente se sente ao mesmo tempo tão perto e tão longe um do outro.*” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 336)

O inquérito preliminar terminou em 1876 e Kropotkin foi transferido para a Casa de Detenção, prisão modelo, de construção recente, edificada segundo o plano das prisões da França e da Bélgica. Aí pôde contar aos prisioneiros, por código, a história da Comuna de Paris, demorando, para isso, uma semana! (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 344)

Sua saúde não era boa, razão porque foi transferido para a prisão do Hospital Militar. Apesar das dores reumáticas, não perdia seu bom humor. Arquitetou um plano de fuga: saiu nu, correndo pela porta aberta do pátio, quando fazia o seu passeio vespertino; seus amigos o esperavam na rua, com carruagem. Parte rapidamente de São Petersburgo, em direção à Inglaterra⁵⁵.

A repressão era tão grande contra o *círculo* que o desespero apoderou-se dos jovens. Foram presos 1500, acusados de incitar diretamente as massas à revolução. Esse período ficou conhecido no *círculo* como “verão da loucura”.

1.7. O exílio

Na Inglaterra, com o nome de Levachov, passou a ganhar a vida escrevendo e/ou resumindo artigos para *Nature* e *Times*, revistas que lia regularmente em São Petersburgo. Considerava que seu inglês não era tão bom, apesar de já ter traduzido, com seu irmão *Filosofia da Geologia*, de Page e *Princípios de Biologia*, de Herbert Spencer. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 359). Recebia o seu salário semanalmente e, algumas vezes, sem trabalho, viveu de pão e chá.

⁵⁵ Atravessa a Suécia, pára alguns dias em Cristiana onde aproveita para estudar a organização do partido agrário do Storting norueguês e, em seguida, toma um navio para a Inglaterra.

O secretário da *Nature*, J. Scott Keltie, certo dia, pediu-lhe que resumisse alguns livros. Qual não foi a sua surpresa: eram suas obras sobre o período glacial e a orografia da Ásia. Resolveu revelar a sua verdadeira identidade, surgindo daí uma nova amizade.

Estudou, em um museu britânico, os começos da revolução francesa, querendo entender de que maneira se iniciam as grandes revoluções. Permaneceu pouco tempo nesse país. Preocupado com o movimento operário e mantendo ativa correspondência com James Guillaume, resolveu dedicar-se integralmente à Federação Jurassiana da AIT, indo se fixar em Chaux-de-Fonds. Ele reflete sobre os motivos da cisão no seio da AIT:

“Quando a guerra de 1870 deu em resultado a derrota completa da França e quando foi esmagada a insurreição da Comuna de Paris e leis draconianas, dirigidas contra a associação, proibiram os operários da França de fazer parte dela, e quando, por outro lado, um governo parlamentar (...) foi introduzido na Alemanha unificada, os alemães se esforçaram por modificar o método e o objetivo de todo o movimento socialista. ‘A conquista do poder político nos Estados existentes’ tornou-se a palavra de ordem no grupo que tomou o nome de ‘social-democracia’.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 363)

Os primeiros sucessos eleitorais fizeram os social-democratas pensarem num “Estado popular” socialista, escreve Kropotkin, e o ideal socialista perdeu o caráter de movimento passando a visar o socialismo de Estado. Comenta que os social-democratas suíços tendiam para a centralização e combatiam o federalismo.

“Os social-democratas tratavam com desdém os Sindicatos operários, condenavam as greves porque (...) desviavam a atenção dos operários das lutas eleitorais. Todo movimento popular, qualquer agitação revolucionária nos países europeus eram acolhidos pelos Chefes do Partido Social-Democrata com mais animosidade ainda do que pela imprensa capitalista.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 364)

Observa que, nos países latinos, as seções e Federações da Internacional mantinham-se fiéis aos princípios federativos, recebendo a inspiração de Bakunin, enquanto o Conselho Geral passava a defender a posição dos social-democratas. Esse conflito entre marxistas e bakuninistas representou

“(…) a luta necessária entre os princípios federalistas e os princípios de centralização, entre a Comuna livre e o governo paternal do Estado, entre a ação livre das massas populares, caminhando para a sua emancipação e o aperfeiçoamento legal do capitalismo em vigor — um conflito entre o espírito latino e o espírito alemão, o qual, após ter vencido a França no campo de batalha, pretendia a supremacia no domínio da ciência, da política, da filosofia e também do socialismo como “científica”, qualificando todas as outras de ‘utópicas’.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 364)

Ele comenta a expulsão da AIT de Bakunin, de Guillaume e da própria Federação Jurassiana⁵⁶ no Congresso, em 1872 quando as federações espanholas, italianas e belgas apoiaram os jurassianos. O Congresso resolveu dissolver a AIT; um novo Conselho Geral composto por um pequeno número de social-democratas foi nomeado em Nova Iorque onde a Associação não possuía nenhuma organização operária que pudesse controlá-lo. As Federações espanhola, italiana, belga e jurassiana continuaram com seus congressos internacionais anuais (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 365).

O espírito revolucionário da Espanha não passava despercebido para Kropotkin; só em Catalunha havia mais de 100.000 operários solidamente organizados em sindicatos e mais 80.000 espanhóis faziam parte da Internacional, os quais assistiam aos congressos e pagavam suas quotas à Associação pontualmente. Comenta também sobre a França, Itália e conclui:

“(…) se a Europa não atravessou um período de grande reação, depois de 1871, deveu-o sobretudo ao espírito que despertara na Europa Ocidental, antes da guerra franco-alemã e que se conservou entre os internacionalistas-anarquistas, blanquistas, mazzimistas e republicanos ‘cantonalistas’ da Espanha.

“Naturalmente, os marxistas absorvidos pelas lutas eleitorais locais, pouco se ocupavam com essa situação. Preocupados em desviar das suas cabeças os raios de

⁵⁶ Recorda alguns de seus amigos da Federação: Guillaume, redator-chefe do *Boletim da Federação*, atuou na reforma anticlerical das escolas primárias na França; Eliseu Reclus, geólogo, escreveu obras famosas na sua área; Lefrançais e Pindy, ambos ex-comunard; Paul Brousse; Cafieiro e Malatesta, ambos italianos; Jukovsky, russo, amigo de Herzen e Sokolov, este, velho oficial do Estado-Maior Geral russo; Werner e Rinke, alemães, Albavracin; Ademar Schwitzquebel.

Bismarck, e receando antes de mais nada o aparecimento, na Alemanha, de um espírito revolucionário que suscitasse medidas de repressão que não se sentiam com força para afrontar, não somente rejeitaram, por tática, toda simpatia pelos revolucionários do oeste da Europa, como também se deixaram dominar pouco a pouco por um verdadeiro ódio contra o espírito revolucionário em geral.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 366-367)

A Federação Jurassiana se esforçava para formular o socialismo anarquista sob o ponto de vista teórico e prático, baseando-se no objetivo declarado da AIT, que era a expropriação dos proprietários atuais do solo e dos capitalistas e a entrega dos meios de produção nas mãos dos próprios produtores que deveriam

“regulá-las, sem se importarem com a organização política atual, que deveria sofrer uma completa reconstrução. A Associação devia pois preparar uma revolução imensa, que abriria à humanidade uma nova era de progresso, baseado na solidariedade universal.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 363)

Para os anarquistas, observa Kropotkin:

“Essa sociedade seria composta de uma multidão de associações, unidas entre si por tudo que reclama um esforço comum — federações de produtores (...); comunas para o consumo, que se encarregariam de prover a tudo o que se refere a alojamento, iluminação, aquecimento, alimentação, instituições sanitárias, etc.; federações de comunas entre si, e com os grupos de produção. Finalmente, grupos mais extensos ainda, abrangendo um país inteiro ou até diversos países, e compostos de pessoas que trabalhariam em comum, para a satisfação das suas necessidades econômicas, intelectuais e artísticas, não limitadas a um só território. (...) Uma liberdade completa presidiria ao desenvolvimento de novas formas de produção, de invenções e de organização, estimular-se-ia a iniciativa individual e qualquer tentativa à uniformização e à centralização seria combatida.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 375-376)

Além disso, continua, a sociedade seria considerada um organismo vivo, sempre em evolução; o acordo e a associação livremente permitidos substituiriam as funções hoje atribuídas ao governo e os conflitos seriam resolvidos por arbitragem; sabia-se das dificuldades de se criar essa nova ordem social (propagandas incessantes, lutas,

revoltas isoladas e coletivas, tentativas parciais de reorganização). Não seria de um momento para outro que a humanidade renunciaria à crença na necessidade de autoridade. Acreditava que o anarquismo seria entendido tanto pelos operários como pelos homens cultos já que a liberdade pessoal é percebida como de maior valor do que o bem-estar.

Owen, Fourier expuseram ao mundo seu ideal de sociedade livre e a AIT apelava para a cooperação dos próprios operários no estudo de cada problema proposto; os resultados desta reflexão feita nas seções deveriam ser levados ao Congresso Internacional.

Para ele, o anarquismo era uma filosofia natural e social, que deveria se desenvolver por métodos diferentes dos processos metafísicos ou dialéticos empregados nas ciências sociais até hoje; deveria ser construído pelos mesmos métodos das ciências naturais, apoiando-se em sólidas bases de indução.

As divergências⁵⁷ entre anarquistas e social-democratas afloram nos vários congressos da AIT e Kropotkin refere-se à elas:

“E tudo isso simplesmente por que aqueles que adotaram a fórmula da ‘conquista do poder político nos Estados existentes’ não compreenderam que os seus esforços neste sentido não podem englobar todo o movimento socialista.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 381)

Ele acompanhava os acontecimentos mundiais. Na Rússia, o caso Vera Zasulitch, que atirou no Chefe de Polícia russo, Trepov, por seus maus tratos com os presos políticos, abalou a Europa Ocidental. Na Alemanha, Espanha e Itália aconteciam atentados realizados por operários contra cabeças coroadas. Os governos europeus acreditavam em conspiração internacional e concluíram ser o centro dessa conspiração a federação anarquista do Jura. Paul Brousse, redator do jornal *A Vanguarda* foi perseguido e preso; James Guillaume que, apesar dos obstáculos,

⁵⁷ Para ele, o socialismo tomou três direções: o saint-simonismo produziu a social-democracia, o fourierismo produziu o anarquismo; o owenismo resultou, na Inglaterra e na América, no “trade-unionismo”, a cooperação e o que se chama de Socialismo Municipal. O owenismo permanece hostil, afirma, ao socialismo de Estado social-democrata e tem inúmeros pontos em comum com o anarquismo; no entanto, importante seria que essas três direções se agrupassem em um movimento socialista único. (Kropotkin, 1946:382).

continuou por mais 8 anos a publicar o *Boletim da Federação* e que vivia de aulas particulares, teve que ir para a França; Ademar Schwitzquebel e Spichiger não conseguiram mais atuar.

Kropotkin passa a trabalhar na publicação de um jornal, *Le Revolté*, (1879) para a Federação Jurassiana, juntamente com Dumartheray, camponês e Herzig, jovem caixeiro de Genebra. Em Paris, o jornal, passa a se chamar *Temps Nouveaux*. Era sustentado por assinantes e, quando o governo suíço criou dificuldades na impressão do mesmo, eles compraram uma tipografia que foi rapidamente paga graças aos recursos que voluntários enviaram. Referindo-se ao jornal, afirma:

“Durante 21 anos, nosso jornal viveu dia por dia, e em quase todos os números fazíamos apelos na primeira página solicitando dinheiro. Mas enquanto houver homens perseverantes, que consagrem toda sua energia a uma obra, como fizeram Herzig e Dumartheray em Genebra, e como fez Grave por 16 anos, em Paris, o dinheiro aparecerá e as despesas com a impressão serão mais ou menos cobertas, graças, principalmente, às moedas dos operários. Para um jornal, como para todos os outros empreendimentos, os homens têm uma importância imensamente maior que o dinheiro.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 397-398)

O tipógrafo que trabalhava com eles era russo e não sabia francês; inventava mil palavras e, assim, era preciso fazer correção: mudava-se uma dúzia de letras por linha e tudo dava certo já que o russo observava bem os espaços e o comprimento das linhas. De sua experiência com a imprensa operária, Kropotkin oferece importantes informações sobre como deve ser um jornal socialista. Ele não deve conter apenas denúncias da opressão, da repressão a greves, etc.:

“(...) o jornalista deve (...) levantar o ânimo dos leitores, e inspirar-lhes confiança. (...) um jornal revolucionário devia aplicar-se antes de mais nada em recolher os indícios que de todas as partes anunciam a chegada de uma era nova, a germinação de novas formas de vida social, a crescente revolta contra as velhas instituições. É preciso procurar esses sintomas, descobrir o laço que os liga, agrupá-los de maneira a mostrar aos espíritos hesitantes o apoio invisível e muitas vezes inconsciente que encontram as idéias de progresso...”

“Fazer sentir ao operário que o seu coração bate com o coração da humanidade no mundo inteiro e ele participa de uma revolta contra a injustiça secular, nas suas tentativas para criar novas condições sociais, - eis o que julgo ser a tarefa principal de um jornal revolucionário. É a esperança e não o desespero que faz o sucesso das revoluções.

“Não se pode fazer um verdadeiro plano de organização social sem considerar os inúmeros sintomas de vida nova, separando os fatos acidentais dos orgânicos e essenciais, e apoiando-se nessa base de fatos, para prever a mudança que se prepara.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 394-395)

Preocupava-se com uma imprensa que levasse o mais modesto leitor a ser capaz de analisar criticamente os textos e a corrigir, ele próprio, o autor do texto, caso esse chegasse a conclusões erradas. Para ele, seria preciso tornar evidentes as raízes do mal: o fetichismo profundamente enraizado e cuidadosamente conservado a respeito dos vestígios antigos de fases passadas da evolução da humanidade e uma enorme covardia de pensamento e de vontade.

Confessava encontrar dificuldade em ser sucinto. Nevinson (?) refere-se ao método de trabalho de Kropotkin: ele sabia muito, pensava tanto, que parecia impossível que pudesse encerrar-se dentro de limites. Produzia horas e horas, escrevendo em grande velocidade e de forma dispersa. Logo percebia omissões. Utilizando estranhos procedimentos, linhas, laços, chaves e círculos, introduzia adendos ao texto, alterava-o constantemente, nunca seguro da ordem que deveria seguir; produzia notas soltas que seriam introduzidas nesse texto ou em outro. Tudo parecia confusão, caos. Kropotkin, no entanto, não perdia seu humor nem sua exuberância. De tudo isso, surgia sempre um texto claro, fácil de ser compreendido. (Woodcock, 1971:240)

E. Reclus reuniu os artigos de Kropotkin publicados no jornal *Le Revolté* e editou o livro *Palavras de um rebelde*. Kropotkin auxiliou muito esse geógrafo nos seus estudos sobre as possessões russas na Ásia; para isso foi morar em Clarens, onde habitava Reclus. Sobre esse fato, comenta:

“Foi ali, auxiliado por minha mulher (...), que produzi a minha melhor colaboração para o ‘Le Revolté’¹, principalmente o apelo ‘Aos jovens’ traduzido em diferentes línguas.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 400)

Kropotkin havia se casado, fato que ocorreu em 1877. Sofia, sua esposa, era uma jovem judia nascida em Kiev (1856). Sua família, ao que parece, rica, mudou-se para Tomsk, cidade siberiana, quando ela tinha 5 anos. Seu pai explorava uma mina de ouro. Aos 17 anos, rebelou-se contra a dura condição a que estavam submetidos os mineiros e se negou a viver com o dinheiro oriundo dessa exploração; abandonou sua família e foi ganhar a vida por si mesma. Apresentando problemas de saúde, seus amigos a enviaram à Suíça para descansar. Conhece Kropotkin e casam-se. Sem sua lealdade e seus cuidados, Kropotkin não teria vivido tanto e nem teria realizado obra tão importante.

Kropotkin foi condenado à morte pelo governo russo, mesmo não estando no país, em virtude do atentado sofrido por Alexandre II, que chegou a falecer⁵⁸. Os refugiados eram considerados os chefes das últimas conspirações e Kropotkin seria um deles; foi expulso da Suíça alguns meses após a morte de Alexandre II. Recebeu o decreto de expulsão quando chegava de Londres, onde havia ido para participar de um congresso anarquista (1881).

Voltou para a Inglaterra e começou a escrever os seus primeiros artigos sobre a situação na Rússia no jornal *Newcastle Chronicle*, de Joseph Cowen. Sabe-se que de 1840 a 1850 a Inglaterra esteve quase à frente do movimento socialista na Europa; porém, este movimento se encontrava paralisado nos 11 meses que Kropotkin passou aí (1881), só reacendido em 1886. Tchaikovsky, que se encontrava também na Inglaterra e Kropotkin decidiram fazer propaganda entre os operários. O auditório, geralmente, não passava de 10 pessoas. Kropotkin decidiu voltar com sua mulher para Thonon onde viveram cercados por espões russos e policiais franceses.

De 1881 a 1882, o movimento anarquista tomou grande impulso; os operários franceses defendiam o coletivismo, ou seja, a posse em comum dos meios de produção e a liberdade para cada grupo de produtores, de regular o consumo sobre bases individuais ou comunistas. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 419) Em fins de 1882, reinava uma crise terrível na região de Lion: indústria da seda paralisada,

⁵⁸ O terror louco se apoderou da Corte de São Petersburgo. Alexandre III (1881-94), criou a polícia secreta, a *Okharana*, intensificando a repressão às greves que já aconteciam desde 1850; fundou uma liga secreta para sua proteção; uma outra liga ainda mais secreta, a Santa Liga, foi fundada também, sob a direção de Vladimir, irmão do czar, para combater os revolucionários.

miséria entre os tecelões. Surgiam cartuchos de dinamite nos locais de diversão e de corrupção; os anarquistas eram acusados e presos. Os jornais diziam que Kropotkin era o chefe da agitação, e que vinha de Londres expressamente para dirigir o movimento.

Em 21 de dezembro de 1882, ele foi preso, quatro horas após a morte de seu cunhado que morrera em suas mãos. E. Reclus, amigos de Genebra e a metade da população da cidade de Thonon assistiram ao enterro.

Durante o processo a que foi submetido, os camponeses vinham diretamente de suas aldeias nas montanhas até a cidade buscar notícias sobre o fato. O Chefe da Polícia secreta, única testemunha de acusação em Lion, nunca tinha ouvido falar da AIT. Mesmo assim, os anarquistas foram condenados, pelo fato de terem pertencido à essa associação. Relata Kropotkin:

“Pouco tempo após nossa condenação, o Presidente do Tribunal foi nomeado Conselheiro da Corte. Ao Procurador e a um outro Magistrado — parece incrível — o Governo Russo ofereceu a Cruz de Santa Ana, e eles foram autorizados pela República a aceitá-la. Foi assim que o processo de Lião deu origem à famosa aliança franco-russa.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 426)

Uma proposta de anistia foi submetida à Câmara dos Deputados e finalmente, após dois anos, obtiveram o indulto. Nesse período, Kropotkin continuou escrevendo para a *Enciclopédia Britânica* e para o *Nineteenth Century*. Em meados de 1883, ele foi transferido, junto com 22 companheiros, para a prisão central de Clairvaux, considerada a melhor prisão da Europa.

O Presidente da República, logo que Kropotkin foi condenado, recebera uma petição assinada por um grande número de sábios pedindo sua libertação — colaboradores da *Enciclopédia Britânica*, Herbert Spencer, Swinburne, Vitor Hugo (que acrescentou à sua assinatura algumas palavras eloqüentes). Kropotkin tinha a opinião pública francesa a seu favor e a Academia de Ciências pôs à sua disposição a sua biblioteca. Ernest Renan ofereceu-lhe a sua biblioteca particular.

Na prisão, ele deu aulas de cosmografia, geometria, física, língua estrangeira para seus camaradas. Sua esposa, que se encontrava em Paris fazendo o doutorado, abandonou tudo e veio morar ao lado da prisão até sua libertação.

Baseando-se na sua experiência de cárcere e associando a isso seus estudos anteriores realizados na Sibéria sobre prisões, publica, em 1886, na Inglaterra, o livro *Nas prisões russas e francesas*, quando considera todas as prisões, sem exceção, *universidades do crime*, mantidas pelo Estado. Assim reflete ele:

“... aquele que liga o seu destino a um partido avançado deve estar preparado para passar um certo número de anos na prisão e não deve queixar-se. Sente que mesmo durante a detenção não deixa de modo algum de contribuir para a marcha do progresso da humanidade, que desenvolve e fortifica as idéias que lhe são caras.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 440)

Fica indignado com a policia secreta russa que, além de ser sustentada pelo governo, escrevia falsos relatórios, apenas para mostrar serviço em troca de recompensa; além disso, a policia criava jornais “revolucionários” forjando notícias de organização de atentados, confundindo o movimento operário e camponês.

A imprensa e a Câmara dos Deputados continuavam a pedir a libertação dos anarquistas, o que foi concedido em outubro de 1885 por um decreto do Presidente Grevy. Como Alexandre III se opunha à sua libertação, ele só conseguiu sair da prisão em janeiro de 1886. Vai para Paris e passa algumas semanas com Elias Reclus⁵⁹, antropólogo, etnógrafo, irmão de Eliseu Reclus.

O movimento socialista e anarquista se encontrava em plena ascensão nesse país. Louise Michel, militante anarquista, fazia conferências todas as noites; Kropotkin fez conferências para milhares de pessoas sobre o anarquismo e saiu logo de Paris, antes que o governo pudesse ceder à pressão exercida pela imprensa reacionária e russófila, que reclamava a sua expulsão da França.

⁵⁹ Elias fundou um jornal fourierista que teve grande sucesso nos meios operários. Na Comuna de Paris, Elias aceitou o cargo de zelador da Biblioteca Nacional e do Museu do Louvre, sob a direção de Vaillant; escreveu *Origem das Religiões*, publicado nas revistas: A Nova Sociedade e A Nova Humanidade - segundo Kropotkin, é a melhor obra sobre o assunto, superior ao ensaio de Herbert Spencer sobre a mesma questão.

Em 1883, foi criado o primeiro grupo revolucionário russo de tendência marxista, na Suíça, por Plekhanov denominado *Grupo Emancipação do Trabalho*. Enquanto isso, na Rússia, desenvolvem-se muitas polêmicas entre os *narodnikis* e os *marxistas*. Para os primeiros, não seria necessária a evolução capitalista do campo, o *mir* representava o embrião do socialismo agrário; o proletariado tinha papel secundário. Tratava-se de substituir a autocracia por um regime democrático baseado na vontade do povo. Os *marxistas* apostavam no desenvolvimento do capitalismo e na hegemonia do proletariado. Surgem, em 1893, as primeiras organizações *social-democratas*.

A economia russa, dispondo de poucos empresários — estes com mentalidade limitada quanto ao processo econômico — apresentando baixo nível cultural e rebeliões contra a *disciplina* fabril, conta com a intervenção do Estado⁶⁰ que importa tecnologia moderna e procura sanar as dificuldades quantitativas e qualitativas da mão de obra. O crescimento econômico também se alicerçou na criação, em 1878, da Escola Técnica de Moscou⁶¹, dirigida por Della Voce onde fora introduzido o método de trabalho fundado na sua subdivisão por séries homogêneas e definido por normas impessoais.

Como resultado deste processo de industrialização, uma minoria rural se enriqueceu, a estratificação social tradicional foi abalada, cresceu a classe burguesa e a classe dos mercadores, surgiu o proletariado que só a partir de 1905 é que passa a ter direito de se organizar em sindicatos, embora já por volta de 1850-55 tenham realizado greves localizadas visto que a lei trabalhista era freqüentemente desrespeitada pelo patronato.

As organizações social-democratas vão se desenvolvendo e nelas ingressam elementos avançados da burguesia liberal o que provoca o surgimento de correntes que divergem entre si⁶².

⁶⁰ O Conde Witte (1849-1915), Ministro do Comércio, da Indústria e do Trabalho, pretendeu promover a *industrialização por cima*, por meio de recursos alemães e franceses. A Ucrânia fez sua revolução industrial produzindo, em 1900, mais da metade da fundição metalúrgica da Rússia.

⁶¹ No começo do século, essa escola foi visitada por norte-americanos, que levaram o seu método de trabalho para os EUA, criando lá escolas iguais. O engenheiro Taylor estudou em uma dessas escolas e criou o que hoje se conhece com o nome de *organização científica do trabalho*, ou seja, *taylorismo*. (Tragtenberg, 1992:25-86)

⁶² Os *marxistas legais* ou *revisionistas* liderados por Bernstein que defendem o *desenvolvimento* capitalista através do apoio à reivindicações burguesas; os *economistas* que pregam a luta econômica, deixando para a burguesia a luta política. Estas duas correntes são combatidas por Plekhanov e Lenin.

Intelectuais russos exilados também influíram nas lutas internas do país, como é o caso de Alexandre Herzen, escritor russo, que, por meio de seu jornal *Sino*, editado em Londres, defendia a propriedade comum da terra.

Marx, em 1870 já mantinha relações pessoais com os *populistas*⁶³ — que, como já dissemos (p.19 desta tese) acreditavam em um caminho original considerando o *mir* (comuna rural) como o símbolo da especialidade da Rússia — apontava a comunidade rural como estrutura capaz de diminuir a miséria do campesinato, como chance que a história oferece ao povo russo, acentuando que a luta de classes em escala mundial engendrada pelo capitalismo pode levá-lo à crise responsável por sua eliminação e pelo retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo “arcaico” de propriedade e produção coletiva: a obchtchina, ou seja, a comunidade camponesa. (Tragtenberg, 1992:68) Já os marxistas ortodoxos, que conheceram Marx via Lenin, sustentam que a direção do proletariado é condição da revolução socialista.

1.8. A vida de Kropotkin na Inglaterra

De 1886 a 1917, gozou de relativa estabilidade em sua vida, época mais fecunda em trabalhos científicos e culturais, graças à atmosfera de tolerância mútua e legalidade em que se desenvolvia seus estudos na Inglaterra. Foi explorador até 1872; conspirador e agitador de 1872 a 1882; passa a ser filósofo e profeta agora. O enfoque dos seus estudos é matizado pela esperança. Só no final, a consciência de uma guerra anuviou sua visão tornando-a pessimista.

Em Londres encontra-se com seus amigos Stepniak e Tchaikovsky. É aí que Kropotkin recebe a notícia do suicídio de seu irmão — a correspondência entre eles havia sido interrompida — e tece o seguinte comentário:

“Aos olhos do governo russo é pecado amar um irmão perseguido por suas idéias políticas (...), constitui um crime. Um súdito do Czar deve odiar a todo aquele que se

(Ferro, 1974:18) O I Congresso dos Social-Democratas é realizado em 1894, em Minsk e o II, em 1903, em Londres, quando os congressistas se dividem em *mencheviques* e *bolcheviques*. (Serge, 1993:34-36)

⁶³ Cabe aqui uma observação feita por Tragtenberg (1992:66): contrariamente à história oficial difundida pelos bolcheviques, os *populistas* jamais negaram que o capitalismo estivesse em embrião na Rússia. É verdade que valorizavam a comuna rural, mas conheciam suas limitações e os obstáculos a

revolta contra a autoridade do governo supremo.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 459)

Na primavera de 1888, nasce sua filha que recebe o nome de Alexandra, em homenagem ao seu irmão. Refere-se ao fato de forma poética: “... e os gritos inocentes fizeram vibrar no meu coração uma nova corda desconhecida até então.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 462)

Na Inglaterra, faz muitas conferências hospedando-se ora em casa de operários, ora em casa de ricos e as discussões atravessavam a noite. Observava que a questão principal entre os ricos era saber o que pediam os socialistas, o que desejavam fazer, quais as concessões indispensáveis a fazer em um dado momento, afim de evitar graves conflitos. Via um número considerável de pessoas da classe média sustentando direta e/ou indiretamente o movimento socialista. Já na França, Suíça, por exemplo, operários e classe média estavam bem separados. Lamenta:

“... era necessário um longo período de preparação para vencer os obstáculos, muitos renunciaram à propaganda ativa e estão hoje retirados da luta, à qual assistem como simples espectadores simpatizantes.” (Kropotkin, Em torno de uma vida, 467)

Funda, na Inglaterra⁶⁴ (1887), junto com alguns camaradas, ao lado dos três jornais socialistas já existentes, uma revista mensal anarco-comunista intitulada *Freedom* (Liberdade) — que existe até os nossos dias. Publica *A conquista do Pão* em 1892, que é traduzido para o italiano, português, espanhol, alemão. Nesse ano funda-se também a Biblioteca Anarquista em Genebra. Os problemas de distribuição e produção, de superprodução foram desenvolvidos no livro *Campos, fábricas e oficinas* (1899). Kropotkin escreve:

sua implantação e difusão. Acreditavam ser possível apoiar-se na comuna e evitar os males do capitalismo.

⁶⁴ A Inglaterra apresenta, nesse período, organizações tais como: Federação Social Democrática (F.S.D.), de orientação marxista, criada em 1881 com o nome de Federação Democrática; Sociedade Fabiana, criada no mesmo ano, de caráter reformista que passa a defender o socialismo de Estado; Liga Socialista, formada por pessoas da F.S.D. e revolucionários, dirigidos por William Morris. Charlotte Wilson, da Sociedade Fabiana, amiga de Kropotkin, publica artigos sobre o comunismo-anarquismo em *Justice* (órgão da F.S.D.).

“Isso me levou a investigar quais poderiam ser os recursos da agricultura moderna e qual o método de educação suscetível de permitir que todos se entregassem ao mesmo tempo tanto ao trabalho manual, são e interessante, como ao trabalho intelectual. (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 468)

Sua autobiografia foi publicada em 1899; Kropotkin finaliza-a mais convicto do que aos 27 anos de idade de que

“um conjunto feliz de circunstâncias fortuitas pode determinar na Europa uma revolução muito mais importante, (...), não no sentido de uma simples guerra entre partidos políticos, mas de uma transformação rápida e profunda do edifício social.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 472)

O uso da teoria darwinista, justificando a “infâmia cometida na sociedade civilizada” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 468) provocou nele uma reação que o faz escrever *Apoio Mútuo* publicado em 1902, como resposta ao artigo de Huxley publicado em 1888, *A luta pela existência: um programa*. Para escrever esse livro, reuniu material acumulado por dois anos: estudos sobre o papel do Estado nos três últimos séculos, sobre as instituições de socorro mútuo nas diferentes épocas da civilização, a evolução das idéias de justiça e moralidade. Sentia que a luta pela vida, interpretada como um grito de guerra à infelicidade dos fracos e elevada à altura de lei natural e consagrada pela ciência, havia lançado raízes tão profundas na Inglaterra que se tornara praticamente um dogma.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 469).

Concordava com Kessler, zoologista russo, que afirmava ser o *auxílio mútuo*, bem como a *luta recíproca* uma lei da natureza, mas que para a evolução progressiva da espécie, a primeira é muito mais importante do que a segunda. Somente duas pessoas o apoiaram nesse processo: James Knowles, editor da revista *Nineteenth Century* e H.W. Bates, secretário da Sociedade de Geografia, autor da *Viagem pela região do Amazonas*, homem considerado por Darwin um dos mais inteligentes. Bates trabalhou muitos anos coligindo fatos sobre os quais Wallace e Darwin basearam as suas grandes generalizações.

Continuou trabalhando para o jornal *Le Revolté* enviando artigos para Genebra em Genebra. Esse jornal recebeu outros nomes: *La Révolte* (1886) e *Temps Nouveaux*

(1894). Era amplamente lido e elogiado pelos escritores da época. (Woodcock, 1971:244)

Citemos algumas das viagens que Kropotkin realizou nesse período em que vivia na Inglaterra. Em 1896, foi convidado, por Jean Grave, para realizar uma série de conferências em Paris, sobre o *Estado*. Nessa época, a aliança militar franco-russa era muito importante para a Terceira República. Além disso, quando Kropotkin havia saído em liberdade de Clairvaux (1886), Alexandre III havia tratado com tal dureza o embaixador francês, que este chegou a renunciar seu posto. Surgiu, então, a ordem para que Kropotkin não entrasse na França. (Woodcock, 248-49) e as conferências não aconteceram.

Esteve na América do Norte (1897) onde as teorias individualistas de Benjamim Tucker⁶⁵ se propagavam entre operários imigrantes. Passa a ser mais conhecido e adotado após essa viagem. (Woodcock, 1971:244) Sobre a sociedade americana, ele faz uma declaração que lhe valeu um corte nas suas próximas conferências a serem aí realizadas:

“A América do Norte é precisamente o país que mostra como todas as garantias escritas de liberdade não representam nenhuma proteção contra a tirania e a opressão de pior gênero. Ali o político chegou a considerar-se como a escória da sociedade. Os povos do mundo se sentem cada vez mais profundamente insatisfeitos e não se deixam aplacar pelas promessas dos social-democratas que pretendem remendar o Estado convertendo-o em uma nova máquina de opressão... Nossos camaradas de Chicago nos demonstraram como manter no alto a bandeira da anarquia em meio da morte...” (Woodcock, 1971:246)

Realizou outras viagens à América do Norte, tratando da literatura russa. Visitou várias cidades, entre elas, Boston, Nova Iorque, Chicago — onde tratou sobre organizações industriais — e Ohio. As conferências eram assistidas por 4 a 5 mil pessoas, o que causou esgotamento em Kropotkin.

⁶⁵ Tucker tece muitas críticas à teoria kropotkiniana, referindo-se à falsa simplicidade do comunismo anarquista. Para Kropotkin, os individualistas estariam desembocando no individualismo liberal dos economistas clássicos. (Mais dados sobre essa polêmica, consultar Woodcock, 1971:254-55)

Em 1905, tendo deixado de ser molestado pelas autoridades francesas, volta à esse país. Após a publicação de *Apoio Mútuo*, fica com imunidade fortalecida graças a sua reputação internacional. (Woodcock, 1971:269) Na Bretanha, encontra Guillaume. (Woodcock, 1971:266-67) Sua última visita aos diferentes países da Europa Ocidental deu-se no inverno de 1913-14; fora a última vez que visitou seus velhos amigos de trabalho e de luta. Os interesses russos levaram-no a apoiar a Primeira Guerra e essa atitude não foi aceita e/ou compreendida no seio do próprio movimento anarquista, o que provocou, a partir de então, um isolamento dele com relação a seus antigos camaradas.

É a partir de 1903 que Kropotkin passa a se interessar mais pelo movimento revolucionário russo. Preocupa-se com a ética libertária, com a política do poder. Os acontecimentos russos de 1905 desorganizaram temporariamente o trabalho de propaganda que se realizava nesse país a partir da Europa Ocidental. A Revolução de 1905 teve, como figura central, padre Gapone, agente secreto do governo, dirigente, desde 1904, de onze Seções Operárias compostas por operários não militantes de partido político. As Seções tinham o objetivo secreto de desestimular as reivindicações que não fossem econômicas e imediatas.

Em um confronto entre trabalhadores e patrão na usina Putilov de São Petersburgo, houve demissões o que resultou na elaboração de uma petição ao czar em nome dos trabalhadores, redigida por Gapone e que continha reivindicações tais como: liberdade de imprensa, de associação sindical, direito de greve, expropriação dos grandes latifúndios em benefício das comunidades camponesas, convocação de uma Assembléia Constituinte, instrução gratuita e obrigatória, 8 horas de jornada de trabalho.

Na entrega desta petição ao czar — o *Paizinho* — o povo foi metralhado (S. Petersburgo, 22/01/1905, fato conhecido como o *Domingo Sangrento*). A traição de Gapone foi descoberta pelos trabalhadores que o enforcaram e, em 1905, uma greve geral foi realizada em São Petersburgo, quando foi criado o primeiro *soviete* operário⁶⁶. Depois, criaram-se *soviets* por todo o país os quais foram suprimidos e/ou

⁶⁶ Os sovietes surgiram, pela primeira vez, enquanto fenômeno político e histórico, na Rússia em 1905 e ressurgiu em 1917. Seus teóricos mais importantes são Max Adler e Anton Pannekoek. Surgiram espontaneamente como forma de organização dos movimentos populares. E, como afirma Tragtenberg: espontaneidade na origem dos movimentos sociais e na criação de novas instituições não implica

reprimidos pelo governo. Kropotkin pensa em voltar à sua terra nessa época, porém teme ser detido.

A derrota da Rússia na guerra do Japão reativou o movimento popular interno, quando foi criado o *Partido Constitucional Democrata (Cadete)*. O governo, pressionado, responde convocando uma Duma (Parlamento) que, entretanto, terá caráter apenas consultivo. Logo que se recupera, o regime czarista intensifica a repressão e consegue esmagar a insurreição armada dos operários de Moscou de fins de 1905.

Existia, nessa época, muitos partidos⁶⁷ na Rússia, e entre eles, o *Partido Socialista Democrata*, fundado em 1898, marxista que se apresentava dividido em duas correntes: a bolchevique e a menchevique. Os bolcheviques defendiam a ditadura do proletariado e a dominação dos soviets e sindicatos, bem como a dissolução da Constituinte; os mencheviques eram pela Assembléia Constituinte discordando da visão leninista de partido político e de ditadura do proletariado; eram contra acordos com a burguesia e contra a transferência do poder aos soviets. Estas duas correntes estavam representados até 1914 na II Internacional. Já os *anarquistas* defendiam a autogestão social dos meios de produção e de todas as instituições civis, defendiam a organização federativa (conselho de fábrica, integração das diferentes nacionalidades do Império russo).

1.9. A Rússia que Kropotkin vai encontrar

Até 1895, assistimos a uma relativa inatividade de Kropotkin com respeito aos assuntos russos. É verdade que a execução de Sofia Perovskaya o fez fazer propaganda a favor de *Voluntad del Pueblo*, oferecendo-se para ir à Rússia, país que havia deixado em 1876. (Woodcock, 1971:308) Porém, como esse jornal era constitucionalista e Kropotkin não concordava com essa idéia, essa relação foi

desorganização. Espontaneidade e organização são características das ações das massas populares. (Tragtenberg, 1992:99)

⁶⁷ Eis alguns dos partidos: *União do Povo Russo*, monarquista, anti-semita; *Outubristas* que representavam a alta burguesia e não tinham importância numérica; *Partido Radical Democrata*, formado por antigos líderes progressistas da Duma; *Partido Constitucional Democrata* ou *Partido da Liberdade do Povo*, que defendia uma Rússia democrática e parlamentarista; *Partido Popular Socialista*, composto, na sua maioria, por intelectuais e não tinham influência sobre as massas; *Socialistas Revolucionários de direita*; *Socialistas revolucionários de esquerda*; *Partido Socialista Revolucionário*, fundado em 1899 (Tragtenberg, 1992:73) ou 1901 (Serg, 1993:35);, que pregava a expropriação do capitalista e uma organização socialista da economia e da sociedade.

abandonada. Também em Londres, a associação *Amigos da Liberdade Russa* dizia-se constitucionalista e, por esse motivo, ele teve fraca presença aí (1882)

Na Rússia, até 1917, não havia grandes diferenças entre anarquistas moderados e os social-revolucionários extremistas. Kropotkin era respeitado tanto pelos liberais como pelos revolucionários russos, salvo os social-democratas; sua influência aumenta a partir de 1890, quando começaram a reaparecer grupos anarquistas russos no exílio e no interior da própria Rússia.

Ele acompanhou os acontecimentos que estavam preparando a Revolução de 1917. Essa Revolução representou, para o século XX, um acontecimento tão importante como a Revolução Francesa para o século XVIII. Constituiu na negação da sociedade imperial russa que se fundava em uma servidão baseada no *edito do rei*, guardando diferenças fundamentais em relação ao feudalismo ocidental que se baseava na relação contratual entre senhor e vassalo.

Em 1914, nada deixava prever que a Duma (Parlamento) desempenharia um papel decisivo na queda do regime. Pedindo ao czar maior responsabilidade no governo, aos poucos vai se indispondo com o regime. Falava-se nesta época de uma “revolução de palácio” que não queria apoio do povo, com medo dos excessos; não se esperava que a nação se sublevasse espontaneamente, mas foi o que aconteceu. (Ferro, 1974:31-38).

A falta de pão organizou o povo e a Duma pede apoio às organizações ilegais para enfrentar o Governo que se mostra incapaz de solucionar problemas. A essas organizações não agradava fazer uma manifestação a convite da Duma e também não lhes parecia que os trabalhadores estivessem prestes a fazer uma greve geral. Nem os bolcheviques aceitaram colaborar com o comitê que organizou as manifestações de 23/02/17 por julgarem esta tentativa prematura. No entanto, pela manhã, vendo a passeata, decidiram participar dela. Os cinco dias que se seguiram (23 a 27/02) efetivaram a queda do czarismo e tiveram o apoio dos soldados que se uniram à população. A Duma se alia ao povo por meio de Kerenski⁶⁸, que, por iniciativa

⁶⁸ Kerenski fora chefe do Partido Trabalhista. Na I Guerra Mundial se colocou, como Kropotkin, contra a invasão estrangeira — por temer que a vitória do imperialismo alemão fosse o dobre de finados do movimento socialista internacional — mas se recusava cessar a luta contra o czarismo. Participou do complot que pretendia substituir Nicolau I pelo príncipe L’vov ou Miliukov (Ministro dos Assuntos Exteriores), no novo regime a ser criado, a monarquia parlamentar.

própria, recebe a comitiva popular e autoriza a formação do Pré Soviete dos Operários composto por um grupo de mencheviques e socialistas revolucionários. O Soviete se promove a Estado Maior da revolução⁶⁹ convidando as fábricas e os regimentos a elegerem delegados; lançam o *Izvestia*, diário revolucionário que se posiciona contra o czarismo e propõe a reunião de uma Assembléia Constituinte.

A disputa pelo poder entre Duma e Soviete se faz sentir.

“Mas, nesta ocasião, foi a opinião pública que manifestou sua vontade com mais determinação; apresentou suas exigências ao governo, aos Sovietes e aos partidos. O futuro do regime dependia do modo pelo qual uns e outros iriam responder a ela.”
(Ferro, 1974:40)

Com medo de que a Duma se aliasse ao czar e se voltasse contra a revolução, o Soviete deixou de expressar suas reivindicações mais à esquerda. Ficou decidido a formação de um Governo Revolucionário e a Duma convidou para este governo Ckeide e Kerenski. O primeiro recusou e Kerenski aceitou, passando por cima das decisões do Soviete. Este Governo comunica ao povo que o problema da dinastia ainda não estava resolvido — o que causou indignação — e que o Soviete concordara em que nenhuma decisão seria tomada antes da reunião da Assembléia Constituinte. A pressão sobre Nicolau II fá-lo abdicar, o que acontece também com Miguel II.

O êxito da Revolução foi inesperado, assim como foi sua eclosão. O povo, espontaneamente, substituiu o antigo poder governamental nas províncias por Sovietes ou Comitês, que eram quase sempre dirigidos por socialistas moderados (mencheviques, socialistas revolucionários ou socialistas populistas) que, considerando a revolução de natureza burguesa, julgavam prematura qualquer participação no poder, entendendo como função do Soviete a fiscalização da ação governamental. Dentro do governo, havia os que eram contra os Sovietes e outros, como Kerenski, que julgavam ter que induzir a liderança dos soviets a participarem

⁶⁹ Vide “Apelo do Soviete de Petrogrado à População da Rússia” (27 de fevereiro de 1917). que refere-se à adesão dos soldados e da necessidade de se criar um governo popular. Convida toda a população a unir-se imediatamente ao Soviete, a organizar comitês locais nos bairros; convida à autogestão dos problemas. (Ferro, 1974:105)

do governo. Para os partidos políticos, era importante controlar os Sovietes. Os bolcheviques os consideravam como o embrião do futuro Estado Socialista, mas não eram ouvidos em virtude da hostilidade velada que os bolcheviques expressaram ao regime nascido em fevereiro de 1917 (Ferro, 1974:41). Os anarquistas, hostis à todo poder estatal, também não confiavam muito na direção dos Sovietes. Pensavam que era importante:

“mostrar ao povo a inutilidade e o absurdo da tática ‘empurrar a burguesia para a esquerda’. Nossa tarefa histórica (afirmam) é empurrar o proletariado para a esquerda para que ele empurre a burguesia para o precipício. Apesar das aparências revolucionárias, o Soviete dos deputados operários e soldados não libertarão os trabalhadores se, de fato, não realizar um programa efetivamente maximalista, anticapitalista. A liberdade dos trabalhadores só pode cumprir-se por uma revolução social. (...) A revolução russa deve ter as mãos livres e descentralizar-se. (...). A Rússia toda deve organizar-se em uma rede de comunas revolucionárias e soberanas que, ocupando as terras e as fábricas, expropriarão a burguesia, suprimindo também a propriedade privada.” (Programa Anarquista, fim de março de 1917 In Ferro, 1974:110-113)

Nessa época, as reivindicações operárias compreendiam a luta por melhores condições de vida e de trabalho; a diminuição das diferenças salariais — não era luta por equiparação salarial. Desejava-se a instituição de uma república democrática e, quanto à guerra, os operários eram partidários da paz sem anexação nem contribuições. Os camponeses, mais vingativos que os operários, queriam medidas contra o czar e a antiga administração; aspiravam por uma ampla descentralização no plano político e para que a terra pertencesse a quem nela trabalhasse. Os soldados e marinheiros pediam uma disciplina na vida militar que se baseasse no respeito à pessoa humana. Os alógenes (os não russos) desejavam que fosse reconhecida sua qualidade de cidadãos da nova república e também de pertencerem a uma pátria. Os burgueses tinham seus objetivos próprios que eram quase sempre opostos aos das classes populares; cheios de ilusão sobre sua força, não compreenderam o sentido da revolução nem aquilatarem o poder do movimento que animava o país.

A Rússia parecia se orientar para um regime democrático, no qual os Sovietes desempenhariam o papel de um parlamento popular⁷⁰.

Porém, a contra-reforma⁷¹ já começava a se organizar na Rússia. Kerenski vai enfrentar os bolcheviques que, com Lenin na cabeça⁷², se propõe a tomar o poder, já que o Governo Provisório se mostrava incapaz.

A ameaça da reação, a hesitação dos homens da ‘democracia-socialista’, o descontentamento do povo que afirmava não “esperar nada” do Governo Provisório, deu chance para que Lenin dominasse o partido bolchevique. O partido torna-se conhecido como o Partido de Lenin e passa a representar o único adversário organizado do regime nascido em fevereiro.

No início de seu governo, os bolcheviques apoiavam a ação dos operários, dos soldados, dos camponeses que realizavam a revolução social e, muitos destes, substituíram os veteranos do socialismo que se levantaram contra a insurreição de outubro, não vendo nela a passagem da república democrática à república social. Os militantes revolucionários, que conheciam *Estado e Revolução*, de Lenin e que, portanto, viam, na decadência do Estado e no seu fim, o advento do socialismo, acreditavam que a democracia dos Sovietes instauraria o socialismo — foi sob a capa desses Sovietes que Lenin instituiu a ditadura do seu Partido e somente dele. O movimento revolucionário de fevereiro derrubou o czarismo. Apresentou caráter espontâneo exercendo uma parte do poder do Estado, confiscando terra, exercendo controle sobre as fábricas, ou seja, colocando em prática os ensinamentos que tinha recebido dos partidos políticos, dos sindicatos os quais exerceram, nesta fase, papel

⁷⁰ No entanto, os *cadetes*, à direita, clamavam a impotência do novo governo e estimulavam a resistência dos meios burgueses a qualquer concessão. Os *bolcheviques*, à esquerda, presentes nos soviets, prediziam a falência da coalizão. Kronstad (rebelião dos marinheiros em 1921, que tinha um programa de objetivos socialistas e libertários, e foi combatida por Lenin), se opunha abertamente às decisões do Congresso dos Sovietes, contestando sua legitimidade. A Europa, julgava que o povo russo, faminto e cansado da guerra, reivindicava pão, liberdade e paz e que a Revolução Russa era apenas uma “crise” de guerra.

⁷¹ O Príncipe Lvov encarregou Kerenski — que tinha seu nome associado à vitória de fevereiro e à queda de Miliukov — de reorganizar o governo.

⁷² Já desde abril, Lenin, de volta do exílio, expõe suas *Teses de abril* (Ferro, 1974:115-17), fazendo-se campeão da paz, da oposição absoluta ao Governo Provisório e da transferência da integridade do poder aos Sovietes entrando em choque com seu partido. Contando com o apoio de Sverdlov, da Federação do Ural e com a adesão de Stalin, Lenin dominou o partido bolchevique. Os fatos estavam lhe dando razão.

secundário. Já em outubro, o papel decisivo ficou nas mãos das organizações políticas.

“...Lenin, seus companheiros, seus sucessores ressuscitaram e fortaleceram aquela distinção entre governantes e governados que boa parte do povo e dos revolucionários de 1917 esperava abolir.” (Ferro, 1974:98)

Ao tomarem o poder, os bolcheviques se viram diante de uma Rússia predominantemente agrícola, dilacerada pela guerra civil interior, não tendo a possibilidade de ser apoiada por uma revolução européia, graças à falência da *social-democracia*. Instauram um regime que se denominou de *comunismo de guerra* (1919-20) que, entre outras características, tem a de exigir um monopólio do poder com tendência ao partido único. (Makno, 1988:33).

Este regime substituiu o controle coletivo dos operários sobre as fábricas — os operários já haviam se tornado donos das fábricas, quando da fuga dos burgueses para o estrangeiro e isto ia além do que o bolchevismo propunha — pelo controle de diretor nomeado pelo Estado, por um controle unipessoal. Em 1920, dentre 2.051 empresas importantes, 1.783 tinham controle unipessoal (Tragtenberg, 1992:85). Subordinou os Sindicatos ao Estado, os Sovietes ao Partido; estabeleceu seu próprio monopólio econômico transformando-se em classe não só dirigente como possuidora.

A Oposição Operária, formada por trabalhadores que participaram das lutas de 1905 e 1917 e que tem sua expressão teórica na obra de Alexandra Kollontai⁷³, reagiu contra este regime de *comunismo de guerra*. Suas teses atingiram as regiões do Don, dos Urais e da Sibéria. Para a Oposição Operária, a direção uninominal era a encarnação da idéia individualista, característica da classe burguesa. Criticava também a burocracia do Partido vendo nela a negação direta da iniciativa das massas. Coloca uma questão fundamental: *a construção do comunismo será feita pela burocracia ou por iniciativa das massas?* (Tragtenberg, 1974:96)

⁷³ Alexandra Kolontai (1872-1953) nasceu na Finlândia e é considerada uma das mais destacadas figuras femininas do séculos XIX e XX. Participou dos movimentos revolucionários e na Revolução Russa de 17, foi Comissário de Saúde do Governo Soviético e também Ministra Plenipotenciária da Rússia em Oslo. Morreu doente, em Moscou. Escreveu muito sobre a luta dos trabalhadores: *Vida dos trabalhadores Finlandeses* (1903); *A Sociedade e a Maternidade* (1905); *Quem quer a Guerra?* (1905), escrito à pedido de Lênin; *Romance e Revolução*; *A Nova Mulher e a Moral Sexual*.

Dos movimentos que sofreram repressão neste período, deve-se destacar o realizado pelos ucranianos, dirigidos por Makno e a revolta dos marinheiros da cidade de Kronstad.

Apesar de toda repressão e controle do poder bolchevique, a Ucrânia⁷⁴ desenvolveu uma revolução autogestionária (fevereiro e março de 1918), fundada em comunas livres e baseadas na autogestão econômica, social e política. Camponeses e operários lutam contra a burguesia ucraniana e contra tropas bolcheviques e as do general Denikin, que queria restabelecer o czarismo e o capitalismo. Defenderam a autonomia destas comunas agrárias, dirigidos por Makno, um camponês, anarquista e admirador de Kropotkin.

Makno considerava os partidos políticos inibidores de toda iniciativa criadora no momento revolucionário e comenta a idéia que os trabalhadores têm do governo bolchevique:

“...tem o cheiro de todos os governos em geral que nos sufocam há séculos.” (Makno, 1988:161)

Sua crítica não se restringiu ao autoritarismo e burocratismo do Partido Bolchevique, Embora se declarasse anarquista, fez críticas quanto à inação e desorganização deste movimento:

“... os anarquistas se aquartelavam em seus círculos que, a parte das massas, se desenvolviam anormalmente, se entorpeciam na inação e perdiam assim a possibilidade de intervir eficazmente quando dos levantes populares e das revoluções.” (Makno, 1988:89-90)

Visitando os anarquistas das cidades, observa:

“Ali encontrei inúmeros camaradas, uns conversando sobre a Revolução, outros lendo, outros, enfim, tomando sua refeição. Numa palavra, encontrei ali a sociedade “anarquista” que não admite no seu seio, por princípio, nenhuma ordem, nenhuma autoridade, e que não consagra nenhum momento à propaganda entre a massa dos

⁷⁴ Os camponeses ucranianos não confiaram a obra revolucionária aos Comitês Comuns de Coalizão, manobrados por Kerenski e, depois, enfrentaram o partido bolchevique que só conseguiu se impor aí em 1920. (Makno, 1988:227-262)

trabalhadores dos campos, que contudo tem tão grande necessidade disso.”
(Makno,1988:116)

Lamenta que o campo conheça tão pouco o anarquismo e explica como seu grupo adquiriria conhecimentos sobre essa doutrina:

“O pouco que sabíamos, nós o tínhamos conseguido no decorrer dos anos, da leitura das obras de Kropotkin e de Bakunin, ou durante intermináveis discussões com os camponeses, aos quais informávamos de tudo que tínhamos lido e compreendido. Devíamos acima de tudo nosso saber ao camarada Wladimir Antoni, apelidado de Zaratustra.” (Makno,1988:120-21)

Diante dos problemas quanto à efetivação da Revolução nos moldes que acreditava, buscou, nos escritos de anarquistas a idéia diretriz. Concluiu que não se deveria imitar e/ou obedecer o movimento anarquista das cidades; as massas precisavam ser organizadas. era preciso criar a Revolução com elas. Não se tratava mais de uma ação de grupos, de fazer brochuras, jornais ou reuniões; isto levaria à um isolamento ou a caminhar à reboque do movimento revolucionário.

Esperou, na chegada de Kropotkin à Rússia (1917), que este indicasse os meios práticos de organizar o movimento no campo. A questão chave lhe parecia ser:

“Qual é o caminho, e quais são os meios para apoderar-se das terras e para, sem ter que se submeter a nenhuma autoridade, expulsar os parasitas ociosos, que vivem a nossas custas no bem-estar e no luxo?” (Makno, 1988:114)

Descobriu, mais tarde, que a resposta se encontrava em uma obra de Kropotkin, *A Conquista do Pão*, que os trabalhadores não tinham lido ainda e nem daria tempo agora para tal tarefa.

Kropotkin é criticado por Makno e pelo movimento anarquista em geral por sua posição na questão da Guerra Mundial e por ter participado da Conferência Democrática Pan-Russa, no 14/agosto/17 em Moscou. No entanto, Makno se refere à Kropotkin como “nosso querido e honrado camarada” e afirma:

“Kropotkin continuava sendo para nós o maior e o mais forte teórico, o apóstolo do movimento anarquista. Sabíamos que, não fosse sua idade, ele se teria colocado à

frente da Revolução russa e teria sido o chefe incontestado da Anarquia.”
(Makno,1988:120)

Foram oferecidas grandes vantagens à Makno para que ele ingressasse no Exército Vermelho. Diante de sua recusa, passou a ser caluniado pelos bolcheviques, sendo considerado um contra-revolucionário, um bandido, agente dos *kulaks* (pequenos proprietários de terra). Para defendê-lo, convocou-se o III Congresso Regional dos camponeses, soldados e operários (1919); tanto o Congresso como os participantes foram considerados *fora da lei*. O exército Maknovista foi metralhado pelo Exército Vermelho, sob a liderança de Trotsky, porém os maknovistas ofereceram resistência até 1920.

Makno escreveu *A Revolução contra a Revolução* e Milton José de Almeida, seu tradutor, se refere à ele como um revolucionário e poeta:

“Não no sentido banal e generalizante de que todo poeta é revolucionário e reciprocamente. (...). Buscava (Makno) a sintaxe nova, mais que política, artística, construída momento a momento no revolucionar relações tradicionais do poder, no resolver a gramática estatista dos novos poderes, no viver com seus companheiros e a população da Ucrânia a beleza e o sofrimento da substituição da sintaxe de subordinação, coordenação e hierarquia, pela cooperação.” (Makno, 1988:11)

A rebelião dos marinheiros de Kronstad (3 a 16/1921) representou a continuidade da proposta revolucionária da *Maknovstchina* ucraniana. Os marinheiros eram em número de 15.000 e representavam, para Trotsky, a “glória da revolução”. (Makno,1988:36) Participaram ativamente da derrubada do czarismo fornecendo homens que montaram a guarda do Palácio Smolny (quartel general da revolução).

Essa rebelião está vinculada à situação do proletariado de Petrogrado que sofria com a crise de abastecimento, especialmente de víveres, causada pelo estado calamitoso dos meios de transporte, pela degenerescência burocrática e pela corrupção dos órgãos estatais da área.

Os operários fazem greve e o governo responde com a decretação de *estado de sítio* na cidade de Petrogrado. Os marinheiros de Kronstad enviam delegados à cidade e constataam que os soviets atuais não mais exprimem a vontade dos operários e

camponeses. Reivindicam, então: imediata eleição com voto secreto, com liberdade para desenvolver campanha eleitoral, liberdade de imprensa e de palavra para os anarquistas e socialistas de esquerda, independência dos soviets diante do Partido Bolchevique, liberdade para os presos políticos, igualdade de ração para todos os trabalhadores, abolição dos *gendarmes*⁷⁵ comunistas nas fábricas.

Kronstad se autodenomina a *Terceira Revolução Russa*, apresentando um programa de objetivos socialistas e libertários. Porém, é considerada por Lenin como obra de guardas brancos que querem instaurar o capitalismo liberal na Rússia. Os marinheiros se defendem afirmando que exigem não a liberdade de comércio e sim o verdadeiro poder dos soviets. Kronstad é bombardeado, o que resulta na saída de muitos membros do Partido Bolchevique, como vemos um exemplo abaixo:

“Visto que em resposta à proposta dos companheiros de Cronstadt de enviar uma delegação vinda de Petrogrado, Trotsky e os chefes comunistas ensaiaram os primeiros obuses e fizeram derramar sangue proletário, peço que não me considerem membro do Partido Comunista.

“Os discursos dos oradores comunistas tinham-me feito virar a cabeça, mas os gestos dos comunistas burocráticos a fizeram voltar ao seu lugar. Agradeço aos falsos comunistas de me haverem mostrado o seu verdadeiro rosto e de me haverem assim permitido compreender meu erro. Não era mais que um cego instrumento em suas mãos.

“Ass. André Bratacheff, ex-membro do Partido Comunista, n.º 537.575. Publicado no Izvestia em 9 de março de 1921”. (Makno, 1988:43)

Após a repressão ao movimento maknovista e à Kronstad, o elemento burguês, no que se refere à economia, vai se acentuando e a intenção socialista que animava a Revolução Russa vai morrendo. A Revolução não teve força para alterar as relações de produção autoritárias que caracterizam o capitalismo; muito pelo contrário, usou de força para combater a gestão operária da produção que punha em jogo a propriedade dos meios de produção, a hierarquia no processo de trabalho mascarada sob a categoria *competência técnica* (os especialistas, os gerentes).

⁷⁵ Gendarme: soldado da força incumbida de velar pela segurança e ordem pública, na França.

A confusão entre relações sociais de produção e aquilo que é apenas expressão jurídica dessas relações, ou seja, a propriedade privada dos meios, leva a graves equívocos, alerta Tragtenberg, 1992:123. Socialismo não significa apenas suprimir a propriedade privada dos meios de produção através da tomada do poder político do Estado por um partido. Além da *exploração* que se desenvolve via propriedade privada e/ou estatal, existe a *opressão*, ou seja, o modo de integração dos trabalhadores no processo de produção (concorrência, emulação, extorsão do saber, do tempo livre, do poder de decisão do trabalhador). Uma revolução socialista implica em auto organização dos trabalhadores e na existência de órgãos autônomos horizontais (comitês, comissões) que emergem do processo da *ação direta* de todos os assalariados, afirma o autor citado.

Na Rússia, a burguesia chegou a ver com bons olhos a nacionalização dos meios de produção, percebendo que poderia, ingressando no Partido, continuar dirigindo as fábricas do “Estado Operário”. O *taylorismo*, a *militarização do trabalho* (o Estado tinha o direito de enviar o trabalhador para onde quisesse), a Nova Política Econômica (NEP), o plano econômico único abriu uma brecha entre bolcheviques e proletariado.

O X Congresso do Partido Bolchevique (1921) concebia os sindicatos como aparelho fundamental do Estado soviético desenvolvendo funções econômicas e educacionais. Deveriam se transformar em órgãos de sustentação do Estado proletário, defendendo a ditadura do proletariado e convertendo-se em escolas de comunismo. De 6.970.000 associados, 500.000 eram do PC (Tragtenberg, 1992:92) Caberia ao PC dirigir o aspecto ideológico do trabalho sindical e para isso foram criados tribunais disciplinares, chamados de *tribunais de camaradas*.

Em 1922, Lenin é substituído por um triunvirato formado por Zinoviev, Kamenev e Stalin, devido à uma doença que o impedia de exercer o governo. Rompe relações pessoais com Stalin em 1923 e morre em 1924. Em 1925, Trotsky é afastado do Comissariado da Guerra e Zinoviev é expulso do Birô Político e afastado da direção da Internacional Comunista.

Como vemos, após a queda do czarismo, a Rússia passa a ser dirigida por um Partido que, aos poucos, transforma-se em uma máquina, centralizada, burocratizada e hierárquica. O Partido Bolchevique não coordenou a revolução nem a dirigiu;

simplesmente a dominou. Teria o Partido, que se auto intitulou de “vanguarda do proletariado,” medo da participação do proletariado ou estaria imbuído da *ideologia da nulidade operária*, como escreve Tragtenberg?

“(...) A base pode destituir quem exerce o poder em seu nome e não cumpre as decisões coletivas. O socialismo funda-se na solidariedade e entendimento mútuo. Makno ou Kronstadt não delegam poder a ninguém, nem exigem que os outros abdicuem do seu. Em troca, oferecem a todos um trabalho comunitário, num plano de igualdade radical no que diz respeito aos direitos. de participação e decisão.

“Por que esse oferecimento é recebido pelo Partido Bolchevique como uma afronta e quem o faz é tachado de contra-revolucionário?” (Tragtenberg, 1992:118)

Teria razão Volin⁷⁶, quando afirma que a ideologia marxista, propagada na Rússia, propondo a ação organizada do proletariado em partido político substituíra os círculos revolucionários? Teria razão Tragtenberg, quando afirma que o partido político é *substituísta*, pretendendo ocupar o lugar que deveria ser ocupado pelos trabalhadores?

Perguntemo-nos: o movimento espontâneo de fevereiro derrubou o czarismo ou apenas o czar e seus possíveis sucessores? Seria verdade que o povo não pretendia derrubar o czarismo? Sem a ação das organizações políticas revolucionárias em outubro a contra-reforma teria sido vencida? O povo teria condições práticas e teóricas para se auto-organizar? Então o que atrapalha o povo é acreditar na “força externa” ou seria a falta de bagagem teórica? Coloco ainda uma outra questão: Tendo os bolcheviques chegado ao poder, junto com o povo, porque construíram uma ditadura do proletariado sem o proletariado ou até mesmo contra o proletariado? São questões que aguçam a curiosidade dos pesquisadores que buscam fazer a exegese histórico-política desse período.

1.10. Seus últimos anos de vida na Rússia comunista

Quando Kropotkin teve notícia da Insurreição de fevereiro, achou que havia chegado o momento de retornar ao seu país. É evidente que estava mal informado sobre a

⁷⁶ Volin; nascido em 1882, filho de médicos, foi atraído pelas idéias socialistas revolucionárias, participando ativamente dos fatos de 1905 na Rússia, tendo sido deportado. Viveu muito tempo na França. Escreveu *La Revolución Desconocida*.

situação real da Rússia. Havia se passado 40 anos de desterro. (Woodcock, 1971:347) A unidade dessa insurreição era enganosa e ele não compreendeu a tempo até que ponto os bolcheviques estavam desviando a corrente revolucionária em benefício próprio. Para os bolcheviques, esse era o caminho da revolução: dominá-la. (Woodcock, 1971:348)

Ao chegar na Rússia, foi recebido pelos socialistas, então no poder, com Kerenski à testa e pelo príncipe Lvov, seu antecessor. Havia em Petrogrado, às duas horas da manhã, 60.000 pessoas para darem-lhe as boas vindas. Os anarquistas que não concordavam com sua posição quanto à guerra não compareceram. (Woodcock, 1971:353)

Kropotkin chegou doente. Levado sempre pelo entusiasmo e emoção, esgotou-se rapidamente recebendo muitas visitas, fazendo conferências. Sua relação com os que apoiavam a guerra, que na maioria defendiam também o governo constitucional, era também incômoda. Kerenski convida-o para ocupar um cargo no governo, mas ele recusa. Mais tarde comenta esse fato com Emma Goldman⁷⁷:

“Disse-lhe que havia lutado toda minha vida contra o governo, como elemento corruptor, e que jamais chegaria a participar dele.” (Woodcock, 1971:354)

Tendo participado da Conferência em Moscou, reafirmou aí o seu apoio à guerra e propôs um governo republicano similar ao dos Estados Unidos. Isso tudo desanimou as pessoas que se inspiravam nele na luta contra a guerra e o Estado. (Woodcock, 1971:357). Perde mais prestígio, sente-se isolado, o que abala ainda mais sua saúde.

Desgostoso por ter recebido visita da Cheka, e não querendo sofrer novas humilhações, muda-se logo para Dmitrov, situada a 150km ao norte da nova capital, Moscou, vinculada a ela apenas por um trem mensal. Achava difícil compreender o curso dos acontecimentos daquela revolução pela qual tanto havia trabalhado. Escrevia sobre isso a um amigo:

⁷⁷ Emma Goldman; militante anarquista, russa, de origem humilde, foi expatriada não só dos Estados Unidos, mas da Rússia bolchevique.

“(...) a massa de impressões se amontoam uma sobre outra, às vezes maravilhosamente belas, outras profundamente tristes, de tal modo que nunca passei por nada semelhante, nem na vida nem nos livros” (Woodcock, 19971:355)

No dia de sua mudança, recebeu visita de Makno, encontro de dois homens tão diferentes em seu caráter e em suas capacidades, porém tão assombrosamente semelhantes na sinceridade essencial de seus propósitos. (Woodcock, 1971:364)

Os acontecimentos de outubro seguiam o esquema tradicional: o povo havia derrubado seus governantes através da ação de massa; os camponeses haviam tomado as terras e os operários, as fábricas. Os decretos dos bolcheviques legalizavam esses fatos consumados. No final de 1917, Kropotkin retoma sua fé nos princípios fundamentais. Mas já em 1918, começa a escrever sobre o endurecimento do regime bolchevique: o terror começou e os anarquistas são as primeiras vítimas da repressão.

Através da Liga Federalista, fundada por ele e outros anarquistas, combatia o centralismo governamental. Essa Liga era um reduzido grupo de pessoas — técnicos, agrônomos, engenheiros, químicos e outros profissionais — interessadas em aplicar as conquistas científicas na indústria e agricultura, publicando dados sociais econômicos relevantes, animando assim as diversas localidades na sua própria recuperação industrial e agrícola, apoiando os soviets dos operários e camponeses na construção de uma sociedade nova, dispensando a duvidosa eficácia das autoridades centrais. O trabalho da Liga não conseguiu resultados concretos, apesar de suas publicações sobre federalismo nos seus diferentes aspectos (geográficos, etnográficos, econômicos, políticos, históricos, etc.). No entanto, Kropotkin mantinha seu otimismo:

“Não duvido, nem por um segundo, que a Rússia superará o colapso. Porém, viverá dois ou três anos difíceis, Prevejo depois anos de desenvolvimento pujante, enérgico e inteligente. Os elementos estão aí e são de uma extraordinária riqueza.” (Woodcock, 1971:359)

Acreditava que as teses libertárias teriam futuro no seu país e até poderiam se tornar hegemônicas; no momento, era importante dialogar com o leninismo, frear os excessos burocráticos da revolução. Todo esse sonho logo foi desfeito, já que o importante na Rússia era a afirmação do poder do partido que triunfara e desconfiava de qualquer proposta que ele não a tivesse indicado

O alimento começa a faltar em Dmitrov. Kropotkin solicita ajuda dos amigos ingleses. Escreve a Turin:

“Vivemos como no passado. A vida é difícil, meu amigo. O futuro sombrio. Nossos amigos ainda conseguem obter um pouco de pão. Mas nossa moral é baixa. Por isso não escrevo a ninguém.” (Woodcock, 1971:361)

Kropotkin viveu em pobreza; assim mesmo não aceitou a oferta de duzentos e cinquenta mil rublos oferecidos pelo governo da revolução pela publicação de suas obras, refutando que não confiava em nenhum governo; não aceitou também a chamada *ração acadêmica* que teria direito como sábio.

Ele sente mais fome intelectual do que física; lia as revistas do governo, Pravda e Izvestia. Receber uma revista inglesa ou francesa era um acontecimento. Sua principal distração era a música — tocava piano —, os trabalhos ocasionais, a horta e as conversas com os visitantes. (Woodcock, 1971:366)

Junto com Vera Figner e Máximo Gorki, tentou, por inúmeras vezes, combater o novo despotismo. A situação da Rússia, ele descreve no seu *Manifesto aos trabalhadores da Europa Ocidental*, o qual saiu clandestinamente do país, graças à delegada da Inglaterra, senhora Bonafield que esteve em Moscou.

As idéias anarquistas haviam penetrado no sindicalismo russo e Kropotkin vê a possibilidade de o sindicato ser a base da sociedade comunista antiestatal. (Woodcock. 1971:373) Reforça a necessidade de se criar as *células* da futura revolução, capazes de criar formas livres da nova ordem econômica.

Em 1919, Lenin se propõe a visitá-lo. Conversam sobre cooperativas, métodos coercitivos utilizados pelo governo, o constante crescimento da burocracia, evolução do processo revolucionário. Afirmo Kropotkin:

“Partimos de pontos de vista diferentes. Nossos métodos de organização e de ação são distintos, porém nosso objetivo é o mesmo e não me negarei a ajudar-lhe e a seus camaradas. Porém essa ajuda será negativa. Chamarei vossa atenção sobre todos os fatos injustos ou irregulares.” (Woodcock, 1971:369)

Ele envia muitas cartas a Lenin, tratando da situação geral do país e do difícil sistema econômico dos trabalhadores postais de Dmitrov, da supressão das publicações não bolcheviques, porém suas palavras tiveram pouco ou nenhum efeito. Uma das cartas termina assim:

“Que futuro aguarda o comunismo quando um de seus defensores mais importantes atropela em seu caminho todos os sentimentos honrados?” (Woodcock, 1971:379)

Uma outra carta mostra o descontentamento diante do espírito ditatorial da revolução:

“Vivendo no centro de Moscou, você não pode conhecer a verdadeira situação do país. Teria de deslocar-se às províncias, manter estreitos vínculos com as pessoas, compartilhar seus desejos, trabalhos e calamidades; com os esfomeados — adultos e crianças — suportar os inconvenientes sem fim que impedem a obtenção de provisão para um mísero lampião... E as conclusões a que chegaria, poderiam ser resumidas numa só: a necessidade de abrir caminho para condições de vida mais normais. Se não o fizermos, esta situação nos conduzirá a uma sangrenta catástrofe. Nem as locomotivas dos aliados, nem a exportação de trigo, algodão, linho, cobre ou outros materiais dos quais temos enormes necessidades poderão salvar a população.

“Em vez disso fica uma verdade: ainda que a ditadura de um partido constituísse um meio útil para combater o regime capitalista — o que duvido muito —, esta mesma ditadura seria totalmente nociva para a criação de uma ordem socialista. O trabalho, necessariamente, tem de constituir-se na base das forças locais, mas até agora, isto não ocorre e nem é estimulado por nenhum lado. Em seu lugar se encontram, a todo instante, individualidades que desconhecem a vida real e cometem os maiores erros, ocasionando a morte de milhares de pessoas e arruinando regiões inteiras.

“Sem a participação de forças locais, sem o trabalho construtivo de baixo para cima, executado pelos trabalhadores e todos os cidadãos, a edificação de uma nova vida é impossível.

“Uma obra semelhante poderia ser empreendida pelos soviets, pelos conselhos locais. Mas a Rússia, devo enfatizar, é uma república soviética apenas no nome. A influência e o poder dos homens do partido, que são freqüentemente estranhos ao comunismo — os devotos da idéia estão sobretudo instalados aí no centro — têm

aniquilado a influência verdadeira e a força daquelas instituições que muito prometiam: os soviets. Repito: não há mais soviets na Rússia, mas somente comitês do partido que fazem e desfazem. E as suas organizações padecem de todos os males do funcionalismo.

Para sair da desordem atual, a Rússia deve retomar o espírito criador das forças locais que, asseguro, são as únicas capazes de multiplicar os fatores de uma nova vida. Quanto antes se compreender isto, melhor! As pessoas se disporão a aceitar mais facilmente as novas formas de organização social. Entretanto, se a situação prolongar, a mesma palavra socialismo se converterá em uma maldição, como ocorreu na França com a idéia igualitária durante os quarenta anos que seguiram ao governo dos jacobinos.

“Pietr Kropotkin

“Dmitrov, 4 de março de 1920” (Libertárias, 1997:19)

Lênin, teve um carinho especial por Kropotkin, nos últimos momentos de sua vida, enviando-lhe os melhores médicos para Dmitrov e exigindo receber notícias sobre sua saúde diariamente. Esses informes foram publicados na imprensa.

O ostracismo em que viveu Kropotkin, tendo que contemplar a brutal entronização do autoritarismo e o extermínio de toda militância anarquista fez com que ele tenha, talvez, preferido estudar no final de sua vida *ética* e *evolução*. Passou seus últimos anos de vida escrevendo *Ética*, obra que não foi concluída. Morre em oito de fevereiro de 1921. Até 2 horas antes, brincou com seus amigos presentes; fez um momento de silêncio, depois murmurou:

“Que assunto mais difícil... o morrer.” (Woodcock, 1971:385)

Junto dele estava Sofia, sua filha Alexandra, Atabekian⁷⁸ e Lebedev. Foi-lhe oferecido funeral de oficial, o que sua família recusou. Os anarquistas desejaram fazer um folheto em homenagem a ele e também que servisse como pedido de liberdade e de manifestação contra a tirania bolchevique. Não aceitando a censura do governo,

⁷⁸ Atabekian, médico, armênio, dedicou toda sua vida introduzindo literatura anarquista na Rússia. Em 1917, foi dirigente dos anarquistas russos kropotkinianos. Assistiu Kropotkin na sua enfermidade e na hora de sua morte.

realizaram a tarefa por conta própria. Velhos amigos estavam no funeral como Vera Figner e Armand Ross.

O editorial anarquista *Golos Truda* que até 1921 havia publicado em russo as obras de Kropotkin, era visto com respeito. Com sua morte, a editora, embora autorizada a publicar o restante de suas obras, foi saqueada, destruída e fechada quinze dias após essa autorização.

Após sua morte, foi criado o Museu em sua homenagem; Sofia viveu no Museu que era dirigido por Nicolás Lebedev. Embora sempre hostil ao regime, Sofia nunca foi molestada até 1938, ano em que faleceu. (Woodcock, 1971:408-409)

A filha de Kropotkin, Alexandra, de apelido Sacha, escreve sobre o silêncio de seu pai nos últimos seis anos de sua vida :

“A explicação desse silêncio não é muito difícil de encontrar. Consiste em três fatos. Primeiro, que a evolução de uma revolução vai além de toda direção humana; idéia que desenvolve na seguinte nota. Segundo, que aprovar aquelas formas de vida que eram implantadas na Rússia, mesmo levando em consideração inúmeras circunstâncias atenuantes, ia sendo cada dia mais difícil. E terceiro, que as críticas só haviam servido para os inimigos desta inevitável, ainda que dolorosa, forma de progresso que uma revolução supõe.” (Cano Ruiz, 1978:11-12)

Promete Sacha publicar os escritos deixados por Kropotkin: cartas dirigidas aos bolcheviques, algumas delas a Lênin; protestos contra diversos atos do governo; cartas a amigos na Rússia e amigos do Ocidente; rascunhos de alguns discursos pronunciados em Dmitrov, em reuniões de cooperativas locais. Encontra dificuldades para realizar seu intento pelas razões já indicadas e também porque na Rússia não havia outra imprensa oficial senão a do governo, e a *Golos Truda*, imprensa anarquista, havia sido selvagemmente destruída após a morte de Kropotkin, dá o testemunho:

“Realmente, uma das maiores tragédias a que assisti durante estes três anos, cheios de sofrimento, mais mental que físico, foi a luta pela serenidade e paciência que vi desenvolver no espírito de meu pai (...). Seu amor profundo e ativo pela humanidade o fazia presenciar com um tormento indizível dores que não estavam em sua mão

amenizar. Também a fatalidade de uma revolução que, seguindo desde sua origem linhas falsas, só podia conduzir ao fracasso e à reação era para seu espírito clarividente uma trágica perspectiva.” (Cano Ruiz, 1978:13)

Sacha transcreve a nota da qual Kropotkin se serviu para conversar com ela e Sofia, sua mãe, sobre os acontecimentos atuais da Rússia na tarde de 23 de novembro de 1920. Nesta nota, Kropotkin compara a revolução com um tufão que subitamente se levanta diante do qual qualquer indivíduo e/ou partido não passam de grão de areia. Escreve Kropotkin:

“Imagine uma onda alta como uma casa, que se rompe na praia e imagine um homem tentando enfrentá-la com um bastão.” (Cano Ruiz, 1978:16)

Nossa força não é maior do que isso, continua; nem o partido que ora governa não consegue mais governar, está sendo arrastado pela corrente que ajudou a criar, mas que neste momento é muito mais forte que o partido mesmo. Esperávamos guiar as águas desse dique que se rompeu ou para nossos próprios moinhos ou para um novo caminho criado com a ajuda dessa corrente. Agora a precipitação das águas arrastou nossos moinhos e não há tempo suficiente para criar um novo caminho para as águas; elas não correm pelos caminhos que preparamos, pois eles se apresentam superficial e insuficiente. Para reparar o dique é demasiado tarde. Continua ainda:

“No momento atual a Revolução Russa se encontra na seguinte posição: está cometendo erros; está arruinando o país inteiro; em sua furiosa demência, está aniquilando vidas preciosas, destruindo sem olhar o que destrói, nem sabe para onde vai.” (Cano Ruiz, 1978:17)

Então, profetiza, inevitavelmente virá uma reação, da mesma forma que uma depressão segue uma onda na água ou que a debilidade sucede no ser humano a todo período de atividade febril. O que nos resta fazer é diminuir o furor e a força da reação. Como fazer?

Kropotkin responde: é preciso ir reunindo pessoas de todos os partidos que sejam capazes de empreender uma obra construtiva depois que a revolução tenha gastado a sua força. Os anarquistas devem formar grupos de trabalhadores anarquistas honrados, abnegados e que não estejam devorados pelo orgulho. Se eu fosse mais jovem e

pudesse falar com centenas de pessoas da maneira que é preciso falar, escreve Kropotkin, interrompendo a sua nota⁷⁹.

Recordando sua morte, Emma Goldman escreve o artigo *A morte de Kropotkin*, relatando uma terrível tempestade de neve que a impossibilitou vê-lo com vida. Chegou a casa de Kropotkin após uma hora de ele ter falecido. Transcrevo alguns trechos desse artigo:

“Nos três últimos anos de sua vida, Pedro estava isolado de todo o estreito contato com as massas; com sua morte, voltou a tomar plenamente contato com elas. Camponeses, operários, soldados, intelectuais, homens e mulheres sobre um raio de vários quilômetros, assim como toda a comunidade de Dmitrov afluía à casa de Kropotkin para render uma última homenagem ao homem que havia vivido entre eles partilhando suas lutas e suas dores.

“(…)

“Eram as crianças quem melhor o conheciam e amaram por seu jovem e alegre caráter. Nesse dia, as escolas foram fechadas e as crianças foram em grande número à estação e quando o trem partiu lentamente agitaram as mãos para dizer adeus à Pedro.

“(…)

“A homenagem de estima e de afeto por Pedro Kropotkin se transformou, em Moscou em uma manifestação monstro.

“(…)

“No museu de Tolstoi, os tons da marcha fúnebre de Chopin e um coro formado por discípulos do profeta de Yasnaia Polyana saudaram o cortejo. (...)

⁷⁹ Dados sobre a biografia de Kropotkin poderão ser encontrados nas obras: *Histoire de l'anarchisme*, de Jean Préposiet; *The history of anarchism*, de Peter Marshall; *Utopías y Anarquismo*, de Victor García; *Qué es el anarquismo*, de B. Cano Ruiz; *A responsabilidade e a solidariedade na luta operária*, de Max Nettlau; *O anarquismo e As doutrinas*, ambas de Eltzbacker; *La Internacional de los trabajadores*, de Guillaume; *Kropotkin. La vida de un hombre*, de Jean Grave; *Pietro Kropotkin. Ricordi e critiche di un vecchio amico*, de Malatesta. Sobre o contexto histórico-político-cultural, serão consultadas as obras: *Lenine e a Revolução*, de Anton Cilliga; *A Revolução Russa*, de Rosa Luxemburg; *A revolução inacabada*, de Isaac Deutscher; *Los anarquistas rusos*, de Paul Avrich.

“Passando enfrente o cárcere de Butirky, a procissão se deteve (...) e nossas bandeiras se inclinaram como testemunho do último adeus de Pedro Kropotkin a seus valentes camaradas que faziam sinais de despedida através das grades. (...) A nota dominante — dos discursos — foi que a morte de Pedro Kropotkin constituía a perda de uma potência moral enorme, tal como já não existia em nosso país.” (Cano Ruiz, 1978:322)

1.11. Resumo Biográfico

- 1831 Casamento dos pais de Kropotkin: o príncipe Alejandro Petrovich Kropotkin, descende de um príncipe de Kiev e Catalina Nicolaievna Soulina, neta do governador da Sibéria.
- 1842 Nasce Pedro Kropotkin, em Moscou.
- 1846 Morre sua mãe. Fica sob os cuidados da alemã Sra. Burman.
- 1848 Seu pai se casa com Elizabeth Karandino, filha de um almirante da esquadra do mar Negro.
- 1849 Sra. Burman é despedida. Kropotkin fica aos cuidados do estudante russo N.P. Smirnov e o ex-soldado do exército de Napoleão, Poulain.
- 1850 Kropotkin é inscrito como candidato ao Corpo de Pagens, por indicação do czar Nicolau I.
- 1856 Nasce sua futura esposa, Sofia Ananiev, em Kiev.
- 1857 Ingressa no Corpo de Pagens, (S.Petersburgo, capital da Rússia).
- 1858 Estuda obras dos Enciclopedistas e o *Dicionário Filosófico* de Voltaire. Lê Herzen e estuda cientistas destacados tais como: Clasius, Joule, Seguin, Helmholtz, Tyndall, Mendeliev, Darwin, Bogt, Moleschott. Lê *Economia Política*, de Say.
- 1861 Kropotkin é nomeado sargento do Corpo de Pagens. Sofia Ananiev vai viver com sua família na Sibéria. A emancipação dos servos é decretada.

- 1862 Ajuda a sufocar o incêndio de Apraxin Dvor, em S. Petersburgo. Opta por trabalhar na Sibéria, quando é nomeado oficial do exército e auxiliar do general Koubel. Conheceu Antonia, mulher polaca de Bakunin. Estuda a situação das prisões. Atravessa o lago Baikal. É nomeado secretário de uma comissão para estudar o estabelecimento da autonomia municipal.
- 1863 Realiza expedições geográficas.
- 1864 Seu irmão Alejandro se une a ele tendo sido nomeado oficial dos cossacos.
- 1867 Abandona o serviço militar e, com seu irmão, regressa à S. Petersburgo, ingressando na Universidade. Prepara uma memória geográfica sobre a Sibéria. É secretário da seção geográfica física na Sociedade Geográfica da Rússia.
- 1871 Seu pai falece. Viaja para o norte da Finlândia e Suécia para explorar os glaciais.
- 1872 Cessa seus estudos na Universidade. Viaja para a Suíça. Ingressa na Internacional bakuninista de Genebra e ajuda James Guillaume na redação do Boletim da Federação Jurassiana. Regressa a S. Petersburgo introduzindo, por contrabando, literatura libertária para a Rússia.
- 1873 Sofia Ananiev apresenta ao círculo Tchaikovski seu estudo *Devemos examinar os ideais de uma sociedade futura?*
- 1874 Com o nome de Borondine, participa ativamente no movimento clandestino até ser detido.
- 1875 No cárcere escreve umas memórias sobre suas investigações geográficas que foram publicadas pela Sociedade Geográfica. Foge da prisão.
- 1876 Com o nome de Alex Levachov, vive em Edinburgo, Inglaterra. Colabora com a revista *Nature*. Conhece Paul Robin e Malatesta.
- 1877 Ingressa na Federação Jurassiana e fixa residência em Chaux-de-Fonds. Conhece E. Reclus e os desterrados da Comuna de Paris. Participa do

Congresso Internacional na Bégica.

- 1878 Conhece em Paris, Ivan Turguenév. Conhece Sofia e com ela se casa no mesmo ano.
- 1879 Funda o jornal *Le Revolté* (Genebra). Participa do Congresso Socialista Revolucionário Internacional de Londres. É expulso pelo governo federal e vai residir em Thonon. Em Paris, conhece Jean Grave. É detido em Lion.
- 1880 Sofia vai viver em Paris com a família de Eliseu Reclus.
- 1883 É condenado a cinco anos de cárcere e transferido para a prisão de Clairvaux. Uma moção pedindo sua libertação é assinada por muitos cientistas da época e apresentada por Vitor Hugo ao governo francês que não a aceita.
- 1884 Adoece: escorbuto e paludismo.
- 1886 Em liberdade, estabelece-se em casa de Reclus. Em Londres funda o jornal *Freedom*. Alejandro, seu irmão, falece e a viúva com os filhos vêm viver com ele.
- 1887 Nasce sua filha Alejandra.
- 1892 Grande conferência sua em Londres, *A poesia na Natureza*.
- 1893 Conferência na Universidade de Londres sobre Biologia e na guilda dos educadores londrinos, *O ensino de fisiografia*.
- 1895 Recebe visita de Rudolf Rocker, Luiza Michel entre outros.
- 1896 Congresso de Londres: cisão definitiva entre social-democratas e anarquistas.
- 1905 Morre Eliseu Reclus. Recebe visita de Guillaume. Primeira Revolução Russa.
- 1909 Sua filha se casa com o revolucionário socialista russo Boris Lebedev.
- 1911 Fundação de *Golos Truda* (*Voz do Trabalho*) diário anarco-sindicalista russo, em Nova Iorque.

- 1914 Toma o partido dos aliados na I Guerra Mundial, o que o distancia da maior parte de seus companheiros.
- 1916 Jean Grave e sua esposa o visitam e redigem o *Manifesto dos Dezesseis* que respalda a posição belicista de Kropotkin.
- 1917 Visita Rocker no cárcere. Escreve uma carta de adeus à nação inglesa publicada em *The Times* e regressa a Rússia.
- 1918 Reside em Dmitrov, próximo a Moscou.
- 1921 Morre em oito de fevereiro. Seu corpo é trasladado para Moscou.
- 1922 Na casa onde nasceu é criado o Museu Kropotkin, fechado em 1936.

Cronologia baseada no trabalho de Wladimir Muñoz publicada na revista *Tierra y Libertad*, no. 298 (extraordinário), México, 1967:40-44

1.12. O trajeto de sua vida

O trajeto da vida de Kropotkin está ilustrado em três mapas, em ordem cronológica. Estes mapas encontram-se nas três páginas seguintes. O primeiro, da Ásia (parcial), mostra a rota de suas expedições geográficas na recém anexada Sibéria. O segundo é da Europa, onde podemos acompanhar sua trajetória por diversos países. No terceiro e último, o dos Estados Unidos, podemos observar onde realizou algumas de suas palestras.

Capítulo 2

A CATEGORIA SOLIDARIEDADE HUMANA NO PENSAMENTO DE KROPOTKIN

O capítulo INDIVÍDUO pretende investigar a construção da categoria *solidariedade humana* obra *Apoio Mútuo* e no ensaio *O Estado* que constitui uma aplicação da teoria do apoio mútuo no campo da história social.

Para uma melhor compreensão dessa categoria *apoio mútuo*, concebida por Kropotkin como a categoria fundamental na proposta de revolução e/ou progresso da sociedade, faz-se necessário uma investigação da *construção* do conceito *solidariedade humana* na obra do autor como um todo, bem como situar suas obras dentro do contexto histórico-político-cultural vivido por ele de forma singular no seio de sua vida privada-pública e, a partir daí, avaliar as respostas que deu ao mundo acadêmico e ao mundo das vivências práticas da sua época. O esboço biográfico, apresentado no Capítulo I, teve o objetivo de explicitar aspectos relevantes nesse sentido, os quais serão aqui complementados, antes de se investigar a construção da categoria *solidariedade humana*.

Nos limites desta tese, tomei como objeto de estudo duas de suas obras: *Apoio Mútuo: um fator de evolução* e *Ética: origem e evolução da moral*, sem deixar de levar em consideração os seus outros trabalhos, elencados nas referências bibliográficas, uma vez que eles comportam elementos reforçadores da categoria central de seu pensamento. Desses trabalhos, pude examinar melhor as obras: *Palavras de um*

Rebelde; A Conquista do Pão; Campos, Fábricas e Oficinas; As Prisões; Ciência e Anarquismo; A Grande Revolução.

A primeira fase de atividade intelectual⁸⁰ de Kropotkin deu-se no campo da Geografia e da Geologia. A formação matemática e científica recebida tanto no curso para oficial do Império como, após sua demissão do exército, na Universidade de São Petersburgo, sua atração pelas ciências naturais e ciências exatas, seus estudos, explorações, reconhecimentos geográficos e geológicos acontecidos nos 5 anos que viveu na Sibéria e continuados por conta da Sociedade de Geografia Russa, contribuíram significativamente para a formação de seu espírito científico naturalista.

Foi na Sibéria que Kropotkin aprendeu, mediante experiências vividas, que a máquina administrativa não era capaz de fazer algo útil para o povo e foi aí também que ele passou a aprofundar sua investigação sobre o homem, seu caráter e o móvel interno da vida das sociedades humanas, percebendo que o trabalho anônimo das massas, baseado no mútuo acordo, era fator fundamental no desenvolvimento da sociedade. Acrescente-se a isso, as viagens, publicações, intercâmbio científico e a convivência direta com personalidades científicas na Inglaterra, após sua evasão da Rússia, quando a Inglaterra estava no auge da euforia industrial. Aí manteve estreita relação com a *Geographical Society*, colaborou diretamente com o *Geographical Journal*, com a revista *The Nineteenth Century*, com a *British Encyclopedia*, proferiu conferências e debates. Geógrafo e geólogo de mérito, não atingiu o renome de um Elisée Reclus, mas contribuiu tanto ou mais que este último para um certo reconhecimento do anarquismo no meio científico da época. (Freire, 1981:32)

Interessou-se, desde muito jovem, ainda quando era Pagem, por economia política, campo que se tornara, depois de Proudhon e sobretudo de Marx, muito estudado politicamente, englobando as preocupações com as contradições sociais e políticas. Ao mesmo tempo (segunda metade do séc. XIX), viam-se os avanços na biologia; as ciências sociais dava seus primeiros passos quanto a sua sistematização, o que levou a

⁸⁰ O artigo *Caducidade e Modernidade de Kropotkine entre reforma e utopia* de João Freire expõe com clareza aspectos relevantes da teoria kropotkiniana. Baseei-me neste artigo, especialmente, para apresentar esta síntese introdutória sobre Kropotkin. João Freire é docente de sociologia no Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa em Lisboa, redator da revista lisboetana *A Idéia* e colaborador da imprensa libertária. O artigo citado é a comunicação apresentada no Seminário Internacional sobre *A Utopia*, organizado pelo Centro Studi Libertari G. Pinelli, Milão, 1981.

emergência da sociologia (A. Comte, Spencer, Durkheim). Foi nesse ambiente que Kropotkin buscou a fundamentação científica para o anarquismo.

A segunda fase de sua atividade intelectual (década de 1880) deu-se no campo da militância anarquista, a de construtor de uma idéia social. Kropotkin não criou um novo movimento; ele se integrou em uma tradição intelectual, sucedendo a Godwin, Proudhon e Bakunin, se incorporando a um movimento de propaganda e agitação que estava em contínuo crescimento, sofrendo alterações. Refiro-me às discórdias internas na AIT (Associação Internacional do Trabalhador) expressas nos conflitos entre marxistas e bakuninistas, principalmente.

Em 1872, quando ele se fez anarquista, a Internacional estava a ponto de se dividir em duas sessões mutuamente hostis. Em 1877, quando se estabeleceu finalmente como militante na Suíça, Bakunin já havia falecido e o setor bakuninista da Internacional declinava.

O anarquismo sobreviveu àquela crise graças, em parte, ao trabalho de Kropotkin que criou, em 1879, na Suíça, junto com François Dumartheray, Georges Herzig, Elisée Reclus, o jornal bimestral, *Le Révolté*, e o dirigiu. Este jornal, porta-voz socialista até 1884, toma, nesta data, o nome de *La Révolte* e passa a ser porta-voz anarquista-comunista. A tiragem dos primeiros números foi de 1.500 exemplares, logo atingindo 3.000. A partir de 1886, o jornal passou a ser semanal e teve um suplemento literário bimestral. Também, a partir de então, passou a ser denominado *Les Temps Nouveaux*, sobrevivendo até 1919. (*Polêmica*, 1992:96)

Os artigos de Kropotkin editados nesse jornal tiveram publicação em forma de livro em *Palavras de um Rebelde*, em 1885, e estão assim apresentados: *A Situação, A descomposição dos Estados, Necessidade da revolução, A próxima revolução, Os direitos políticos, Aos jovens, A guerra, As minorias revolucionárias, A ordem*⁸¹, *A*

⁸¹ O artigo *El orden* traz uma reflexão sobre o conceito de ordem e também uma narração de como seu grupo recebeu o nome de *anarquista*. Primeiro, salienta que nenhuma idéia que representa uma tendência nova, pode escolher, desde o princípio, um nome que expresse perfeitamente suas aspirações. Não foram os mendigos que se autodenominaram mendigos, o mesmo acontecendo com o nome *nihilismo* e também com *anarquismo*. Na Internacional, o grupo que negava a autoridade e a combatia em todas as suas formas, foi chamado, primeiro de *federalista*, depois, *antiestatista* e *antiautoritário*. Evitava-se chamar de *anarquista* para não aproximá-lo dos *proudhonianos*, a quem a Internacional combatia por suas reformas econômicas. Depois, justamente por causa desse antagonismo, os adversários passaram a chamá-lo de *anarquista*, pretendendo com isso denunciar que esse grupo fomentava a desordem, o caos. A fração anarquista aceitou, então, o nome, com toda sua significação e

Comuna de Paris, O governo representativo, A lei e a autoridade, O espírito revolucionário, A expropriação.

O livro, mostra de maturidade do pensamento do autor, porta-voz mais consciente do pensamento anarquista desde Proudhon e Bakunin, contém declarações proféticas derivadas da fina percepção que o autor tinha das autênticas alterações sociais, sintomas interpretados por ele como presságios da destruição final do Estado, da decadência do capitalismo privado. Contém também o embrião de suas teorias gerais sobre evolução social, sobre teoria da evolução e organização social e considerações práticas sobre a revolução social.

Escreveu muitos outros livros e folhetos que foram publicados, praticamente, em toda a imprensa operária internacional. Seus escritos tinham o objetivo de divulgar conceitos científicos, mesmo complexos, em linguagem popular. Quase tudo que escreveu foi traduzido em várias línguas, o que colaborou para que a propagação do anarquismo superasse a propaganda do marxismo nessa época; seus escritos (e também os de outros anarquistas) foram publicados em forma de folhetos, brochuras com 10 a 50 páginas, no período de 1880-1920 e continuam até hoje a atingir os movimentos libertários.

Um folheto dirigido à juventude, denominado *Aos Jovens*, apareceu pela primeira vez em 1881 também em *La Revolté*. Manifesto de grande circulação e influência, esteve presente na França por 12 anos e foi traduzido para 12 idiomas europeus, para países da América do Sul e para os Estados Unidos. Esse folheto foi considerado uma das exortações mais comoventes do gênero. Mais tarde, surgiram edições clandestinas russas e traduções em chinês e japonês.

Kropotkin escreveu um livro sobre as prisões, publicado em 1887, baseando-se em estudos que fizera na década de 1860, quando era um jovem oficial do Exército na Sibéria e foi nomeado para investigar o sistema penal russo. Demitindo-se do cargo, atravessa um período de quase meio século sofrendo exílios e confinamentos, de cuja

consequência. *An-arquia*, de origem grega, queria dizer ausência de todo poder, e não desordem. Aceitaram a denominação sem a preocupação inútil em retificar a imprensa, nem dar ao público lições de grego. A *anarquia* implica a negação da ordem vigente e dá nome a um grupo de homens que buscam conquistar um porvir de liberdade e amor para a espécie humana. (Palavras de um rebelde, 54-56)

experiência também extrai material para seu livro. Essa obra defende a abolição da prisão que não deverá ser substituída nem por *prisão pedagógica* ou *manicômio correccional* que seriam piores que os cárceres e presídios. Concebe, como único corretivo eficaz, a compreensão humana que inclui a fraternidade e a liberdade do indivíduo, somada à pressão moral da comunidade. Considera a segregação como o grande crime contra a pessoa, a fonte de todas as perversões, delinquência e deformações psíquicas.

Buscando as raízes científicas da questão que propõe o bem estar para todos, escreve *A Conquista do Pão*, em 1892, após ter passado por dois confinamentos. A idéia básica desse livro é demonstrar que os frutos da humanidade são coletivos e devem beneficiar a todos; cada um deve receber segundo suas necessidades e não segundo suas obras, garantindo-se, primeiro, o direito à vida de todos e depois o bem-estar. Escreveu essa obra em Clairvaux, na prisão. Em razão dessa experiência de confinamento, aliada ao clima relativamente moderado que reinava na Inglaterra, talvez por isso, insista menos nas táticas revolucionárias. Traça um esquema bastante detalhado da sociedade livre do futuro e da solução anarquista para os diversos problemas sociais.

Esforçando-se por fundamentar os ideais socialistas nos resultados da investigação científica, Kropotkin escreve *A Ciência Moderna e a Anarquia*, influenciado pelo contexto histórico-social em que se desenvolvia essa obra (1901)⁸². Esta obra pode ser considerada como um dos eixos da obra de Kropotkin (além da teoria do apoio mútuo e da ética anarquista); nela o autor afirma que o desenvolvimento se daria pela ciência embora depois ele tenha se emaranhado pelos caminhos da Ética que exige dar mais do que receber. Em 1859, havia aparecido a primeira edição de *A Origem das Espécies*, de Darwin; de 1860 a 1863, Spencer publicava sua grande obra, *Sistema de filosofia sintética* e, em 1867, Marx começa a trabalhar o volume I de *O Capital*.

⁸² Kropotkin vinculava o socialismo com as ciências naturais que, no seu entender, eram *as ciências* no sentido próprio e estrito do termo, de duas maneiras: a) enquanto todo conhecimento da sociedade que mereça realmente esse nome não pode ser senão um prolongamento e uma especificação do conhecimento científico da vida animal e, mais concretamente, das sociedades animais, de tal forma que a sociologia (ciência do homem e da sociedade) resulta, definitivamente, de um capítulo (amplo e complexo) da biologia, assim como a biologia mesma é um (extenso e complicado) capítulo da física; b) enquanto o método que se deve empregar para estudar o homem e a sociedade não é essencialmente diferente do que se usa para estudar a natureza orgânica e inorgânica, isto é, o método indutivo-dedutivo, e não, de modo nenhum, o método dialético, próprio da metafísica. (Woodcock, 1978:12)

Seu socialismo científico coincide mais com o pensamento de Marx e Engels do que com o dos anarquistas individualistas Stirner ou Sorel, mesmo que despreze o método dialético⁸³. Com Marx e Engels, compartilha uma concepção de mundo materialista⁸⁴, rejeitando, na explicação da origem e da essência da realidade, não só qualquer intervenção de uma causa transcendente e/ou imanente como também qualquer prioridade da consciência sobre o homem e do espírito sobre a natureza.

Influenciado pela geografia física, Kropotkin tenta aplicar o método indutivo-dedutivo⁸⁵ (aplicado nas ciências naturais) nas ciências sociais, colocando-se em uma posição positivista. Kropotkin concebe a anarquia como uma filosofia científica, acreditando que a própria ciência demonstra que a anarquia é a ordem natural pela qual a harmonia presidirá tudo.

Busca a justificação científica do seu anarquismo em dois domínios distintos mas complementares: o da *sociabilidade* e o da *economia*. Era preciso justificar solidamente as condições de *sociabilidade* para seu modelo de sociedade, mostrar que, já na própria sociedade burguesa ou em outras anteriores, existiam potencialidades, tendências de comportamentos sociais que dispensam o sistema competitivo e autoritário da sociedade burguesa. É o conteúdo de sua obra *Apoio Mútuo* (1902) e de seu ensaio *El Estado*, aplicação da teoria do apoio mútuo no campo da história social. *Apoio Mútuo* foi escrita também na prisão e respondeu à uma necessidade do autor ao se defrontar com uma poderosa série de argumentos que, apoiados por vários cientistas pertencentes a outros campos de conhecimento, ameaçavam destruir o edifício racional que ele estava levantando.

O segundo domínio de investigação que lhe vai permitir justificar a possibilidade de um sistema comunista anárquico é a *economia*, abordada não da mesma forma de

⁸³ Kropotkin rejeita o método dialético que lembra-lhe algo bem antigo, felizmente esquecido pela ciência, pois nenhuma das descobertas do séc. XIX — em mecânica, astronomia, física, química, biologia, psicologia, antropologia — foi feita pelo método dialético, escolástico medieval ressuscitado por Heigel. Esse comentário encontra-se em sua obra *La ciencia y el anarquismo*. Parece-me que Kropotkin não compreendeu bem o método dialético de Marx.

⁸⁴ Seu materialismo é, como ele mesmo explicita, mecanicista, e não dialético. Segundo Malatesta, Cappelletti e o marxismo soviético, a obra de Kropotkin é uma amostra do *materialismo mecanicista* semelhante às obras de Buchner, de Vogt, de Moleschott (*Polêmica*, 1992:15), além da forte influência da teoria da seleção natural de Darwin. (Woodcock, 1978:12)

⁸⁵ Processo adotado pela ciência moderna para a elaboração do conhecimento positivo, baseado na observação e experimentação.

Proudhon ou Marx. Apesar de não desconhecer os economistas clássicos e o próprio Marx, caminha em outra direção: investiga sobre as finalidades da economia política, em que bases ela deveria se assentar, quais são as necessidades da sociedade e quais os meios de satisfazê-las. Desenvolve suas idéias a esse respeito no livro *Campos, fábricas e oficinas* (1898).

A questão que ele considerava mais sólida nos seus estudos, querendo dar ao anarquismo uma validade e coerência científica, apresenta-se, talvez, a mais defasada. Ele chega a uma definição de anarquismo:

“O anarquismo é uma concepção global baseada numa explicação mecânica de todos os fenômenos, que abarca todo conjunto da natureza; isto é, que inclui a vida das sociedades humanas e seus problemas econômicos, políticos e morais. (...) Seu propósito é elaborar uma filosofia sintética que abarque numa generalização todos os fenômenos da natureza e, em consequência, também a vida das sociedades. (A ciência e o anarquismo In Panfletos Revolucionários, 262)

No entanto, Malatesta, outro expoente do movimento anarquista, que sucede a Kropotkin, contesta essa posição, concebendo a anarquia simplesmente como um programa elaborado pela vontade do homem em luta contra as desarmonias da natureza.

Kropotkin, após ter alicerçado o anarquismo em uma fundamentação sociológica (a da cooperação e apoio mútuo) e econômica, parte para uma reflexão aprofundada sobre as *condições políticas* da transformação social, aproveitando seus estudos de 1893 sobre a Revolução Francesa, quando trata de descobrir o papel das classes populares na revolução. Escreve, então, *A Grande Revolução* (1909)⁸⁶, dando ênfase na luta do

⁸⁶ Sobre esse assunto ler carta de Kropotkin de 4/11/1905, publicada em *Temps Nouveaux* e citada In Oeuvres. De sua obra *A Grande Revolução*. Guimarães, Lisboa, 1913, retirei esses parágrafos que podem estar nos clareando a direção de sua pesquisa: “Ao espírito criador construtivo da Revolução popular, que procurava caminhar, opunha-se o espírito policial que breve sufocaria o outro.” (p.82); “É sobretudo estudando essa maneira de **proceder** do povo, e não encarniçando-se no estudo da obra legislativa da Assembléia, que se apreende o espírito da grande Revolução - o espírito, afinal, de todas as revoluções passadas e futuras.” (p.100); “É que o movimento revolucionário - diz Fobert - se produziu tanto contra a centralização como contra o despotismo. Assim, o povo francês parece ter compreendido, no começo da Revolução, que a imensa transformação que se lhe impunha, não podia ser efetuada nem constitucionalmente, nem por uma força central: devia ser obra das forças locais e, para atuar, deviam estas usufruir uma grande liberdade.” (p.171); “O povo tem sempre um sentido verdadeiro da situação, ainda que não saiba exprimir corretamente, nem apoiar as suas previsões com argumentos de literato.” (p.226)

povo para conseguir satisfazer suas necessidades econômicas e suas demandas sociais, luta realizada sob a capa de uma manobra política que frustrou as esperanças populares. Se o grande objetivo de *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* não triunfou, assim mesmo deu-se a abolição do absolutismo e da servidão; idéias comunistas foram divulgadas.

Pressentindo que uma revolução estava por acontecer e preocupado com seu triunfo e/ou fracasso, se seria uma revolução jacobina ou libertária, busca fundamentação para a *ação política* que propunha tomando, em uma conjuntura revolucionária, o povo como sujeito histórico da mudança, visto ser ele o sustentador das aspirações de liberdade e aquele que se opõe ao espírito autoritário. Escreve, a respeito, o folheto *A Guerra* (1912).

Sua alternativa revolucionária resume-se em um processo de luta livre para impor um socialismo livre. Criticando as alternativas que considerava alienantes, escreve: “*Não se pode abolir o Estado buscando meter-se em suas filas*” (Kropotkin In *Polêmica* 1992:11). Está estabelecido o paradoxo: se a revolução representa a supressão de toda autoridade, como é possível construir um Estado operário? E se não se realiza a dita supressão, onde fica a revolução? Se *governo* é a negação da *iniciativa e da ação individuais* e se revolução é a apropriação *pelo povo* de toda a riqueza social, como defender um *governo revolucionário*?

Kropotkin, Malatesta e Reclus desenvolveram os princípios teóricos do *anarco-comunismo*, em que se rejeita tanto uma opção *individualista* (considerada teoria pequeno burguesa) como *coletivista* (proposta de alguns socialistas autoritários e libertários quanto à necessidade de um período de transição para se chegar ao comunismo). Para Kropotkin, qualquer via intermediária supõe a reprodução das condições de dominação. Ele se coloca contra a proposta de um governo transitório, eleito ou ditatorialmente formado. Em sendo a revolução um movimento crescente e não podendo encerrar-se dentro de uma forma institucionalizada, não se pode consagrar uma revolução institucionalizando uma autoridade, o que deteria a evolução, iniciando-se um processo de regressão:

“A inteligência de uns quantos é completamente incapaz de encontrar aquelas soluções que só podem surgir da vida do povo.” (Kropotkin, O Governo Revolucionário In Tragtenberg, 1987:114)

O governo revolucionário é o nó górdio da crítica anarquista ao modelo de transição marxista e, mais concretamente, leninista:

“E tudo isto por não terem compreendido que uma nova vida requer novos métodos; que a revolução não se faz agarrando-se a fórmulas antigas! Tudo isto por não terem compreendido a incompatibilidade do governo com a revolução, por não terem compreendido que, em qualquer forma que se apresente, um será sempre a negação rotunda da outra (...)” (O Governo Revolucionário In Tragtenberg, 115)

Ainda que as afirmações de Kropotkin explicitem uma fé um tanto extremada no povo, todos seus argumentos se baseiam em acontecimentos passados e confirmados na Rússia bolchevique.

A crítica ao sistema dominante capitalista tem que ser completada com a apresentação de um modelo socialista anti-autoritário de sociedade, rompendo os esquemas opressores, tendo como base dois princípios: *liberdade e igualdade social e econômica*, o que se resumiria no *comunismo libertário*, ou seja, criação de uma sociedade baseada na responsabilidade comunal individual. Esta idéia Kropotkin a desenvolveu em toda sua obra.

Homem de pensamento coerente e sistemático, era ele materialista e cientificista, o que significava reação contra a religião, que mantinha estreita vinculação com a exploração e opressão humanas, reação contra uma filosofia idealista posta a serviço das classes dominantes e do Estado absolutista. Não há nele intuições profundas como em Proudhon, nem variações filosóficas como em Bakunin. Tanto nos seus escritos como na sua atuação na AIT, pregava uma nova sociedade de iguais, que procuram o bem comum, sociedade constituída por federações (fabris, agrícolas, intelectuais, artísticas, etc.), onde imperaria a autonomia municipal e a federação entre eles, incluindo várias regiões e o país todo. Tudo isso deveria ser estabelecido por meio do acordo mútuo, livre, proporcionando abertura para inventos, para novas formas de produção, de organização propostas por indivíduos e/ou grupos, evitando-se a cristalização. Essa sociedade seria semelhante a um organismo vivo e sujeito à

evolução, não sentindo necessidade de ter governo, já que o *livre acordo* e a *federação* realizariam as funções que o Estado considera suas hodiernamente.

Nos últimos anos de sua vida, Kropotkin aprofundou os seus estudos sobre os princípios morais da nova sociedade. De volta à Rússia, depois de 40 anos de desterro, faz papel de *avaliador* da Revolução Russa tendo escrito, na época, mais de 20 cartas à Lênin, além de ter artigos publicados no mundo operário internacional — por exemplo *Manifesto aos trabalhadores da Europa Ocidental* — que retrata a situação da Rússia de 1917. Terminou sua vida escrevendo *Ética: origem e evolução da moral*.

Na ética kropotkiniana, o *bom* é tudo aquilo que é útil para o conjunto da sociedade e o *mal* é tudo que é pernicioso para o desenvolvimento progressivo dela. Para fazer a distinção entre o *útil* e o *pernicioso*, Kropotkin aconselha: “Faça com os demais o que gostaria que fizessem contigo nas mesmas circunstâncias.” Para ele, no entanto, a moral é mais do que retribuição (do dar e receber). Embora a concepção de moral tenha como fonte o conceito de justiça, que não é outra coisa que a igualdade, o sentir-se plenamente identificado com os demais, é necessário uma qualidade moral superior que surge com a superabundância de devoção, esse desejo de se dar mais do que se pede, que tem inspirado sempre os homens cujas ações trouxeram grandes contribuições ao progresso do gênero humano. O elemento regulador de nossas ações morais é a *opinião pública livre*⁸⁷.

Pelo exposto, sua contribuição ao movimento revolucionário foi muito menos como homem de organização e de Congresso do que como colaborador na imprensa operária.

Exerceu grande influência na França onde sua prisão também ajudou a propagar as suas idéias anarquistas⁸⁸ que atingiram vários outros países da Europa tais como Espanha, Itália, Inglaterra. Na América Latina foi também muito lido no final do séc.

⁸⁷ Para o anarquista, escreve Kropotkin, o “*meio de ação é opinião do povo e não a opinião pública da burguesia. A sua verdadeira arma é a insurreição.*” (*A Grande Revolução*, 1913:54)

⁸⁸ A influência de Kropotkin só foi superada nesse país pelo trabalho da militante Louise Michel, autora de novelas, dramas sociais, artigos para Enciclopédia Infantil e contos para crianças, colaborando com Emilie Gautier. No seu enterro, compareceram 100mil pessoas. Na Espanha e Itália foi considerado um pensador respeitado. Na Alemanha, suas teorias foram por muito tempo atacadas por John Most. O grande movimento anarquista holandês, ainda que aceitasse as teorias kropotkinianas, seguiu taticamente sob a influência de Domela Nieuwenhuis e Bart de Ligt. Na Inglaterra, o pequeno movimento anarquista foi em parte criação de Kropotkin, que fundou, nesse país, o periódico *Freedom*.

XIX e no início do XX. Foi conhecido também na Ásia Oriental: China, Japão, Coréia. (*Itineraire*, 1988:43)

Por último, no seu próprio país, o prestígio pessoal de Kropotkin foi sempre superior à sua influência como militante ou como pensador. Os anarquistas eram aí uma pequena minoria, e parte deles não estava de acordo com as suas idéias táticas.

Nos seus artigos propagandísticos, destacam-se categorias tais como: *revolta* e *evolução*. A *revolta* está associada à noção de bondade e também de justiça; não só é legítima como bendita tendo uma função básica e essencial que é a capacidade de ruptura em uma situação dada. Ela pertence à sua primeira fase de militância, mas perdurou no movimento anarquista para além desse período graças a suas brochuras, das quais destaco: *Aos Jovens*, *Governo Revolucionário*, *Lei e Autoridade*, *Espírito de Rebelião*.

O espírito analítico de Kropotkin, associando revolta e bondade, permite-lhe fazer perfeita e simultaneamente uma análise objetiva, sociológica, dos efeitos sociais e psicológicos das prisões, observando a violência que aí impera, mas compreendendo, desculpando seus atores diretos, remetendo a maior responsabilidade para a organização social existente. Seus estudos sobre esse tema estão, principalmente, no livro *Nas prisões russas e francesas*, publicado em 1887.

A outra categoria presente nos seus escritos, *evolução*, está associada à *revolução*. Ambas são complementares e se engendram em um mesmo movimento. Pareceu-me que *revolução* e *progresso* são também complementares; conceituava *progresso* como a efetivação do bem-estar para todos e a *revolução* seria o movimento para a efetivação do progresso, ou seja, a apropriação pelo povo de toda a riqueza social. É verdade que Kropotkin acredita na tendência geral da evolução, entendendo que a ignorância dos governantes e governados levaria à uma revolução violenta, mas tinha também consciência da hipótese da derrota (já estudada por ele na Comuna de Paris e na Revolução Francesa) bem como tinha também uma explicação possível para a derrota.⁸⁹

⁸⁹ Os motivos apontados por Kropotkin que levam a humanidade à regredir ao invés de evoluir são desenvolvidos em *Apoio Mútuo*.

Malatesta chega a ver otimismo exagerado e fatalismo teórico nas obras de Kropotkin. Seria esse otimismo revolucionário e fatalismo teórico características de Kropotkin ou de todo o movimento anarquista da época, quer na sua fase febril do terrorismo, quer no auge do sindicalismo revolucionário, do anarco-sindicalismo, quando a revolução social era sempre vista como fato iminente? Compreende-se pois, que, após a divisão entre marxistas e anarquistas na AIT, o anarquismo teve necessidade de tornar mais vivo aquilo que o separava da social-democracia e, no plano político, isso se concretizava pelo binário *ação parlamentar* versus *ação direta*. A ação parlamentar via a revolução mais longe e pregava que se aproveitasse as reformas.

A grosso modo, a evolução lógica do seu pensamento pode ser assim apresentada: por volta dos 40 anos de idade, desenvolveu crítica ao capitalismo e à autoridade apresentando um modelo revolucionário construtivo; aos 50, faz uma busca dos fundamentos científicos do anarquismo; aos 60, busca fundamentações históricas das condições revolucionárias e aos 70, desenvolve os princípios morais da nova sociedade. Realizou tudo isso como homem de ciência, inclusive quando se interroga sobre valores e idéias, ou seja, quando o discurso se torna mais filosófico.

Os livros *Palavras de um Rebelde* e *A Conquista do Pão* sintetizam os dois momentos (o crítico e o construtivo) das concepções sociais, já então consolidadas e que estão sendo bem aceitas no movimento anarquista, divulgadas com o nome de comunismo anárquico. (Freire, 1981:33)

Seu papel de *ator* exercido nos círculos de Tchaikovsky, na Rússia, sua militância na AIT agitando a imprensa operária internacional, tem uma pausa. Nos seus últimos vinte anos de vida, Kropotkin passou por um período de reflexão, quando o espírito científico sobressaiu mais do que o de militante agitador. Continua sendo *testemunha* tanto da vida do movimento operário internacional (com seus conflitos, com a formação da social-democracia, dos sindicatos revolucionários, desembocando tudo isso na guerra e nos abalos revolucionários subsequentes) como do movimento anarquista em si, ideológico, distinto do movimento operário apesar das evidentes ligações entre ambos.

Além de *ator* e *testemunha*, exerceu o papel de *teorizador* e *divulgador* principal de uma formulação ideológica global, com contornos, objetivos e métodos identificados, alicerçada em uma visão científica de mundo. É também o continuador do pensamento de Godwin, de Proudhon, de Bakunin e terá Malatesta como seu continuador.

Pelo exposto, Kropotkin mostra-se como figura significativa da história do anarquismo, como forte personalidade e também como personagem complexa: *ator*, *testemunha*, *teorizador* e *divulgador* no meio operário internacional e no meio científico de sua época.

Como teorizador da anarquia, pode ser legitimamente considerado como *intérprete da utopia anarquista*: antecipa uma visão societária anarquista; identifica na história e na sociedade de seu tempo, os elementos e sinais precursores da anarquia.

É verdade que nem sempre ele foi objetivo, por que a imaginação fértil e o desejo de descobrir novas perspectivas para os militantes da ação libertária, prejudicaram o seu raciocínio. Prejudicaram? Parece-me que ciência e utopia podem coexistir; hoje necessitamos muito dessas duas formas de pensamento: o científico e o utópico. Saliento ainda que, quando Kropotkin se referiu ao socialismo dito *científico*, escreveu que nele não havia uma só afirmação que não tivesse sido tirada do socialismo utópico⁹⁰.

“De fato, nas nossas sociedades, reforma e utopia são duas formas essenciais de apreensão da realidade e de intervenção social, as quais simultaneamente recusam as clivagens ideológicas, puramente formais, de que a alternativa entre reformismo e revolução (como, a outro nível, entre violência e não-violência) é um excelente exemplo.” (Freire, 1981:46)

⁹⁰Carta à J. Guillaume, 05 de maio de 1903, citada em Kropotkin. *Oeuvres*. Paris, Maspero, 1976.

2.1. A obra *Apoio Mútuo*

2.1.1. *Gênese e Estrutura de Apoio Mútuo*

A burguesia havia aproveitado os trabalhos de Darwin a seu favor, criando uma teoria social, denominada *darwinismo social*, de acordo com a qual a luta dos indivíduos na sociedade fortalece a espécie ao mesmo tempo que seleciona seus membros e, nessa luta, só há lugar para os mais fortes; essa concepção se resume em uma frase: *a lei da vida é a lei do mais forte*.

Não só os apologistas do capitalismo, mas também os marxistas⁹¹, haviam adotado essas idéias de competência ilimitada, vendo no proletariado a classe mais apta. (Woodcock, 1978:298) Embora Thomas Henry Huxley seja tido como o principal expoente da *teoria da luta pela vida* no séc. XIX, a base fundamental dessa discussão e seu uso como justificativa da ordem social existente, era muito mais antiga, embora não se expressasse como polêmica evolucionista em sua forma moderna.

Thomas Hobbes, autor de *Leviatã*, havia baseado sua justificação de Estado e de autoridade monárquica na teoria de que o homem primitivo é, por natureza, dado à luta fratricida, sendo que suas virtudes sociais advinham da força de uma autoridade superior. No final do séc. XVIII, quando esses argumentos passaram para o campo da economia, surgiu a obra de Godwin, primeira teorização orgânica do anarquismo como doutrina social madura e completa.

Godwin publicou, em 1793, seu *Enquiry Concerning Political Justice*⁹², que teve grande influência intelectual; ele defendia a *benevolência universal* como base das relações humanas, idéia não muito diferente da de Kropotkin sobre apoio mútuo. Sugeria que todos os homens deveriam fazer sua cota de trabalho manual; que deveria ser eliminada toda classe de atividades socialmente inúteis; que os benefícios da

⁹¹ Marcel Prenant tem procurado opiniões definitivas sobre Darwin nos livros de Marx e Engels; consultar sua obra, *Darwin*. São Paulo, Ed. Cultura, 1944. Quanto às idéias de Malthus, no mesmo sentido, consultar Meek, R. *Marx and Engels on Malthus*. Laurence and Wishard, London, 1953.

⁹² Obra elogiada por Marx e Engels, por condenar a desigualdade econômica e a opressão dos pobres em particular. Engels afirma que esta obra, junto e mais ainda que a de Bentham, está próxima do comunismo, e, portanto, é “*patrimônio exclusivo da classe operária*”, afirmação escrita na obra *A situação da classe operária na Inglaterra* (Tomassi, 1988:23-40)

ciência deveriam atingir a todos. Assim, o bem-estar seria gozado por todos e a um gasto muito menor de energia.

Quem refutou os argumentos de Godwin foi o clérigo T. H. Malthus. Ele sustentava que a população crescia mais rapidamente do que a produção alimentícia e que os fenômenos naturais (doenças, fome, fenômenos sociais) funcionavam como “barreiras positivas”, evitando o grande desastre da fome para todos. Para que o bem-estar existente fosse preservado, isto é, para que a fome só atingisse as minorias, que são eliminadas antes de alcançar sua plenitude num processo normal de competência ilimitada, seria necessário que não se alterasse esse processo. A luta generalizada dos indivíduos, na qual os débeis perecem, deveria ser mantida. Denunciava que a doutrina da *benevolência universal* de Godwin era uma concepção perigosa que poderia alterar a limitação natural da população, levando a sociedade a uma situação de fome para todos.

A Revolução Industrial viu com bons olhos a teoria malthusiana que atingiu o status de ensinamento clássico no sistema econômico vitoriano. Suas bases racionais e matemáticas foram eficazmente refutadas não só pela tardia resposta de Godwin (1820) como também pela *Resposta a Malthus*, de Hazlitt. Hoje, quando a possibilidade de um vasto incremento da produção de bens essenciais e a demonstração na prática que um maior bem-estar e uma maior instrução geram a queda da taxa de natalidade, a teoria malthusiana cai por terra.

Darwin leva o argumento do campo econômico ao biológico⁹³. Questionando os evolucionistas anteriores⁹⁴ (Lamarck, Buffon e seu próprio avô, Erasmus Darwin),

⁹³ John C. Greene tem se dedicado intensamente ao estudo do darwinismo. Escreveu *Science, ideology and world: essays in the history of evolutionary ideas*. Berkeley, University of California Press, 1981, obra que aborda as amplas repercussões da teoria biológica no pensamento ocidental. Considera que o darwinismo foi uma construção teórica dos anos 1860 para a qual convergiram principalmente quatro teóricos: C. Darwin, A. Wallace, H. Spencer e T. Huxley. O darwinismo chegou a constituir uma “visão de mundo.” E. Radl, autor de *Historia de las teorías biológicas*. Madrid, Alianza Ed., 1988, considera que a “visão de mundo” de Darwin é uma transposição do conceito de Estado dos economistas ingleses que o representavam como unidade constituída por indivíduos cujo egoísmo está limitado apenas pelo egoísmo dos demais. A obra de Darwin, para Radl, constitui uma sociologia da natureza. (Bizzo, 1991:9-27)

⁹⁴ Até o séc XIX, os naturalistas tinham quase por axioma a idéia da imobilidade das espécies biológicas. Lamarck (1809), em sua *Filosofia Zoológica*, defende, contrariando Igreja e Academia, a tese de que as espécies zoológicas se transformam, respondendo à uma tendência imanente de sua natureza e adaptando-se ao meio circundante, tese que serviu de base para a *Filosofia Sintética* de Spenser. Em *Origem das Espécies*, diferente de Lamarck, Darwin (1859) defende a não existência da

utilizou a *teoria da luta pela vida* como mecanismo chave para a *seleção natural* que favorecia as variações positivas e destruía as negativas. Declarou que a teoria malthusiana influiu muito na sua conclusão.

T.H. Huxley divulgando a teoria darwinista, chega a descrever o mundo animal como *um duelo de gladiadores* e a vida do homem primitivo como *uma luta livre constante* (Woodcock, 1978:300). Na sua concepção, os fatores de progresso são a competência, luta, animosidade, inveja e ódio; a luta entre grupos e indivíduos era, para ele, a lei da vida. Além de inevitável, era desejável como condição de progresso. Os crentes que, com dificuldade obedeciam a lei divina, ficaram contentes em descobrir que a lei natural justificava a competição ilimitada. *Luta pela existência* estava sendo utilizada, na Inglaterra, como sinônimo de *ai dos vencidos*, grito de guerra à infelicidade dos fracos.

Discutindo um artigo de Huxley, *A luta pela existência; um programa*, escrito em 1888, Kropotkin destaca a falsa e estreita interpretação das teorias darwinianas divulgadas por Huxley, acusando-as de fundamentar o *laissez-faire* capitalista, as teorias racistas de Gobineau, o malthusianismo, as teorias individualistas de Stirner e Nietzsche. Compreendendo o alcance reacionário e simplista desse artigo de Huxley, preocupou-se em responder a ele. Se Huxley tinha razão, caía por terra toda a teoria anarquista baseada no acordo voluntário, na cooperação. Escreve Kropotkin, no prólogo do ensaio *Justiça e Moralidade*:

“A conferência ‘Justiça e Moralidade’ eu a pronunciei na Fraternidade de Manchester, diante de uma audiência composta em sua maior parte por operários e pessoas que tomavam parte no movimento operário. Nessa Fraternidade eram dadas aos domingos de inverno importantes conferências. Atentando-se a uma exposição objetiva, podia-se investigar os mais sérios problemas.

“A data exata em que pronunciei esta Conferência não a posso fixar. Sei somente que foi depois de o famoso professor darwinista Huxley ter pronunciado na Universidade de Oxford (1888) uma lição que assombrou a todos seus amigos por ter demonstrado,

força imanente que impulsionava a evolução. As mudanças não são repentinas e sim graduais e acidentais. No lugar do impulso imanente, colocou a lei da *seleção natural* e a *sobrevivência do mais apto* (idéia de *luta pela vida*)

ao contrário de Darwin, que a moralidade não pode ter origem natural no homem, que a natureza do homem só ensina a maldade.

“A lição de Huxley, publicada no número de fevereiro da revista Nineteenth Century, e que pouco depois apareceu como folheto, provocou assombro geral e a impressão despertada persistia ainda quando eu preparava a minha conferência sobre a origem natural da moralidade.

“Dois ou três anos mais tarde, repeti essa conferência na Sociedade Ética Londrinense, ampliando-a na parte em que me referia à justiça.

“(...) traduzi a conferência para o russo e dou-lhe publicidade.

“Nos últimos trinta anos tenho-me dedicado cada vez mais, ainda que com interrupções, às doutrinas sobre a moral (...).

*“P. Kropotkin. Dmitrov, janeiro de 1919” (Kropotkin, *Justiça e Moralidade*, 1936:03-04)*

Desde 1860, já se interessava pelo assunto e sobre isso refletia com seu irmão Alexandre. Também durante suas expedições siberianas, havia descoberto que havia menos provas de lutas que de cooperação entre indivíduos da mesma espécie. Em 1882, já anarquista, tentando fundamentar cientificamente suas crenças, volta a essas questões, defendendo a solidariedade mutualista como fator evolutivo. Foi na prisão de Clairvaux que, ironicamente, desenvolveu sua célebre teoria da *ajuda mútua* segundo a qual a cooperação é mais importante que a competição ou a força bruta na progressiva evolução das espécies e estudou as teses de Kessler⁹⁵.

Respondendo a Huxley, Kropotkin escreve *Apoio Mútuo: um fator de evolução*, obra a mais representativa de sua personalidade intelectual. Nela ele se expressa como cientista e como pensador anarquista, como biólogo e como filósofo social, como historiador e como ideólogo. Verdadeiro tratado sobre a evolução, expressa uma

⁹⁵ Kessler, zoólogo russo, ex-decano da Universidade São Petersburgo apresentou, alguns meses antes de morrer, em Conferência no Congresso de Naturalistas (1880) a tese que ele defendia sobre ajuda mútua. Kropotkin entendeu que esta tese não estava suficientemente desenvolvida; interessou-se por esse trabalho, o que resultou na formulação de sua célebre *teoria da ajuda mútua* que ora estudamos. A conferência só foi publicada em russo, por isso, pouco divulgada.

particular interpretação do evolucionismo: parte da biologia para chegar à antropologia e depois ao campo sociológico das relações humanas;

Esta obra defende que **a ajuda e apoio mútuos, assim como a luta mútua estão presentes na vida dos animais e homens e que a ajuda e apoio mútuos constitui fator mais importante do que a luta mútua no processo de evolução dos animais e progresso dos homens.** Defende também que, nos grupos em que o *apoio e ajuda mútua* estão mais desenvolvidas, há maior possibilidade de sobrevivência. A *luta pela existência*, entendida como *competição*, não é o princípio ou a lei da biologia a qual o ser humano deva se subordinar; a *solidariedade* está no mesmo nível (ou acima) da *luta mútua*..

Assim como Marx solapou os fundamentos econômicos do liberalismo, do *laissez-faire*, Kropotkin destruiu os argumentos biológicos e antropológicos nos quais se baseava, privando-o assim de toda fundamentação filosófica, mediante essa obra, tese científico-filosófica, fundamento de toda a sua filosofia social e política e de todas as suas doutrinas, e interpretações da realidade contemporânea. Como gonzo entre aquele fundamento e essas doutrinas, encontramos uma ética de expansão.

Além de Elisée Reclus, geógrafo anarquista, outras duas pessoas apoiaram Kropotkin na sua rebeldia contra o dogma e a “atroz” interpretação huxleyana: James Knowles, diretor da Revista *Nineteenth Century* e H.W. Bates, autor de *Um naturalista no rio Amazonas*.

A obra *Apoio Mútuo* tem, como conteúdo dos dois primeiros capítulos, o exame da importância da *ajuda mútua* para o êxito e desenvolvimento das diferentes classes de animais; são resposta ao artigo de Huxley já citado. Os próximos dois capítulos explicitam a posição do autor quanto à mesma questão com respeito ao homem. O quinto e sexto, apresentam o estudo da cidade medieval livre e suas guildas de artesãos e o autor os considera os mais importantes. No sétimo e oitavo, Kropotkin assinala o papel corruptor do Estado militar. A edição que utilizei para meus estudos — Ediciones Madre Tierra, Espanha, 1989 — foi feita conforme a revisada e corrigida pelo próprio autor antes de morrer. Contém um novo prólogo escrito em Dmitrov, que não mais figura na edição russa de Golos Truda de Moscou (1922) e apresenta em

Apêndice juízos sobre algumas questões que eram objeto de controvérsia científica na época do autor.

A bibliografia citada e consultada por Kropotkin sobre o tema apresentado em *Apoio Mútuo* é riquíssima. Autores que se dedicaram ao assunto antes de Darwin receberam sua atenção tais como: Tousenel, Fée, Houzeau (que escreveu *Les Facultés Mentales*). Estudou obras tais como: *As sociedades animais*, de Espinas (Paris, 1887); *A luta pela existência e a associação pela luta* de Le Lanessan (1881), além de outras que tocavam de mais longe o problema, tais como: o ensaio de biologia da A. Comte, em *Política Positiva*; *Bases da Biologia*, de Spencer; *Colônias Animais*, de Perrier. Referindo-se à elas, escreve:

“Mas, apesar da excelente qualidade de cada uma, estas obras deixam, sem dúvida, ampla margem para uma investigação na qual a ajuda mútua foi considerada não somente em qualidade de argumento em favor da origem pré-humana dos instintos morais, como também como lei da natureza e um fator de evolução.. (Apoio Mútuo, 31)

Entende que sua obra poderia estar preenchendo uma lacuna muito importante.

Após a publicação de *Apoio Mútuo*, surgiram outros trabalhos sobre o assunto e Kropotkin deixa para a crítica literária a busca de coincidências, semelhanças e divergências entre elas e *Apoio Mútuo*. Desses trabalhos, cita: *As Leituras de Lowell sobre a Ascensão do Homem*, de Henry Drummond (Londres, 1894); *A Origem e o Crescimento do Instinto Moral*, de Sutherland (Londres, 1898); *Os Princípios da Sociologia*, de F. A. Giddings (N. Iorque e Londres, 1896).

2.1.2. Construção da categoria *solidariedade humana*

Investiguei a construção da categoria *solidariedade humana*, denominada por Kropotkin de *ajuda e apoio mútuos* em sua obra *El Apoio Mútuo*, bem como em seu ensaio *El Estado*⁹⁶, aplicação da teoria do apoio mútuo no campo da história social e considerado em um certo sentido, como o último capítulo de *Apoio Mútuo* (Woodcock, 175:304)

⁹⁶ Artigo apresentado em Conferência em Paris no ano de 1896 e publicado nesse mesmo ano em *Les Temps Nouveaux*.

Tese científico-filosófica, ao mesmo tempo que se contrapunha ao contratualismo, tanto na versão pessimista de Hobbes, que fundamenta o absolutismo monárquico, como na visão otimista de Rousseau, fundamento da democracia liberal, questionando os argumentos biológicos e antropológicos do liberalismo, fundamentava toda a filosofia social e política kropotkiniana.

Representa não só uma resposta ao darwinismo social de Huxley, mas também constitui uma busca de justificação científica para o anarquismo, no domínio da *sociabilidade*. Era preciso mostrar que, já na própria sociedade burguesa ou em outras anteriores, existiam potencialidades, tendências de comportamentos sociais que dispensam o sistema competitivo e autoritário da sociedade capitalista. ***O eixo desta obra está na demonstração de que há possibilidade e conveniência de se criar uma sociedade baseada na responsabilidade comunal individual.*** A mesma busca, no domínio da *economia*, levou Kropotkin a escrever *Campos, Fábricas e Oficinas*.

Embora o autor aborde em *Apoio Mútuo* outras questões⁹⁷ além da *sociabilidade* e emita juízos sobre questões que eram ou são objeto de controvérsia científica (vide Apêndice dessa obra), ele deixa claro o objetivo de seu estudo que não é, por exemplo, descobrir a origem da *sociabilidade*, mas tão somente demonstrar sua existência, ao lado da *luta mútua*, na vida dos animais e do homem, bem como demonstrar sua importância no desenvolvimento progressivo das espécies, tomando a *sociabilidade* como um dos fatores mais importante nesse processo. Demonstra que a prática do *apoio mútuo* entre os animais e o homem oferece melhor proteção contra inimigos; maior facilidade na obtenção de alimentos (provisões invernais, migrações, alimentação sob vigilância de sentinelas); prolonga os anos de vida; facilita o desenvolvimento das faculdades intelectuais, faculdades que deram ao homem a

⁹⁷ Kropotkin passa rapidamente, por exemplo, pela questão da hipótese do extermínio das formas intermediárias, advertindo que a categoria *extermínio*, utilizada por Darwin, deve ser entendida no sentido figurado. Não é possível provar que houve extermínio real de espécies intermediárias, nem que o extermínio se deu por falta de alimento e/ou por superpopulação. Uma leitura atenta das próprias obras de Darwin e de Wallace, comenta, nos ajuda a aceitar esse raciocínio e a compreender que as adaptações às novas condições de vida, o consumo de novos alimentos, é que podem dar origem a novas variedades, resultando na sobrevivência dos indivíduos que melhor se adaptarem a essas novas condições. Se se aceita a influência modificadora do meio ambiente nas espécies que vivem nele, então, conclui, há menos necessidade dessa hipótese. (*Apoio Mútuo*, 92) Os indivíduos que sobrevivem à fome e à epidemia, não são nem mais fortes, nem mais sãos, nem mais inteligentes. O que a seleção natural realiza nos períodos de calamidade, escreve, se reduz à conservação dos indivíduos dotados de uma maior *resistência* para suportar toda classe de privação. (*Apoio Mútuo*, 99)

possibilidade de criar instituições⁹⁸ que auxiliam ainda mais a humanidade a sobreviver na luta dura contra os fenômenos naturais e sociais (estes últimos criados também pelo homem), a autoaperfeiçoar-se, apesar de todas as vicissitudes da história. Além do mais, as espécies que, voluntária ou involuntariamente renunciaram à prática da *solidariedade*, estão condenadas à extinção. Comenta Kropotkin:

“E por isto o presente livro⁹⁹ é livro da lei de ajuda mútua considerada como uma das principais causas ativas do desenvolvimento progressivo, e não a investigação de todos os fatores de evolução e seu valor respectivo. Era necessário escrever este livro antes que fosse possível investigar a questão da importância respectiva dos diferentes agentes da evolução.” (Apoio Mútuo, 35)

Investigar obras de naturalistas de campo, bem como analisar os próprios dados que colhia diretamente ou através das informações que recebia por carta de amigos que atendiam às suas solicitações, constituiu-se em trabalho para Kropotkin por sete anos. Apoiou-se nos estudos da psicologia animal e da ética humana, bem como na hipótese defendida, mas não suficientemente desenvolvida, pelo zoólogo russo Kessler, em conferência apresentada no Congresso de Naturalistas (1880): *a ajuda mútua é fator mais importante para o êxito da luta pela vida e, particularmente, para a evolução progressiva das espécies do que a luta mútua*¹⁰⁰.

Deixando de lado escritores anteriores à Darwin, como Tausenel e Fée, várias obras que continham muitos exemplos surpreendentes de *ajuda mútua* e que ilustravam

⁹⁸ Kropotkin refere-se à tribo, comuna rural, cidade livre da Idade Média, guildas. Quando essas instituições de ajuda mútua, por exemplo, passam, na história, a perder suas características primeiras, transformando-se em obstáculo para o progresso, aparece a rebelião que tanto pode ser com o objetivo de fazer voltar as instituições a suas raízes ou de destruí-las para melhor dominar as massas. Nesta reflexão cabe estudar o papel do “individualismo” ou da “auto-afirmação” no desenvolvimento progressivo da humanidade, estudo que exigiria muitos anos de trabalho, afirma Kropotkin, para não se cair na estreita visão de “individualismo” então propagada., inclusive pela História na forma que apresenta os heróis, por exemplo. Pensa ele em analisar esse assunto posteriormente.

⁹⁹ *Apoio Mútuo* foi a primeira obra do século XX que colocou em movimento todas as idéias e investigações que, em meados deste, adquiriram forma no *princípio de cooperação*. (Montagu, 1993:30)

¹⁰⁰ Acrescenta Kropotkin que a importância do fator *ajuda mútua* não escapou à atenção de Goethe que, em 1827, ao observar animais adotando filhotes órfãos, aconselhou ao zoólogo Eckerman que fizesse um estudo especial desse tema, pois: *“Si resultara cierto que alimentar a los extraños es inherente a la naturaleza toda, como algo que tiene carácter de ley general, muchos enigmas quedarían entonces resueltos.” (Apoio Mútuo, 31)* Kropotkin considera provável que Brehm, autor de *Vida ilustrada de los animales*, obra escrita em 1870, tenha sido levado, por essa observação de Goethe, a reunir em suas obras materiais tão ricos sobre a ajuda mútua entre animais.

especialmente a inteligência dos animais, foram publicadas antes do trabalho de Kessler e Kropotkin cita inúmeros deles (*Apoio Mútuo*, 43-44). Refere-se à obra de Espinas, *As sociedades animais* (1877), que assinala a importância das sociedades animais e sua influência sobre a origem das sociedades no geral; reuniu praticamente tudo o que se havia escrito até então sobre *ajuda mútua*. Se apesar disso Kropotkin faz menção ao discurso de Kessler é porque este elevou a *ajuda mútua* à altura de uma lei de maior importância para a evolução que a lei da *luta recíproca*. O interesse pelo estudo dessas idéias, após Kessler, Kropotkin encontra na obra de Lanessan, *A luta pela existência e a associação pela luta* (1881); em G. Romanes, *Inteligência Animal* (1882) e *Evolução Mental nos Animais* (1883). Como vemos, escreve Kropotkin, a idéia estava no ar.

Estudou as comunidades camponesas da Rússia, a ação da massa na Revolução Francesa, na Comuna, observando que *solidariedade* se apresentava como fator imprescindível no processo de transformação social, embora não suficiente (ela é meio e é fim). *Solidariedade*, afirma, pressupõe relação igualitária, justa e livre entre todos os membros de uma mesma sociedade e sua prática foi aprendida e desenvolvida no decorrer dos tempos, quando se criava as organizações sociais passadas. Escreve:

*“Aqui entra o **instinto de sociabilidade**, que se desenvolveu lentamente entre os animais e os homens (...), e que ensinou por igual a muitos animais e homens a terem consciência dessa força que eles adquirem praticando a ajuda e o apoio mútuos, e também a terem consciência do prazer que se pode alcançar na vida social.*

“(...) Porém a sociedade, na humanidade, de nenhum modo foi criada sobre o amor¹⁰¹ nem tampouco sobre a simpatia. Criou-se sobre a consciência — ainda que instintiva — da solidariedade humana e da dependência recíproca dos homens.” (*Apoio Mútuo*, 32)

Considerava sua hipótese de trabalho como o desenvolvimento máximo das idéias anunciadas pelo próprio Darwin em *Origem dos Homens* e fazia referência ao fato de os zoólogos não terem dado atenção devida a esse tema até então:

¹⁰¹ Apesar de ter investigado, não me ficou claro o conceito de *amor* em Kropotkin. Pareceu-me que é um sentimento tido como agradável, semelhante a *gostar*, o que dá *prazer* imediato.

“A sociabilidade, isto é, a necessidade experimentada pelos animais de associar-se com seus semelhantes, o amor à sociedade pela sociedade, unido ao ‘gozo da vida’, só agora começa a receber a devida atenção por parte dos zoólogos.” (Apoio Mútuo, 83)

Apoio Mútuo apresenta os animais e também os homens primitivos de um ponto de vista muito favorável: as qualidades sociais são destacadas em excesso, enquanto as inclinações antisociais, a auto-afirmação apenas são assinaladas. No entanto, é preciso considerar o quadro em que a obra foi escrita. Se o autor destaca em excesso as *qualidades sociais* dos animais e dos homens, é para fazer um contra ponto ao que se propagava em sua época, afirma, quando se tinha como dogma, como religião da sociedade instruída o princípio da *luta de cada um contra todos*.

O reconhecimento por H. Spencer¹⁰² da ajuda mútua na luta pela existência entre os animais já era muito importante, assinala Kropotkin, porém esse estudioso não aceitava que o mesmo se desse entre os homens. Segundo Kropotkin, Spencer, ao escrever *Bases da Sociologia*, utilizou-se de falsos dados fornecidos por missionários e viajantes do século XVIII e princípio do XIX.

A introdução na ciência da concepção da *luta pela existência* como condição do desenvolvimento progressivo, realizada por Darwin e Alfred Russel Wallace, repercutiu nas diferentes áreas do conhecimento, principalmente em filosofia, biologia e sociologia. Darwin considerava que *a luta pela existência era rigorosíssima entre indivíduos e variedades de uma mesma espécie* e tomou esse princípio como axioma. Apesar de fazer advertência contra o uso muito literal do termo *luta pela vida*, ele imaginava a luta contra as forças ambientais e também a luta entre indivíduos, como elemento dominante do processo evolutivo. Posteriormente, ele reconheceu o valor da

¹⁰² Spencer estende a idéia de evolução à matéria inorgânica (Primeiros Princípios, 1862) e à sociedade cultural (Princípios de Sociologia, 1876). A *luta pela existência* e a *sobrevivência do mais apto* representava não somente o mecanismo pelo qual a vida se transforma e evolui, como também a **única via de todo progresso humano**. Estavam assentadas as bases do que se chamaria darwinismo social que deu origem ao feroz capitalismo manchesteriano e ao ignominioso racismo, comenta Cappelletti na Introdução de *El Apoio Mútuo*, 1989:09. Spencer, ao aplicar o evolucionismo darwinista, começou pela crítica do Estado, mas acabou restaurando e justificando suas funções. Além disso, o individualismo spenceriano tornou-se incompatível com qualquer forma de organização socialista, entendendo a *luta pela vida* (*struggle for life*) como o verdadeiro impulso de todo progresso social.

cooperação¹⁰³, porém não desenvolveu suficientemente essa idéia.(Kropotkin, 1978:74-84)

A obra de Darwin, bem como a de Wallace podem fundamentar idéias falsas se não forem objeto de investigação bem séria e profunda, salienta Kropotkin. Ele encontra em Wallace a afirmação de que muitas vezes, na luta, vencem os mais débeis fisicamente em virtude do seu maior poder de multiplicação rápida, à maior capacidade de adaptação às condições climáticas hostis ou à maior astúcia que lhes permite evitar os ataques de seus inimigos comuns. Então, reflete Kropotkin, o que se atribui à competição, à luta, pode ser que não seja *competição* nem *luta*; pode ser que seja a capacidade de adaptação às condições novas.

Kropotkin sente falta, na teoria de Darwin, de uma reflexão comparativa entre a *luta individual* pela vida entre os membros de uma mesma espécie de animais e a *luta de toda a comunidade* contra os obstáculos materiais e inimigos de outras espécies. Para o autor de *Apoio Mútuo*, está bem claro que:

*“Os mais aptos, os melhores dotados para a luta com todos os elementos hostis são, de tal modo, os animais sociais, de maneira que se pode **reconhecer a sociabilidade como o fator principal da evolução progressiva**, tanto indireto, porque assegura o bem-estar da espécie junto com a diminuição do gasto inútil de energia, como direto, porque favorece o crescimento das faculdades intelectuais.”* (*Apoio Mútuo*, 86)

Mas, ele se depara com dois problemas: a conceituação do termo “**mais apto**” e a delimitação do papel da competição na vida do ser social. Escreve:

“Mas a questão reside nisto: chega esta competição até os limites supostos por Darwin ou, ainda, por Wallace? E, desempenhou no desenvolvimento do reino animal o papel que se lhe atribui?” (*Apoio Mútuo*, 88)

Os darwinistas, comenta nosso autor, restringiram ainda mais estes estudos, a ponto de se ter como última palavra, na Biologia, o *ai dos vencidos*. Recapitulemos seus

¹⁰³Darwin mostra inclusive, comenta Kropotkin, que, em inúmeras sociedades animais, a luta pela existência entre indivíduos *desaparece completamente*, sendo substituída pela *cooperação* e nesse caso não são os “**mais aptos**” os que são fisicamente mais fortes, mais astutos, mais hábeis, mas sim os que melhor sabem se unir e apoiar-se mutuamente para o bem de toda sua comunidade. Comunidades que possuem maior quantidade de indivíduos que se simpatizam entre si, acrescenta Darwin, florescem melhor e deixam mais descendentes.

princípios: a *luta dos indivíduos* na sociedade *fortalece a espécie*, ao mesmo tempo que *seleciona* seus membros e, nessa luta, só há lugar para os mais fortes; a sobrevivência dos *mais aptos* atua como meio de *seleção natural*, assegurando o progresso da raça. Essa concepção se expressa nas frases: *a lei da vida é a lei do mais forte; salve-se quem puder; é a lei da selva*. Esta última expressão traduz uma visão do mundo animal como se ele fosse composto somente de leões e hienas que trazem nos seus dentes pedaços de carnes ensangüentados. Isto, afirma Kropotkin, é o mesmo que reduzir a vida da humanidade às guerras e massacres.

Para Huxley, por exemplo, o estado normal da existência é a guerra hobbesiana de uns contra todos, como está explicitado nos trechos de seu artigo *A luta pela existência e sua relação com o homem*, citado por Kropotkin:

“desde o ponto de vista do moralista, o mundo animal se encontra no mesmo nível que a luta de gladiadores: alimentam bem os animais e os lançam na luta; em consequência, só os mais fortes, os mais ágeis e os mais astutos sobrevivem unicamente para entrar em outra luta no dia seguinte. Não é necessário que o espectador abaixe o dedo para exigir que sejam mortos os débeis; os mais débeis e os mais estúpidos estão condenados à morte; sobrevivem os mais astutos e aqueles a qual é mais difícil machucar, aqueles que melhor adaptam-se às circunstâncias, mas que de nenhum modo são melhores nos outros sentidos. A vida era uma luta constante e geral, e, com exceção das relações limitadas e temporais dentro da família, a guerra hobbesiana de um contra todos era o estado normal da existência.” (Apoio Mútuo, 42)

Para combater, de forma científica, essa posição, desenvolve seus estudos e pesquisas primeiro no mundo animal e depois entre os homens.

Por que, em Darwin, a ênfase está na *luta*, no *conflito*? Não só a tradição científica anterior, que via a Natureza por meio de lentes hobbesianas, contribuiu para isso. Estudiosos¹⁰⁴ de Darwin apresentam-no como defensor do sistema capitalista, como

¹⁰⁴ Bizzo, 1991, em sua tese de doutorado, que tem por objetivo trazer contribuições para os cursos de Biologia da escola secundária, focalizando o ensino de Evolução, apresenta algumas evidências de que existem razões ideológicas para que o darwinismo seja apresentado de forma distorcida. Alguns estudiosos de Darwin entendem que o darwinismo seja uma “visão de mundo.” Muito útil será o estudo desta tese para que melhor se compreenda, inclusive, não só a repercussão dessas teorias no

opositor às idéias socialistas e comunistas. Escritos seus parecem confirmar essa idéia:

“A perfeita igualdade entre os indivíduos que compõem as tribos da Terra do Fogo deverá retardar-lhes, por muito tempo, a civilização (...) até que algum chefe se levante (...). Atualmente o simples pedaço de tecido que se dá a um índio é rasgado em mil pedaços para contentar a todos, nenhum ficando mais rico do que o outro.”
(Darwin In Bizzo, 1993:56)

“Nos selvagens, os fracos de corpo ou mente são logo eliminados; os que sobrevivem, geralmente exibem um vigoroso estado de saúde. Nós, homens civilizados, por outro lado, fazemos de tudo para impossibilitar o processo de eliminação, construímos asilos para os imbecis, inválidos e doentes, instituímos leis para os pobres, e nossos médicos dão tudo de si para salvar a vida de qualquer um até o último momento. É difícil acreditar que a vacinação tenha salvado milhares que, por terem uma constituição fraca, teriam morrido de varíola. Assim, proliferam os membros fracos das sociedades civilizadas. Ninguém que tenha se dedicado à criação de animais domésticos duvidará que isso é absolutamente prejudicial para a raça humana. É surpreendente ver como os cuidados excessivos, ou incorretamente aplicados, conduzem rapidamente à degeneração de uma raça doméstica, e ninguém, exceto o homem, é tão ignorante ao ponto de permitir que seus piores animais procriem.”
(Darwin In Bizzo, 1991:74)

O primeiro texto deixa claro a sua crença na competição generalizada, como única forma de se atingir o estágio “superior” da “civilização.” O segundo mostra que as leis que Darwin via atuando sobre os seres vivos eram aquelas que atuavam sobre o homem.

Se Darwin trouxe argumentos do campo econômico ao biológico, Huxley leva esses argumentos ao campo das ciências sociais, sustentando que a luta de um contra todos era o único fator da evolução.

pensamento ocidental, mas também a importância do debate de Kropotkin em sua época e sua atualidade.

Kropotkin mostra admiração e respeito tanto pelos estudos de Darwin como pelos de Huxley. Considerava a obra de Darwin como a culminação biológica e a tinha continuamente presente como arquétipo do método científico. Com base nela, pretendia, pois explicar a origem e desenvolvimento da sociedade humana. Nesse ponto, os resultados da ciência pareciam-lhe coincidir precisamente com o socialismo e, de modo particular, com o socialismo anárquico. Kropotkin, inclusive, não aceitava que da teoria de Darwin poder-se-ia concluir que a sociedade era fruto de um pacto de não agressão, como afirmava Huxley.

Já estamos diante de um quadro complexo: como Kropotkin poderia se utilizar da obra de Darwin, considerando entre eles as diferenças de “visão de mundo”? Tarefa difícil, não impossível, talvez, inclusive porque a ciência se propõe “neutra”.

Darwin buscava uma correspondência entre as leis da Natureza e as da Sociedade, desconsiderando que as leis da Natureza, universais e necessárias, não podem coincidir com as da Sociedade, fruto de convencionalismos e, por isso, perfeitamente alteráveis, segundo poderes e interesses. Kropotkin, igualmente, pretendeu o mesmo e a diferença está em que ele, fiel observador da realidade, se negou a reduzir a vida social dos homens a uma luta cruel entre seus semelhantes, mostrando-se inimigo da desigualdade econômica e da injustiça que semelhante situação engendrava. Para ele, o mundo natural não refletia o que acontece na sociedade e sim o que **deveria** acontecer. Partindo, pois, de seus ideais de fraternidade universal, que deveriam reger a vida dos homens, fundamenta esta convivência em umas leis naturais, de cuja aplicação nas relações humanas surgiria uma sociedade, sobretudo, mais harmoniosa e justa que a estabelecida pela *competitividade* e pela *luta* capitalista.

Desse modo, tanto para Darwin como para Kropotkin, a busca do principal fator determinante na evolução das espécies responde também a um intento de justificar cientificamente um modelo de sociedade, porém a discrepância surgida no momento de estabelecer qual seria esse fator é o que separa as convicções capitalistas de Darwin das anarquistas de Kropotkin. O autor de *Apoio Mútuo* vê profunda conexão entre teoria social, filosofia política, concepção de natureza e de sociedade humana.¹⁰⁵

¹⁰⁵ Kropotkin, no Prefácio da Edição Francesa em *O Anarquismo e a Ciência Moderna* (1913) desenvolve essa idéia. A análise de uma teoria social qualquer, escreve, nos leva ao estudo não apenas de um programa partidário e de um ideal de reconstrução da sociedade. Tem esta análise conexão com

Quando foi convidado para continuar a série de artigos sobre a ciência moderna na revista londrina *Nineteenth Century*, escrita até então por Huxley que, por motivo de saúde, interrompia o trabalho, relutou em aceitar e assim justifica:

“É que os assuntos científicos que Huxley tomava por temas não constituíam meras palestras literárias, mas estudos sérios de ciência em cada um dos quais explorava a fundo duas ou três grandes questões científicas de suma importância que ele debatia admiravelmente, dando ao leitor, em um estilo compreensivo, a análise cerrada e crítica das descobertas modernas em que essas questões incidissem.” (Kropotkin, *O anarquismo e a Ciência Moderna*, s/dt:06)

A Royal Society enviava-lhe convites especiais para suas “memoráveis sessões, com o objetivo de lhe facilitar o trabalho. Diante disso e da insistência de Knowles, diretor da revista citada, Kropotkin resolve assumir e, durante um decênio (1892-1902) escreve artigos sob o título de *Recent Science* que depois publicados em forma de livro: *El Apoyo Mútuo*.

Inicia sua obra com um exame da vida das espécies animais, passando para a análise da vida do homem primitivo¹⁰⁶; examina a vida do homem nas cidades livres da Idade Média com suas guildas, finalizando seu estudo com a investigação sobre a ajuda mútua na cidade moderna, quando assinala o papel corruptor do Estado Militar que colocou obstáculos ao desenvolvimento das cidades livres, destruindo suas guildas, atravancando o desenvolvimento da ciência, arte, ofícios e comércio. Ao mesmo tempo, deixa bem claro que, apesar da decomposição das federações e uniões livres pela *centralização* estatal, estas federações e uniões estão surgindo e apoderando-se de novos domínios.

Kropotkin trabalha com a idéia de que o homem é o que é a sua sociabilidade, isto é, o homem apresenta forte tendência ao apoio mútuo e à convivência permanente.

um sistema qualquer de filosofia, de concepção da natureza e das sociedades humanas. Ele observava que a tendência das ciências naturais era a de explicar os grandes fenômenos da Natureza pela ação dos infinitamente pequenos e, nas ciências sociais, a tendência era de reconhecer como prioritário os direitos do indivíduo, ao invés dos interesses do Estado; via relações entre esta tendência atual e suas idéias anarquistas.

¹⁰⁶ “*Sobre la cuestión del hombre respondí también en dos artículos donde, después de un estudio cuidadoso de la rica literatura moderna sobre las complejas instituciones de la vida tribal, que no podían analizar los primeros viajeros y misioneros, descubrí estas instituciones entre los salvajes y los llamados ‘bárbaros’.*” (*Apoio Mútuo*, 26)

Acreditava que, no capitalismo, a *solidariedade* não se efetivaria plenamente; o que se tem nessa sociedade é um convite de origem cristã a atos de misericórdia nos quais já está implícito o sentimento de superioridade, de desigualdade. Relações igualitárias, justas e livres são pressupostos da *solidariedade*. A liberdade também não existe no capitalismo, pois ela está condicionada à exploração de uns sobre os outros, a liberdade de uns é sustentada pela escravidão de outros.

Considerando o homem como elemento do mundo animal, afirma que este muito aprendeu observando a vida dos animais, principalmente quando vivia na intimidade com eles. As lendas, contos, cantos, danças, tradições mostram o respeito que tinha pelo animal, considerado como um ser misterioso, conhecedor da natureza, um verdadeiro professor do homem.

2.1.2.1. A ajuda mútua entre os animais

A construção da categoria solidariedade humana, como já assinalamos, passa pelo estudo da vida dos animais.

Primeiramente, faz-se necessário salientar que Kropotkin não aceitava investigar o comportamento de animais fora de seu *habitat*¹⁰⁷. Muitos animais apresentam uma vida noturna intensa; outros se ocultam sob a terra; os ruminantes, com sua vida social e migrações, oferecem muito material para estudo, mas não permitem ao homem aproximar-se de seus rebanhos. Por isso, o estudo de algumas espécies ficava prejudicado. Era difícil estudar a vida dos peixes enquanto a vida das aves era bem conhecida, graças à investigações realizadas por zoólogos em regiões pouco povoadas pelo homem (América, África Central). Uma outra dificuldade advinha da relação que existe entre o tipo de comportamento de certos animais e a presença do homem: é provável que certos mamíferos e aves que não são gregários, o foram antes do contato com o homem:

“Até agora se prestou pouca atenção a estas circunstâncias, mas sabemos que existem espécies cujos indivíduos levam uma vida completamente solitária em regiões densamente povoadas, enquanto que aquelas mesmas espécies ou seus congêneres

¹⁰⁷ Darwin extraiu muitos exemplos da vida de animais domésticos o que, segundo Kropotkin, diminui o valor do próprio exemplo.

mais próximos vivem em rebanhos, em lugares não habitados pelo homem. Neste sentido podemos citar como exemplo os lobos, raposas, ursos e algumas aves de rapina.” (Apoio Mútuo, 54)

As investigações de Kropotkin sobre o mundo animal tiveram início na Sibéria Oriental e norte da Manchúria quando, ainda muito jovem (1861-67), viajou em companhia do destacado zoólogo Ivan S. Poliakov. Dessas investigações resultaram duas constatações importantes. De um lado, observou a dureza da luta pela existência contra a natureza inclemente que causava uma pobreza de vida e uma despovoação; de outro lado, não viu a tal luta cruel, pelos meios de subsistência *entre animais pertencentes a uma mesma espécie*, o que os darwinistas consideravam como o traço predominante e característico da luta pela vida e como a principal força ativa do desenvolvimento gradual no mundo animal. Ao contrário, observou que, quando os obstáculos que a Natureza oferecia eram muito grandes, a parte da espécie afetada perdia tanta energia e saúde que, com certeza, este período não resultava em nenhuma evolução progressiva da espécie. Assim concluiu Kropotkin que nenhuma evolução progressiva das espécies poderia basear-se em tal período de luta aguda:

“reconhecer a impiedosa luta interior pela existência nos limites de cada espécie e considerar tal guerra como uma condição de progresso, significaria aceitar algo que não só não foi demonstrado ainda, mas também que de nenhum modo é confirmado pela observação direta.” (Apoio Mútuo, 29)

A *ajuda e apoio mútuos*, certamente colaboram mais do que a *luta mútua* para o desenvolvimento do progresso das espécies, além de proporcionar o maior bem estar e gozo da vida para cada indivíduo e ao mesmo tempo com o mínimo de desgaste inútil de energia, de forças.

A competição é sempre daninha para a espécie; não constitui regra geral para o mundo animal: muito pelo contrário, Kropotkin observa que os animais evitam a competição. Ilustra essa idéia com exemplos: as migrações das aves se realizam via organização associativa buscando saída para uma futura escassez de alimento no local; a formiga cria suas “vacas”¹⁰⁸, que servem de alimento nos tempos difíceis;

¹⁰⁸ Linneo, estudioso dos animais, ao se referir à construção de ninhos especiais e cercados para a cria de pulgões, chamou estes insetos, pitorescamente, de “vacas das formigas”. (Apoio Mútuo, 50)

roedores se entregam ao sono invernal quando chega a época da possível competição; colônias de castores, ao se reproduzem muito, dividem-se em duas partes: os velhos descem o rio e os jovens sobem, para evitar a competição. Como se vê,

“Na grande luta pela existência — pela maior plenitude e intensidade de vida possível com o mínimo de desgaste desnecessário de energia — a seleção natural busca continuamente meios com o objetivo de evitar a competição enquanto for possível.” (Apoio Mútuo, 100)

Com relação às abelhas, sucede o mesmo, comenta Kropotkin, e a existência de atos antisociais no seu meio não invalida a hipótese que está sendo apresentada:

“É sabido que sempre há um certo número de abelhas que preferem a vida de ladras à vida laboriosa de trabalhadoras; tanto nos períodos de escassez de alimentos como nos períodos de abundância extraordinária, o número de ladras cresce rapidamente. (...) o roubo, a preguiça e, muitas vezes, a embriaguez, tornam-se fenômenos comuns entre as abelhas.” (Apoio Mútuo, 52)

Kropotkin acredita que a seleção natural deverá aniquilar incessantemente as ladronas já que a prática da reciprocidade se mostra mais vantajosa para a espécie que o desenvolvimento de indivíduos dotados de inclinações para o roubo. (Apoio Mútuo, 52)

Dos seus estudos, conclui:

“Logo que começamos a estudar os animais não unicamente nos laboratórios e museus, mas sim nos bosques, nos prados, nas estepes e nas zonas montanhosas, observamos que, apesar de que entre diferentes espécies e, em particular, entre diferentes classes de animais, em proporções sumamente vastas, observa-se a luta e o extermínio mas, simultaneamente, nas mesmas proporções, ou talvez maiores, observa-se o apoio mútuo, a ajuda mútua, e a proteção mútua entre os animais pertencentes à mesma espécie ou, pelo menos, à mesma sociedade.” (Apoio Mútuo, 43)

São inúmeros os exemplos que evidenciam a prática do apoio mútuo entre animais da mesma espécie: os besouros se unem para carregar algo cujo peso não conseguem suportar individualmente; a formiga, farta de mel, reparte esse mel com formigas

famintas; as aves cantam avisando o lugar em que existe alimento, os papagaios, em caso de perigo, prestam, entre si, o apoio mútuo e vivem sempre em união amistosa.

Seria muito difícil, ou mesmo impossível, comenta Kropotkin, quantificar e comparar estes fenômenos que expressam *apoio mútuo* ou *luta mútua*. Então, satisfaz-se com uma verificação indireta perguntando à natureza:

“Quem são os mais aptos? Aqueles que constantemente lutam entre si ou, pelo contrário, aqueles que se apoiam entre si? Em seguida veremos que os animais que adquiriram os costumes de ajuda mútua tornaram-se, sem dúvida alguma, os mais aptos. Têm mais possibilidades de sobreviver como indivíduos e como espécie, e mais alto desenvolvimento mental e organização física. Se considerarmos os inúmeros fatos favoráveis a esta opinião, se pode dizer com segurança que a ajuda mútua constitui tanto uma lei da vida animal como a luta mútua.” (Apoio Mútuo, 43)

Observa nosso autor que os animais se associam com objetivos diversos (caça, migração, defesa mútua, gozo da vida), e obedecem “regras” ultrapassando os limites da família: durante a caça, a *halioetos abicilla*, uma espécie de águia, tem como regra deixar as águias mais velhas se alimentarem primeiro, enquanto as mais jovens vigiam; os pelicanos, que chegam a contar com até 50.000 aves na América do Sul, organizam a sua caça dividindo-se em três grupos: parte dorme, parte vigia e outra parte se dirige a pesca. (Apoio Mútuo, 57) Estes exemplos Kropotkin retirou dos estudos de Syeverstsof, de Brehm, de Bates, de Darwin e de outros naturalistas¹⁰⁹:

O fenômeno das migrações exige uma preparação esmerada por parte das aves que realizam muitas reuniões, exercícios de vôo e até “estudo” do roteiro de viagem. Quando a migração se dá sem preparação, motivada por um problema climático, por exemplo, torna-se uma catástrofe. (Apoio Mútuo, 79)

Também no processo de defesa mútua é interessante citar exemplos: aves grandes como águias marciais, que são capazes de levantar em suas garras uma lebre, quando enfrentam, sozinhas, associações de pássaros pequenos como os milanos, cedem. A função de proteção é exercida de diferentes modos, segundo as circunstâncias:

¹⁰⁹ Syeverstsof, *Fenômenos periódicos en la vida de los animales y aves en le Provincia de Voronezh*, Moscou, 1885; A. Brehm, *Vida ilustrada de los animales*, São Petersburgo, 1870; H. W. Bates, *The Naturalist on the River Amazons*. Foi Bates quem recolheu material para Darwin e Wallace.

“... o revolvepedras — Strepsilas Interprens — quando está rodeado de camaradas pertencentes a espécies de estatura maior, deixa que se eles se ocupem da proteção de todos, e até se torna uma ave bastante tímida; mas quando está rodeado de pássaros menores, toma a seu cargo, no interesse da sociedade, o serviço de sentinela, e faz com que lhe obedeam, disse Brehm.” (Apoio Mútuo, 67)

Kropotkin observa que os animais sociais são alegres, gostam de folguedos e facilmente se unem a outras espécies de animais. Por puro prazer, as aves realizam vôos em bando, exercitam o canto em comum. O papagaio encontra prazer no convívio com sociedades de outras aves; os corvos voam muitas milhas, na Índia, para passar a noite com os papagaios; muitos animais brincam entre si; a lebre, que não vive em sociedade e nem é dotada de forte sentimento paternal, não pode viver sem se reunir para os jogos comuns. Afirmo Kropotkin que os jogos constituem a manifestação da *sociabilidade* no verdadeiro sentido da palavra, traço peculiar de todo o mundo animal (Apoio Mútuo, 84) Kropotkin transcreve palavras de Brehm com respeito ao assunto:

“Estando com ânimo de brincar, a gralha levanta do chão, dançando, pedrinhas, pedacinhos de madeira, os arremessa ao ar tratando de agarrá-los; torce o pescoço, desdobra as asas, dança, brinca, corre, e, (...) expressa seu bom humor ...” (Apoio Mútuo, 61)

Muitas vezes, o apoio mútuo extrapola a espécie: gralhas e papagaios são muito sociáveis entre si, com seus congêneres e também com a maioria das aves aquáticas; não tem quase inimigos, destacam-se por sua prudência e inteligência e, em cativeiro, se afeiçoam muito ao homem. Kropotkin cita palavras de Brehm: *“A gralha não vê no homem um amo, mas um amigo, e trata de demonstrar sê-lo de todos modos.” (Apoio Mútuo, 60)* Observou-se também que, diante de uma tormenta, por exemplo, dá-se a união de aves de diferentes espécies, ou seja, a desgraça comum une diversas espécies de aves. (Apoio Mútuo, 70)

Da observação da vida dos animais selvagens em liberdade, nosso autor pôde concluir que a vida em sociedade desenvolve os sentimentos sociais, morais, afetivos e as faculdades mentais. Ele constatou a presença do sentimento coletivo de justiça, princípio fundamental da moral, do sentimento da compaixão, primeiro passo no

desenvolvimento dos sentimentos morais superiores e constatou o desenvolvimento intelectual das espécies. Alguns exemplos confirmam esta hipótese: o pelicano cego alimentado por seus iguais, o macaco que só abandona o outro macaco ferido quando se certifica que ele está morto, o papagaio, sumamente social, ocupando o primeiro posto pelo desenvolvimento de sua capacidade intelectual e inclusive denominado de *ave-homem*.

Da vida dos papagaios, Kropotkin retira alguns dados interessantes: quando um deles é morto por um caçador, o restante começa a voar sobre o cadáver lançando gritos de tristeza e chegam a cair, eles mesmos vítimas de sua afeição amorosa. Se dois papagaios cativos, mesmo de espécies distintas, contraem amizade e um deles morre, o outro quase sempre morre de tristeza. Sobre estes, escreve:

“Unicamente o homem, graças a sua inteligência superior, e a suas armas — que também constituem o resultado de sua vida em sociedade — pode, até certo ponto, exterminar os papagaios. Sua mesma longevidade se deve de tal modo ao resultado da vida social. E muito provavelmente, é necessário dizer o mesmo com respeito a sua memória surpreendente, cujo desenvolvimento, sem dúvida, favorece a vida em sociedade, e também a longevidade, acompanhada pela plena conservação, tanto das capacidades físicas como intelectuais até uma idade muito avançada.” (Apoio Mútuo, 63)

Mas, observa, ao lado das calandrias marinhas, cujas relações familiares são encantadoras e comoventes, temos os pingüins que roubam ovos uns dos outros:

“A natureza é a variedade mesma, e oferece todas as matizes possíveis de caracteres, até o mais elevado; por isso não é possível representá-la em uma afirmação generalizada. Menos ainda pode julgá-la desde o ponto de vista moral, posto que as opiniões mesmas do moralista são resultado — a maioria de as vezes inconsciente — das observações sobre a natureza.” (Apoio Mútuo, 67)

A vida social, continua nosso autor, se encontra no mundo animal em todos os graus de desenvolvimento podendo ser observada desde os insetos¹¹⁰ até os mamíferos superiores. Na medida em que nos elevamos na escala da evolução, a vida social vai

¹¹⁰ Perrier, em *Colonies Animales* desenvolve essa idéia de Hebert Spencer.

se tornando mais consciente, perdendo seu caráter puramente físico, deixando de ser instintiva para ser racional. Nos vertebrados superiores, se apresenta temporária, periódica, respondendo às necessidades definidas (migração, reprodução, caça, defesa mútua).

Embora considere que os interesses do indivíduo e do grupo são idênticos, afirma que a associação, ao tomar formas mais elevadas, vai assegurando maior independência para cada indivíduo, sem privá-lo, ao mesmo tempo, das vantagens da vida social. Refere-se, por exemplo ao desenvolvimento da iniciativa individual entre as formigas:

“A sociabilidade das formigas conduz também ao desenvolvimento de outro traço essencial de sua vida, a saber: o enorme desenvolvimento da iniciativa individual que, por sua vez, contribuiu para que se desenvolvesse na formiga tão elevadas e variadas capacidades mentais que produzem a admiração e o assombro de todo observador (...).

“O princípio da iniciativa pessoal não foi reconhecido em seguida. Os observadores anteriores muitas vezes falavam de ‘reis’, ‘rainhas’, ‘administradores’, etc., mas depois que Huber e Forel¹¹¹ tornaram públicas suas observações cuidadosas e conscienciosas, é impossível duvidar de que em todas as ações das formigas (incluindo suas guerras) se oferece a cada indivíduo uma ampla margem para manifestar a iniciativa individual.” (Apoio Mútuo, 50)

Os exemplos extraídos da vida das formigas — que prosperaram apesar de não possuírem traços “defensivos”¹¹² — e térmitas bastariam, segundo Kropotkin, para se concluir que a *ajuda mútua* (que conduz à confiança mútua, primeira condição da bravura) e a *iniciativa pessoal* (primeira condição do progresso intelectual) são os dois fatores mais importantes que a luta mútua no desenvolvimento dos animais. A força das espécies animais reside no apoio mútuo e na confiança mútua.

¹¹¹ Piere Huber. *Recherchessur les fourmiès*. Genebra (1818); Forel. *Recherches*

¹¹² *“Su color les hace muy visibles (...) los grandes hormigueros (...) llaman la atención (...). La hormiga no tiene caparazón duro; su agujón, por más que resulte peligroso cuando centenares se hunden en el cuerpo de un animal, no tiene gran valor para la defensa individual. No obstante (...) infunden terror a insectos que son bastante más fuertes que ellas mismas.” (Apoio Mútuo, 50)*

Kropotkin finaliza o tema da *ajuda mútua* entre os animais com a exortação seguinte ressaltando que a esta voz obedeceram os animais que alcançaram a mais elevada posição em suas classes respectivas. A essa voz obedeceu o homem primitivo.

“Uni-vos! Praticai a ajuda mútua! É o meio mais justo para garantir a segurança máxima tanto para cada um em particular como para todos em geral; é a melhor garantia para a existência e o progresso físico, intelectual e moral.” (Apoio Mútuo, 101)

Essa investigação do autor de *Apoio Mútuo* no mundo animal o levou a conclusões muito importantes que lhe possibilitaram denunciar a falsidade, ou pelo menos, a parcialidade da visão hobbesiana de mundo, então propagada pelo darwinismo social de Huxley.

Contra argumentando o princípio de que a *luta mútua* era a única prática ou a prática hegemônica na luta pela vida, ele mostra, ao contrário, a prática de *ajuda e apoio mútuos* como hegemônica, apesar de ser difícil ou mesmo impossível, como ele afirma, quantificar os fenômenos que expressam um ou outro comportamento. Mostra, inclusive, que a seleção natural busca continuamente meios para evitar, o quanto seja possível, a competição, sempre daninha para a espécie.

Suas observações também levaram-no a rejeitar a crença na existência de uma luta cruel pelos meios de subsistência *entre animais pertencentes a uma mesma espécie*, tida pelo darwinismo social como o traço predominante e característico da luta pela vida, como a principal força ativa do desenvolvimento gradual no mundo animal. O que ele constatou foi uma solidariedade muito forte entre indivíduos de uma mesma espécie respondendo à diferentes necessidades (caça, migração, defesa mútua, prazer, afeto) que muitas vezes abrangia, inclusive, outras espécies. A prática da solidariedade só deixa de acontecer, explica Kropotkin, quando há abundância ou escassez de alimentos e a espécie que deixa de ser solidária, tende à extinção.

Constatou também que a *solidariedade* além de prática hegemônica, é fator mais importante que a *luta mútua* no processo de evolução da espécie, não só porque traz economia nos gastos inúteis de energia ou porque proporciona maior prazer e bem estar para todos mas também pelos seus frutos mediatos e imediatos. Observou que, enquanto a *luta mútua* quase nunca fortalece a espécie, a solidariedade sempre

fortalece a espécie. Não são os mais fortes que sobrevivem e sim os *mais aptos*, afirma Kropotkin, entendendo por *mais apto* os animais sociais, os que praticam a solidariedade pelo menos entre elementos pertencentes a uma mesma espécie.

A solidariedade apresenta-se em diferentes graus de desenvolvimento desde os insetos até os mamíferos superiores, deixando de ser instintiva para se constituir racional, acentuando cada vez mais a independência do indivíduo sem privá-lo, simultaneamente, das vantagens e alegria de cooperar com a vida social.

Na Natureza, encontramos tantos animais que desenvolvem atos de solidariedade como também atos anti-sociais. Por isso, afirma Kropotkin, a Natureza não pode ser julgada com base em um ponto de vista moral, já que, inclusive, as opiniões mesmas do moralista são resultado, na maioria das vezes inconsciente, de sua pré concepção particular de mundo.

Mas Kropotkin se mostra bastante otimista acreditando que a própria seleção natural tende para o aniquilamento dos atos antisociais.

2.1.2.2. A ajuda mútua entre os selvagens

A teoria hobbesiana, quando afirmava que o *homem era lobo do homem*, já trazia implícito o conceito negativo de lobo, ou seja, de animal. Foi a desmistificação desse conceito que Kropotkin trabalhou nos dois primeiros capítulos de *Apoio Mútuo*, ressaltando, inclusive, que possivelmente animais (certas espécies de aves e de mamíferos) deixaram de ser gregários após o contato com o homem.

A concepção de homem apresentada nessa teoria, que justifica a necessidade de Estado é o que será questionado nos capítulos restantes de *Apoio Mútuo*. Também os missionários religiosos contribuíram com a visão difundida de que o selvagem era um ser que precisaria ser “salvo”; abordando-os em uma relação de desigualdade, desenvolveram para com eles atitudes que explicitavam um olhar misericordioso (que, segundo Kropotkin, expressa superioridade) e/ou condenavam seus hábitos e costumes, por não compreenderem ou não aceitarem o *diferente*.

Nem por isso defendia a idéia rousseauiana idealizada de homem, teoria que não foi suficiente para se tornar hegemônica, deixando espaço para que a teoria hobbesiana

do século XVI ainda conseguisse predominar no século XIX, ganhando aparência científica ao receber como acréscimo não as idéias de Darwin, mas sua terminologia. É o que está explicitamente expresso no artigo de Huxley do qual Kropotkin extrai o trecho:

“Mais além dos limites familiares orgânicos e temporais, a guerra hobbesiana de cada um contra todos era o estado normal de sua existência.” (Apoio Mútuo, 42)

Então, quem é o *homem* para Kropotkin? É aquele cuja presença prejudica a sociabilidade no animal? É aquele que, ao viver em grande intimidade com o animal, tomou-o como *professor* aprendendo com ele a desvendar os mistérios da Natureza e a obedecer certas regras de sociabilidade, desenvolvendo-as chegando à criação de instituições de *ajuda e apoio mútuos*?

O autor de *Apoio Mútuo*, faz suas as idéias de Darwin: a debilidade comparativa do homem e a pouca velocidade de seus movimentos e também a insuficiência de suas armas naturais, etc., foram mais que compensadas em primeiro lugar por suas faculdades mentais que se desenvolveram principalmente, ou quase exclusivamente, no interesse da sociedade; e em segundo lugar, por suas *qualidades sociais*, em virtude das quais prestou ajuda. (*Apoio Mútuo*, 123)

A humanidade sempre viveu em sociedade, antes mesmo de ter alcançado sua postura ereta; clãs e tribos foram a forma primitiva de organização da humanidade. A idéia de que a família é produto tardio dessa evolução é o que Kropotkin conclui de seus estudos na área da etnologia, baseando-se nas investigações de cientistas tais como: Bachofen, MacLennan, Morgan, Eduard B. Taylor, Maine, Post, Kovalevsky, refutando a hipótese que tanto Hobbes como os filósofos do séc. XVIII defendiam representando o gênero humano primitivo em forma de pequenas famílias nômades.

A complexidade da organização tribal descrita por Luiz Morgan revela que o selvagem não constituía uma turba de homens e mulheres pouco unidos entre si, que se reuniam desordenadamente sob a influência de caprichos momentâneos. As relações maritais conheciam limites, deveres; suas paixões pessoais eram freadas pela única autoridade que conheciam: a opinião pública. O trabalho era realizado em comum, pela tribo inteira e a vida transcorria na paz, sem grandes choques bélicos; a hostilidade entre tribos, no geral, advinha de superstições e não do *excesso de*

densidade de população ou da *competição*, ironiza Kropotkin e o individualismo desenfreado é manifestação dos tempos modernos, de maneira nenhuma é própria do homem primitivo, continua.

A vida dos selvagens ainda existentes, comenta nosso autor, pôde lhe oferecer material de estudo para que ele recuperasse hábitos e costumes praticados no passado: os descendentes reais ou supostos de uma raiz comum estavam unidos pelo suposto parentesco em pequenos clãs que se organizavam em federação, antes da aparição dos europeus. Caçavam em comum e repartiam a presa; assistiam a seus feridos, demonstrando sólido afeto a seus camaradas. Possuidores de um bom coração, fiéis a suas promessas, tinham também um grande amor por seus filhos. Quando um europeu queria escravizar uma mulher, bastava roubar-lhe o filho¹¹³. Escreve nosso autor:

“Quando os europeus incultos entraram em contato pela primeira vez com as raças primitivas, habitualmente apresentavam suas vidas de modo caricaturesco; mas bastou que um homem inteligente vivesse entre os selvagens um tempo mais prolongado, para que os descrevesse como o povo ‘mais manso’ ou ‘mais nobre’ do mundo. (...) Semelhante declaração tive ocasião de ler sobre os tunguses, os chukchis, os índios sioux e algumas outras tribos selvagens.” (Apoio Mútuo, 115)

Para a investigação da moral do selvagem, Kropotkin utilizou-se de dados do *Boletim da Sociedade de Antropologia de Paris* (1888) e de obras tais como: *As Tribos Esquimó*, 1887, do Dr. Rink; *Memórias sobre o departamento de Unalaska*, 1840, de O. Veniaminof; *Os Primitivos* (1889) de E. Reclus, além de suas próprias observações. Um missionário, que viveu em North Queensland, Lumholtz dá o seguinte testemunho: os selvagens conhecem o sentimento de amizade, cuidam dos débeis, dos enfermos; são antropófagos, mas raramente comem membros da própria tribo; o infanticídio é praticado só com o consentimento comum; nunca matam os anciãos; não possuem religião nem ídolos e somente temem a morte; são polígamos; não existe escravidão; não cultivam, não usam roupas; o clã é formado por 200 pessoas divididas em quatro classes de homens e quatro de mulheres.

Kropotkin não vê na prática do infanticídio, do parricídio e/ou da antropofagia motivo para que não se considere elevada a moral tribal, já que essas ações são realizadas na

falta total de condições para sustentar a todos; não é ato de crueldade e sim o último recurso. Inclusive, os pais chegam a jejuar para alimentarem os filhos em época de escassez; mães e/ou tias chegam a praticar suicídio com o objetivo de cuidarem da criança morta, no outro mundo; quanto ao parricídio, é o velho que, geralmente, pede a morte ao se sentir um peso para o grupo. A antropofagia, só depois, sob a influência da religião, é que se converteu em puro rito supersticioso.

O direito comum do selvagem é sua religião; a idéia de clã está sempre presente em sua mente e por isso, as autolimitações e o sacrifício no interesse do clã constitui fenômeno comum; os interesses do grupo se identificam com os interesses do indivíduo. Os primitivos odiavam o homicídio e evitavam o derramamento de sangue; ferir era tão grave que, a cada gota de sangue vertida, não só sangue humano, mas de certos animais, exigia-se que o agressor perdesse igual quantidade do seu; quando alguém cometia homicídio, deveria pagar uma multa tão grande que ficava arruinado para o resto da vida, chegando muitas vezes ao suicídio, quando não era absolvido pelo grupo; outra alternativa era a de a família da vítima adotar o criminoso como filho, o que quase sempre acontecia. A esposa que deveria morrer sobre o túmulo de seu esposo e que volta à tribo para morrer depois de ser “salva” da morte por europeus é uma mostra da importância, para o indivíduo, dos valores tribais. Entre os selvagens, existia uma regra sem exceção: todo o sangue derramado deveria ser vingado, princípio presente, inclusive, entre animais sociais e isto, explica Kropotkin, porque era grande o valor que se dava à vida. (Nos últimos 50 anos, continua nosso autor, não foi registrado nenhum assassinato entre os esquimós pertencentes à mesma tribo).

Como cada clã representava uma unidade separada, observa-se uma dupla moral: a moral tribal comum e a moral intertribal.

“A tradição, como demonstraram muito bem Maine, Post ou Nys, já elaborava os germens do que mais tarde haveria de converter-se em direito internacional.” (El Estado, 213)

Por isso, em tempo de guerra entre tribos, pode-se verificar a prática de crueldades para com o inimigo e que podem ser consideradas atos heróicos. A dupla concepção da moral nós a conhecemos, observa Kropotkin, entre nós:

¹¹³ Kropotkin estudou inúmeros autores, entre elas: Lichtenstein, Johann van der Walt, Burchell y

“Nós, europeus, fizemos algo — não muito, em todo caso — para superarmos esta dupla moral; porém é necessário também dizer que, se até um certo nível estendemos nossas idéias de solidariedade — pelo menos em teoria — a toda a nação, e às vezes também à outras nações, ao mesmo tempo debilitamos os laços de solidariedade dentro de nossa nação e até dentro de nossa própria família.” (Apoio Mútuo, 134)

É entre os selvagens, então, que Kropotkin observa a existência de instituições e costumes que representam o embrião das futuras instituições e costumes baseados na ajuda e apoio mútuos.

2.1.2.3. A ajuda mútua entre os bárbaros

Kropotkin vai agora analisar o *período bárbaro*, período que vai desde o surgimento da *comuna rural* — que sucedeu à organização tribal — até a formação dos Estados contemporâneos. (Apoio Mútuo, 142)

Embora não aceite bem a denominação de “bárbaro”, resolve utilizar a expressão:

“Aos bárbaros — isto é, aquelas tribos que os romanos chamaram ‘bárbaros’ e que, seguindo as classificações de Morgan, chamarei com esse mesmo nome para diferenciá-los das tribos mais primitivas, dos chamados ‘selvagens’ — se apresentava (...) um problema: deixar sua clã e dissolver-se em grupos de famílias debilmente unidas entre si, das quais, as famílias mais ricas (especialmente aquelas nas quais as riquezas se uniam às funções do sacerdócio ou a glória militar) se apossavam do poder sobre os outros; ou buscar alguma nova forma de estrutura social fundada sobre algum princípio novo.” (Apoio Mútuo, 139)

O que aconteceu, nos primeiros séculos de nossa era, foi que muitas tribos tiveram que imigrar desde a Ásia até a Europa devido, provavelmente, ao rápido processo de dessecação¹¹⁴. Acabaram destruindo o Império Romano. Essas migrações provocaram o desfacelamento de tribos, fusões de tribos de diferentes origens, surgimentos de família patriarcal, “o núcleo formado pela monopolização que alguns faziam das mulheres conquistadas ou roubadas das tribos vizinhas”. (El Estado, 214)

A *unidade tribal*, baseada no parentesco, estava rompida; a organização tribal perdeu o sentido. Surge a comuna rural, uma nova forma de organização, baseada agora na posse comum da terra. O estudo dos códigos bárbaros desse período bem como a observação da vida dos kabilas, buriatos, hindus, africanos que sobreviviam no tempo de Kropotkin, possibilitou a reconstrução plena dessa forma de sociedade que foi o ponto de partida de nossa atual civilização, afirma nosso autor (*El Estado*, 215) e que chegou a existir por mais de quinze séculos.

Kropotkin considera a comuna rural como uma fase geral do desenvolvimento do gênero humano, principal arma da dura luta contra a natureza, um renascimento natural da organização tribal - pelo menos em todas as tribos que desempenharam ou desempenham até o presente, escreve ele, algum papel na história - **célula primitiva de toda vida social futura**. (*Apoio Mútuo*, 140)

A comuna, continua, foi chamada a vida pelo gênio social criador do homem; ajudou o homem a atravessar os períodos mais sombrios da história sem se desintegrar em conglomerados de famílias e/ou indivíduos desligados entre si. (*Apoio Mútuo*, 166)

“A comuna rural não só era uma associação para assegurar a cada um a parte justa no desfrute da terra comum; era, também, uma associação para o cultivo comum da terra, para o apoio mútuo em todas as formas possíveis, para a defesa contra a violência e para o máximo desenvolvimento dos conhecimentos, os laços nacionais e as concepções morais; e cada mudança no direito jurídico, militar, educacional ou econômico da comuna, era decidido por todos, na reunião do mir da aldeia, na assembléia da tribo, ou na assembléia da confederação das tribos e comunas. (*Apoio Mútuo*, 144)

A comuna, sendo continuação do clã, herdou suas funções; representava a *universitas*, o *mir* em si mesmo. Era composta de famílias que tinham em comum a terra, repartida entre elas segundo o número de indivíduo, segundo suas necessidades e suas forças. O consumo se dava por família, ou nas “casas largas” (que alojavam várias famílias e/ou jovens).

¹¹⁴ Processo no qual os rios e lagos secam. Mais informação sobre esse fenômeno, consultar *Apoio Mútuo*, 138 e o artigo de Kropotkin, *The dessication os Asia* in *Geographical Journal*, da sociedade Geográfica de Londres, 1903.

Diferentemente da organização tribal, que destruía os bens do morto, a comuna rural reconhecia a acumulação privada de riquezas dentro da família — que possuía seu gado, horta e provisões — e sua transmissão hereditária, mas não a propriedade territorial privada. A terra, que foi adquirida em comum, seria cultivada e defendida em comum. Somente os bens móveis, “que podem ser destruídos pelo fogo”, diziam, pode se constituir em propriedade particular. Só com a prolongada influência do direito romano e da Igreja é que os bárbaros passaram a admitir a propriedade privada territorial. (*Apoio Mútuo*, 143)

Ela reconhece a independência da família e a iniciativa pessoal, mas é suficientemente forte para se opor às tendências de domínio da minoria composta por feiticeiros, sacerdotes e guerreiros.

Laços estreitos ligavam fortemente os indivíduos da comuna, portanto, toda desavença entre duas pessoas era assunto da assembléia comunal que não tinha outra força para fazer cumprir sua sentença se não a sua autoridade moral.

A comuna rural era a soberana juíza e legisladora do direito consuetudinário. Observa Kropotkin que **todas** as instituições que o Estado se apropriou mais tarde em benefício de uma minoria, todas as noções de direito que encontramos (mutiladas em benefício dessa minoria) em nossos códigos e todas as formas de procedimento judicial que ofereçam a garantia ao indivíduo, tiveram sua origem no município comunal.

“Assim, quando acreditamos haver feito um grande progresso estabelecendo, por exemplo, o jurado, não fazemos mais que retornar às instituições dos chamados bárbaros, depois de tê-las modificado em proveito das classes dominantes. O direito romano não fez outra coisa além de sobrepor-se ao direito consuetudinário.” (*El Estado*, 216)

Quanto à sua organização externa, a comuna rural se unia em tribos, e estas em federações e confederações. Algumas federações eram tão unidas que Kropotkin relata um fato: durante quarenta anos, os vândalos cuidaram das terras comuns e aldeias abandonadas de seus confederados, não se apossando delas até que tiveram a certeza de que esses não tinham intenção de regressar. (*Apoio Mútuo*, 152) A paz e não a guerra era a lei da vida cotidiana; o homem nunca foi tão brutal nem tão

estúpido para desejar a guerra sem que antes fizesse muitos esforços para evitá-la e, por isso, criava inúmeras instituições que tinham função de prevenir a guerra ou buscar alternativas.¹¹⁵

“O ‘bárbaro’ imaginário, isto é, o homem que luta e mata os homens por bagatelas existiu tão pouco na realidade quanto o ‘sanguinário’ selvagem de nossas literaturas.” (Apoio Mútuo, 147)

Nosso autor observa a sobrevivência de alguns costumes oriundos da comuna tais como: cultivo comum de uma porção de terra com o objetivo de ajudar os indigentes, de armazenar para o coletivo, para festas religiosas.

Kropotkin investiga a vida dos povos que viviam nas ilhas do Oceano Pacífico, nas estepes da Ásia e nas mesetas da África, verdadeiros museus históricos contendo mostras de instituições intermediárias, desde a organização tribal dos selvagens até a organização estatal. Cita exemplos tirados da vida dos mongóis buriatos, especialmente dos que vivem na estepe de Kudisnk: formam *ulus* ou *comuna rural* que reunidos, formam a tribo e cada quarenta e seis tribos formam uma confederação; a mesma organização tem todos os duzentos e cinquenta mil buriatos da Sibéria Oriental, apesar de já estarem sob o domínio russo à mais de trezentos anos e conhecerem as instituições russas. (*Apoio Mútuo*, 154) A desigualdade de fortunas entre eles se deve ao contato com o governo russo que oferece caminhos de enriquecimento aos príncipes (*taisha*) buriatos¹¹⁶. Entre os buriatos, o pobre entra na casa de qualquer um para comer e dormir, por *direito*, não por caridade; a família que perde seu gado, recebe vacas e cavalos para recomeçar. Não há comércio entre elementos da mesma comuna e nem se paga serviços prestados entre eles.

Kropotkin refere-se à caça tribal em comum dos buriatos, que também está presente entre índios peles vermelhas e entre os chineses das margens do Usuri. Essa caça recebe o nome de *aba*; acontecem *abas* nacionais que congregam caçadores eleitos nos diversos clãs. As provisões trazidas para esse *aba* devem ser iguais e, por isso, são pesadas à mão por um ancião eleito. Os conquistadores russos da Sibéria, escreve

¹¹⁵ Kropotkin apoiou-se também nas obras de Henry Maine, *Internacional Law* (1888) e de E. Nys, *Les origines du droit international* (1894), para chegar a esta conclusão.

¹¹⁶ Os príncipes eram eleitos pelos próprios buriatos.

nosso autor, se surpreenderam tanto com os costumes comunistas dos buriatos que os denominaram de *bratskyie* (os fraternais) e informaram Moscou de que eles tinham tudo em comum e que tudo era dividido entre todos. (*Apoio Mútuo*, 154)

Estudando o resultado das investigações de dois franceses — Hanoteau e Letourneau em *La Kabylie* (1883) — sobre a vida de um outro povo, os kabilas; nosso autor mostra a auto-organização desse povo que não conhece outra autoridade a não ser a *djemâa*, a assembléia da comuna rural. Nessa instância, as decisões são tomadas por unanimidade; ela determina seus impostos, administra a repartição das terras comunais e os trabalhos de utilidade pública (estradas, fontes, cercas das aldeias, etc.). A desigualdade econômica existe entre eles, mas o provérbio: “*Da miséria e do cárcere ninguém está livre*” explica a prática deles que consideram a pobreza como uma eventualidade que pode apresentar-se a qualquer um: quando um pobre solicita ajuda, o rico trabalha em seu campo. (*Apoio Mútuo*, 157)

Se algum kabila deixa de socorrer outra kabila, a comuna do que foi danificado recebe indenização da comuna do egoísta. O estrangeiro também merece acolhida no inverno; durante a fome dos anos 1867-68 os kabilas do distrito de Dellys alimentaram doze mil pessoas estrangeiras. Sobre esse fato, escreve Kropotkin:

*“Ainda que entre os colonos europeus se tomavam todas as medidas policiais possíveis para prevenir o roubo e a desordem originados pela afluência de estrangeiros, não foi necessário nenhuma vigilância semelhante para o território Kabilenho; as **djemâas** não tiveram necessidade de defesa nem de ajuda exterior.”* (*Apoio Mútuo*, 158)

Um outro traço interessante da vida dos kabilas é citado por Kropotkin: a *anaya*, que objetiva diminuir o mal causado pela guerra. A praça, o mercado, são *anaya*, isto é, lugar de encontro entre kabilas e estrangeiros. A estrada até a fonte é *anaya* em caso de guerra; não pode ser perturbada. Nosso autor se refere a outra *instituição*, o *cof*, que não conhece limites territoriais, recruta seus membros em diferentes aldeias e entre estrangeiros, oferecendo proteção; é uma tentativa de completar a associação territorial por meio de um agrupamento extraterritorial.

Uma outra obra examinada por Kropotkin, *Os costumes modernos e a lei antiga*, de M. Kovalevsky, traz muitos exemplos do mesmo gênero. Os montanheses

caucasianos também têm *anaya*. Por exemplo, em uma luta, se uma mulher atira um lenço que lhe serve de adorno, essa luta deve ser interrompida. O adorno é um *anaya*. Se a luta termina em homicídio, a compensação monetária imposta ao homicida o arruina por toda a vida, a não ser que seja adotado como filho pela família do morto. Escreve Kropotkin¹¹⁷:

“Até agora, no Cáucaso, quando uma guerra de tribos, por vingança de sangue, termina em paz, o ofensor toca com seu lábios o peito da mulher mais anciã da tribo, e de tal modo se converte em ‘irmão de leite’ de todos os homens da família ofendida. Em algumas tribos africanas, o homicida deve dar em matrimônio sua filha ou irmã a um dos membros da família do morto; em outras tribos deve casar-se com a viúva do morto; e em todos os casos, se converte, depois disto, em membro da família, cuja opinião é escutada em todos os assuntos familiares importantes.”
(*Apoio Mútuo*, 150)

Os princípios morais elaborados pelas antigas *comunas rurais* merecem nossa admiração, afirma nosso autor que elenca mais algumas das regras seguidas pelos bárbaros: fazer franca e varonilmente o que se deve, sem temer os inimigos, as enfermidades nem o destino; ser livre e atrevido em todos os atos; ser gentil e generoso para com os amigos e congêneres; ser severo e temível com os inimigos, porém cumprir, para com eles, todas as obrigações devidas; não ser murmurador nem caluniador; não dizer na ausência de uma pessoa nada que não se atreva a dizer em sua presença; não despedir de sua casa o homem que pede alimento ou refúgio, mesmo que seja o próprio inimigo; entre vizinhos, a vaca e a vasilha de ordenhar é um bem comum e, por isso, é necessário que se ordene a vaca para si e para aquele que poderá pedir leite.

Kropotkin se surpreende com a semelhança das comunas bárbaras entre si, apesar da diversidade de climas e raças em que se desenvolvem. Baseando-se em Waitz e De Stuers¹¹⁸ afirma que, onde a comuna rural foi menos oprimida pelos conquistadores, observa-se menos desigualdade de bens materiais e menor crueldade nos atos de vingança; onde a comuna foi destruída definitivamente, os habitantes sofrem uma

¹¹⁷ Informação extraída de M. Miller e M. Kovalevsky em *En las comunas montañosas de Kabardia*, obra escrita em 1884 e de Post em *Afrikanische Jurisprudenz*, 1887.

¹¹⁸ Kropotkin não cita obras e nem outras informações sobre De Stuers e Waitz.

opressão insuportável por parte dos governantes déspotas; as tribos que conservaram suas confederações tribais encontram-se em um nível mais elevado de desenvolvimento e possuem uma literatura mais rica. São palavras de Kropotkin:

“Ainda que os guerreiros se destruíssem entre si e os sacerdotes glorificassem esses homicídios, as massas populares prosseguiram levando a vida cotidiana e fazendo seu trabalho habitual. Seguir esta vida da massa, estudar os métodos com cuja ajuda mantiveram sua organização social, baseada em suas concepções de igualdade, de ajuda mútua e do apoio mútuo — isto é, seu direito comum — mesmo quando estavam submetidos à teocracia ou à aristocracia mais brutal no governo, estudar esta fase do desenvolvimento da humanidade é muito importante atualmente para uma verdadeira ciência da vida.” (Apoio Mútuo, 134)

Nosso autor assinala que poucos historiadores investigam essa busca pela humanidade da *unidade tribal* perdida; tratam mais de fatos que *perturbam a paz* do que da *busca da paz*; referem-se mais às *lutas* do que a busca da *união* - e acreditando que o homem não constitui uma exceção na natureza estando ele também sujeito ao grande princípio da *ajuda mútua*, que assegura as melhores oportunidades de sobrevivência somente àqueles que mutuamente se prestam o máximo apoio na luta pela existência, escreve:

“Provavelmente não está longe a época em que se haverá de escrever novamente toda a historia da humanidade em um novo sentido, tomando em conta ambas correntes da vida humana” — ele se refere a luta e à união mútua — ***“apreciando o papel que cada uma delas desempenhou no desenvolvimento da humanidade.”*** (Apoio Mútuo, 137)

Citando autores que conhecem profundamente a *comuna rural* (Nasse, Kavalevsky, Vinogradov), aponta a falta desse conhecimento na obra de Seebohn, de Fustel Coulanges¹¹⁹.

Kropotkin conclui que nem a servidão e nem a submissão servil pôde destruir a *comuna rural*. E mais ainda:

¹¹⁹ “Cuando (...) las ideas de los antropologos modernos sobre la primitiva constitución comunista del clan contaron un reconocimiento casi general, provocaran la aparición de trabajos tales como los de Fustel de Coulanges, en Francia; Frederico Seebohn, en Inglaterra y de algunos otros, en los cuales se hacía un intento - que se distinguia mas bien por el brillo que por la profundidad real de la

“Todo o processo da formação das nações européias foi em essência o fruto das comunas rurais. (...) Até os ingleses, no princípio da colonização da América, voltaram ao antigo sistema: se assentaram e viveram em comunas.” (Apoio Mútuo, 147)

Assim era a vida dos bárbaros na Europa desde o séc. V ao XV. As comunas rurais vão se unindo em poderosas federações e Kropotkin vê aqui o embrião das futuras nações européias. (*El Estado*, 219)

2.1.2.4. A ajuda mútua na cidade medieval

Os bárbaros, ao se fixarem em comunas, perderam o hábito da guerra e entregaram a defesa de suas aldeias a guerreiros profissionais. Esses guerreiros empreendiam incursões de pirataria, apropriando-se de gado, ferro e escravos; tiveram maiores oportunidades de enriquecimento do que os lavradores que levavam vida pacífica em suas comunas agrícolas e se constituíram em força militar. Ofereciam às aldeias que por motivo de enfermidade, incêndio, ataques de novos imigrantes, chegaram à miséria, os instrumentos necessários para reiniciar o trabalho agrícola. Quando os lavradores não conseguiam pagar esse favor tornavam-se servas dos protetores do distrito. Mais tarde tornaram-se servos de senhores feudais e/ou da Igreja. As riquezas foram assim se acumulando e por trás dela, o poder (séc. VI-VII) que, para se estabelecer, precisou da *lei* e do *direito* que ficaram nas mãos dos reis e/ou senhores feudais.

Nos limites do tema desenvolvido em *Apoio Mútuo*, Kropotkin não se propõe a estudar como populações livres que só desejaram “alimentar” os protetores militares, se converteram em servos. Indica a leitura de obras de historiadores tais como: Agustín Thierry, Michelet y Luchaire, na França; Kaufmann, Janssen y hasta Nietzsche, na Alemanha; Leo y Botta, na Itália e Bielaief, Kostomarof, na Rússia, que estudaram detalhadamente o assunto.

Em *Apoio Mútuo*, Kropotkin toma como tarefa estudar a **obra do gênio construtor das massas populares**, em suas instituições que serviam à obra do apoio mútuo. Desse estudo vai concluir que **foi o pacifismo dos bárbaros, e não os supostos**

investigación - de refutar estas ideas y arrojar una sombra de duda sobre las conclusiones a que llegaron los investigadores modernos (...).” (Apoio Mútuo, 314)

instintos bélicos que se converteu na fonte de opressão dos povos pelos militares.

(*Apoio Mútuo*, 167,170-171) O pacifismo do homem foi causa da especialização da profissão militar o que resultou mais tarde na escravidão, nas guerras do *período estatal* da história da humanidade. (*Apoio Mútuo*, 153)

Na realidade, evitar as guerras familiares motivadas pela vingança de sangue era a principal preocupação das comunas rurais bárbaras. Os atritos entre indivíduos e/ou comunas passaram a ser resolvidos por indivíduo e/ou tribos que eram escolhidos para tal função por que tinham melhor conhecimento dos direitos consuetudinários, porque conservavam a lei antiga na sua pureza, expressa nas canções, versos, lendas, e/ou retidas na memória. Mais tarde, o juiz passou a ser escolhido entre o clero cristão que se apoiava no princípio do perdão, opondo-se ao princípio da vingança. Assim, foi se formando uma classe especial de homens que passaram a gozar de grande autoridade na qualidade de juizes. Eles recebiam as multas com as quais mantinham os militares e faziam cumprir as sentenças. Aqui está, escreve Kropotkin, o germe da fusão em uma só pessoa do que denominamos poder judiciário e executivo. Esse período desenvolveu-se por volta dos séculos VIII-IX. Assim a autoridade do rei, juiz, conde, etc. estava estritamente limitada a estas duas funções. (*Apoio Mútuo*, 171) Observa nosso autor:

“... quanto mais estudo as instituições daquela época mais claro vejo que o conhecimento da norma consuetudinária serviu para constituir a autoridade mais do que a força da espada. O homem se deixou escravizar melhor por seu desejo de ‘castigar ao agressor segundo a lei’ do que pela conquista militar direta.” (El Estado, 220)

No início desse processo, o juiz enviado pelo rei era recebido pelos camponeses que levavam em uma mão uma flor e na outra uma arma e lhe perguntavam que lei tinha a intenção de aplicar: a que ele trazia ou a da aldeia; no primeiro caso, declarava-se-lhe guerra e no segundo, entregavam-lhe as flores. O rei não era o governador do povo; o poder supremo pertencia à assembléia popular; o rei não era nem comandante da milícia popular, pois a população, em guerra, elegia um chefe militar que não se submetia ao rei, mas era considerado seu igual.

Na língua dos bárbaros, a palavra *Knung*, *Konung*, *Koning* ou *Cyning* — sinônimo do *rex* latino — significava um chefe militar temporal ou um chefe de um destacamento de homens; o comandante de uma frota de barcos ou até de um navio pirata era o *Konung*; o dirigente da pesca local na Noruega, na época de Kropotkin, se chamava Not-Kong (rei das redes).

No feudalismo, esse juiz era imposto, porém atuava em conjunto com seis a doze juizes eleitos pela assembléia comunal. Na maioria dos casos, o juiz real ou feudal apenas confirmava a resolução dos juizes comunais, escreve Kropotkin. O feudalismo não foi suficiente para destruir os direitos comunais fundamentais: posseção comum da terra, jurisdição própria. A autoridade moral da comuna era tão grande que, quando o senhor feudal era co-proprietário da terra e defesas comuns, se submetia, nos assuntos comunais, à decisão da comuna. “Wer daselbest Wasser und Weid genusst, muss gehorsan sein” (quem goza do direito à água e aos pastos deve obedecer), dizia uma antiga sentença.

Assim foi surgindo gradualmente a primeira “concentração de poder”: a coordenação entre o juiz, o chefe militar, o feiticeiro, o sacerdote. Aos poucos, um só homem foi assumindo todas essas funções. Assim surgiu, escreve Kropotkin, o poder temporal dos bispos nos séc. IX-XI.

No séc. IX e X, as invasões dos normandos, árabes e húngaros mostraram claramente que os militares profissionais eram impotentes para proteger o país e, por toda a Europa, os próprios camponeses começaram a exercer essa tarefa, construindo muralhas de pedras, fortificações. Aprendendo a se defender dos inimigos externos, passaram depois a se defender dos inimigos internos: os senhores feudais. Assim nasceu a cidade medieval, o prolongamento das comunas rurais dos bárbaros, “oásis na selva feudal”, afirma Kropotkin. (*Apoio Mútuo*, 175) Todo o processo de liberação foi avançando pouco a pouco graças a ações que se manifestavam fiéis à obra comum e que eram realizadas por anônimos. Nosso autor se refere também a um movimento muito grande nascido nas cidades livres e conhecido com o nome de *paz de Dios*

(“Treuga Dei”)¹²⁰ através do qual as massas populares conseguiam colocar limites às intermináveis guerras tribais e por vingança de sangue.

O ponto essencial para cidades que se liberavam era a sua *jurisdição própria*, que implicava também na *administração própria*. A cidade não era simplesmente uma parte *autônoma* do Estado — tais palavras ambíguas, escreve Kropotkin, não haviam sido ainda inventadas — constituía um Estado por si mesmo: tinha direito de declarar a guerra, de negociar a paz, de estabelecer alianças, de federar-se; soberana em seus assuntos, não se imiscuía nos assuntos alheios. Mas não se tratava de Estado centralizado, escreve nosso autor; a assembléia popular (*fórum*) democrática constituía o poder político supremo da cidade, na maioria dos casos. Quando o poder político estava nas mãos da aristocracia comercial ou da nobreza, continua, o caráter democrático das relações cotidianas na vida interior da cidade sofria pouco com isso, pois dependia minimamente do que se pode chamar de forma política do Estado.

A proteção que habitual e universalmente se oferecia ao mercado, desde as primeiras épocas bárbaras, desempenhou papel importante na liberação das cidades medievais. O mercado era um espaço onde não podia haver conflitos, brigas: caso isso acontecesse, o tribunal da comuna era chamado a intervir ou o juiz do bispado, do senhor feudal ou do rei — nessa época, salienta Kropotkin, muitos bispos eleitos como protetores da cidade se sobressaíram na defesa dos direitos populares tendo sido inclusive reconhecidos como santos ou patronos especiais de suas cidades (San Uthelred de Winchester, San Ulrico de Augsburg, San Wolfgang de Ratisbona, San Heriberto de Colonia, San Adalberto de Praga, entre outros) — o estrangeiro que aparecia no mercado com fins comerciais era tratado como hóspede; o mercado era um espaço inviolável (entre os cabilas, era, até a época de Kropotkin, *anaya*). *O poder judicial especial do mercado deu origem ao poder judicial da própria cidade.*

A cidade medieval, conclui Kropotkin, não era uma simples organização política para a proteção de certas liberdades políticas. Constituía uma tentativa, maior que a comuna rural, de união estreita com finalidade de ajuda e apoio mútuo, para o consumo e produção e para a vida social em geral, sem impor por isso, os grilhões do Estado, deixando plena liberdade a cada grupo de homens organizados manifestar seu

¹²⁰ Sobre esse movimento Kropotkin nos aconselha consultar a obra do historiador Vitalis, *Considérations sur l'histoire de France*, 1886.

gênio criador no campo das artes, ofício, ciência, comércio e organização política. O objetivo principal da cidade medieval era o de assegurar a *liberdade*, a *auto-administração* e a *paz*.

Quanto à auto-organização, a cidade medieval tem um aprendizado que vem desde a comuna rural: esta satisfazia a maior parte das necessidades do ser social; quando alguém sentia necessidade econômica ou pessoal de reivindicar alguma coisa, tomava a iniciativa de aliar-se a outros e formava um grupo, uma unidade e iam se federando entre si.

“Porém os homens sentem a necessidade de estender sua esfera de ação além dos estreitos limites de suas aldeias. Uns correm pelo mundo como aventureiros ou comerciantes. Outros se dedicam a um ofício ou arte qualquer. E estes comerciantes ou artesãos se unem em irmandades mesmo que pertençam a povos, tribos ou confederações diferentes.” (El Estado, 217)

Assim se formaram as *guildas*¹²¹, o *cofs* (que transpassavam os limites da comuna estendendo-se pelo deserto e cidades estrangeiras), associações que viviam tão profundamente a fraternidade no campo econômico, jurídico, de saúde que chegaram a impressionar os europeus, escreve Kropotkin. As associações pretendiam impedir as pretensões da nascente autoridade, eram utilizadas também para propaganda, em fim:

“... para tudo o que o europeu educado por Roma dos césores e dos papas pede atualmente ao Estado. É muito duvidoso que naquela época houvesse um só homem, livre ou servo, salvo os que eram postos fora da lei por suas próprias irmandades, que não pertencesse a uma irmandade, grêmio ou uma comuna.” (El Estado, 218)

Nas cidades medievais, as *guildas* e os *cofs* substituíram a *comuna rural* na busca da união, agora sob a crescente diversidade de ocupações, ofícios e artes e o aumento do comércio externo. Surgem as *guildas* segundo as profissões, *guildas* com objetivos especiais que se dissolviam quando alcançavam a meta (caça, pesca, expedição comercial, construção de catedral); *guildas* de escravos, de cidadãos livres, *guildas* mistas, de sacerdotes, de pintores, de professores de escolas primárias e universidades,

¹²¹ Muito se escreveu sobre essa associação que recebeu vários nomes tais como *hermandades*, *drúzhestva*, *minne*, *artiél* (na Rússia); *esnaf* (na Sérvia e Turquia) *amkari* (na Geórgia).

guildas para organizar lazer e até *guildas* de mendigos, verdugos e prostitutas. Todas tinham caráter fraternal, organizadas segundo o mesmo duplo princípio da jurisdição própria e do apoio mútuo e representavam, para Kropotkin, a busca persistente da unidade tribal dentro das cidades livres. A universalidade dessa instituição, comenta nosso autor, só foi compreendida pelos historiadores após sessenta anos de estudos. Sobre ela, escreve:

“É evidente que uma instituição tal como a guilda, bem dotada para a satisfação da necessidade da união, sem privar por isso o indivíduo de sua independência e iniciativa, deveria estender-se, crescer e fortificar-se.” (Apoio Mútuo, 184)

O sistema da guilda medieval não era obstáculo para o desenvolvimento da iniciativa pessoal, podendo-se observar o enorme progresso no campo de todas as artes, afirma Kropotkin. Era uma confederação composta por compradores de matéria-prima; vendedores de mercadorias manufaturadas; mestres, oficiais e aprendizes artesãos e, para organizar uma determinada produção, a assembléia de todas essas pessoas era soberana desde que não prejudicasse outra guilda; quando isso ocorria, o assunto era submetido à guilda da cidade.

Qualquer estatuto de uma guilda, observa Kropotkin explicita claramente o caráter fraternal dessa associação que se baseava em dois princípios fundamentais: *jurisdição própria e apoio mútuo*. As guildas tinham em comum alguma propriedade: gado, terra, edifícios, igrejas, etc. Todos os irmãos - assim se denominavam mutuamente - juravam esquecer conflitos tribais anteriores por vingança de sangue, e decidiam dirigir-se ao tribunal da guilda quando fosse preciso solucionar algum desentendimento entre si e também entre um irmão e um estranho. (Apoio Mútuo, 180-1) O socorro era prestado a cada irmão nos assuntos jurídicos, econômicos, de saúde. Se um irmão fosse julgado culpado pelo tribunal da cidade, toda a guilda ajudava-o a pagar a multa. O irmão enfermo sempre tinha dois irmãos junto a seu leito. Se morresse, era enterrado e sua família assistida. Esse dever era de grande importância, afirma Kropotkin, numa época de epidemias freqüentes. O irmão só deixava de ser atendido se perdesse a confiança de seus irmãos de guilda ou até de outras pessoas. Nesse caso, era expulso da irmandade com o nome de *inservível*. (Apoio Mútuo, 181)

Observa Kropotkin que a formação da Rússia, por exemplo, foi tanto obra dos *artieli* de pescadores, caçadores e industriais como do desenvolvimento das comunas rurais¹²². (Apoio Mútuo, 182)

A instituição da guilda teve ampla difusão na Ásia, África e Europa, sobrevivendo por um milênio. Ela responde, segundo Kropotkin, a uma necessidade profundamente arraigada na natureza humana e reúne em si todos os atributos que foram posteriormente apropriados pelo Estado através da burocracia e da polícia. A guilda funcionou como uma associação efetiva de apoio mútuo.

A cidade medieval era uma dupla federação de pequenas comunas rurais (chefes de família reunidos em pequenas confederações territoriais — ruas, paróquias, bairros) e de indivíduos unidos por um juramento comum em guildas, de acordo com suas profissões.

A federação dessas duas uniões desenvolveu-se sob a proteção de um recinto fortificado e de suas torres. Aldeias, paróquias, guildas, compunham um burgo. Quando os habitantes de um burgo se sentiam suficientemente protegido por muralhas, formavam uma “conjuração”: juravam esquecer todas as discórdias, a só procurar juiz entre eles; consideravam-se como uma só *amitas*, redigiam uma *Carta* (espécie de constituição) e proclamavam sua liberdade. O bispo ou o príncipe, que até então era o Senhor, ou aceitava o fato consumado ou combatia com as armas; as vezes aceitava recebendo dinheiro por isso. Estas Cartas, embora diferentes segundo a história própria de cada comuna, continham sempre o mesmo princípio: todas se baseavam nas *amitas*, como as comunas rurais e as guildas.

Para conciliar a existência de federações de guildas e as federações de comunas rurais não se precisou de muitos esforços, como Kropotkin pôde observar analisando as Cartas que firmavam essa união. A Carta da pequena cidade de Lorris foi aceita por oitenta e três cidades do sudeste da França e a Carta de Beaumont serviu de modelo a mais de quinhentas cidades e vilas da Bélgica e França. A unidade de pensamento aí existente, continua, provoca admiração ao século XIX, que já conhece as comunicações telegráficas, rede ferroviária, imprensa.

¹²² N.A. Rubakin escreveu *Entre livros*, que trata dos *artieli*, informa Kropotkin, 1989:182

Na cidade livre da Idade Média a *unidade territorial* era a *rua* ou a *paróquia* que correspondia a antiga comuna do povo. Cada unidade territorial possuía a sua assembléia popular, seu foro, seu tribunal popular, seu sacerdote, sua milícia, seu estandarte, seu selo (símbolo da soberania). Federadas entre si, conservavam sua independência.

A *unidade profissional*, que quase se confundia com o bairro ou distrito (cada bairro era habitado por uma profissão e as “artes menores” , ou seja, os novos ofícios, ocupavam os arredores da cidade que logo era cercado com uma nova muralha fortificada) era a *guilda* que também possuía seus santos, sua assembléia, seu foro, seus juizes, propriedade territorial, milícia, estandarte, seu selo.

A *cidade* era a união dos bairros, paróquias, guildas, e possuía sua assembléia plenária, sua torre, seus juizes, seu estandarte para reunir as milícias das guildas. Tratava como soberana com as demais cidades, federava-se com as que desejava, tratava alianças nacionais e também fora de sua nação. Em suas relações exteriores, possuía todos os atributos do Estado Moderno.

“Os ‘cinco portos’ ingleses ao redor de Dover estavam federados com portos franceses e holandeses do outro lado do canal da Mancha, a Novgorod russa era a aliada da Hansa escandinavo-germânica ...” (El Estado, 223)

Quando a cidade não era suficiente para garantir sua própria defesa, conservava um “defensor militar” (príncipe, duque) que não podia se intrometer nos assuntos da cidade e que era despedido quando a cidade achasse conveniente. Até para entrar na cidade esse defensor precisava de autorização. *“Ainda em nossos dias o rei da Inglaterra não pode entrar na cidade de Londres sem a permissão do prefeito da cidade”.* (El Estado, 224)

O espírito bárbaro, que impulsionou o homem durante 7 a 8 séculos a resolver suas necessidades através da iniciativa individual e do acordo nas associações ainda sobrevivia e por isso, escreve Kropotkin, no séc. XII deu-se a grande revolução dos comunas na Europa, revolução que a maior parte dos historiadores acadêmicos preferem ignorar. Para estes historiadores educados no espírito romano, continua, é difícil compreender o espírito comunalista do séc. XII, movimento que contou com a

afirmação viril do indivíduo, que conseguiu constituir uma comunidade através da livre federação dos homens, dos povos e cidades.

Esta revolução foi uma negação absoluta do espírito unitário e centralizador romano com que se pretende explicar a história em nossas universidades, continua o nosso autor. Não está ligada a nenhuma instituição central; pertence a uma determinada fase da evolução humana e não a tal ou qual nação ou região¹²³. Ela salvou a Europa da calamidade que a ameaçava, detendo o desenvolvimento dos reinos teocráticos e despóticos. Nossa civilização, comenta Kropotkin, teria sucumbido como sucumbiram as civilizações como as de Mesopotâmia, Assíria e Babilônia, se não se tivesse aberto caminho para uma nova forma de vida: a das *comunas urbanas* ou *municípios livres*, cidades livres. (*El Estado*, 220)

Apesar das particularidades locais e individuais das cidades medievais e de elas não terem sido organizadas segundo um plano preestabelecido, as linhas dominantes de sua organização bem como o espírito de que estavam empregadas assombram nosso autor por sua semelhança familiar: federações de pequenas comunas e/ou guildas; subúrbios ao redor da “cidade”-mãe; assembléia popular; sinais exteriores de independência, (o selo, o estandarte); protetor(es) local(is); abastecimento de víveres, trabalho, comércio organizados coletivamente; conflitos interiores e exteriores baseados em motivos semelhantes; monumentos arquitetônicos (sejam de estilo gótico, romano ou bizantino) expressando as mesmas aspirações e ideais. (*Apoio Mútuo*, 194)

A literatura sobre o tema, escreve Kropotkin, é enorme¹²⁴, porém ele sentia falta de obra que analisasse a cidade medieval no seu conjunto. Seus estudos forneceram-lhe provas de que as idéias imperantes no séc. XIX sobre a vida medieval eram quase por completo errôneas; por trás das muralhas das cidades livres, havia existido uma rica

¹²³ “... Augustín Thierry y Sismonde; que comprendieran el espíritu de aquella época, no han tenido seguidores en Francia, y actualmente Luchaire se encuentra solo para reanudar la tradición del gran historiador de las épocas merovingia y comunalista. (...), en Inglaterra y en Alemania, el despertar de los estudios sobre este periodo y las primeras interpretaciones de sus principios inspiradores son de origen reciente.” (*El Estado*, 221)

¹²⁴ Sobre as comunas francesas, cita as obras de Augustin Thierry, de Luchaire; as cidades italianas são estudadas por Sismondi, Leo e Botta, Ferrari; as obras de Maurer, do Dr. Otto Kallsen, Jamssen tratam das cidades alemãs. Cita estudiosos das cidades da Bélgica, Rússia, Inglaterra. (*Apoio Mútuo*, 195)

vida comunal em que o *apoio mútuo* e o *comunismo cooperativo* exerciam um grande papel.

Congressos internacionais de ofícios já aconteciam no séc. XV, inclusive congresso de aprendizes. (*El Estado*, 224 e *Apoio Mútuo*, 199-201) Não se trabalhava aos domingos e nas tardes de sábado¹²⁵. O trabalho era bem remunerado e Kropotkin afirma que até sua época, nem a elite operária ganhava tão bem como na cidade livre. As artes tiveram grande desenvolvimento: a beleza de Rafael, o vigor e audácia de Michelangelo, a ciência e arte de Leonardo, a poesia de Dante, a arquitetura das catedrais de Lyon, Reims, Pisa, Florença, a catedral de S. Marcos em Veneza (1701). Assinala que essas construções não são obras de gênios e/ou de heróis individuais, são resultados da guilda. Todos os grandes descobrimentos da ciência moderna: bússola, relógio, imprensa, descobrimentos marítimos, pólvora, lei da gravidade, pressão atmosférica, rudimentos de química, o método científico esboçado por Roger Bacon tiveram origem nas cidades livres. Só houve, afirma Kropotkin, um outro período tão glorioso da história: o das cidades livres da Grécia antiga.

Para Kropotkin, o Renascimento e o racionalismo do séc. XII (que foi precursor da Reforma), tem seu princípio nesse período. (*Apoio Mútuo*, 178)

Escreve Kropotkin:

“Realmente, quanto mais estudamos as cidades medievais, tanto mais nos convencemos que nunca o trabalho foi tão bem pago e respeitado como na época em que a vida das cidades livres atingia seu ponto máximo de desenvolvimento. Ainda mais. Não só muitas aspirações de nossos modernos radicais haviam sido realizadas já na Idade Média, como até muito do que agora se considera utópico se aceitava então como algo completamente natural.” (*Apoio Mútuo*, 200)

Até o séc. XVI, época da decadência geral da indústria e da arte da Idade Média, quando a autoridade real conseguiu destruir a organização da cidade e das guildas, os artesãos eram produtores e também comerciantes, além de serem muito respeitados como artistas. A produção era um *dever social*. A diferença entre mestre e aprendiz se

¹²⁵ Segundo as palavras de Rogers, na Inglaterra, no séc XV, “os trabalhadores trabalhavam somente 48h. por semana”. Thorold Rogers, *The Economical Interpretation of History*, Londres, 1891.

devia à idade e/ou grau de habilidade e não à autoridade hierárquica e/ou riqueza. Para a execução de um trabalho que precisasse de trabalhadores temporários, o contrato era feito com a corporação; o patrão individual surgiu mais tarde. Comenta Kropotkin:

“A madeira, o couro ou os fios utilizados pelos artesãos, deviam ser ‘honestos’; o pão devia ser amassado ‘com consciência’, etc. (...) Além do mais, não era um produtor isolado que oferecia à comuna a mercadoria para a compra, a oferecia a guilda; a comuna, por sua vez, oferecia à irmandade das comunas confederadas aquelas mercadorias que eram exportadas por ela e por cuja qualidade respondia ante elas.” (Apoio Mútuo, 198)

Embora a base da vida da cidade fosse o trabalho, observa Kropotkin, a “produção” não absorvia toda a atenção da economia medieval que era voltada para a organização do consumo comum de alimento e habitação. A especulação era proibida. A obra de Charles Gross, *The Guild Merchant*, 1890, contém muitos documentos sobre o assunto que confirmam a idéia de que os produtos alimentícios chegados à cidade eram comprados por funcionários civis especiais, em nome da cidade, e logo distribuídas entre os comerciantes burgueses, costume que perdurou até o séc. XVI em Londres, Veneza, Amiens, por exemplo. Para ilustrar como os preços das mercadorias eram fixados, Kropotkin cita o exemplo do regulamento da cidade de Kilkenny, 1367: os comerciantes e os marinheiros deviam mostrar, sob juramento, o preço de compra e os gastos de transporte; depois, o prefeito da cidade, junto com duas pessoas honestas, fixavam os preços de venda; o preço não era fixado nem pelo vendedor e nem pelo comprador. Até o séc. XIII, todos os compradores de uma determinada cidade no estrangeiro eram responsáveis como corporação pelas dívidas contraídas assim como a cidade era responsável.

Quanto aos conflitos existentes nas cidades livres da Idade Média, Kropotkin considera-os como garantia da vida livre na cidade livre. Ele percebe uma renovação, um novo esforço para o progresso depois de cada uma das lutas e faz suas as palavras de historiadores Leo y Botta (historiadores da Itália medieval):

“Uma comuna não apresenta a imagem de uma entidade moral completa, não se mostra universal em sua maneira de ser, como o espírito humano mesmo, senão quando em seu seio admite o conflito e a oposição.” (El Estado, 227)

Acredita que o conflito, livremente debatido, causa menos mal que a paz imposta por um poder exterior, por exemplo, o Estado que, querendo criar uma ordem política geral, favorecerá sempre uma das forças em luta e sacrificará os pequenos organismos para absorvê-los em um vasto corpo sem cor e sem vida. Escreve nosso autor:

“Existem lutas e conflitos que são destrutivos e existem lutas e conflitos que empurram a humanidade adiante.” (El Estado, 227)

Os burgueses que possuíam casa na cidade e eram co-proprietários de suas terras, freqüentemente organizavam também uma guilda comercial que tinha em suas mãos o comércio da cidade. No início, o ingresso nessa guilda era aberto a qualquer cidadão e o comércio era efetuado no interesse de toda cidade; aos poucos, essa guilda se converteu em uma espécie de corporação privilegiada, revertendo o benefício do comércio em seu próprio favor, *“em benefício de unas pouca ‘familias’ (les familles, los staroyiby, vejos habitantes)”* que eram cidadãos quando a cidade proclamou sua independência. (*Apoio Mútuo*, 196) As velhas famílias, as que realizaram a revolução em XII se separavam dos recém chegados. A guilda comercial só aceitava as velhas famílias e passou de simples servidora da cidade encarregada de comerciar para ele, a ser o intermediário que se enriquecia com o comércio exterior. Quando o comércio se transformou em individual, matou a cidade livre, observa Kropotkin (*El Estado*, 230). A ameaça do surgimento de uma oligarquia comercial já se faz presente, porém as guildas de artesãos dos séculos X-XII puderam limitar essas tendências.

Porém, paulatinamente, a cidade medieval foi se diluindo internamente em *burgueses* ou *comuneros* — que se consideravam fundadores da cidade — e *residentes* ou *habitantes* — que eram os novos imigrantes, caindo, nos séc. XV e XVI, nas mãos das guildas comerciais burguesas. Estas guildas lutaram pela independência das cidades contra os senhores feudais e/ou a Igreja. A Igreja cristã, que antes havia se rebelado contra os direitos romanos, agora tentava, ela mesma, formar um império teocrático na Europa, sob a supremacia do Papa; tentava reconstruir sua autoridade por meio da realeza nascente. Seu ódio pelas idéias racionalistas que imperavam nas cidades livres no primeiro Renascimento, o do séc. XII, ao seu ódio pelas idéias “pagãs” advindas do redescobrimento da civilização grega, a sua perseguição aos “hereges”, indivíduos que, em nome do cristianismo primitivo sublevaram os homens contra o papa, o sacerdote e o culto em geral fundamentavam suas ações contra as cidades livres.

Mas, ressalta Kropotkin, para manter a paz ou para comprá-la, a cidade livre entregou os camponeses aos seus senhores e muitas vezes, compartilhou com os senhores o domínio sobre os camponeses. Deu-se a cisão entre cidade e campo. Depois, o camponês ajudou os reis, imperadores, césaes nascentes, papas a reconquistarem as cidades, escravizando-as.

“Os camponeses, os quais as cidades não puderam ou não quiseram liberar, vendo os burgueses impotentes para por fim às guerras intermináveis entre os cavaleiros — pelas quais os camponeses pagaram tão caro — depositaram então suas esperanças no rei, no imperador, no grande knuaz (juiz); e ajudando-lhes a destruir o poder dos senhores feudais, ao mesmo tempo os ajudaram a estabelecer o Estado Centralizado.” (Apoio Mútuo, 217)

A revolução liberadora não estendeu suas idéias de igualdade nem ao campo, nem aos indivíduos que posteriormente se incorporaram na cidade.

Diante da prática da ajuda e apoio mútuos limitada pelas fronteiras de interesse de grupos, vemos o fracasso. Escreve Kropotkin:

“A ajuda e o apoio mútuo não podem ser limitados pelas fronteiras de uma associação pequena: devem estender-se a todo o circundante, do contrário, o circundante absorve a associação (...)” (Apoio Mútuo, 218)

Os burgueses também chegaram a “adotar” a nobreza como concidadã. E essa nobreza introduziu suas velhas guerras familiares nos limites da cidade, não se submetendo a tribunais de “simples” artesãos e comerciantes, servindo-se das ruas para executar ações de vingança de sangue. Na vida da cidade também foram sendo introduzidos hábitos e costumes feudais e, quando o descontentamento das guildas artesãs se fizeram sentir contra as guildas burguesas, os feudais passaram a oferecer a ambas as partes suas espadas e quase tudo ia se resolvendo através de guerras e não mais se buscava saída pacífica para conflitos. Kropotkin questiona:

“Por que no século XVI foram atacadas de debilidade senil e por que depois de haver rechaçado tantas invasões exteriores e de haver sabido extrair uma nova energia de suas discórdias interiores, estas cidades, ao final da contas, caíram vítimas dos ataques exteriores e das oposições intestinas?” (Apoio Mútuo, 216)

Uma das causas é analisada por Kropotkin: um barão, rei ou juiz geralmente escolhia como residência não uma cidade administrada por conselho popular e sim um grupo de aldeias, de posição geográfica vantajosa, que ainda não conheciam a liberdade da cidade — como exemplo cita Paris, Madrid, Moscou — que se converteram em centros de grandes Estados — e, com a ajuda do trabalho servil, se criou a cidade real fortificada, embrião dos futuros Estados.

“Foi no campo, em um castelo fortificado, situado no centro de aldeias camponesas, onde lentamente começou a constituir-se a realeza.” (El Estado, 229)

Para Kropotkin, um grande erro cometido pelas cidades foi basear suas riquezas no comércio e indústria, desprezando a agricultura. Além disso, continua, a política comercial arrastou também as autoridades populares urbanas a desejarem enriquecer-se através de colônias.

As federações — que *constituía a essência mesma da vida e do pensamento de todo esse período*, afirma Kropotkin. (*Apoio Mútuo*, 210)

O europeu do séc. XII era essencialmente federalista, continua, homem de livre iniciativa de acordos livres, homem que *via em si mesmo o ponto de partida para toda a sociedade*. Não conhecia a disciplina cristã, romana, não esperava por um salvador da sociedade. O ensino do Direito canônico e do romano perverteu os homens que passavam a se enamorar da autoridade. A Trindade (Estado, Leis, Religião) submeteu a humanidade.

A decadência das instituições comunais se deu na medida em que o homem perdeu a fé em suas próprias forças e no federalismo, no reconhecimento da liberdade e da auto-administração. Passa-se, segundo Kropotkin, graças à influência do direito romano e da Igreja, a esperar a salvação vinda de um Estado centralizado, de um salvador da sociedade que garantiria a “segurança pública.” O gênio criador das massas perde sua força, mas ressuscita com força poderosa respondendo ao chamado comunista dos primeiros propagandistas da Reforma.

A vitória do Estado sobre as comunas medievais e instituições federalistas não foi imediata. Um imenso movimento popular, religioso em sua forma e expressões, mas eminentemente igualitário e comunista em suas aspirações, se produziu nas cidades e

campos da Europa central. Estes movimentos¹²⁶, desfigurados durante muito tempo pelos historiadores estatistas e eclesiásticos, começam a ser conhecidos; tinham como objetivo o comunismo e a liberdade absoluta do indivíduo, que só deveria obedecer a sua própria consciência. Estado e Igreja exterminaram estes movimentos, que perdendo seu caráter revolucionário, se converteu na reforma de Lutero.

Sofrendo novos fracassos, o homem, inclinado para a ajuda mútua, continua buscando novos caminhos e novas formas de expressão que não são, sem dúvida, o Estado, a cidade medieval, a comuna rural dos bárbaros e nem a organização tribal dos selvagens, escreve Kropotkin.

2.1.2.5. A ajuda mútua na sociedade moderna

A Reforma não foi apenas uma revolta contra os abusos da Igreja Católica, afirma Kropotkin. Apoiando-se no princípio cristão de fé na fraternidade humana, e na soberania da *comuna*, buscava também construir uma irmandade econômica e social, reivindicando a devolução das terras comunais e a supressão do imposto feudal, negando todas as leis do Estado e das consideradas “divinas” e aceitando como única lei a afirmação da consciência individual.

Para nosso autor, a Reforma Luterana foi um movimento anarco-comunista. Nascido na cidade, esse movimento se estendeu até o campo.

O princípio cristão também impulsionou o surgimento de inúmeras comunidades comunistas que foram massacradas pelos jovens Estados. (*Apoio Mútuo*, 225) Aliás, continua nosso autor, os Estados, nos trezentos anos que se seguem, tudo fizeram para destruir sistematicamente as instituições que expressavam a tendência ao apoio mútuo.

“...As comunas rurais viveram mais de mil anos e nos casos em que os camponeses não foram arruinados pelas guerras, gradualmente melhoraram os métodos de cultivo; porém, como o valor da terra aumentava devido ao crescimento da indústria e da nobreza, sob a organização estatal, alcançou uma autoridade como nunca teve

¹²⁶ Na França, o *Jacquerie* (1358); na Inglaterra, o *Wat Tyler* (1381); na Alemanha, Suíça e Países Baixos, o *anabatismo*.

no sistema feudal, se apoderou da melhor parte das terras comunais e aplicou todos seus esforços em destruir as instituições comunais.” (Apoio Mútuo, 234)

“Unicamente com a fogueira, (...), assassinando mais de cem mil camponeses em poucos anos, pode o poder imperial ou real, aliado ao poder da Igreja, papal ou reformadora — Lutero impulsionou a matança de camponeses de forma mais violentamente que o papa — por fim a estas sublevações que por um momento ameaçaram a consolidação dos nascentes Estados. A reforma luterana, filha do anabatismo popular, apoiada pelo Estado, destruiu o povo e reprimiu o movimento do qual tomou sua força em suas origens”. (El Estado, 234)

Depois do extermínio desses movimentos populares, a existência do Estado ficou assegurada e representava a aliança entre o senhor, o sacerdote, o soldado e o juiz. (*El Estado*, 238)

“O Estado representa o principio da uniformidade e o aniquilamento, frente a uniões livres e criadoras anteriores a ele. Dizem que o Estado logrou constituir as uniões nacionais sobre as ruínas da sociedade feudal que eram impossíveis, quando na realidade tais uniões foram se formando livremente com o nome de suas confederações e uniões comerciais. Mas esse Estado teve que aniquilar estas uniões para substituí-las pelo principio de submissão, uniformidade e disciplina, que constitui sua essência.” (El Estado, 235)

O Estado, escreve Kropotkin, é a guerra e as guerras, assolando a Europa, acabaram com as cidades que o Estado não pode arruinar diretamente. Elas perderam sua soberania. Ricas cidades do séc. XV, como por exemplo, Florença, converteu-se em burgos podres. O papel desempenhado pelo Estado nos séc. XVI e XVII com relação as comunas urbanas consistiu em anular sua independência, roubar as ricas guildas, apoderando-se de sua administração, centralizar em suas mãos o comércio exterior e interior.

Inclusive os caminhos que uniam as cidades entre si se tornaram intransitáveis. Decaíram a indústria e a arte; a educação política, a ciência e o direito foram submetidos à idéia da centralização estatal que propagava a crença de que só o Estado e a Igreja constituíam laços de união entre os súditos e que o federalismo e o *particularismo*, isto é, o cuidado dos interesses locais de uma região ou de uma cidade

eram inimigos do progresso. O Estado era tido como o único impulsionador apropriado de todo o desenvolvimento ulterior. Ele absorveu todas as funções sociais. Os trabalhadores que se atreviam a ingressar em uniões para a defesa de seus direitos eram castigados com trabalhos forçados e/ou com a morte. Não se tolerava *um estado no estado*. Escreve Kropotkin:

“Ao final do século XVIII, os reis do continente europeu, o Parlamento, na Inglaterra, e até a convenção revolucionária na França, ainda que guerreassem entre si, coincidiam na afirmação de que dentro do Estado não deveria haver nenhuma classe de uniões separadas entre os cidadãos, a não ser das estabelecidas pelo Estado e submetidas a ele; (...)” (Apoio Mútuo, 226)

O mesmo aconteceu com as comunas rurais; que não desapareceram naturalmente, como ensinam os economistas burgueses e, inclusive, alguns revolucionários e socialistas que pretendem ser científicos, escreve Kropotkin¹²⁷.

Elas foram privadas do direito de suas assembleias comunais, da jurisdição própria e da autoadministração (administração independente); as terras comunais foram submetidas ao controle dos funcionários do Estado.

Até a metade do séc. XIX, esta teoria e sua prática correspondente dominavam a Europa. Na França, ainda no final do séc. XIX, apesar das revoluções que viveu, os mesmos revolucionários eram tão ferozes partidários do Estado como os funcionários do rei e do imperador, escreve Kropotkin. A nossa educação estatal, continua, é tão forte que uma parte importante da sociedade na Inglaterra, por exemplo, considera como uma medida revolucionária reivindicar para o povo direitos que eles já gozaram há quinhentos anos atrás na Idade Média (na assembleia comunal, guilda, paróquia e cidade), considera como “conquista da democracia” a organização de sindicatos agrícolas, ignorando que os camponeses tiveram sua organização independente já na Idade Média.

Os direitos do cidadão para com o Estado aumentavam enquanto os deveres para com seus semelhantes eram “assumidos” pelo Estado. Se na guilda o homem acompanhava

¹²⁷ Considerar natural a morte da comuna rural é o mesmo que, escreve Kropotkin, considerar morte natural o massacre de cem mil soldados no campo de batalha. O autor oferece uma análise de como as comunas rurais foram destruídas em *El Estado*, p.236-8.

seu irmão enfermo, agora bastava-lhe dar o endereço do hospital para pobres, o mais próximo; se entre os bárbaros, presenciar uma briga e não se preocupar com suas consequências atraía sobre si a acusação de homicídio, agora aprendia-se a não intervir, pois esta era a função da polícia; se entre os selvagens ninguém podia comer sem antes gritar três vezes avisando que tinha alimento, agora bastava pagar impostos.

A religião que vigorava era a do individualismo com algumas ações de misericórdia; pregava que cada um deveria procurar sua própria felicidade sem prestar atenção às necessidades alheias e quem duvidasse disso, era chamado de *utopista perigoso*. A ciência proclamava como princípio dominante da natureza e das sociedades humanas *a luta de cada um contra todos*; a biologia atribuía a esse princípio o desenvolvimento progressivo do animal; a história julgava do mesmo modo; a economia atribuía o êxito da indústria e da mecânica ao mesmo princípio. Esse era o quadro pintado por Kropotkin.

“E o que fez o Estado pelo trabalhador, depois de proibir-lhe de se defender por si mesmo? A miséria e a repressão são a resposta a suas demandas.” (El Estado, 242)

A educação que o Estado oferece, na escola e fora dela, modela nosso cérebro a tal ponto de a noção de *liberdade* se confundir com *escravidão*; a ponto de não se reconhecer o papel do povo na criação de suas próprias instituições.

“O espírito servil sempre foi inteligentemente cultivado nos cérebros juvenis para perpetuar a sujeição do indivíduo ao Estado. A filosofia libertária se vê asfixiada pela pseudofilosofia romano-católica do Estado (...).

“Como os florentinos nos finais do século XV, que não souberam fazer outra coisa a não ser apelar à ditadura do Estado para salvar-se dos patrícios, assim os socialistas apelam aos mesmos deuses, a ditadura do Estado, para salvar-se dos horrores de um regime econômico (...) criado por esse mesmo Estado!

“(...

“O Estado é a instituição desenvolvida na história das sociedades humanas para substituir a associação direta entre os homens, para obstruir o desenvolvimento da iniciativa individual e local, para reprimir as liberdades existentes, para impedir seu

ressurgimento, com a finalidade de submeter o povo à vontade de uma minoria (El Estado, 243-244)

Apesar de todas as ações políticas, econômicas e sociais dos Estados modernos para destruir a comuna rural, ela não é de todo exterminada. Suprimidos os obstáculos legais que embaraçavam o funcionamento das associações e uniões rurais, rapidamente se vê surgir entre os camponeses uma rede inteira de associações livres com todos os fins possíveis, o que evidencia, segundo opinião de nosso autor, a tendência de restabelecer um gênero determinado de união semelhante a que existia na comuna rural anterior. Os benefícios econômicos advindos da existência dessas associações são confirmados por inúmeros exemplos. (*Apoio Mútuo*, 250-3) Porém, salienta Kropotkin, a importância ética da propriedade comunal sobrepõe-se à importância econômica: auxilia na conservação de hábitos e costumes de ajuda mútua contrapondo-se ao individualismo e desenvolvendo as formas modernas de cooperação e sociabilidade¹²⁸.

Essa forma de compreender a história contrariava as teorias divulgadas por economistas burgueses e por alguns socialistas que afirmavam que a comuna morreu na Europa Ocidental de morte natural, posto que a posse comunal da terra era incompatível com as exigências contemporâneas do cultivo da terra. No entanto, observa Kropotkin, apesar de o Estado obrigar a repartição das terras comunais e/ou simplesmente facilitar o despojo das terras por particulares, foram raros os casos em que os próprios comuneiros dividiram as terras comunais entre si. Confiando no gênio construtor das massas populares, escreve:

“Porém o núcleo de instituições, hábitos e costumes de ajuda mútua continua existindo em milhões de homens; esse núcleo os une; e os homens preferem aferrar-se a esses hábitos, crenças e tradições suas antes à aceitar a doutrina de uma guerra de cada um contra todos, oferecida em nome de uma pretendida ciência mas que na realidade nada tem de comum com a ciência.” (*Apoio Mútuo*, 254)

¹²⁸ Kropotkin extrai dados também de fragmentos de cartas de amigos que, a seu pedido, comunicam-lhe observações sobre o assunto. (Kropotkin, 1989:240-2). Utiliza-se também da obra de Belbert Slater, *El cercamiento de las tierras comunales considerado geográficamente*, publicada pela Sociedade Geográfica de Londres, em 1907; sobre essa obra há mais informações no Apêndice XVI. Kropotkin, 1989:329-32)

Entre a população industrial, também se deu o desenvolvimento de instituições de apoio mútuo, mesmo após a destruição das guildas e do confisco de seus bens, mesmo após a apropriação pelo Parlamento, Rei e Estado do direito de legislar nas divergências entre artesãos e comerciantes, bem como de se intrometerem na organização da produção, impedindo a auto organização dos trabalhadores.

O século XVIII assiste à reconstituição das uniões operárias, apesar de todas as dificuldades existentes. Elas se apresentam sob o nome de sociedades amistosas, secretas, de lazer, da dor (morte, viuvez etc.), beneficentes. Organizaram-se poderosas¹²⁹ federações de apoio às uniões locais, durante greves e perseguições. Participar da imprensa operária custava muito sacrifício, na maioria das vezes levava o operário a doar sua própria vida, depois de ter trabalhado sempre sem esperança de vantagem material e/ou de satisfação da ambição pessoal.

“Sem dúvida, é necessário recordar que o fato mesmo de pertencer a uma união operária, além dos problemas possíveis, exige do trabalhador sacrifícios bastante importantes em dinheiro, tempo e trabalho voluntário, implica risco constante de perder o trabalho pelo mero feito de pertencer à união operária.” (Apoio Mútuo, 260)

“Vi homens que morriam de tuberculose e que o sabiam e assim mesmo corriam sob a chuva gelada e a neve para organizar conferências, e eles mesmos falavam nas conferências até poucas semanas antes de sua morte e por último ao ir ao hospital, nos diziam: — Bem, amigos, minha canção terminou: os médicos decidiram que me restam somente poucas semanas de vida. Dizei aos camaradas que me farão feliz se algum vier visitar-me.” (Apoio Mútuo, 262)

Embora a imprensa oficial chamasse as greves de movimentos de *intimidação*, quem vivia entre grevistas, escreve Kropotkin, podia observar com admiração a ajuda e o apoio mútuos praticados entre eles: na distribuição de alimentos, na organização de fundos de greve etc. (Apoio Mútuo, 261) Referindo-se a essas ações, afirma:

¹²⁹ A Associação Nacional para a proteção do trabalho incluía em sua organização cerca de 150 uniões distintas e contava em conjunto com mais ou menos 100.000 membros. As organizações dos operários da construção e dos mineiros eram também muito importantes. Kropotkin indica, para maiores detalhes sobre o assunto, a leitura de *History of Trade- Unionism*, de Sdney y Beatrice Webb, 1894. Refere-se também à “Gran Unión Nacional,” de R. Owen que foi dissolvida pelas forças estatais e que contava com mais ou menos meio milhão de membros. (Kropotkin, 1989:258)

“Todo o progresso realizado por nós no passado é o resultado do trabalho de uns homens de uma abnegação semelhante.” (Apoio Mútuo, 263)

A união dos operários não constituiu a única forma de expressão da ajuda mútua. Também as associações políticas, cuja ação, segundo consideravam muitos operários, escreve Kropotkin, conduz melhor ao bem-estar público do que as uniões profissionais que se limitavam a estreitos fins, testemunham o esforço humano na direção associativa. Para Kropotkin, a política constitui precisamente o campo no qual os homens egoístas realizam alianças as mais complicadas com os homens inspirados por tendências socialistas. Por isso, embora exista seres abnegados dentro dessas associações, o fato de pertencer a uma corporação política não basta; a prática de ajuda e apoio mútuo devem ser evidentes.

“Porém todo político experiente sabe que todos os grandes movimentos políticos surgiram possuindo justamente objetivos amplos e freqüentemente longínquo e os mais poderosos destes movimentos foram aqueles que provocaram o entusiasmo mais desinteressado.” (Apoio Mútuo, 262)

Quanto ao movimento cooperativo que na época de Kropotkin já recebia críticas de socialistas que viam nele individualismo por ações, nosso autor não o despreza totalmente, afirmando:

“É necessário dizer também que nos últimos anos começaram a evidenciar-se, entre os cooperados, ideais mais amplos de bem-estar público e de solidariedade entre os produtores.” (Apoio Mútuo, 263)

Toda a vida do trabalhador inglês está impregnada de instituições de ajuda mútua e nelas impera a alegre sociabilidade e camaradagem, apesar de se considerar o crédito e o débito de cada membro, observa nosso autor. No entanto, existem outras instituições que estão totalmente baseadas no auto-sacrifício, tal como a sociedade de salvamento marítimo da Inglaterra. Depois de relatar a auto organização dessa sociedade e atos de abnegação, escreve:

“Os artifícios da mente não podem opor-se ao sentimento de ajuda mútua, pois este sentimento foi educado durante milhares de anos pela vida social humana e por

centenas de milhares de anos de vida pré-humana nas sociedades animais.” (Apoio Mútuo, 267)

Mas como explicar a apatia, o egoísmo de tantos seres humanos?

“A resposta a estas perguntas é simples. O homem constitui uma mescla não só de instintos herdados, mas também de educação. Entre os mineiros e marinheiros, graças a suas ocupações comuns e ao contato cotidiano entre si, se cria um sentimento de reciprocidade, e os perigos que os rodeiam educam neles a coragem e o audácia. Nas cidades, pelo contrário, a ausência de interesses comuns educa a indiferença; e a coragem e o talento, que raramente têm aplicação, desaparecem ou tomam outra direção.” (Apoio Mútuo, 267)

Kropotkin também se refere às inúmeras sociedades científicas, literárias, artísticas e educacionais criadas sob o princípio da ajuda e apoio mútuos, funcionando sob o controle do Estado ou de forma independente. Com relação às corporações estatais, escreve:

“Naturalmente, é necessário dizer que, até a época presente, as corporações científicas, que se encontram sob o controle do Estado e que com frequência recebe dele subsídios, geralmente se converteram em um círculo muito estreito, já que os homens de carreira freqüentemente consideram as sociedades científicas como meios para ingressar nas filas de sábios pagos pelo Estado, apesar de que, indubitavelmente, a dificuldade de ser membro de algumas sociedades privilegiadas só conduzem a suscitar invejas mesquinhas.” (Apoio Mútuo, 270)

As sociedades que objetivam difundir a educação ao mesmo tempo que desejam destruir o monopólio do Estado e/ou da Igreja, tornam-se muito importantes e o serão ainda mais, afirma Kropotkin, no campo da educação popular¹³⁰.

A consciência da solidariedade humana internacional cresce e Kropotkin acredita que o traço característico da vida moderna não é a busca irracional da satisfação de interesses pessoais esquecendo-se das necessidades alheias. Junto a essas correntes

¹³⁰ O autor se refere, por exemplo, à Associação Froebel e seu sistema de jardins de infância; à associações femininas na Rússia que impulsionaram a criação do Instituto Feminino de Medicina, os Cursos Femininos Superiores, a Escola Comercial Superior para Mulheres. (Kropotkin, 1989:271)

egoístas, que orgulhosamente exigem que se lhes reconheça importância dominante nos negócios humanos, observa Kropotkin, a luta que a população rural e operária realiza com o fim de reintroduzir as firmes instituições de ajuda e apoio mútuos está viva não só entre os pobres — nosso autor cita inúmeros exemplos de solidariedade recolhidos por ele e também fornecidos por pessoas amigas que voluntariamente moravam nos bairros pobres. (*Apoio Mútuo*, 273-5) Acrescenta a isso, exemplos de solidariedade praticados pela classe rica, apesar de serem, no geral, atos fechados na sua própria classe. Quanto aos atos cruéis dessa classe, Kropotkin explica que não derivam exclusivamente da natureza humana mas também dos guias espirituais que a humanidade tinha.

“Não é verdade que até uma época recente os homens de ciência e até uma parte importante do clero não difundiam doutrinas que inculcavam desconfiança e desprezo, e quase ódio às classes mais pobres? Por acaso os homens de ciência não diziam que desde que a servidão foi abolida só são pobres os homens viciosos? E (...) a maioria do clero ensinava que os sofrimentos dos pobres e até a escravidão dos negros eram cumprimento da vontade da Providência Divina! Por acaso o cisma mesmo na Inglaterra não era em essência um protesto popular contra o cruel trato que a Igreja do Estado dava aos pobres?” (*Apoio Mútuo*, 278)

O surgimento da Religião institucionalizada, do Estado e das leis interromperam, segundo o autor, esse desenvolvimento progressivo da sociedade, já que essa “Trindade” foi se apropriando paulatinamente das tendências da sociedade em seu próprio benefício, embora até então, observa, nenhum poder centralizado conseguiu acabar totalmente com a prática da solidariedade:

Kropotkin finaliza seus estudos sobre a ajuda mútua na sociedade moderna afirmando

“Nem as forças abrumadoras do Estado centralizado, nem as doutrinas de ódio mútuo e de luta implacável que, adornadas com os atributos da ciência, predicam oficiosos filósofos e sociólogos, poderiam desarraigar o sentimento de solidariedade, profundamente assentado no entendimento e no coração do homem, porque está nutrido de toda nossa evolução anterior(...). Aquilo que foi resultado da evolução, começando desde seus mais primitivos estágios, não pode ser destruído por uma das fases transitórias dessa mesma evolução. E a necessidade de ajuda e apoio mútuos

que se ocultou quiçá no círculo estreito da família, entre os vizinhos das ruas e vielas pobres, na aldeia ou nas uniões secretas de trabalhadores, renasce, até em nossa sociedade moderna e proclama seu direito, o direito de ser, como sempre há sido, o principal impulsor no caminho do progresso máximo.” (Apoio Mútuo, 279)

Há quem insista em acreditar que a conquista do poder estatal pelo povo bastará para realizar a revolução social. Querem dirigir o ressurgimento da sociedade por meio de decretos e maiorias eleitorais. Que ridículo!, exclama Kropotkin.

Construir um socialismo pleno significa refazer completamente a sociedade dominada pelo mesquinho individualismo do comerciante. Não se trata de dar ao trabalhador “o produto íntegro de seu trabalho”; é uma questão de remodelar completamente todas as relações, desde as que existem hoje entre cada indivíduo e seu carteiro e seu leiteiro até as que se produzem entre famílias, aldeias, cidades e regiões.

Ao largo da história de nossa civilização duas tendências, duas tradições opostas têm se enfrentado: a romana imperial e a popular federalista; a autoritária e a libertária.

Segundo Kropotkin, os anarquistas querem ressuscitar o espírito comunalista do séc. XII e organizar uma nova sociedade sobre a base do acordo livre e da iniciativa individual, assim como da federação livre das partes interessadas. Concebem a história não como um progresso natural e contínuo, mas observam que o modelo segue o mesmo caminho: começado pela tribo primitiva, comuna rural, cidade livre e morrendo finalmente com o advento do Estado. Ou se destrói o Estado ou o Estado destruirá a sociedade.

A que Estado está Kropotkin se referindo? Embora prefira estudar as comunas independentes e federadas, nosso autor vê a importância de se conceituar Estado não só para uso teórico. Esse exercício oferece luzes para que se compreenda a profunda divisão que existe entre as práticas dos socialistas, ou seja, quando organizam ações revolucionárias. De uma parte, há os que acreditam que a revolução social pode ser realizada utilizando-se o próprio Estado, mantendo a maior parte de suas atribuições e inclusive, ampliando-as em benefício da revolução. De outra, e entre estes encontra-se Kropotkin, há os que acreditam ser necessário não a reforma do Estado, mas sua abolição, visto que ele é a antítese da liberdade, criado para impedir o florescimento de princípios tais como: livre acordo, apoio mútuo, autonomia; é órgão impedor da

revolução social, é o maior obstáculo para o desenvolvimento de uma sociedade baseada na igualdade e liberdade.

Kropotkin considera que só há uma maneira para se compreender bem o que é o Estado: estudá-lo no seu desenvolvimento histórico, captando sua essência, as razões de sua aparição, comparando-o com as instituições que veio a substituir, seu papel no passado e o que poderá representar no futuro.

Confundir *estado* com *sociedade*, como faz a escola alemã e pensadores franceses, escreve nosso autor, os quais não podem conceber a sociedade sem a centralização do Estado, produz a crítica dirigida aos anarquistas: *os anarquistas querem destruir a sociedade, pregam o regresso da guerra de todos contra todos*.

O Estado que conhecemos, afirma, teve como modelo o Império Romano, que era regido por uma só lei, imposta por Roma. A vida do Império tinha sua fonte no Senado e mais tarde no César, o onipotente e onisciente Deus do Império.

De Roma vinham as leis, os magistrados, as legiões para defender o território, os governadores e até os deuses; cada província tinha seu capitólio em miniatura, sua pequena porção de soberania romana que dirigia todos aspectos da vida (econômica, militar, relações jurídicas, educação, religião). Este Império não representava, de nenhum modo, uma confederação de cidadãos; era um rebanho de súditos. O legislador e o autoritário, continua, admiram esse Estado por sua solidez, pelo espírito unitário de suas leis, pela beleza e harmonia de sua organização.

O Estado é, para Kropotkin, não só um órgão de dominação de classes, como afirma também o marxismo; é acima de tudo, órgão impedidor por todos os meios do desenvolvimento do livre acordo, do apoio mútuo e da autonomia; é a antítese da liberdade. O Estado representa a posição institucionalizada das classes exploradoras sobre os costumes e usos da solidariedade das classes oprimidas. As comunidades humanas que se basearam no *apoio mútuo* foram prósperas e vigorosas; quando abandonaram esse princípio e aceitaram o domínio da autoridade, decaíram até o estancamento. Em *El Estado*, nosso autor inclusive chega a conclusão partidista de que a anarquia, a sociedade sem governo, é a única forma social que está em pleno acordo com os benéficos princípios da cooperação social.

O Estado nasceu não nas cidades livres, mas nas aldeias atrasadas e, na Europa, data do séc. XVI. O **Estado é uma forma histórica da sociedade!** Porque não distinguir o permanente do acidental?

A educação que recebemos, escreve, refere-se ao papel pacificador e civilizador de nossos atuais governantes, teoria que se embasa na história da origem das sociedades divulgada pelos filósofos do séc. XVIII que assim se resume: os homens viviam em pequenas famílias isoladas, guerreando entre si. Um dia, se deram conta da inconveniência dessas guerras e decidiram aliar-se; estabeleceu-se contatos e deu-se a submissão voluntária a uma autoridade que se converteu em ponto de partida e iniciativa de todo progresso. Essa idéia de contrato social deve ser reconhecida como falsa, apesar de no passado ter servido como arma poderosa contra a realeza divina.

2.2. Conclusões a que Kropotkin chegou

A investigação da vida dos animais realizada por Kropotkin durante sete anos, quer mediante estudos em obras e/ou de observações diretas, o levaram a concluir que a maioria das espécies vive em sociedade e encontra, na sociabilidade, a melhor arma para a *luta pela existência*. Todos os grupos biológicos superiores e melhor adaptados não são os competitivos e sim os solidários. Mais importante para o progresso e evolução da espécie — progresso que leva em consideração as necessidades do maior número de indivíduos — é o instinto de *ajuda mútua* que move os animais a enfrentarem solidariamente a hostilidade ambiental.

Entre os homens também o enfrentamento quer das inclemências climáticas da natureza e/ou dos obstáculos criados pelo próprio homem se dá, quase sempre, através da *solidariedade*. A guerra não é a condição normal da vida. A *competição* das espécies existe no mundo animal assim como existe entre os homens (como se fossem de espécies diferentes), mas Kropotkin vê a *competitividade* das espécies muito mais como uma *luta* dos indivíduos contra o meio do que uma *luta* com o objetivo de triunfo do *mais forte*. Observa também que a competição é, sempre que possível, evitada. A prática da *solidariedade*, segundo o autor, só enfraquece quando há abundância ou escassez de recursos.

“...quando observamos que para o homem até o êxito na luta e na guerra é proporcional ao desenvolvimento da ajuda mútua em cada uma das partes em luta, seja estas nações, cidades, tribos ou somente partidos e que no processo de desenvolvimento a guerra mesma (enquanto pode cooperar neste sentido) se submete aos objetivos finais do progresso da ajuda mútua dentro da nação, cidade ou tribo, por todas estas observações já temos uma idéia da influencia predominante da ajuda mútua como fator de progresso.” (Apoio Mútuo, 284)

No entanto, o pensamento kropotkiniano não considera o *apoio mútuo* como o fator determinante da evolução e sim como **um** fator de evolução, mais importante que a *luta mútua*. A auto-afirmação também constitui um elemento do progresso não só nos seus esforços para alcançar a superioridade pessoal ou de casta na relação econômica, política e espiritual, como também na atividade que é muito importante,

“a pesar de ser menos notável: romper os laços que sempre tendem à cristalização e petrificação, que impõe sobre o indivíduo, o clã, a comuna rural, a cidade ou o estado.” (Apoio Mútuo, 283)

Observa nosso autor que a importância da personalidade e da força individual na história da humanidade já foi bastante estudada enquanto a *ajuda e apoio mútuos* foram relegados. Depois de Darwin, pergunta, quem tratou desse assunto?

“É evidente que nenhum esquema do desenvolvimento da humanidade pode ser completo se não considera estas duas correntes dominantes.” (Apoio Mútuo, 283)

O termo *luta pela existência* é empregado por nosso autor não como uma luta pelos meios diretos de existência e sim como **luta coletiva** contra todas as condições naturais desfavoráveis para a espécie. Entende que essa é também a interpretação dada por Darwin. Escreve:

“A proteção mútua, lograda em tais casos e devido a isto a possibilidade de alcançar a velhice e acumular experiência, o alto desenvolvimento intelectual e o máximo crescimento dos hábitos sociais, asseguram a conservação da espécie e também sua difusão sobre uma superfície mais ampla e a máxima evolução progressiva. Pelo contrário, as espécies não sociáveis, na enorme maioria dos casos, estão condenadas à degeneração.” (Apoio Mútuo, 282)

Kropotkin salientou a existência de instituições e costumes sociais fundadas na ajuda e apoio mútuos desde a tribo. Segundo ele, essas instituições e costumes deram à humanidade, em embrião, todas aquelas instituições que mais tarde atuaram como elementos impulsionadores mais importantes do máximo progresso. Salientou também o fato de o código moral, elaborado desde a tribo, ter sido mantido e enriquecido sem necessidade de uma autoridade externa; a força da comunidade foi suficiente.

Diante de situações novas, a humanidade sempre cria formas de organização buscando responder as suas necessidades de *autogestão*, de *liberdade*, de *solidariedade*. Quando a *unidade tribal* foi perdida em virtude de problemas conjunturais, ou seja, quando os laços de parentesco perderam significado, nasceu a *comuna rural* dos bárbaros que fundou-se na posse comunal da terra. O espírito federativo e o hábito de se resolver problemas por meio de assembléias foi mantido e aperfeiçoado.

Surgiu depois o direito popular das *cidades livres* na Idade Média, cidades administradas por uma dupla rede (de comunas rurais e de guildas) e que representam uma tentativa de estreita união baseada na *ajuda e apoio mútuos* com a finalidade de organizar o consumo, a produção e a vida social em geral, sem nada impor, deixando liberdade plena para a manifestação do gênio criador de cada grupo ou indivíduo nos diferentes campos (arte, trabalho, ciência, comércio).

Até o século XII, afirma nosso autor, o europeu, era essencialmente **federalista**; seus problemas pessoais e/ou coletivos foram resolvidos no processo de **autogestão**; a **responsabilidade comunal individual** era a base sobre a qual a sociedade se desenvolvia. O homem, na teoria kropotkiniana, possui, em potencial, a capacidade de se preocupar e de se ocupar com os problemas coletivos e a vida em sociedade faz parte da própria essência do homem; seus interesses individuais e coletivos são idênticos.

Segundo Kropotkin, o Estado, que se estruturou conforme modelo de Roma Imperial, destruiu as instituições de ajuda e apoio mútuos da Idade Média e organizou uma nova forma de associação que submetia toda a vida da população à autoridade estatal. A existência de leis, de instituições estatais colocaram obstáculo ao desenvolvimento

das ações cooperativas criando uma instância inabitável. Porém, continua, a tendência da humanidade ao *apoio mútuo* e sua necessidade de união direta novamente se manifestou e agora de formas as mais variadas, abraçando todas as manifestações da vida, criando associações que deveriam ser “*um corpo vivo, no lugar do mecanismo morto, submetido à vontade dos funcionários.*” (*Apoio Mútuo*, 282) Criou as associações, federações e a imprensa operária, as cooperativas, as associações políticas.

A prática da *ajuda mútua* e seu desenvolvimento subsequente, combinada com o respeito e estímulo à iniciativa individual, criaram as condições para o desenvolvimento no campo das artes, indústria e ciência, como se pode observar, afirma Kropotkin, tanto nas cidades da antiga Grécia como nas cidades livres da Idade Média. Já a destruição das instituições e costumes de *ajuda mútua*, realizada nos períodos estatais da história, resultou em época de rápida decadência.

O súbito progresso industrial do século XIX não foi fruto do individualismo e/ou da competência. Atribuir esse progresso industrial ao princípio da guerra de todos contra todos significa, afirma Kropotkin, julgar desconhecendo as verdadeiras causas, “*...significa julgar como aquele que sem saber as verdadeiras causas da chuva a atribui à oferenda feita pelo homem ao ídolo de argila.*” (*Apoio Mútuo*, 285)

Para nosso autor, a origem é muito mais remota: os grandes descobrimentos científicos do século XV, em especial, o da pressão atmosférica, apoiados por uma série completa de outros no campo da física — e estes descobrimentos foram realizados nas cidades medievais — é que possibilitaram a invenção da máquina a vapor e o acontecimento da revolução industrial. Acredita, inclusive, que a revolução industrial só não emergiu antes porque as cidades livres foram destruídas.

“*Considerando a rapidez assombrosa do progresso industrial no período que se estende desde o século XII até o século XV, no tecido, no trabalho de metais, na arquitetura, na navegação, e refletindo sobre os descobrimentos científicos aos quais conduz este progresso industrial a fins do século XIX, temos direito a formularmos esta pergunta: Não se atrasou a humanidade na utilização de todas estas conquistas científicas quando começou na Europa a decadência geral no campo de das artes e da indústria, depois da caída da civilização medieval? Naturalmente, o*

desaparecimento dos artistas artesãos, como os que ergueram Florença, (...) e muitas outras cidades, a decadência das grandes cidades e a interrupção das relações entre elas não podiam favorecer a revolução industrial. Realmente sabemos que James Watt, o inventor da máquina a vapor moderna, demorou mais de dez anos para tornar seu invento praticamente utilizável, posto que não pode contar, no século XVIII com ajudantes que facilmente teria encontrado em Florença (...) da Idade Média; isto é, artesãos capacitados para realizar seu invento no metal e dar-lhe o acabamento e finura artística que são necessárias para a máquina de vapor que trabalha com exatidão.” (Apoio Mútuo, 285)

No campo da moral, Kropotkin observa que a *ajuda mútua* é a base de todas as concepções éticas. Independentemente de se atribuir sua origem a causas biológicas e/ou sobrenaturais, o que se reconhece é sua existência e importância desde os graus inferiores do mundo animal, podendo-se observar seu desenvolvimento. Entre os homens, observa-se que as religiões nada mais foram do que a afirmação desse princípio; os adeptos, no geral, saíram das classes populares oprimidas que viviam esse princípio como necessidade da vida cotidiana. As novas formas de união introduzidas nas antigas comunidades budistas e cristãs adquiriam o caráter de *retorno às melhores formas de apoio mútuo que se praticavam no primitivo período tribal*. (Apoio Mútuo, 286)

Acredita Kropotkin que os princípios mais elevados — o *perdão*, a *gratuidade*, a *abnegação* — nos conduzem mais rapidamente e melhor à felicidade; que o homem deve tomar por guia de seus atos não só o amor, que sempre tem um caráter pessoal ou, no melhor dos casos, caráter tribal, e sim a concepção de sua unidade com todo ser humano, a igualdade de direitos. É com a difusão desses princípios e da prática da *solidariedade* que se garante a evolução mais elevada do gênero humano.

A solidariedade, resultado da evolução dos seres vivos, não pode ser destruída por uma das fases transitórias dessa mesma evolução. A necessidade de *ajuda e apoio mútuos* que se oculta, talvez, no círculo estreito da família, entre vizinhos pobres, na aldeia ou uniões secretas de operários, renasce em nossa sociedade moderna e proclama seu direito, o *direito de ser*, como sempre foi, o principal motor no caminho do progresso máximo.

Kropotkin entende como tarefa fundamental o *estudo dos métodos que as massas populares empregam na manutenção de sua organização social, baseada em suas concepções de igualdade, de ajuda e apoio mútuos, isto é, de direito comum.*

Capítulo 3

EXTENSÃO DA TEORIA DO APOIO MÚTUO AO CAMPO DA ÉTICA

O que caracteriza o pensamento kropotkiniano, mais do que o comunismo antiestatal ou anarquista, é a *ética do apoio mútuo*¹³¹ e o seu estudo sobre a moral representa uma extensão da teoria do *apoio mútuo* ao campo da ética.

Investiguei em *La Moral Anarquista e Ética* como o autor construiu sua própria teoria ética — *ética científica, naturalista, realista, humana* — que se expressa como *teoria da solidariedade*; como explica o *utilitarismo* e a *autonomia* moral no indivíduo; como elaborou sua moral social constituída pelos elementos: *solidariedade, justiça e abnegação*.

Sua preocupação em construir uma Ética que servisse de guia para as atividades práticas de todo revolucionário talvez seja o móvel mais importante nesse seu trabalho que ele próprio considerava *um trabalho revolucionário, imprescindível*.

O séc. XIX, comenta ele, presenciou o nascimento de novos ramos da ciência: Antropologia, Etnologia pré-histórica, História das Religiões. Presenciou descobrimentos no ramo da Física, os progressos na área da Biologia, Psicologia, o surgimento da teoria da evolução. Todo esse progresso resultou em uma transformação radical nas concepções sobre o desenvolvimento da humanidade e deu

¹³¹ Para Cappelletti (1978:10), a ética kropotkiniana é uma versão naturalista do amor fraterno tolstoiano, ainda que se refira ao *instinto de sociabilidade* e não ao *amor* ou *simpatia*. Angel J.Cappelletti, sulamericano, é um rigoroso investigador do anarquismo.

forças materiais e liberdade mental para que se pudesse perceber que a capacidade da humanidade para satisfazer suas próprias necessidades era superior às necessidades mesmas. Além disso, acrescenta, a atmosfera intelectual criada potencializa a socialização de todas as conquistas humanas.

Graças à ciência contemporânea, continua, toma o homem consciência, de um lado, de sua pequenez — o homem deixa de ser o centro do Universo, deixa de ser preocupação especial do Criador — e, de outro, da sua grandeza, com sua potencial evolução progressiva. Descobriu-se que a energia é indestrutível e aprendeu-se que, sem o grande Todo, nosso *Eu* não é nada e que, para determinar o *eu*, é imprescindível um certo *tu*.

Com otimismo, proclama Kropotkin que já se pode reconstruir toda a vida social sob os princípios da justiça. (*Ética* In *La Moral Anarquista*, 54). Reconhecer que a justiça é a origem da moralidade, continua, equívale a reconhecer a igualdade política e social dos direitos do homem, ou seja, a rejeitar a diferença de classes.

“O importante é que a justiça é o conceito básico da moralidade, posto que não pode haver moral sem igualdade de direitos, isto é, sem justiça.” (Kropotkin, *Justiça e Moralidade*. In *Cenit*, 1959:2780)¹³²

No entanto, observa que esse trabalho está para ser feito. A *Ética*, ciência dos princípios fundamentais da moral, apresenta-se bastante atrasada, apesar de Bacon já haver traçado as suas linhas fundamentais, quando formulava as fases do ressurgimento das ciências. Adiciona a isso o fato de a história escolar, verdadeira narrativa da desigualdade humana, enfocar mais os acontecimentos que evidenciam a aspiração de conquista de direitos especiais de indivíduos ou grupos, fazendo pouca referência à resistência da maioria defendendo a igualdade de direitos; este fato colabora como desestimulador da pesquisa sobre ética na direção que nosso autor aponta.

A insuficiência da *Ética* contemporânea resultou em proveito de um novo idealismo místico religioso, observa Kropotkin, criticando-se, primeiramente, certos erros na

¹³² *Cenit* é revista anarquista mensal, revista de Sociologia, Ciência e Literatura

filosofia científica naturalista e, mais tarde, se dirigindo à ciência em geral, proclamando-se, inclusive a sua “*bancarrota*”. Volta-se a Kant, Schelling, Lotze e propaga-se o *indeterminismo*, o *espiritualismo*, o *apriorismo*, o *idealismo individual*, a *intuição*, o *misticismo de São Bernardo* e dos *neo-platônicos*, o *simbolismo*, o *inapreciável*, o *inconcebível*. Ressuscita-se a fé no Satanás da Idade Média, bem como o *amoralismo* e o culto dos *espíritos superiores*, chamados agora de *super homens*.

“Isso correu precisamente a Huxley¹³³, o qual, em sua conferência sobre ‘A Evolução e a Ética’, começou a repudiar todo fator moral na vida da natureza, vendo-se assim obrigado a reconhecer a existência do princípio ético fora dela; porém logo renunciou a este ponto de vista e reconheceu a presença de um princípio ético na vida social dos animais.” (*Ética In Moral Anarquista*, 61)

Kropotkin reclama por uma *nova ciência realista da moral*, livre de todo *dogmatismo religioso*, das *superstições* e da *mitologia metafísica*, livre como já se apresenta a filosofia naturalista contemporânea.

A Ética tem que nos ensinar, afirma, *onde residem as forças capazes de exaltar este sentido moral até o ponto mais puro e mais elevado*. (*Ética In La Moral Anarquista*, 56) Ela deve facilitar não uma transação ou compromisso, mas uma síntese entre os sentimentos chamados de *altruístas* e *egoístas*; não deve impor nada como obrigação moral, pois Ética não é Direito, escreve Kropotkin. A moral não responde à questão sobre a necessidade ou não da legislação; seu plano é superior; ela não reprova os pecados do homem, age no sentido positivo, apelando para razões superiores tais como: o amor, a fraternidade, o respeito a si próprio, a coerência vida-ideal. (*Ética. In La Moral Anarquista*, 69)

Cabe à Ética indicar ao homem, que quer suas forças integralmente utilizadas, que renuncie à idéia de que é possível viver sem ter em conta as necessidades e desejos dos demais; criar uma atmosfera tal que todas aquelas ações que conduzem ao bem-estar da comunidade e à maior felicidade possível de cada um se realizem quase que

¹³³ Nessa Conferência, Huxley desenvolveu a idéia da existência de dois processos opostos que se negam mutuamente: o *processo cósmico* (vida do Universo) e *processo ético* (vida moral). O sofrimento é a lei de todos os seres vivos e constitui o elemento essencial do primeiro processo que é regado com sangue e dá vitória ao mais forte. Já o *processo ético* teria surgido, não se sabe como, na sociedade humana limitando e regulando o *processo cósmico*. A natureza mesmo seria o quartel general do inimigo de toda a moral. (*Ética. In La Moral Anarquista*, 223-224)

impulsivamente, sem vacilações. O homem deve ser aconselhado *a fazer ao outro o que, em situação análoga, desejaria que fizessem com ele*.

O homem não pode crer que a luta cruenta pela posse, que tem lugar entre homens isolados e entre nações, seja a razão última da ciência, nem pode crer, tão pouco, que a solução do problema esteja tão somente na pregação da fraternidade e resignação, como ensina o cristianismo. Iguais razões induzem a maioria do povo a não crer no comunismo (*Ética In La Moral Anarquista*, 68). E, como nenhum movimento novo consegue abrir caminho se não desperta certo entusiasmo para vencer as resistências da rotina, a tarefa fundamental da *Ética* há de ser:

“(...) inspirar ao homem ideais capazes de despertar nele a exaltação entusiasta e as forças indispensáveis para realizar a união entre a energia individual e o trabalho para o bem comum.” (Ética In La Moral Anarquista, 68)

Quando o homem se sente em comunhão com o Cosmo e com a Humanidade inteira, afirma Kropotkin, contagia, com seu êxtase (considerado até agora como um bem supremo da religião), outros milhões de homens, despertando neles suas melhores forças e o desejo de perfeição.

É verdade, afirma Kropotkin, que já chegamos a uma explicação científico-natural da origem do sentimento moral, mas a humanidade reclama a *justificação* desse sentimento. Também os movimentos sociais de trabalhadores¹³⁴ acontecidos na primeira metade do séc. XIX, (o fourierismo, o owenismo, o saint-simonismo e, mais tarde, o socialismo e o anarquismo internacional) buscaram revisar as bases nas quais se fundam todas as concepções morais, bem como reconstruir a vida social. O anarquismo, segundo nosso autor, constituiu-se em um vasto movimento que, mesmo estando dirigido mais que tudo por motivos econômicos, foi em seu sentido mais profundo, uma direção ética.” (*Ética In La Moral Anarquista*, 58)

Kropotkin acentua que o principal problema da *Ética* realista contemporânea consiste em definir a *finalidade* moral a que aspiramos, finalidade que deve ser real.

¹³⁴ Para Fourier, a “civilização” *hipócrita, complexa, ambígua, equívoca* levará o homem ao desaparecimento futuro; para Owen a solidariedade resultaria da organização da sociedade segundo princípios comunistas; para Saint Simon, a ciência e a indústria deveriam governar a sociedade na direção da melhoria de vida de toda a população.

Infelizmente, como já assinalamos, o autor não chegou a desenvolver conclusivamente esse tema. No entanto, ao investigar a origem do sentimento moral, fornece alguns elementos, depois retomados em *La Moral Anarquista*, que poderão estar nos indicando a direção da ética kropotkiniana que tem por base o princípio “sem igualdade não há justiça e sem justiça não há moral”, e que, ao mesmo tempo, vendo nesse princípio somente a expressão de justiça e de igualdade de direitos, propõe como expressão íntegra da moral, o “*dar sem esperar retribuição*,” entendendo “*dar*” como doação da própria vida, se necessário.

3.1. A obra *Ética: Origem e Evolução da Moral*

3.1.1. *Gênese e Estrutura de Ética: Origem e Evolução da Moral*

“*Ética é o canto de cisne do grande sábio-humanista e revolucionário-anarquista e constitui o coroamento e a conclusão de todas as concepções científicas, filosóficas e sociais de P. A. Kropotkin, elaboradas no curso de sua larga e extraordinária vida*” (*Ética*, 1945:11). São palavras de Lebedef, genro e discípulo de Kropotkin, que ficou encarregado, por vontade do autor, de tornar pública esta obra.

Ética começou a ser perfilada de um modo específico por Kropotkin por volta de 1880 e só foi sistematizada na última década do século passado. A redação final deu-se no período em que a revolução leninista acontecia.

Inacabada em virtude da morte de Kropotkin¹³⁵, apresenta-se dividida em duas partes: uma dedicada ao estudo da origem e desenvolvimento histórico da moral e outra consagrada à exposição das bases e finalidades da ética realista.¹³⁶ Só foi possível terminar a primeira parte e assim mesmo não em sua forma definitiva; o último capítulo da parte histórica, precisamente as doutrinas de Nietzsche, Stirner e Tolstoi não foram redigidas. Do segundo tomo de *Ética*, Kropotkin chegou a escrever, em inglês, alguns ensaios que pensava publicar como artigos de revistas e diversas notas e rascunhos. Entre esses artigos cito: *Ética Primitiva, Justice, Moralidade e Religião*,

¹³⁵ Baseei-me no Prólogo de *Ética*, 1945 escrito por Lebedef, principalmente, para desenvolver as idéias que apresento sobre a gênese dessa obra.

¹³⁶ Kropotkin pretendeu escrever uma *Ética* puramente *humana* e as vezes a denominava de *realista*. Não se tratava de uma ética *revolucionária* ou *anarquista*, apesar de considerar o seu trabalho uma tarefa revolucionária. Ele não admitia a existência de Éticas diversas.

Ética e Ajuda Mútua e Origem dos Motivos Morais e Senso de Trabalho, que precisariam ser recopiados e unificados, para se ter uma imagem completa da riqueza do pensamento ético kropotkiniano.

Para meus estudos utilizei a publicação da ediciones Júcar, Espanha, 1978, que tem o título *La Moral Anarquista* e foi traduzida diretamente do russo por Nicolás Tasín. Embora *A Moral Anarquista* tenha sido escrita 30 anos antes de *Ética*, ajuda a sistematizar uma posição que ficou inconclusa com a morte do autor. Pela primeira vez *Ética* e *A Moral Anarquista* foram publicadas juntas. *Ética* compõe-se de 15 capítulos assim intitulados: *Necessidade contemporânea de desenvolver os fundamentos da moral*, *Visão de conjunto dos fundamentos de uma nova Ética*, *O princípio moral na Natureza*, *Concepções morais dos povos primitivos*, *Evolução das doutrinas morais*; *a Grécia antiga*; *Ética do cristianismo*; *Idéias morais da Idade Média e o Renascimento*; *Evolução da Ética de Hobbes a Espinosa e Locke*; *Teorias morais francesas dos séculos XVII e XVIII*; *Ética do sentimento de Shaftesbury a Adam Smith*; *Filosofia moral de Kant e seus sucessores alemães*; *Teorias morais da primeira metade do século XIX*; *Ética do socialismo e do evolucionismo*; *Teorias morais de Spencer*; *Ética de Guyau*.

O livro *Apoio Mútuo* é seu antecedente remoto e não é possível entender *Ética* sem a leitura prévia dele. *Apoio Mútuo*, na verdade, constitui a introdução das concepções morais de Kropotkin.

Ética foi elaborada em uma época em que a moral era repudiada por muitos como coisa inútil e o *amoralismo* de Nietzsche estava em pleno curso além de estar, ao mesmo tempo, sendo apoiado pela estreita interpretação das idéias de Darwin que afirmava ser o mundo regido pela lei da *luta pela existência*.

Sentindo a falsidade de tais concepções, Kropotkin se dispôs a provar cientificamente que a Natureza *não era amoral* e nem ensinava somente o mal ao homem. Em oposição ao anarquismo individualista, ele se empenhou em criar uma moral social.

A teoria ética kropotkiniana é a *teoria da solidariedade*. Kropotkin não apreciava o termo fraternidade, apontando as disputas e ódios entre irmãos que chegam, muitas

vezes, ao fratricídio. Até a Bíblia explica a origem do gênero humano começando pelo fratricídio, escreve.

Quando afirma que a solidariedade existe, não está afirmando que o egoísmo não existe; ele vê o apoio mútuo como possibilidade e não como determinismo, **podendo** se desenvolver graças a uma firme vontade coletiva unida a uma forte esperança também coletiva. Kropotkin não nega a existência da luta competitiva, apenas coloca esta luta no seu devido lugar.

Seleciona autores para seus estudos, critica-os, dialogando com eles. Nada impõe, não desfigura nem retorce o argumento alheio. Fica evidente, no entanto, a sua oposição às éticas em moda.

*“A éticas tão arrogantes vão opor-se a **ética** kropotkiniana (...), na qual não cabe metafísica (...), nem religião (...), nem ‘moralismo’ algum superestrutural e antihumanístico.”* (Dias, Carlos In *A Moral Anarquista*, 10)

Ética apresenta um conceito de moral que difere do conceito marxista; para este, a moral é relativa e depende sempre da classe que ocupa o poder, enquanto que o conceito kropotkiniano de moral é absoluto, está implícito na natureza e se aperfeiçoa na medida em que a evolução avança e os seres vivos se refinam. O autor dessa obra concebe a moral em um contexto de evolução e os marxistas, em um contexto de revolução. Tanto a *Ética* “burguesa” ou “proletária,” para nosso autor, fundam-se sobre uma base ética comum; acima do partido ou classe que se pertence, somos antes de tudo homem, *homo sapiens*, unidade lógica que compreende desde o europeu mais culto até o selvagem, desde o burguês mais refinado até o proletário mais humilde.

Para Kropotkin, a ética se funda em *bases puramente naturais*. Entende o *naturalismo ético* como realismo ético; para ele a natureza é a ciência, a realidade; as leis do homem são as leis do cosmos. Assim, *ética científica* é *ética naturalista* que se desenvolve utilizando os mesmos métodos que as ciências naturais:

“Muito se falou ultimamente do método dialético, mas nós de nenhum modo preferimos esse método ao das ciências naturais. Só ao método indutivo-dedutivo devemos a imensa série de aquisições...” (*La Moral Anarquista*, 11)

Para os que acreditam que a moral filosófica e as ciências não podem ter uma mesma metodologia nem uma mesma epistemologia, acrescenta Kropotkin:

“Quando os metafísicos querem convencer um naturalista de que a vida emocional e intelectual do homem se desenvolve conforme as leis inerentes do espírito, o naturalista encolhe os ombros e prossegue seu estudo paciente dos fenômenos da vida, da inteligência, das emoções e das paixões, a fim de provar que podem ser reduzidas a fenômenos físicos e químicos, tratando de descobrir suas leis naturais.”
(*La Moral Anarquista*,11)

Um outro traço da ética kropotkiniana é o utilitarismo entendido no sentido amplo: é útil para a espécie? Então é bom. Entendendo que o bem da espécie e do indivíduo são idênticos, considera que a felicidade não consiste no gozo individual nem nos prazeres egoístas, por elevados que sejam, e sim na luta pela verdade e justiça entre o povo e junto com o povo. Kropotkin opina que todo progresso humano está ligado à vida social a qual engendra natural e inevitavelmente no homem e animais o instinto de solidariedade que supõe o sentimento da igualdade — eu sou igual ao outro e esse outro abrange inclusive os animais, o cosmos. Esse sentimento moral se expressa na regra: Não faças ao outro o que não queres que façam a ti.

Como terceiro traço, o autor desenvolve a idéia de *autonomia* moral. O indivíduo é livre e plenamente feliz quando realiza o bem para a espécie, quando não só retribui o bem que recebe, mas dá mais do que recebe, quando inclusive doa sua própria vida pelo bem da coletividade.

O princípio “*não faças ao outro o que não queres que façam a ti*”, não é por si só a expressão íntegra da moral, escreve Kropotkin; é tão somente expressão de *justiça* e de *igualdade de direitos*, não inclui um outro elemento fundamental da moral que é a *abnegação* ou *auto-sacrifício*. A moral kropotkiniana se constitui então, de três elementos: *solidariedade* (que pressupõe *liberdade* e *igualdade*), *justiça* e *espírito de sacrifício*. Esta abnegação ou auto-sacrifício, Kropotkin observa tanto entre os homens como entre os animais. Entende como tarefa de um filósofo moralista estudar a origem e o desenvolvimento desses elementos da moral e provar que, como os demais impulsos e sentimentos, forma parte da natureza humana.

“Kropotkin entende a autonomia (teológica) do cosmos como uma lei que serve para assegurar a própria lei autônoma do homem. (...). Em geral, o infinitamente pequeno não é avassalado pelo infinitamente grande, porque — em última instância — a Natureza é o íntimo de cada coisa, sendo todo um (...) com a natureza. Por isso não faz sentido falar de centralismo algum, e sim de concentração harmoniosa entre o um e o múltiplo. Para um anarquista seria imperdoável o que não for harmônico, e seria intolerável o que for tirânico.” (Dias, Carlos In La Moral Anarquista, 12)

A coerência entre a teoria desenvolvida em *Ética* por Kropotkin e sua prática cotidiana chamava a atenção:

*“Quando não se sentia muito afetado por pela enfermidade trabalhava com todo empenho em sua última obra **Ética**, que, por desgrça, não pode terminar. Na casa em Dmitrov havia dois grandes ambientes. Um servia a Pedro de gabinete de trabalho; no outro Sofia atendia os afazeres da casa. Os dois ambientes estavam separados por um grosso muro, em que, segundo o costume russo, se havia construído uma estufa que esquentava ambos ambientes. Mas como o combustível no inverno era muito escasso, Sofia fechava sempre o acesso de calor ao seu ambiente para que o gabinete de trabalho de Pedro o recebesse todo, a fim de aquecê-lo durante seu trabalho. Porém ele descobriu rapidamente a treta e, quando ela voltava aos afazeres, caminhava sem ruído até a estufa e voltava a abrir o acesso, até que Sofia teve que renunciar de vez a esse recurso.” (Rocker, 1967:405-406)*

“Um dia, quando acompanhava pela aldeia silenciosa e morta à senhora de Kropotkin e lhe preguntara pela vida deles, disse-me com voz gelada: ‘Ontem vendemos o sobretudo de Pedro’. Quando os periódicos alemães, especialmente Die Freiheit, publicaram a notícia da pobreza em que vivia Kropotkin, o Comissário de Cultura chamou a sua senhora e lhe propôs enviar-lhe quanto necessitavam. ‘Obrigado — contestaram os anciãos — ; mal estamos, mas ainda estão pior muitos outros na Rússia.’ (Fernando De Los Rios In Polêmica, 19)

O primeiro fato, além de evidenciar essa coerência, mostra um pouco as condições em que trabalhava; o segundo, a privação que conheceu.

Kropotkin teve grandes dificuldades para escrever *Ética*. Dmitrov era uma pequena cidade, sem recursos e a biblioteca particular do autor havia ficado na Inglaterra. Por

carecer de meios, não podia adquirir os livros necessários; contou com a ajuda de amigos e conhecidos para conseguir os mais indispensáveis. Não dispunha de auxiliar, tendo que passar a limpo todo seu trabalho. Sua saúde precária e a falta de alimentação fazia-o comentar que suas forças se tornavam escassas e, as vezes, era obrigado a interromper o trabalho que ele próprio considerava revolucionário, imprescindível. Em uma de suas últimas cartas datada de 02 de maio de 1920, escreve:

“E volto aos trabalhos sobre as questões da moral, porque a mim parece se tratar de uma obra absolutamente necessária. Sei muito bem que os livros não determinam as correntes intelectuais, muito pelo contrário. Mas sei também que para esclarecer as idéias é preciso a ajuda dos livros que dão ao pensamento sua forma concreta. (...). Estes esclarecimentos são necessários sobretudo agora, quando o pensamento humano se encontra encerrado entre Kant e Nietzsche.” (Ética,11)

Lebedef relata diálogos que mantinha com Kropotkin. Este dizia:

“Se não fosse tão velho, não estaria nesses tempos revolucionários encurvado sobre um livro de moral. Tomaria parte ativa na construção da nova vida.” (Ética,11)

A Ética deveria guiar as atividades práticas de todo revolucionário, pensava ele. O revolucionário precisava ter fé na justiça da revolução social. A falta desse ideal moral, continua, é que talvez fosse a causa de a revolução russa mostrar-se impotente para criar um novo regime social sobre bases de justiça e de liberdade, bem como de propagar aos demais povos a chama revolucionária, como ocorreu com a revolução francesa, por exemplo.

Ética constitui-se em um esforço para responder a questão: por que hei de viver uma vida moral?

3.1.2. A ética no século XIX

Buscando, nas teorias morais contemporâneas, as tendências novas que se manifestavam no campo da ética, Kropotkin assinalou a presença do *positivismo*,

elaborado por Comte; o *evolucionismo*¹³⁷, criado por Carlos Darwin e elaborado em detalhe por Herbert Spencer em *Filosofia Sintética* e o *socialismo*, que teve sua origem na Revolução Francesa, desenvolvendo-se com a Revolução Industrial.

Aponta a falta de um sistema ético que considere as três tendências. Spencer, Guyau e, em parte, Wundt, Paulsen, Hoffding, Gizychi e Eucken ignoraram o *socialismo*, no qual, comenta nosso autor, reside uma grande doutrina moral, expressão das aspirações das massas trabalhadoras à justiça e à igualdade política e social. O esforço de Kropotkin vai na direção de preencher essa lacuna.

Entre os pensadores que trataram da doutrina moral na metade do século XIX, nosso autor destaca, entre outros, Mackintosh (1765-1832), Bentham (1748-1832) e Mill (1806- 1873)

Mackintosh, precursor do positivismo na Inglaterra e autor de *Historia de la Filosofia Moral*, apresenta nessa obra uma síntese das teorias sobre a origem da Ética de Shaftesbury, Hutcheson, David Hume e Adam Smith, admitindo, com eles, que a consciência moral emana dos sentimentos e não da razão e que se desenvolve no seio da sociedade.

Kropotkin acrescenta aos estudos de Mackintosh: a fonte desses sentimentos morais está na sociabilidade, na ajuda mútua, próprias da maioria dos animais e do homem. A sociabilidade, por sua vez, tem se consolidado graças à consciência e compreensão do significado da vida social; à medida que foi se desenvolvendo e complicando a vida social, a razão foi adquirindo maior influência sobre o caráter moral. (*Ética*. In *La Moral anarquista*, 196) Admite que cabe à nossa vontade agir segundo a consciência moral, porém acredita que o homem tende para a justiça, ou seja, reconhece a igualdade de direitos.

Kropotkin faz uma leitura dos autores sobre os quais Mackintosh se apoiou. Talvez seja importante oferecer alguns dados nesse trabalho, para que se observe como nosso autor vai construindo sua própria teoria.

¹³⁷ Evolucionismo, doutrina do desenvolvimento gradual de todos os seres vivos, das instituições sociais e crenças, incluindo as idéias morais do homem.

Shaftesbury (1671-1713), pensador inglês, precursor, segundo Kropotkin, da obra de Guyau *A moral sem obrigação nem sanção*, foi o primeiro a chamar a atenção sobre a existência da *ajuda mútua* entre os animais, introduzindo esse termo na Ética, antes vagamente colocado por Bacon, Grocio e Spinoza na expressão *mutuam juventum*. No diálogo *O Moralista* (1709), ele ironiza Hobbes:

*“Os sábios (...) gostam de falar do estado imaginário de hostilidade entre os homens. Mas dizer **homo homini lupus** é estúpido, posto que os lobos se mostram muito afetuosos com os demais lobos. (...): uivam para convocar aos demais quando vão caçar, (...). Ainda entre os cerdos existe a atração mútua e defendem seus semelhantes no perigo.”* (Ética. In *La Moral Anarquista*, 173)

Com audácia, proclamou a origem independente do sentido moral: independente de tradições, independente da religião e de motivos intelectuais, já que sua origem reside na natureza do homem e em suas inclinações elaboradas durante séculos; independente também de seus próprios fins, visto que o homem age, não pela utilidade externa de tal ou tal ato, mas pela *harmonia interior*, isto é, pelo sentimento de satisfação ou de desengano após o ato. Sua ética foi chamada de *Ética do sentimento*.

O homem, escrevia ele, tem seus atos guiados por motivos de três categorias: sociais, egoístas e antinaturais. A moral consiste na relação justa entre as inclinações sociais e egoístas. No seu entender, um homem virtuoso age para o bem da espécie e da sociedade. Os interesses da sociedade e do indivíduo não são só idênticos, mas inseparáveis. O amor à própria vida, desenvolvido até ao extremo, não corresponde aos interesses do indivíduo; ao contrário, impede ao indivíduo alcançar a felicidade, encontrada não nas satisfações físicas ou sensuais, mas nos prazeres do espírito.

São suas as idéias citadas por Kropotkin:

“A moral tem por base emoções e inclinações cuja origem reside na constituição natural do homem e das quais este pode julgar tão só depois de sua manifestação. Então, o homem qualifica seus sentimentos ou instintos de morais ou imorais.

“(…”)

“Nos homens que se tornaram morais sob a influencia da Religião não se pode encontrar mais veracidade, piedade ou santidade que nos tigres enjaulados.” (Ética. In *La Moral Anarquista*, 172)

“Nem o medo ante o inferno nem mil outros medos ante a divindade poderão despertar a consciência moral onde não existe a concepção do que é mau, odioso, ou repugnante. Onde este conceito existe atua a consciência moral e portanto — também independente de toda circunstância externa — o medo do castigo.” (Ética. In *La Moral Anarquista*, 174)

Hutcheson (1694-1747), discípulo de Shaftesbury, pensador escocês, também defendeu o sentimento moral natural e sua origem independente. Deu à razão um papel demasiado modesto, observa Kropotkin, papel puramente educativo: por si, ela não é capaz de nos impulsionar atos para o bem comum, se não existir previamente a inclinação para isto.

Para Kropotkin, o mérito principal de Hutcheson consiste no seu empenho para explicar como e porque as aspirações altruístas triunfam sempre sobre as egoístas, afirmando que, cada vez que o sentido social vence o estritamente individual, experimentamos uma *suerte de aprobación interior*. O defeito de sua doutrina está na não distinção entre o *obrigatório* e o *desejável* na moral, defeito presente nos seus precursores e nos pensadores contemporâneos.

David Hume (1711-76), continuador das idéias de Bacon e de Locke, preparou o terreno para a explicação científico-natural da moral e, ao mesmo tempo, para a explicação contrária, a irracionalista ou kantiana.

Como Shaftesbury, separou rigorosamente Moral e Religião afirmando que o que mantinha a moral na consciência era a sua necessidade absoluta para a existência da sociedade. Analisando as divergências entre as várias escolas éticas para determinar se suas bases se encontravam na razão ou no sentimento, e para fixar, com segurança, se os elementos da moral são iguais em todos os seres pensantes ou se mudam com a evolução histórica da humanidade, opta, no final de sua obra, pelo sentimento. Porém, para que esse sentimento seja eficaz, tem que se apoiar em meditações, conclusões, análises, ou seja, na razão. Conclui que nossas idéias morais são produto de nossos sentimentos, de nossa razão e de seu próprio desenvolvimento natural nas sociedades

humanas. O traço característico de todo ato que qualificamos de moral é a aspiração ao bem comum, afirma. O dever moral consiste em nos deixarmos guiar pelas forças que conduzem ao bem geral. Hume via nessa aspiração ao bem comum, um desejo de bem pessoal, mas via também *simpatia* (conceito desenvolvido depois por A. Smith), *benevolência*, *justiça* e *sentimento de harmonia* (já trabalhado por Shaftesbury e desenvolvido posteriormente na obra de Guyau). Concebia *justiça* não como a consciência de algo obrigatório e sim como uma virtude que goza de estima geral não só por ser útil, mas por ser também indispensável.

Kropotkin faz uma observação quanto ao conceito de *justiça* em Hume que a concebe como defesa dos direitos da propriedade e não no sentido amplo de *igualdade de direitos no geral*.

A. Smith (1723-90), escreveu “*Teoria dos sentimentos morais ou tentativa de estudo dos princípios segundo os quais os homens julgam a conduta e o caráter de seus semelhantes e logo de si mesmos*” em 1759, obra que alcançou dez edições no século XVIII. Kropotkin assinala que Smith não abordou o tema da injustiça social, embora já se delineasse nessa época movimentos em favor da justiça social) e nem o da evolução do sentido moral no homem. Mesmo assim, nosso autor entende que Smith abriu caminho para que a moral fosse considerada produto da vida social, lentamente desenvolvida sem necessidade de autoridade externa; abriu caminho para a filosofia moral do século XIX, a qual, reconhecendo com Epícuro que o homem aspira à felicidade pessoal, afirmou que a maior felicidade reside não na utilização de nossos semelhantes para a satisfação de nossos interesses pessoais, mas na convivência amistosa com os que nos rodeiam. Funda-se, essa filosofia na ampla liberdade e no estabelecimento de acordos livres entre os homens.

Quanto à afirmação de que a origem do sentimento moral se encontra no simples sentimento de *simpatia*, desenvolvido por A. Smith, faz uma ressalva:

“*A única falta de Adam Smith está em não haver compreendido que tal sentimento de simpatia convertido em hábito, existe tanto entre nos animais quanto no homem.*” (*La Moral Anarquista*, 34)

Ao investigar as obras de Bentham, assinala que, apesar de esse pensador - um advogado que refutou o Direito oficial por ver nele instrumento de opressão, mas que

buscava novos princípios científicos que pudessem embasar o verdadeiro direito, aqueles que satisfizessem razão e consciência — ter concebido uma doutrina fria (Aritmética dos Prazeres, Escala dos Sofrimentos), calculista e de combater a doutrina socialista de Owen, aspirou ele despertar a compreensão dos problemas sociais, o desejo de ações em função da maior felicidade para o maior número de pessoas, sacrificando, se necessário, prazeres imediatos¹³⁸.

A melhor exposição das doutrinas utilitaristas da Ética, Kropotkin encontrou em *El Utilitarismo* (1863), de Mill. Esse autor considera que a moral não é inata, é produto da evolução, produto da influência mútua entre a organização psíquica e intelectual do homem e a sociedade; essa idéia abre caminho para que o *bem de todos* seja bastante considerado nos estudos sobre moral.

Kropotkin cita também Schopenhauer (1788-1860) que, apesar de sua filosofia pessimista, preparou, ao combater Kant, um terreno na Alemanha para que as bases da moral fossem buscadas na própria natureza do homem e no desenvolvimento da sociabilidade. Esse autor via na *compaixão* a base de todos os impulsos morais; podia-se agir com justiça, não fazendo o mal ao outro ou agir por amor, intervindo para diminuir o sofrimento alheio. No entanto, Schopenhauer não conseguiu, escreve Kropotkin, distinguir atos de *dever* e atos *desejáveis*.

De Comte, nosso autor ressalta a importância que ele deu aos instintos sociais, quando tratou dos conceitos morais e de como ele entendia ser necessário investigar as sociedades animais para compreender a vida das comunidades humanas primitivas. Comte, em sua *Filosofia Positiva*, sistematizou todas as ciências, mostrando a dependência mútua e estreita de todos os fenômenos da natureza, sua base comum e leis gerais de seu desenvolvimento, assentando, ao mesmo tempo, as bases de novas ciências — Biologia, Antropologia, Sociologia — criando condições para a elaboração de uma nova concepção de mundo e de uma Ética nova. Os laços que unem o homem e os demais seres fica claro; daí a necessidade de se compreender a vida do Universo e de se ter como base da Ética o interesse da humanidade.

Para esse autor, a Ética emana da história do desenvolvimento das sociedades humanas. Aspira fundar seu sistema ético sobre uma base positiva, estudando o

¹³⁸ Bentham desenvolve bem essas idéias em *Deontología de la ciencia de la moral*. (1834)

desenvolvimento do instinto de sociabilidade desde os animais até suas manifestações superiores. Entendia que no homem havia um instinto para a vida em comum e separar esse instinto da influência da razão era absolutamente impossível. A razão cria as idéias morais, de modo que a moral humana é, ao mesmo tempo, inata e produto da evolução. As inclinações morais existem também entre os animais sociais, afirma Comte, porém a moral é peculiaridade do homem.

Na Alemanha, Feuerback (1804-1872), com *Divinidad, Libertad y Inmoralidad desde el punto de vista antropológico* (1866), muito se aproxima de Comte. Nesse país, a metafísica de Kant, as idéias religiosas de Fichte e de Schelling, escreve Kropotkin, não puderam se tornar hegemônicas em uma época em que trabalhavam Darwin, Joule, Claude Bernard, Faraday, Helmholtz. O positivismo, ou como denominavam os alemães, o realismo dominou.

Kropotkin colocava a doutrina de Kant (1724-1804) entre a Filosofia especulativa dos antigos e a científico-natural do séc. XIX, salientando a grande contribuição dessa doutrina para o aniquilamento da Ética religiosa tradicional, preparando terreno para uma Ética *racional*, diferente da *Ética empírica* do séc. XVIII.

Em sua obra principal, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant considera a consciência do dever como a base da moral. Dever ser livre e racional, tal é o mandamento da consciência moral; ele não respondeu à questão fundamental da Ética que é a *origem do sentimento do dever*, observa Kropotkin, deixando que Darwin, por exemplo, seguindo as indicações de Bacon, se fixasse no instinto de sociabilidade próprio de todos os animais sociais, vendo nesse instinto, cada dia mais desenvolvido, a *qualidade fundamental do homem*. (*Ética* In *La Moral Anarquista*, 188)

Para Kropotkin, o sentimento do dever emana da idéia de *justiça*, isto é, do reconhecimento da igualdade de direitos para todos. Comenta que os discípulos alemães de Kant não abriram novos caminhos, vacilando entre o conceito teológico e o filosófico de Ética, mas contribuíram para o renascimento moral na Alemanha. Nesse sentido, destacaram Fichte, Schelling e Hegel.

Hegel (1790-1831) não dedicou nenhuma obra especial à Ética. Em oposição à Kant, ensinou que a razão absoluta não é uma verdade imutável; ao contrário, se encontra em contínuo movimento e se expressa no Estado. O indivíduo é tão somente um

instrumento nas mãos do Estado, é meio e não fim. Kropotkin observa que o Estado, dirigido pela aristocracia, toma, em suas obras, a forma de instituição quase divina.

Observei que Kropotkin buscou chamar a atenção para alguns pontos tais como: quase todos os pensadores que têm se preocupado com a origem do sentimento moral, chegam à conclusão de que existe no homem um sentimento inato que nos impulsiona a nos solidarizar com os demais. Uns qualificam esse sentimento de *simpatia* (A. Smith), outros de *sentimento do dever* ou *consciência moral* (Kant), outros se referem à *razão* (os enciclopedistas, Helvétio). Além desses posicionamentos, há moralistas que tratam de fundamentar a Ética em bases sobrenaturais, considerando a Moral como parte da Religião; esta posição tem exercido uma influência mais ou menos direta sobre todas as teorias morais escritas até então. Há também os que burlam da moral a ponto de considerá-la fruto da educação religiosa e de superstições (sofistas da Grécia antiga, Mandeville (séc.XVII), Nietzsche (séc. XIX).

Também a identidade entre interesses individuais e do gênero humano bem como a não necessidade de autoridade externa para garantir atos morais foram muitas vezes colocadas pelos estudiosos. O que nosso autor observou é que a distinção entre atos *obrigatórios* e atos *desejáveis* não foi suficientemente esclarecida e/ou notada.

No final do século XVIII, princípio do XIX, a *justiça* passa a ser encarada como o fundamento da moral humana. O conceito de *justiça e igualdade de direitos* abrangia não só igualdade política e civil, mas principalmente econômica. Se essa visão não se converteu em uma verdade reconhecida por todos foi em virtude de duas causas, explica Kropotkin, uma de caráter interior e outra histórica. No homem, ao lado da idéia de *justiça* e de aspiração a ela, existe a aspiração ao *predomínio pessoal*, ao exercício do poder sobre os demais. Já entre os selvagens observa-se que os anciãos, sabendo por experiência os transtornos que traz o novo, defendem-se disso servindo-se de sua autoridade; depois, aderiram a esse tipo de comportamento, os sacerdotes, os feiticeiros e todos juntos formaram sociedades secretas para melhor submeter e impor obediência aos demais membros da tribo. Assim conservou-se as tradições e o regime estabelecido.

Em um primeiro momento, essas sociedades mantiveram a *igualdade*, não permitindo o enriquecimento individual e o exercício da autoridade; depois, essas sociedades vão se opondo à igualdade como base da vida social, por ser uma ameaça ao privilégio.

A história humana traz muitos exemplos: os feiticeiros do Oriente, os sacerdotes do Egito, Grécia, Roma, os czares e tiranos do Oriente, os imperadores e senadores romanos, os príncipes da Igreja na Europa Ocidental, os militares, os juízes. A desigualdade passa a ser consagrada pela Religião e até mesmo, muitas vezes, pela Ciência.

A filosofia do século XVIII e a Revolução Francesa constituíram uma poderosa tentativa em defesa dos princípios da igualdade, bem como o movimento de 1848, tudo abafado com sangue. Kropotkin cita algumas obras do século XVIII que já tratavam do princípio da igualdade : Morelly com suas novelas tais como *Basiliade*, *Naufrágio de las islas flotoantes* (novela comunista, na qual procura demonstrar que os povos podem conseguir a felicidade não por meio de reformas políticas e sim cumprindo as leis da natureza) e com *Código de la Naturaleza* (no qual detalha a organização da sociedade comunista); Mably (1709-85) com sua obra *De la legislación* (1776) colocando-se contra a propriedade privada; Condorcet em *Bosquejo de un cuadro histórico de los progresos del Espíritu Humano* (1794) quando procurou estabelecer e demonstrar a existência da lei do progresso bem como as leis da evolução social para o futuro, afirmando que o progresso consiste na aspiração à supressão da desigualdade social entre os cidadãos; estava convicto de que os homens aprenderiam, no futuro, a conciliar os interesses privados com os da comunidade e que a moral haveria de se converter em uma necessidade natural para o homem; Brissor que considera a propriedade privada crime contra a natureza. Baseando-se nessas idéias¹³⁹ é que Babeuf, Buonarotti e Silvain Marechal tramaram a “conspiração dos iguais”. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 171)

A proclamação da igualdade na Declaração dos Direitos do Homem (1791) reforçou ainda mais esse princípio fundamental. Composta por idéias de Montesquieu,

¹³⁹ Ao lado da crítica utópica dos comunistas, os fisiocratas inauguraram uma crítica puramente científica da sociedade contemporânea assinalando, pela primeira vez, o defeito fundamental da estrutura social: a divisão em *produtores* e em *proprietários parasitas*. Eles insistiram na nacionalização da terra. O nome de Quesnay (1694-1794) é lembrado por Kropotkin.

Voltaire, Rousseau e Condorcet, defendia que todos os homens nascem iguais e livres, todos têm o mesmo direito de desenvolver suas forças e capacidades, a gozar na mesma medida da vida e da liberdade; todos têm direito a professar as opções e religiões que quiserem.

Após a Revolução Francesa, em princípios do século XIX, as idéias de justiça econômica já se manifestavam bem claramente na doutrina que se chamou *socialismo*. Fourier, Saint Simon e Robert Owen são considerados os fundadores dessa doutrina. Entre eles havia desacordo, escreve Kropotkin: Saint Simon afirmava que só o poder podia organizar um regime justo; já Fourier e Owen (em parte) acreditavam que era possível realizar a justiça social sem a intervenção do Estado.

Os ideais socialistas foram propagados, na metade do século XIX, por: Considerant, Leroux, Luis Blanc, Cabet, Vidal, Pequer, Proudhon (na França); Marx, Engels (na Alemanha); Bakunin, Tschernyschewski, Lawroff (na Rússia). Todos esses pensadores e seus discípulos trataram de dar ao socialismo uma base científica.

A medida que essas idéias foram se desenvolvendo, escreve Kropotkin, nota-se duas tendências: de um lado, surge um *comunismo autoritário* e de outro, um *anarquismo*. Dessas tendências, brotaram várias escolas, entre elas: o *capitalismo de Estado*, que defende que o Estado deve possuir todo o necessário para a produção, o *coletivismo*, o *cooperativismo*, o *socialismo municipal*.

As idéias socialistas de Owen¹⁴⁰ criaram um forte movimento operário, econômico em sua forma, porém, na realidade, profundamente ético, salienta nosso autor. Este movimento buscava a união de todos os operários para uma luta diretamente contra o capitalismo e deu nascimento, entre 1864-79, à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) que se propunha unir os trabalhadores do mundo todo e defendia três teses: abolição do salário considerado forma contemporânea de escravidão,

¹⁴⁰ Owen, Robert (1771-1858); grande capitalista, tornou-se um grande reformador socialista não dirigindo sua fábrica à semelhança dos outros; cria um estabelecimento-modelo econômica e socialmente. Discípulo de Godwin, torna-se um dos principais promotores do movimento cooperativo e da organização operária que ele tentou, desde 1830-31 tornar não só nacional, mas internacional. Owen, por sua atividade prática, pode ser visto como elo de transição entre a utopia e a construção concreta da transformação social. No campo da educação desenvolve uma visão autônoma e contra-ideológica à educação dominadora; apresenta educação e trabalho produtivo associado num processo único que incorpora a integridade do ser humano; privilegia a fábrica como local de aprendizado e a escola como centro cultural da comunidade. (Magnani, Regina M. Alves de Godoy. *Robert Owen: Fábrica, Escola e Autogestão Administrativa*, 1987:65-67)

abolição da propriedade privada e nova organização social da produção; emancipação do indivíduo e da sociedade da escravidão política, isto é, do Estado, que serve para a manutenção e conservação da escravidão econômica. A realização dessas teses é, para Kropotkin, necessário para inaugurar-se uma sociedade com justiça social, que corresponda às exigências morais da época.

De todos os socialistas, nosso autor considera que Proudhon (1809-65) foi o que esteve mais perto da concepção de *justiça*, tendo grande importância, assim como Darwin, na história da evolução da ética, importância que passou despercebida. Jodl¹⁴¹, historiador da Ética, colocou esse autodidata ao lado dos mais sábios e profundos do campo da moral. Escreveu *Que é a propriedade?*, *Contradições econômicas*, *Filosofia do Progresso*, *Filosofia da Miséria*¹⁴², *A justiça na Revolução e na Igreja*. Esta última obra, publicada em três tomos (1858), demonstra a importância capital do conceito de *justiça*, entendida como uma força reguladora e também criadora como é o *trabalho* e a *razão*.

Proudhon afirma que o sentido humano de defender os interesses alheios, ainda que seja em prejuízo próprio, embora esteja presente no homem, precisa ser educado, o que acontece na experiência de vida em sociedade. Para o homem, escreve esse autor, é fundamental a realização da justiça. Quando as revoluções, ao desejarem implantar pela força a justiça, utilizam-se de meios violentos, acabam apenas substituindo uma violência por outra. Em nome da justiça, continua, os interesses do indivíduo tem sido muitas vezes pisoteado. A verdadeira justiça consiste na combinação harmoniosa dos instintos sociais com os do indivíduo. Não é possível amar a todos, porém devemos respeitar sua dignidade pessoal. Não podemos exigir que todos nos queiram, porém temos o direito de exigir que respeitem nossa personalidade. Construir a sociedade nova no amor mútuo é impossível; porém não só é possível como desejável construí-la sobre a exigência do respeito mútuo. Em 1858, Proudhon escreveu o que muitos economistas repetem: “*Respeita a teu semelhante como a ti mesmo, ainda que não o ames, e não permitas que ele seja desrespeitado, como se se tratasse de ti mesmo.*” (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 219)

¹⁴¹ Escreveu *Historia de la Ética*. A informação que Kropotkin nos dá está no tomo II dessa obra.

¹⁴² *Miséria da filosofia*, escrita por Marx contra Proudhon, não diminuiu o valor do sistema ético de Proudhon, que já estava formulado antes de 1840. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 217)

Para nosso autor, o mérito principal de Proudhon consiste em haver declarado que a *igualdade e a justiça* - conceitos que emanam da Revolução Francesa - são idéias fundamentais da Ética.

Por volta de 1858, deu-se uma grande transformação nas ciências sociais, escreve Kropotkin, cujo resultado foi a criação de uma nova teoria: a *evolucionista*.

Comte, assim como Fourier, Saint Simon e Robert Owen trataram de aplicar a teoria da evolução contínua do mundo vegetal e animal - que haviam recebido de Buffon, Lamarcke e enciclopedistas - à vida das sociedades humanas.

Na segunda metade do século XIX, o estudo da evolução das instituições sociais humanas tornou possível a compreensão da importância da evolução do conceito de *igualdade dos direitos*, base da moral. Aproximaram-se disso Hume, A, Smith, Helvécio¹⁴³.

Os principais representantes da Ética evolucionista apontados por Kropotkin são, além de Darwin: Herbert Spencer, Huxley, e Guyau. Cita outras obras que considera de grande valor nesse sentido, entre elas: obras de Westermarck, o livro de Bastian, *Origem e evolução das idéias morais*, a obra de Gizyck, *O homem na história*.

A obra científica de Darwin não está limitada a Biologia, afirma Kropotkin. Já em 1837, depois de ter apenas traçado as linhas gerais de sua teoria da origem das espécies, ele próprio escreveu que sua teoria engendraria uma nova Filosofia. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 74) O ensaio sobre a evolução do sentido moral no homem, *Origem do Homem*, que escreveu mais tarde (1871), constitui um novo capítulo da ciência moral.¹⁴⁴

Kropotkin considera-o fundador de uma nova escola ética¹⁴⁵ (assim como o foram Hume, Hobbes e Kant), caminhando na direção traçada, em linhas gerais, por F.

¹⁴³ Helvécio desenvolveu esse estudo principalmente no segundo tomo de sua obra *De l homme, de ses facultés intellectuelles et de son éducation*.

¹⁴⁴ Para compreender o significado filosófico da obra de Darwin, Kropotkin nos aconselha o estudo da obra de Harald Foffding que escreveu *Historia de la Filosofia Moderna*. Jorro, Madri, tomo I I, p.517-534.

¹⁴⁵ O capítulo III de Ética expõe a doutrina de Darwin e se intitula *O princípio moral na Natureza*. Foi publicado em 1905, na Revista *Nineteenth Century*.

Bacon, ainda que seus conceitos possam ser considerados como o desenvolvimento das idéias de Shaftesbury e Hutcheson.

Francis Bacon (1561-1626), fundador de um novo método de estudos científicos: o método indutivo, baseado na observação e na experiência, é considerado por Kropotkin como o continuador dos *atrevidos* estudos de Copérnico (1473-1543), de Kepler (1571-1630) e de Galileu (1564-1642)

As revoluções nas ciências influíram, como é de se supor, na ciência da moral e foi F. Bacon, comenta Kropotkin, quem fez afirmações tais como: a Religião nada tem a ver com a Moral; um ateu pode ser um cidadão honrado; uma Religião supersticiosa que procura influir na moral constitui um verdadeiro perigo. Foi com base nele que iniciou-se os estudos da Filosofia de Epicuro, dos estoicos, o que deu origem a uma ética fundada sobre a base da ciência, a *Ética racionalista*. Trabalharam nesta área: Hobbes, Locke, Shaftesbury, Cudworth, Hutcheson, Hume e Adam Smith na Inglaterra e Gassendi, Halvecio, Holbach entre outros, na França.

Nosso autor apresenta uma síntese das idéias fundamentais da Ética de Darwin, mas antes cita um trecho de *A Origem do Homem*:

“Dever!, pensamento maravilhoso que não realizas nem por intuição, nem por lisonja, nem por ameaça, mas tão somente afirmando na alma tua lei desnuda, obrigando a respeitar-te e a obedecer-te; diante de ti emudecem todos os apetites grosseiros, por rebeldes que sejam; em segredo, de onde vens?” (Ética In La Moral Anarquista, 75).

Eis a síntese: sabemos que o homem possui um sentido moral e é pouco provável que cada um adquira esse sentimento isoladamente. Sua origem deve ser buscada no desenvolvimento dos sentimentos sociais, instintivos ou inatos que se manifestam nos animais sociais e no homem. Em virtude desse sentimento, o animal se alegra em estar na companhia de seus semelhantes, experimenta certa simpatia e compaixão por eles e lhes presta certos serviços. Esse sentimento de simpatia social, desenvolvendo-se pouco a pouco, paralelamente à complicação da vida social, se faz cada vez mais variado, racional e livre em suas manifestações. No homem, o sentimento da simpatia social se transforma em uma fonte de idéias morais. Porém como se desenvolvem desse sentimento as idéias morais? Assim explica Darwin: o homem está dotado de

memória e de capacidade de pensar. Ocorre que, quando não escuta a voz do sentimento de simpatia social, percebe as consequências de tal ato e, muitas vezes, se convence de que tem que seguir a voz da simpatia, voz que se transforma em *consciência do dever*. Todos os animais com instintos sociais desenvolvidos, possuindo os instintos paternal e filial, inevitavelmente adquire, se suas capacidades estão no nível das do homem, um sentido moral, ou seja a *consciência do dever*. Citou vários exemplos do sentido moral entre os cães, elefantes.

Quando a vida social adquire um nível mais elevado, continua Darwin, é a *opinião pública* a que indica ao homem como atuar para o bem comum. A opinião pública não é fruto de convenções sociais imaginárias e sim resultado do desenvolvimento na sociedade da simpatia mútua. Pouco a pouco, a capacidade para o bem comum se transforma em um costume.

Infelizmente, adverte Kropotkin, Darwin não aprofundou os estudos sobre a sociabilidade e a gênese do sentido moral entre os animais na medida da importância do assunto. Passou logo à moral humana concluindo que os instintos sociais que o homem havia provavelmente adquirido em um estado de desenvolvimento muito primitivo lhe servem atualmente de guia em seus atos. O restante é fruto do seu intelecto que se desenvolve cada vez mais na educação coletiva.

Os conceitos de Darwin só podem ser aceitos por aqueles que reconhecem que o intelecto animal se distingue do humano tão só no grau de seu desenvolvimento, mas não na substância e Kropotkin é um desses:

“Nos vemos (...) obrigados a reconhecer que se a diferença entre os conceitos morais de uma abelha e de um homem obedece à diferencia fisiológica, a semelhança assombrosa que existe entre eles, em outros aspectos essenciais revela uma origem comum.” (Ética. In La Moral Anarquista, 78)

Quando o homem satisfaz instintos individuais em detrimento da satisfação de instintos sociais, ele se torna triste, infeliz. Por que? Darwin explica que o instinto social é mais antigo e, portanto mais forte, mais persistente e constante:

“este último instinto — o instinto social — é mais precioso e más forte que o primeiro, posto que contribui a para a conservação de algo mais amplo. (...) Sempre

ocorre que os instintos estão guiados pelo desejo de conservar o mais amplo.” (Ética In La Moral Anarquista, 83)

Considera-o um instinto especial, diferente dos demais afirmando que a seleção natural tem contribuído para seu desenvolvimento em virtude de sua utilidade para a conservação e o bem estar da espécie. Tem um caráter tão fundamental que as vezes até triunfa em sua luta com um instinto tão poderoso como o carinho dos pais para com seus filhos. (*Ética. In La Moral Anarquista, 78*)

Kropotkin concorda com ele, comentando que o desejo do homem, por exemplo, de dar livre curso a sua cólera, de roubar algo é, por sua própria natureza, um desejo provisório. “*Sua satisfação é sempre menos intensa que o próprio desejo.*” (*Ética In La Moral Anarquista, 80*)

Com isso, explica Kropotkin, Darwin repete o conceito formulado por Bacon, em *Instauratio Magna* afirmando que *o instinto social é mais forte que o de conservação.*

Para Darwin, o instinto de *empatia mútua*, assim chamado por ele, se manifesta nos animais comunicativos de uma maneira mais contínua que o instinto puramente egoísta da própria conservação. E nesse instinto, ele via o rudimento da consciência moral, coisa que desgraçadamente esquecem com frequência os darwinistas, comenta Kropotkin.

Essa idéia do prevalecimento do instinto social sobre o individual projetou muita luz sobre os primeiros períodos da evolução moral do gênero humano e deveria constituir os fundamentos de todos os trabalhos modernos no campo da Ética, porém passaram despercebidos, comenta Kropotkin. Mesmo os darwinistas, continua nosso autor, muitos deles desconhecem que Darwin tenha escrito algo sobre Ética:

“Outros acreditavam que, ao falar eu das idéias morais de Darwin, me referia à “implacável luta pela existência” como princípio fundamental das sociedades humanas, e estranhavam muito quando eu dizia que Darwin via a origem do sentimento do dever no predomínio da simpatia social sobre o egoísmo. Para eles, as idéias morais do darwinismo consistiam na luta de todos contra todos.

Jorge Romanes, darwinista, poderia se constituir em uma exceção, posto que havia projetado, depois de seus estudos sobre o intelecto dos animais, dedicar-se ao estudo da ética animal. Faleceu antes de terminar sua obra, comenta nosso autor.

A teoria de Darwin, primeira explicação científica do sentido do dever, assim exposta por Kropotkin, está em contradição com as teorias que defendem ser o *instinto de conservação* (identificado com *egoísmo*, terminologia pouco exata) o instinto mais poderoso no homem. Essas teorias incluem no instinto de conservação as inclinações para a defesa própria, conservação própria e até a satisfação da fome e também o desejo de dominação, avidez, maldade, paixão vegetativa, etc.; entendem o triunfo do conceito moral como *triunfo do homem em sua luta contra a Natureza*, conseguido com uma ajuda sobrenatural e como recompensa de suas boas inclinações. (*Ética In La Moral anarquista*, 82) Ao observarem animais que se sacrificavam pelo bem de sua espécie, por exemplo, consideravam esse fato *puramente zoológico*. (Hobbes não aceitava o *sobrenatural*, mas colocou no seu lugar o poder coletivo do Estado, guiado por legisladores geniais.)

Esta teoria também está em desacordo com a teoria da seleção natural que concebe a luta pela existência *dentro da mesma espécie* como condição indispensável para a aparição de novas espécies e para a evolução, ou seja, para o desenvolvimento progressivo no geral. Já as investigações realizadas por Kropotkin na Sibéria colocaram-lhe as primeiras dúvidas no que concerne a luta *dentro da mesma espécie*. Observava que os grupos de animais atuavam com frequência como um *ser coletivo*, lutando contra as condições desfavoráveis ou com inimigos exteriores, *mediante a ajuda mútua dentro do próprio grupo*. Observava o desenvolvimento superior do intelecto entre os que exercem a ajuda mútua. (*Ética. In La Moral Anarquista*, 83) Também alguns biólogos, (Kessler, por exemplo) reconheciam *a ajuda mútua dentro da espécie como fator principal do desenvolvimento progressivo*.

Pelo exposto, observei que, não só a idéia do prevalecimento do *instinto de conservação social* sobre o *instinto de conservação individual* deveria ser a temática fundamental da Ética realista, como também a idéia de que a *luta pela existência* é uma luta coletiva contra as condições desfavoráveis da Natureza e/ou inimigos externos e não uma luta de indivíduo contra indivíduo, dentro da mesma espécie, mostrando, inclusive que, eticamente, a luta do indivíduo contra indivíduo colabora

muito pouco ou nada para o progresso da espécie. Além de se considerar o instinto social inato no homem e animais como a fonte de todas as idéias éticas e de todo o aprimoramento da moral, seria preciso acentuar, como já foi dito, que *a seleção natural tem contribuído para o desenvolvimento do instinto social em virtude de sua utilidade para a conservação e o bem estar da espécie; tem esse instinto um caráter tão fundamental que muitas vezes chega a triunfar em sua luta com um instinto tão poderoso como o carinho dos pais para com seus filhos.* (Ética In *La moral Anarquista*, 78)

A teoria da evolução, na verdade, tomou a direção dos precursores de Darwin e de Lamarck e não a direção que Darwin traçou em *Origem do Homem* — talvez superficialmente — comenta Kropotkin.

Spencer, por exemplo, não considerava os homens primitivos como seres sociais e, como Hobbes, via, nas tribos selvagens, aglomerações sem laços sólidos, alheias entre si, em hostilidade contínua. Os interesses do indivíduo não eram os da comunidade. Os selvagens teriam saído desse estado caótico quando um homem de qualidades superiores, apropriando-se do poder, organizou a vida social (84) e o sentido moral surgiu como resultado das restrições inauguradas pelos diretores políticos, sociais e religiosos. O *dever* nada mais seria que reminiscência dessa coesão e a doutrina moral seria um acordo entre a hostilidade e a benevolência, entre a igualdade e a desigualdade.

Publicou *Princípios da Ética* em 1879 e os primeiros capítulos de *A Justiça* na revista *Nineteenth Century* em 1890, tratando da ética dos animais e da justiça infrahumana. Mas já em 1850, antes de *Origem do Homem* (1871), publicara as partes ética e sociológica de sua *Filosofia Sintética*, sob a influência de Comte¹⁴⁶ e, em parte, do utilitarismo de Bentham. Para ele, a história da humanidade está dividida em dois períodos: o *militar*, no qual o indivíduo deve ser sacrificado para o bem de todos e o *industrial* que está nascendo; cada um desses períodos exige uma moral especial. No primeiro período, a coerção é mais do que necessária para que haja progresso.

¹⁴⁶ A influência de Comte se nota sobretudo na importância que sempre atribui à diferença entre a *época militar* e a *época industrial* no desenvolvimento da humanidade, assim como na oposição do egoísmo ao altruísmo. (Ética. In *La Moral Anarquista*, 84)

Kropotkin vê Spencer vacilando entre essas teorias da coerção, do utilitarismo e da religião, vendo nelas a fonte da moral. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 85)

Na última década do século XIX, publicou *O indivíduo e o Estado* tratando da inevitável centralização do Estado e de sua violência e aproximando-se muito das idéias de Godwin, autor de *De la Justicia Política* (defesa dos ideais jacobinos no que diz respeito à igualdade política e econômica, mas contrário à existência do Estado)

Se no campo político Spencer se mostrou um crítico muito atrevido, escreve Kropotkin, no econômico sua obra é indecisa e tímida. Colocou-se contra as reivindicações das massas trabalhadoras que, segundo ele, conduziam à degeneração ou, pior ainda, ao comunismo e ao anarquismo. Escreveu Spencer:

“A igualdade de salários e jornadas de trabalho conduzem ao comunismo; (...) cada um pode apoderar-se do que lhe agrada e suprimir todos os obstáculos em seu caminho, Aí começa o anarquismo e a luta ilimitada pela vida, como entre os selvagens.” (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 245)

As concepções de Darwin encontraram um grande reflexo nas obras do seu principal discípulo, Huxley, o qual popularizou as conclusões sobre as transformações das espécies, mas não foi capaz de seguir seu mestre, comenta Kropotkin, no campo da ética. Em sua *Evolución y Ética*, conferência apresentada na Universidade de Oxford, considerada manifesto agnóstico, escrita em forma literária perfeita e reconhecida como modelo de prosa inglesa, ele, na verdade, opina nosso autor, sintetiza os conceitos morais hegemônicos da classe culta de todas as nações. É nessa conferência que ele trata dos processos *cósmico* e *ético* como processos opostos e hostis entre si, repudiando todo fator moral na vida da natureza e admitindo a existência do princípio ético fora dela.

Diante dessa conclusão de Huxley, George Miwart, um conhecido evolucionista e ao mesmo tempo fervoroso católico, informa Kropotkin, publicou imediatamente, em *Nineteenth Century*, um artigo felicitando o amigo por sua volta ao seio da Igreja cristã. Huxley rapidamente corrige sua posição reconhecendo que o processo *ético* constitui uma parte do processo geral da evolução, isto é, do processo *cósmico* no qual já existem os germes do processo *ético*.

Em *Apoio Mútuo*, pudemos conhecer bem o pensamento de Kropotkin sobre o darwinismo social propagado por Huxley, já que essa obra, nos seus primeiros capítulos, constitui-se em resposta a um dos seus artigos.

Guyau (1854-88), outro representante da Ética evolucionista, escreveu *La moral de Spicuro y sus relaciones com las doctrinas contemporáneas* (1874), obra premiada pela Academia Francesa de Ciências Morais e Políticas; *La moral inglesa contemporánea* (1879), obra que critica as doutrinas morais de Bentham, Mill, Darwin, Spencer e Bain; *Esbozo de una moral sin obligación ni sanción* (1884), que teve na França 8 edições e foi traduzida para todos os idiomas europeus.¹⁴⁷

A vida é, segundo Guyau, assimilação e digestão por um lado e, por outro, é produção e fecundidade. Quanto mais o indivíduo absorve, mais ele tem que gastar resolvendo problemas dos outros e para os outros. É o que se conhece com o nome de *espírito de sacrificio* ou *abnegação*. O *espírito de sacrificio*, escreve Guyau, é uma das leis da vida; não constitui negação da nossa personalidade; pelo contrário, é expressão da vida que chegou ao sublime. Esse sentimento moral que nos leva ao risco chega, as vezes, até à *morte inevitável*. Acrescenta Guyau que existe no homem também o prazer do *risco do pensamento e da especulação*, ou seja, a alegria que se experimenta por toda a hipótese no pensamento e na ação, por tudo que nos representa como meramente possível.

Para Guyau, o *instinto de conservação* não é a única força matriz de novas aspirações; ao lado desse instinto, existe uma aspiração à fecundidade intelectual, à atividade espiritual e à variedade nas manifestações da vontade.

Refletindo de forma mais aprofundada sobre as concepções de Darwin, Spencer e Guyau, Kropotkin aponta dois fatos: Spencer não chegou a utilizar todos os dados sobre ética contidos em *Origem do Homem* e Guyau introduziu, no estudo dos motivos morais dessa obra, um elemento muito importante: o excesso de energia no

¹⁴⁷ Fouillé, em seu livro *Nietzsche y el inmoralismo* escreve que Nietzsche muito se utilizou dessa obra de Guyau, tendo-a sempre à mesa de seu escritório. Para melhor conhecer a filosofia de Guyau, consultar as obras de Fouillé: *El arte, la moral y la religión, según Guyau* e *Moral de las ideas-fuerzas*. Estiveram de acordo com o conceito de moral de Guyau, segundo Kropotkin, Bacon, Grocio, Spinoza, Goethe, Comte, Darwin e , em parte, Spencer.

sentimento, pensamento e vontade, o que havia passado, até então, despercebido aos investigadores anteriores.

3.1.3. As doutrinas morais e o conceito de justiça

Além dessa investigação que Kropotkin realizou sobre as três tendências novas no campo da ética, ele também examinou as doutrinas morais, desde a Grécia antiga (séc.VII e VI a. c.) procurando se ater ao conceito de *justiça*, por tê-lo como a base da moral e o ponto de partida das conclusões práticas das filosofias éticas. Constatou que existe um esforço na direção de se explicitar os fundamentos da moral desvinculando-os dos preceitos religiosos e atribuindo grande importância às fontes naturais do sentido moral. Existe um empenho em fundamentar os conceitos morais não no medo dos deuses e sim na compreensão do que significa auto-estima, dignidade e no estudo das finalidades intelectuais e morais superiores, considerando a autonomia da moral com relação à religião.

Passando pelo estudo das teorias pré-socráticas, pelas doutrinas dos sofistas, de Sócrates, de Platão, Aristóteles, pelo estoicismo e epicurismo observa que, apesar da diversidade de idéias morais entre os gregos, a Ética pré-cristã apresenta um ponto em comum: a fonte da moral humana está nas inclinações morais do homem e na razão. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*,127) Mesmo não tendo clareza sobre a verdadeira natureza dessas inclinações, os gregos ensinavam que , graças a razão, o homem, ao viver em sociedade, desenvolve e fortalece as inclinações morais, úteis para a manutenção da vida social. Só Platão introduziu, na moral, um elemento semi-religioso. São de Sócrates (469-399 a. c.) os ensinamentos que Kropotkin transcreve:

“A virtude não procede dos deuses e sim do conhecimento ético que é real, bom, o qual dá ao homem a possibilidade de viver sem oprimir aos demais, tratando-os com justiça e fazendo-o capaz de servir à sociedade e não só a si mesmo. Sem este conhecimento a sociedade é inconcebível.” (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 112)

Kropotkin coloca a doutrina de Aristóteles (384-322 a.c.) entre o conceito científico natural da moral e o metafísico. Aristóteles buscava a explicação das concepções morais não na razão suprema e nem na Idéia Universal, como Platão, e sim na vida real dos homens, em suas *aspirações à felicidade e à utilidade*, na razão humana. Graças a essas duas aspirações, afirmava, elaboravam-se duas virtudes sociais de

capital importância: a *amizade* (agora, escreve Kropotkin, diríamos sociabilidade) e a *justiça* (não no sentido de igualdade de direitos)

No século III a. c., surgiram duas novas escolas: o *estoicismo* e o *epicurismo*. A primeira ensinava viver de acordo com a natureza, isto é, com a razão. Porém, segundo Kropotkin, não sabiam encontrar o moral no natural, nem tão pouco o natural na moral; a segunda preocupou-se em descobrir o melhor caminho para a felicidade.

Epicuro proclamou um novo princípio: a aspiração racional do homem à felicidade, ao prazer, aspiração que, bem compreendida, escreve Kropotkin, constitui a plenitude moral. Ou seja, o homem que reconhece a igualdade para todos e identifica seus prazeres com os da comunidade, encontra aí um apoio para seu moral. Porém, quando Epicuro afirma que essa aspiração racional conduz, por si só, o homem a tratar os seus semelhantes segundo os princípios da moral, empobrece, sem necessidade, as bases reais da moral, ou seja, acentua Kropotkin, diminui a importância dos instintos sociais do homem. Na ausência de um ideal ético baseado na igualdade e na justiça seus discípulos encontraram então, justificativas para se mostrarem diferentes ante os males sociais.

As guerras entre Grécia e Pérsia do século V a. c., a conquista da Grécia por Roma no século III a.c., criaram situações de maior opressão e repressão. Vemos surgir na Índia, país que passava pelo mesmo processo de desintegração que a Grécia, o *budismo* que se espalhou pela Judéia e Ásia Menor durante os dois últimos séculos a.c.. O príncipe que abandonou a riqueza e a esposa para se tornar um servidor do povo e que pregava o *amor aos inimigos*, a *igualdade de todos* sem distinção de classes e de posição, fez muitos adeptos, principalmente dentro dos povos cansados das guerras e tiranias.

O fenômeno se repetiu com o surgimento do cristianismo, doutrina análoga ao budismo, porém mais elevada, segundo Kropotkin, que se propagou¹⁴⁸ desde a Judéia até as colônias gregas da Ásia Menor e depois até Itália, centro da dominação romana.

Um princípio fundamental do cristianismo era o de que o homem não aspira a seu bem pessoal mas ao bem da comunidade. Essa doutrina pregava um *ideal social*

¹⁴⁸ Draper em *Conflitos sobre a Religião e a Ciência* trata das infiltrações pagãs no cristianismo, mas não prestou atenção, escreve Kropotkin, na influência do budismo. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 137)

merecedor do sacrifício da vida; o amor do Divino Mestre pelos homens chegou à crucificação e morte de Jesus que pregava o amor às *vítimas da violência*. O predador moral não foi uma divindade vegetativa, nem um sacerdote, nem um sábio e sim um filho do povo e seus discípulos saíram também do povo. Kropotkin aconselha a leitura do evangelho de Marcos, capítulos 10 e 13 para aprofundar essa questão.

O ideal do cristianismo constitui não na vida tranquila à qual aspirava o sábio grego, nem nas façanhas militares dos heróis da Grécia antiga e de Roma e sim na reação contra as injustiças sociais de cada época e no saber morrer pela fé, isto é, pela *justiça* e pelo reconhecimento da *igualdade de direitos*. Afirmava ser necessário fazer o bem a conhecidos e estranhos.

No entanto, alerta Kropotkin, o princípio cristão *não faças aos demais o que não querem que te façam a ti*¹⁴⁹ não lhe é próprio; ele está presente tanto nas religiões anteriores ao cristianismo como também nas tribos selvagens primitivas. Até o princípio: *sacrifica-te por teus semelhantes*, nosso autor o vê entre pagãos, selvagens e até entre animais sociais. O mesmo se pode dizer da *caridade*. Se no império romano esses costumes desapareceram, não foi culpa do paganismo e sim de todo o sistema político do império.

O novo na religião budista e na cristã foi a exigência de que o homem deveria perdoar por completo o mal que recebe. Ensinava perdoar as injúrias — não por uma só vez, mas *sempre*, contrariando a regra geral da época que estabelecia a vingança obrigatória pessoal ou coletiva. Escreve Kropotkin: “*La verdadera grandeza del Cristianismo reside en las palabras ‘no te vengues de tus enemigos’*” (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 133)

O que principalmente distinguiu o Cristianismo e o Budismo das religiões precedentes, continua nosso autor, é a de que, no lugar de pregarem um deus cruel, vingativo, pregaram a fé em um *ideal Homem Deus*. Tanto Cristo como Buda, observa, desenvolveram suas doutrinas fora do Templo e da Academia e a criação da Igreja em ambas as religiões se deu contra a vontade de seus fundadores.

¹⁴⁹ Em Mateus, capítulo 7, 12 encontramos: “*Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles*.”

As bases do cristianismo, principalmente o *perdão das injúrias* e a *igualdade de direitos* foram sendo esquecidas quando, por volta do século II, surgiu a Igreja Oficial, aliada do Estado, que cria inclusive a Inquisição e chega a considerar a verdadeira doutrina cristã, afirma Kropotkin, tão perigosa que o Evangelho só podia ser editado em latim e, na Rússia, em eslavo antigo.¹⁵⁰ Essa Igreja paralizou o livre desenvolvimento da moral e das ciências naturais; na Espanha, por exemplo, foram vítimas da Inquisição, em 302 anos (até 1808), 340 mil pessoas das quais 32 mil foram queimadas vivas.

É verdade, comenta nosso autor, que a história apresenta muitos movimentos populares cristãos que se revoltaram contra a Igreja Oficial tais como: os albigenses na França, no séc.XI, XII; John Ball, Wat Tyler na Inglaterra e Juan Huss na Boêmia, no séc.XV; os anabatistas na Holanda, Alemanha Ocidental e Suíça. Todos aspiravam a purificação do cristianismo, mas também a transformação do regime social; buscavam a *igualdade* e o *comunismo*.

No mundo acadêmico, só após 15 séculos é que tivemos alguns estudiosos que, apartando-se da Igreja, se atreveram a reconhecer a *igualdade de direitos* e a converter este princípio na base da sociedade. Kropotkin cita Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), Galileu (1564-1642)

Até o advento do cristianismo, o epicurismo foi, afirma nosso autor, a doutrina mais propagada no mundo antigo; sobreviveu durante uns quatro séculos. Quando no século XII e mais tarde na época do Renascimento, se iniciou na Europa o movimento racionalista, este movimento se inspirou sobretudo na doutrina de Epicuro; influenciou Gassendi (1592-1655), assim como seu discípulo Hobbes e ainda Locke os quais prepararam o movimento enciclopedista. Também foi notável sua influência, continua nosso autor, na Filosofia dos *negadores*: Rochefoucauld, Mandeville, Nietzsche, Stirner.

Foi com base em F. Bacon, aponta nosso autor, que na França e Inglaterra os estudos da Filosofia de Epicuro e dos estóicos foram retomados, dando-se início ao

¹⁵⁰ Kropotkin conta que em 1850 ou 1860 foi autorizada a publicação do Evangelho em russo: “... *por mi conservo vivo el recuerdo de la honda impresión que este hecho produjo en Petrogrado. Anhelantes corríamos todos a la imprenta del Santo Sínodo, único lugar en donde era posible comprar el Evangelio en un idioma comprensible*”. (p.132)

desenvolvimento da *Ética racionalista*, isto é, da moral fundada sobre a base da ciência.

A explicação da moral dada por Bacon — *entre os animais o instinto social é mais forte que o da conservação* — que deveria ser a base mesma da moral racional, alerta nosso autor, não recebeu a devida atenção. Somente Darwin, nos seus últimos anos de vida se dedicou a confirmar essa idéia. Depois de Bacon, um dos filósofos que expressou com mais clareza tal pensamento foi Hugo Grócio que afirma: *a natureza e a razão, que serve para conhecê-la, são fonte do Direito e das idéias morais estreitamente unidas a ele*. Apoiando-se nesses pensadores é que Kropotkin afirma ser o *instinto de sociabilidade* o traço fundamental do homem.

A leitura que ele faz do desenvolvimento da concepção científico-natural da moral mostra-lhe que os caminhos trilhados na Inglaterra e França foram distintos. Na Inglaterra, o movimento emancipador se manifestou em forma de movimento protestante e de revolução rural e urbana, enquanto que na França as idéias de liberdade se propagaram através da literatura muito antes da revolução de 1789.

Referindo-se à Inglaterra, ele cita Hobbes (1588-1679) — o principal representante de Bacon, Spinoza (1623-1677) e Locke (1632-1704), Cudworth, Shaftesbury, Hutcheson, Hume e A. Smith

Compreendia que Hobbes combatia a visão idílica do estado primitivo do homem propagada principalmente pela Igreja — o homem teria vivido no Paraíso antes do pecado de Adão. Mas não concordava com ele de que o homem não era um animal social e que criara o *contrato social* e o *Estado* por conveniência. E ainda não conseguia compreender como essas idéias puderam chegar até o séc. XVIII, XIX. Acrescenta:

“Huxley as fez suas também e eu tive que chamar sua atenção sobre o fato de que a vida em comum havia precedido na terra à aparição do homem.” (Ética. In La Moral Anarquista, 150)

Quanto a Spinoza, Kropotkin tece o seguinte comentário: apesar de ele ter a Natureza como fonte da moral e de pregar que nela nunca se encontra o *dever ser* e sim a *necessidade de ser*, não concordando que a moral estivesse fundada na coação estatal,

não levou em consideração suficientemente as inclinações sociais do homem. A união social era, para ele, algo secundário e a satisfação da personalidade perfeita em si era, no seu entender, superior à idéia da atividade comum na sociedade; ele estava interessado em restabelecer os *direitos da razão independente e autônoma*, rompendo com a Ética teológica sem cair no utilitarismo ou nas concepções de Hobbes e seus discípulos. Lembra Kropotkin de que Spinoza não se referiu, nos seus escritos, aos dois movimentos tão importantes que se desenrolavam e buscavam a igualdade de direitos (a Reforma e a Revolução Inglesa)

De Locke, Kropotkin salienta sua importância no pensamento do séc. XVIII, no positivismo, no utilitarismo inglês, na filosofia de Kant, na filosofia alemã da primeira metade do séc. XIX e ainda no materialismo contemporâneo. Este pensador repudia a existência de idéias morais inatas, demonstrando que elas são fruto da observação e experiência dos indivíduos; por exemplo, a justiça e o cumprimento dos contratos não são leis da natureza e sim condições da vida em comum; a *vontade do homem*, afirma, *está determinada por toda uma série de influências anteriores*. (Ética. In *La Moral Anarquista*, 158) Porém, observa Kropotkin, se Locke

“... se tivessem conhecido, como nós hoje, as leis da herança não teriam negado que **num ser sociável podia e tinha que desenvolver-se**, graças a essa lei da herança, não tão só uma inclinação à vida em comum, como também a igualdade de direitos e justiça.” (Ética. In *La Moral Anarquista*, 157)

Estudando o capítulo “*A moralidade é demonstrável*” do seu livro *Ensaio*, Kropotkin observa que Locke se aproximou muito do reconhecimento da justiça como base de idéias morais; porém reduziu, sem necessidades este conceito ao de propriedade escrevendo: “*Onde não há propriedade não há injustça, e isto é tão certo como qualquer teorema de Euclides.*”. (Ética. In *La Moral Anarquista*, 159)

Da literatura francesa, nosso autor ressalta o livro *Ensaio* de Montaigne (1533-92) escrito em 1583 que muito contribuiu para a emancipação da Ética; esse livro foi lido em toda a Europa.

Kropotkin também se refere a Descartes (1596-1650) que, neste país, ocupa o mesmo lugar que Bacon na Inglaterra e considera Spinoza e Locke seus continuadores. Embora se utilizasse do método dedutivo para descobrir as leis fundamentais da

Natureza, Descartes pôs em relevo a onipotência da ciência, apontando a nulidade das superstições e das explicações intuitivas.

Cita também Gassendi (1592-1655), Condorcet (1743-1794), Montesquieu (1689-1755), Holbach (1723-1789) — suas idéias sobre moral foram professadas pela maioria dos enciclopedistas franceses¹⁵¹; ele considerava *justiça* dar ao homem a possibilidade de utilizar ou pelo menos de não impedir a utilização de suas capacidades, direitos e todo o necessário para a vida e a felicidade — , Rousseau (1712-1778), Bayle (1637-1706), que ele considera precursor de Helvecio (1715-1771) — o qual atribuiu uma grande importância à educação na formação do caráter moral do homem, que deve promover a coordenação entre interesses individuais e da comunidade — , Voltaire (1694-1778) e também Diderot (1713-1784) e D'Alembert (1717-1783), considerando esses dois últimos como os inspiradores e iniciadores da Enciclopédia.

Os conceitos fundamentais dos enciclopedistas são assim resumidos por Kropotkin:

“Todos têm iguais direitos à felicidade e portanto aos meios para consegui-la. Por isso o justo é idêntico ao útil. As confusões que surgem por causa dos conflitos entre direitos distintos devem harmonizar-se pelas leis que são expressão da vontade comum e consagram unicamente o que serve à felicidade de todos.” (Ética. In La Moral Anarquista, 168)

3.1.4. Origem do sentimento moral

Tendo investigado, no campo das teorias morais, como os pensadores têm explicado a origem do sentimento moral desde a Grécia antiga até as novas tendências contemporâneas — *positivismo, socialismo, evolucionismo* — , conclui nosso autor que a explicação científico-natural da origem do sentimento moral já estava suficientemente explorada e comprovada. Pretende estabelecer um sistema ético à margem do sistema sobrenatural ou do metafísico.

Saber como essa moral social, ou seja, essa concepção do melhor possível, esse conceito de bem e de mal, gerado da sociabilidade própria dos animais superiores e

¹⁵¹ A Enciclopédia constitui um balanço de tudo o que se realizou no terreno da ciência e da política até aquela época, verdadeiro monumento intelectual, afirma Kropotkin. (167)

dos selvagens primitivos chegou à doutrinas morais de mais alto idealismo — doutrinas de Sócrates, Platão, Confúcio, Buda, Jesus — e explicá-las, sem apelar para forças sobrenaturais é tarefa da Ética, de uma Ética que mantém estreitas ligações com a Sociologia e Psicologia. É tarefa da Ética estabelecer a origem das idéias e sentimentos morais e determinar as bases fundamentais da moral, elaborando, desse modo, um ideal justo, isto é, que corresponda à sua finalidade. (*Ética*. In *La Moral Anarquista*, 108)

Não é possível, afirma, que a Ética continue sendo considerada parte da Religião, visto que ela é anterior a esta. Atribuir origem sobrenatural ao sentimento moral é ter um espírito não científico, é submeter-se à Igreja que, tendo se apropriado do conhecimento, procura dar uma direção que sirva aos seus próprios interesses de dominação. O sentido moral, comenta nosso autor, na verdade, está sempre em oposição aos atos maus, mas nem sempre ele tem força suficiente para impedir o mau. E a Religião, continua, tem sido causa de atos imorais, quando induz o homem à obediência, ao ódio a outras religiões, etc. O comunismo vivido pelos povos primitivos manteve, melhor que a fé cristã, os hábitos de solidariedade, salienta nosso autor.

Além do mais, a religião pregada pela Igreja traz em si contradições tais como: prega que *a desigualdade é uma lei da natureza*; porém, quando a desigualdade entre os homens se torna demasiadamente ostensível, produzindo injustiças, misérias, proclama o dever sagrado de se *dar o que se pode*, amenizando a situação. A essência da ética cristã tem sido, junto com a salvação pessoal, a submissão ao destino e a indiferença diante do mal social. (*Ética* In *La Moral Anarquista*, 72)

Para ele, a origem da moralidade está na *justiça*, concebendo-a como igualdade política, civil e econômica. A *justiça*, por sua vez, é fruto da vida em comum, quando o homem se descobre igual ao outro, aprende a respeitar o outro e a se respeitar no outro, quando aprende a agir segundo o princípio *não faças aos demais o que não queres que te façam a ti*. Aprende também a exercer sua liberdade, liberdade que vai se aperfeiçoando na vida em comum; toma consciência de que a liberdade plena só é possível na medida em que todos sejam livres, de que sua liberdade não termina onde começa a do outro, mas se efetiva na medida em que o outro está se libertando. Ao sentir-se parte de um todo, parte da Humanidade — esse ser superior, como já

escreveu Comte — toma consciência de sua pequenez e de sua grandeza. Torna-se assim mais solidário, desenvolvendo ações de ajuda e apoio mútuos cada vez mais aperfeiçoadas. É quando a **responsabilidade comunal individual** se desenvolve até os graus mais elevados; é quando a justiça também se aperfeiçoa dando origem à moralidade.

O homem percebe que seus interesses são e sempre foram idênticos aos do gênero humano, que tratar o outro com mentira, com brutalidade, por exemplo, é reconhecer-se inferior, incapaz de se perceber parte do Cosmo. De outro lado, tratar o seu semelhante com misericórdia, é sentir-se superior explicitando também, segundo Kropotkin, nossa ignorância quanto ao sentimento de igualdade.

“Assim, por exemplo, a moral que predica o exercício do bem por misericórdia e piedade leva dentro de si uma contradição mortal. Começa afirmando o principio de justiça universal, isto é, a igualdade ou fraternidade absoluta, para declarar imediatamente depois que (...) a igualdade é inexecutável e a fraternidade, (...) não deve ser concebida no sentido literal (...).” (Ética In La Moral Anarquista, 70)

Nosso autor considera a Natureza como o primeiro preceptor da ética; nela ele encontra a origem não só dos rudimentos da ética, como também as expressões superiores — o sentimento de *justiça, igualdade, o espírito de sacrifício*.

Os nossos antepassados viam os animais como grandes conhecedores da Natureza, seres enigmáticos, misteriosos, dignos de respeito; aprendiam muito com eles, imitando seus comportamentos, deixando-se influenciar na arte, dança, mitos, etc. (Ética In La Moral anarquista, 87-94) A psicologia animal foi a primeira a ser estudada pelo homem. O instinto social inato no homem e animais, constitui a fonte de todas as idéias éticas e de todo o aprimoramento da moral. (Ética In La moral Anarquista, 84)

A Natureza não nos dá lições de amoralismo; pelo contrário, dela *“dimanam as concepções do bem e do mal e novas idéias do bem supremo.”* (La Moral Anarquista, 64) Nosso autor não está se referindo aos juízos pessoais de gente excepcional, mais ao juízo da maioria, no qual observa a presença de elementos fundamentais da *justiça* e da *compaixão mútua*.

Foi com a Natureza que o homem primitivo aprendeu a regra fundamental de toda vida social. (*Ética In La Moral Anarquista*, 104). O homem primitivo, que não representa nenhum ideal de virtude, como pregam pensadores do séc. XVIII e nem tão pouco é *lobo*, como prega Hobbes, entendem, assim como os povos mais cultos do séc. XIX, por *direito, justiça, equidade, o restabelecimento da igualdade de direitos ultrajada*. O conceito de *justiça* nas relações mútuas se desenvolveu no sentido da *igualdade de direitos*, que supõe a *liberdade individual* e a necessidade tanto de oferecer como de receber *ajuda e apoio mútuos*.

A transição do instinto de sociabilidade, isto é, da simples necessidade ou desejo de viver em comum, à *convicção de que a justiça é algo necessário nas relações recíprocas* teve que efetuar-se, no homem, no mesmo momento em que se colocou o problema da manutenção mesmo da vida em comum. (*Ética In La Moral anarquista*, 102)

Kropotkin se propõe a investigar as práticas sociais de ajuda mútua sob um duplo ponto de vista: o das *inclinações herdadas* e o dos *ensinamentos éticos* adquiridos por nossos antepassados observando a natureza e praticando a solidariedade. Essa investigação confirma sua crença de que o instinto de sociabilidade que inclui a liberdade e o sentimento de igualdade, está profundamente arraigado no homem. A humanidade, praticando a solidariedade, desenvolve a prática de justiça e de moralidade.

Ajuda mútua, Justiça, Moralidade: são as etapas subsequentes que observamos, afirma Kropotkin, ao estudar o mundo animal e o homem. Constituem uma *necessidade orgânica*; estamos diante de uma *lei universal da evolução orgânica*.

Ajuda mútua é o sentimento que aparece como o mais forte e *Moralidade* se caracteriza por sua debilidade e seu caráter menos universal.

Agora que a evolução sucessiva das espécies, bem como das raças e instituições humanas e inclusive dos próprios princípios éticos começam a ser considerados como resultado de um desenvolvimento natural, escreve Kropotkin, é possível estudar os diversos fatores que tem contribuído para a dita evolução, figurando entre eles a ajuda e a compaixão mútuas, como forças morais naturais (*Ética In Moral Anarquista*, 66). Torna-se possível a construção de uma *Ética evolucionista*.

Desde o período glacial e final do período terciário, o homem teve que se acostumar a identificar seu *eu* com o *nós social*, concebendo sua tribo como algo do qual ele mesmo constituía apenas uma parte, e secundária. O conceito de bem e mal não tomava o homem, mas a tribo ou clã como termo de comparação: o que for bom (ou mau) para a tribo é bom (ou mau) e “... *quanto mais antiga é a sociedade primitiva mais rigorosamente se observa nela a regra cada uno por todos*¹⁵²”. (*Ética In La Moral Anarquista*, 105)

Cada tribo criou seu próprio e complicado sistema de *Ética* contendo costumes e regras éticas incondicionalmente obrigatórias e costumes e regras desejáveis. Ao lado desse sistema, criou-se outro que regia as relações com as tribos vizinhas, já que os elementos da outra tribo eram considerados *forasteiros*. (Religião nenhuma foi capaz de exterminar esse conceito; muito pelo contrário, a religião tem sido, muitas vezes fonte e/ou alimento). Esta *Ética* dupla, que ainda continua em vigor entre nós, comenta Kropotkin, dá lugar para que guerras aconteçam.

Historicizando de uma forma muito rápida o caminhar da humanidade, Kropotkin vê a *tribo*, que tinha o parentesco ou o suposto parentesco como elo de união ser substituída pela *comuna rural* que se unificava em torno do território, conquistado em comum e, depois, na Idade Média, observa o surgimento das *cidades livres*. Ao lado disso, o nascimento do Estado, a força militar e a Igreja vão criando uma sociedade vertical.

O autor de *Ética* aponta duas tendências da humanidade: de um lado, a tendência à usurpação, à dominação e, de outro, a aspiração a *conservar a justiça dentro da tribo, da comuna rural e das cidades livres, criando guildas e desenvolvendo o espírito de federação*. (*Ética In La Moral anarquista*, 106)

Só a ignorância da vida real dos selvagens primitivos pode levar pensadores a buscar explicações sobrenaturais ou a afirmar, como fizeram Hobbes e Rousseau, que a moral tem por origem o *contrato social*.

¹⁵² “Así Darwin pudo observar con extrañeza en la Patagonia que cuando un europeo regalaba comestibles a un salvaje éste los repartía inmediatamente en partes iguales entre todos los presentes.” (p.103)

Enquanto a luta pela existência pode ser causa de *progresso* ou de *retrocesso*, a ajuda mútua é sempre um fator de desenvolvimento da longevidade do espírito e de qualidades que consideramos superiores. Nenhum biólogo nega essa afirmação, escreve Kropotkin.

*“Sendo a ajuda mútua um fator necessário para a **conservação, o florescimento e o desenvolvimento progressivo** de cada espécie, se converteu no que Darwin qualificou de instinto permanente (a permanent instinct), próprio de todos os animais comunicativos entre os quais há que contar, naturalmente, o homem.”* (p.63)

A prática da solidariedade, acredita Kropotkin, torna-se hábito para a maioria dos animais e homens. Ele observou que essa prática **só é enfraquecida em situações de escassez e/ou abundância de recursos**. (*La Moral Anarquista*, 35) Mesmo que quiséssemos nos desembaraçar dela, continua, não poderíamos; é toda a evolução do reino animal¹⁵³ que fala conosco; é uma fala que conta com cem milhões de anos; seria mais fácil para o homem voltar a andar de quatro. (*La Moral*, 36) Ser solidário é uma necessidade, assim como são o alimento ou o órgão para digeri-lo.

Mesmo nas piores épocas da história da humanidade, quando as circunstâncias temporais de dominação, de escravidão, de exploração obstaculizam e/ou desestimulam essa prática, ela ainda assim permanece no pensamento da maioria que passa a odiar as instituições legais, religiosas e estatais, conduzindo à revolução.

“(...); o sentimento de solidariedade é o traço predominante da existência de todos os animais que vivem em sociedade. (...). Em todo agrupamento animal a solidariedade é uma lei (um fato geral) da natureza, infinitamente mais importante que essa luta pela existência, cuja virtude nos cantam os burgueses em todos os tons, a fim de melhor embrutecermos.” (*La Moral Anarquista*, 34)

O princípio derivado do aprendizado do homem observando o comportamento dos animais sociais: *“Faça aos outros o que você quer que eles lhe façam em igualdade de circunstâncias”*, Kropotkin o traduz em uma só palavra, *solidariedade*, lei do

¹⁵³ A Igreja tem ensinado que os animais não tem alma imortal e que seus atos estão simplesmente condicionados para responder às necessidades da natureza. Não havendo ato *bom* ou *mau*, não há, para eles, inferno ou paraíso. No homem, é ato *bom* aquele que representa uma vitória da alma sobre a carne. (*La Moral Anarquista*, 29)

progresso, fruto da evolução dos seres sociais. A comunidade foi e é a forma básica da luta pela existência.

A Trindade — *Lei, Religião, Autoridade* — que se coloca como protetora dos mais fracos, nada mais é do que a organização dos homens que se deixaram dominar por instintos menos nobres, apropriando-se de toda essa sabedoria adquirida em contato com os animais sociais para seu próprio bem e interesses particulares, fazendo a humanidade acreditar na sua incapacidade de auto organização e tornando-a dependente da Trindade no exercício dessa função. Por isso, continua, não se trata de rejeitar os princípios morais porque eles são proclamados pela *trindade*, postura dos “negadores” (Rochefoucauld, Stirner, Nietzsche), que concebem esses princípios apenas como fruto da educação e/ou das superstições, e a natureza como amoral, mas sim de reapropriar-se deles, de recuperar essa sabedoria, submetê-la à crítica, purificá-la das alterações realizadas pelo clero, juiz e governantes.

Os homens, desenvolvendo sua livre iniciativa e fundamentando seus atos coletivos nos valores: *solidariedade, justiça e abnegação*, saberão eliminar essas forças, esses novos deuses/mitos, que se encontram tão arraigados na nossa cultura a ponto de nos fazer acreditar que “sem Estado não há salvação”. Assim a espécie humana conhecerá o progresso e a vitória; do contrário, a humanidade, bem como esses valores tenderão a desaparecer.

É a prática da solidariedade — e não o Estado — que garante a conservação da espécie em meio aos obstáculos que a Natureza apresenta e, ao homem, permite um grande desenvolvimento intelectual. O Estado nada mais é, explica Kropotkin, do que *uma forma histórica de organização*, não se pode confundir o que é acidental com o que é essencial, continua.

No seu artigo *Governo revolucionário*, Kropotkin estabelece diferença entre Governo e Estado. Esse último supõe a existência de um poder colocado acima da sociedade e que implica a existência de novas relações entre seus membros. Da existência de um Estado, surge um Governo, mas de um Governo não surge necessariamente um Estado. Analisa o Estado a partir das comunas urbanas da Idade Média, observando que ele se sustenta graças a dois princípios opressores: *lei e autoridade*, que se mesclam para formar o que se denomina de *ordem*, o que vem a ser o mesmo: a

opressão organizada. Observa também que, apesar da existência do Estado, a vida social continua realizando coisas infinitamente superiores às que se realizam sob a tutela governamental.

O que é imutável, para nosso autor, é o valor do *bem* da espécie que inclui o *bem* do indivíduo. O que é útil e/ou nocivo para a espécie é conjunturalmente variável e essencialmente imutável. (*La Moral Anarquista*, 32) A *espécie* pode ser “entendida”, entre as formigas, apenas como o seu formigueiro, porém o homem, que compreende as íntimas relações, estenderá seus princípios de solidariedade a toda espécie humana e até aos animais.

Para o autor de *Ética*, tanto o animal como o homem sabem quando estão agindo *bem* ou *mal*, pois suas concepções sobre esse assunto são do mesmo gênero:

“Entre os tipos melhor desenvolvidos de cada classe separada — peixes, insetos, aves, mamíferos — são até idênticos.” (*La Moral Anarquista*, 30)

No entanto, a história do pensamento humano não é um caminhar só em direção ao *bem* e/ou ao *mal*; para nosso autor, ela recorda as oscilações de um pêndulo: há momentos nos quais a humanidade vive subjugada às verdades religiosas ou legais, recebendo uma educação que inculca o medo ao diabo, o medo às revoluções e o homem se transforma em “amigo da ordem”. É quando tudo o que é bom se oxida, e é quando a depravação dos governantes se faz tão repulsiva, que a outra oscilação do pêndulo se descompõe. (*La Moral Anarquista*, 22) Então, surge a época em que uma severa crítica atinge as *verdades* ensinadas, aumenta o número das invenções, das descobertas imprevistas, aparecem novas ciências. No campo moral, colocam-se questões e/ou se repetem as já feitas: Por que serei moral? Por que não ser imoral?

Essa pergunta, continua Kropotkin, feita pelos racionalistas do século XII, pelos filósofos do século XVI, pelos filósofos e pelos revolucionários do século XVIII, foi repetida pelos utilitaristas ingleses (Bentham y Mill), pelos materialistas alemães, como Büchner, pelos niilistas russos dos anos 1860 a 1870 e pelos jovens anarquistas franceses de sua época (*La Moral Anarquista*, 23)

Por que obedecer à Bíblia ou ao *imperativo categórico* de Kant? Por que devo acreditar que sou mais feliz salvando um naufrago como ensina Bentham? De onde me

vem a consciência do bem o do mal? Teria mesmo origem sobrenatural ou natural? O homem é bom por natureza ou mal por natureza? É altruísta ou egoísta?

A luta pela existencia, da forma que é apresentada pelos darwinistas, como motor principal do desenvolvimento progressivo ressuscitou a velha questão: a natureza tem um caráter moral ou imoral? Essa luta cruel de um contra todos no mundo animal e entre os homens pode ser a expressão da vontade do Ser Supremo?

Já Hobbes havia afirmado que o homem é lobo do homem, e considerou a moral como algo necessário e imposto ao homem pela força, ou seja, pelo Estado. Pregava a necessidade de um poder central rigorosamente organizado que suavizasse a hostilidade mútua e contínua entre os homens. Substituindo um mito por outro, a Igreja pelo Estado, prestou um grande serviço à luta contra o poder autocrático da monarquia de origem divina, nos fins do séc. XVII.

Para os darwinistas, o homem só pode aprender o mal com a natureza. Não podendo, no entanto negar que o homem tem um conceito elevado do *bem* e fé no triunfo gradual do bem sobre mal, como explicam esta contradição colocada por eles mesmos? De onde provém este conceito do bem e essa fé? Nega-se, então, que na natureza resida algum princípio ético, mas continua em aberto a explicação “mística” de que o homem precisa de um salvador, seja ele *Deus*, *Estado* ou qualquer outra autoridade, como a *Lei*, por exemplo.

Kropotkin rejeita não só a explicação religiosa ou mística, mas também a explicação dada por Hobbes de que a lei é que desenvolveu no homem o sentimento do *justo* e do *injusto*, do *bem* e do *mal*. A lei, como entende Kropotkin, perverte o sentimento de justiça, no lugar de desenvolvê-lo, servindo para impor ordens úteis a uma minoria de exploradores.

Para ele, as *práticas de solidariedade* e não as *leis* são fruto de uma evolução útil, necessária para manter a sociedade na luta coletiva pela existência. Essas práticas são consequência de uma vida em comum; são anteriores às leis, às religiões; encontram-se entre todos os animais que vivem em sociedade.

As leis, explica, brotam da habilidade do legislador, que consegue confundir, no mesmo código, as máximas que representam os princípios de moralidade e

solidariedade elaboradas pela vida em comum — que os juristas denominam de direito consuetudinário — e as ordens que devem consagrar a desigualdade. Exemplificando, o Código diz: *Não roube* e logo em seguida: *Ao que não pagar imposto, seja lhe cortado o braço.* (*Palavras de um Rebelde*, 95) A lei garante os frutos da pilhagem, da servidão e da exploração; no lugar de proteger as liberdades individuais, protege as riquezas advindas da exploração do homem pelo homem, conservando a máquina governamental que garante ao capital a exploração. (*Palavras de um Rebelde*, 98).

Tomadas pela burguesia como âncora de salvação para pôr um dique à torrente popular, transformam-se em fetiche, remédio para todos os males e tornam-se muito mais numerosas na medida em que a ignorância e a desordem habitam a sociedade humana. O autor de *Ética* cita, inclusive, palavras não de um revolucionário, mas de um confeccionador e admirador de leis, um jurisconsulto, Dalloz, autor da coleção das leis francesas, conhecida com o nome de *Repertório de da legislação*: os homens “*pedem sem parar à lei o que só pode vir deles mesmos, de sua educação, do estado de seus costumes.*” (*Palavras de um Rebelde*, 89) Para abolir uma lei iníqua, é preciso muita luta e ela, muitas vezes, só desaparece nesses períodos.

Kropotkin rejeita também a posição dos utilitaristas quando afirmam que o homem deve agir moralmente por interesse pessoal, esquecendo seus sentimentos de solidariedade, qualquer que seja sua origem. Comunga, no entanto, a idéia divulgada por eles e também pelos enciclopedistas de que os atos humanos derivam de um só impulso: a consecução do prazer. Quer seja doando um pão ou roubando-o, o móvel é o mesmo: o homem sempre busca o prazer ou evita a dor, o que vem a ser o mesmo.

“Buscar o prazer, evitar a dor, é o objetivo geral (outros diriam a lei) do mundo orgânico: é a essência da vida.

“Assim, pois, qualquer que seja a ação do homem, qualquer que seja sua linha de conduta, trabalha sempre obedecendo a uma necessidade de sua natureza.” (*A Moral Anarquista*, 27)

Esta conclusão a que, segundo Kropotkin, toda filosofia naturalista chega, dá origem a outra questão: Então todos os atos do indivíduo são indiferentes? O homem é apenas um “autômato consciente”? (*La Moral Anarquista*, 28)

Kropotkin refuta a discussão colocada pela escola inglesa que apresenta altruísmo e egoísmo como sentimentos opostos; para ele não há oposição entre o bem do indivíduo e o da sociedade. O bem da espécie e do indivíduo não **serão** idênticos, como prega Spencer **já são e sempre foram** idênticos. Sempre existiram homens ruins, homens imbecis, mas em nenhuma época da história o bem do indivíduo foi oposto ao da sociedade. Quem melhor compreender isso, gozará de vida mais completa.

Se as formigas não sentissem prazer no trabalho conjunto, não teriam se tornado entre os insetos, os mais desenvolvidos. O que acontece, afirma, é que grande número de indivíduos (animal ou homem), não compreende bem que, *sendo a finalidade do indivíduo viver intensamente, encontra essa condição da existência na maior sociabilidade, na mais perfeita identificação de si próprio com todos que o rodeiam.* (La Moral Anarquista, 49)

Para melhor elucidar sua posição, Kropotkin utiliza-se dos seus estudos expostos em *Apoio Mútuo*, repetindo:

“O mundo animal em general, desde o inseto até o homem, sabe perfeitamente o que é bom e o que é mau, sem para isso consultar a Bíblia nem a filosofia. E sendo assim, a causa está também nas necessidades de seu organismo, na conservação da raça, e, portanto, na maior soma possível de felicidade para cada indivíduo.” (La Moral Anarquista, 29-30)

Tomando por base os estudos de Forel, relata: uma formiga, farta de mel, encontra-se com outras formigas que, tendo o ventre vazio, pedem-lhe de comer. A primeira devolve imediatamente o mel para que estas se satisfaçam. Quando o mel é recusado, a formiga egoísta é castigada com mais dureza que inimigos de outra espécie e se isso ocorrer enquanto estiver havendo um combate entre duas espécies distintas, as formigas abandonam a luta para *“encarnizar-se com la egoísta”*. (La Moral Anarquista, 30)

“...pergunte aos pássaros que estão em seu jardim se está bem não avisar a todo o bando que arrumou algumas migalhas de pão, com o fim de que todos possam participar da comida; (...)

“Pergunte também ao homem primitivo, ao Tchouktche, por exemplo, se está bem pegar comida da tenda de um dos membros da tribo na sua ausência, e ele responderá que, se o homem podia procurar o alimento por si mesmo, isso haveria sido muito mal feito, mas que se estava fatigado ou necessitado, devia pegar o alimento onde quer que o encontrasse. Mas neste caso haveria feito bem em deixar seu gorro ou sua manta, ou sequer um pedaço de corda com um nó, a fim de que o caçador ausente pudesse saber ao entrar que teve a visita de um amigo, e não a de um saqueador. Esta precaução lhe teria evitado os cuidados com a possível presença de um saqueador aos redores de sua tenda.

*“A formiga, o pássaro, a marmota e o Tchouktche selvagem não leram Kant nem os santos padres nem sequer a Moisés; e, sem dúvida, todos têm a mesma idéia do bem e do mal. (...) no fundo dessa idéia, vereis em um instante que o que se considera **bom** entre as formigas, as marmotas e os moralistas cristãos ou ateus é o que se considera **útil** para a conservação da espécie, e o que se considera **mau** é o que se considera **perjudicial**; não para o indivíduo, como diziam Bentham e Mill, mas bonito e bom para a espécie inteira.”* (La Moral Anarquista, 31)

“A igualdade nas relações mútuas, e a solidariedade que dela resulta necessariamente: eis aí a arma mais poderosa do mundo animal na sua luta pela existência. E a igualdade é a equidade¹⁵⁴” (La moral Anarquista, 37)

“Sem igualdade não há justiça e sem justiça não há moral.” (Ética,13)

No princípio da *igualdade* Kropotkin vê mais do que o resumo dos ensinamentos dos moralistas; vê o *respeito pelo indivíduo* que deve expressar francamente suas simpatias e antipatias. Fulano engana seus amigos? É seu caráter? O nosso, escreve Kropotkin, é menosprezar o embusteiro. Com Fourier, repete:

“Deixai os homens absolutamente livres, não os múteis; bastante já fizeram as religiões. Não temas sequer suas paixões; em uma sociedade livre não oferecerão nenhum perigo.” (La Moral Anarquista, 43).

¹⁵⁴ No idioma francês e no inglês as palavras justiça e igualdade nascem de uma mesma origem: *équité* e *égalité*, *equity* e *equality*.

Por isso, continua, a mentira, a brutalidade, por exemplo, são repugnantes, não porque sejam desaprovados pelos códigos morais, mas porque sublevam os sentimentos de igualdade, o que se torna impecilho para a prática da solidariedade. Viver conforme o princípio da *igualdade* é difícil, pois o meu mais pobre leito e comida é sempre muito rico diante do leito de quem vive sob as pontes e com fome, reflete nosso autor. Conclui que o princípio de igualdade não está suficientemente apurado, sendo necessário a elaboração de uma moral superior baseada no estudo do homem e dos animais, captando suas linhas gerais já presentes nas idéias das *massas populares* e de pensadores.

Essa moral não ordenará nada, não modelará o indivíduo segundo um ideal nem o mutilará, como fazem a Religião, a Lei e o Estado; será uma simples demonstração de fatos, uma ciência. E essa ciência aconselhará aos fracos, sem ânimo, que não se separem dos princípios da equidade igualitária, pois, nas relações igualitárias, encontrarão o que necessitam e acrescenta: “*Não te queixes dos humanos se tu mesmo paralisas tua atividade.*” (*La Moral Anarquista*, 50). Aos fortes, estimulará a ser grande e enérgico em tudo que fizerem, pois assim conhecerão o maior gozo que um ser vivente pode desejar. Estimulando o leitor, escreve: “*Luta para permitir a todos viver esta vida rica e exuberante.*” (*La moral Anarquista*, 50).

Esse princípio de *tratar aos demais como queremos que nos trate em circunstâncias análogas* é, escreve Kropotkin, o genuíno princípio fundamental da Anarquia. (*La Moral Anarquista*, 37). Não quer o anarquista ser governado e nem governar; ser enganado ou enganar; não quer que roubem o fruto do seu trabalho e nem quer roubar o seu semelhante.

Os anarquistas, diferentemente dos *autoritários*¹⁵⁵, escreve Kropotkin, não temem o desaparecimento do juiz ou do padre; renunciam a toda sanção, a toda obrigação moral. Se a Igreja, para moralizar o homem, ameaça-o desmoralizando-o, os anarquistas, ao contrário, pregam o lema: “*Ha o que quer e como quer*” (*La Moral Anarquista*, 40), pois confiam na tendência do homem na direção de atos úteis à sociedade assim como a criança tende a ser bípede e não quadrúpede. O sentido moral, afirma nosso autor, é uma faculdade natural, igual ao sentido do olfato e do tato.

Nenhuma sociedade tem o direito de castigar seja o que for e do modo que for:

“(...) não renunciaremos a nossa faculdade de amar o que nos pareça mau. Amar e odiar, pois só os que sabem odiar sabem amar. (...)”

“Só pedimos uma coisa: eliminar tudo o que na sociedade atual impede o livre desenvolvimento destes sentimentos, tudo o que falseia nosso juízo: o Estado, a Igreja, a Exploração, o juiz, o clérigo, o Governo, o explorador.” (La Moral Anarquista, 41)

Nosso autor não desconhece a questão que então se coloca com relação à prática de atos antisociais e assim se pronuncia a esse respeito, no seu livro *As Prisões*:

*“Na realidade, posto que a função judicial sempre foi a justificativa na constituição de todos os poderes, sua base e fundamento mais sólido, não exagerarei se disser que a questão de saber **o que se deve fazer com os que cometem atos antisociais** contém em si o grande tema do governo e do Estado” (Kropotkin, *As Prisões* In Tragtenberg, 1987:89)*

Kropotkin quer responder sobre o que fazer com os que infringem a lei, “não a escrita, que não é outra coisa que uma triste herança de um passado triste, mas os princípios de moralidade gravados no coração de todos” (Kropotkin, *As Prisões* In Tragtenberg, 1987:98) Depois de discorrer sobre as três causas que produzem esses atos antisociais — causas sociais, fisio-antropológicas e físicas, e de demonstrar, com fatos e argumentos, a inutilidade das prisões, que não recuperam, nem impedem a reincidência do crime, e que poderiam ser chamadas de *casa de corrupção* ao invés de *casa de correção*, aconselha que seja feito um trabalho de prevenção das doenças sociais:

*“Em vez de **curar** as enfermidades, a medicina atual trata de **preveni-las**. E todos nós conhecemos os imensos resultados obtidos deste modo. A higiene é o melhor dos médicos. Pois bem, o mesmo temos que fazer no que diz respeito a esse fenômeno social que ainda se chama **crime**, mas que nossos filhos chamarão de **doença social**. Prevenir esta doença será a melhor das curas.” (Kropotkin, *As Prisões* In Tragtenberg, 1987:99)*

¹⁵⁵ Refere-se às correntes no movimento operário que pregavam o centralismo.

Assim, afirma, sobrarão poucos casos, os quais deverão ser tratados não com *prisão pedagógica, manicômio correccional*, que seriam piores que os cárceres e presídios de hoje, mas como os únicos corretivos eficazes: a compreensão humana que inclui a fraternidade e a liberdade do indivíduo, somada à pressão moral da comunidade.

Basta de leis, basta de juizes! A liberdade, a igualdade e a prática da solidariedade são o único dique eficaz que podemos opor aos instintos anti-sociais de certos homens. (Kropotkin, *As Prisões* In Tragtenberg, 1987, 88)

A prevenção do crime exige que se lute para eliminar as grandes causas da depravação: *capitalismo, instituições religiosas e jurídicas e governo.*

Mas se não se deve castigar, como Kropotkin justifica os atos de revolucionários que chegam a assassinar o czar, por exemplo? Se o assassinato visa apenas a substituição de uma autoridade por outra, explica, esse ato não está correto; porém, eliminar alguém perigoso para a coletividade é tão certo como preferir morrer do que ferir o outro.

“Este direito de usar a força, a humanidade não o recusa jamais aos que o conquistaram; ainda que esse direito seja exercitado sobre as barricadas ou em volta de uma esquina.” (*La Moral Anarquista*, 39)

Kropotkin afirma que as sociedades devem ir além do princípio da *igualdade* para que não pereça e pereça, inclusive, a própria noção de igualdade. Algo maior que a igualdade precisa existir e existe. É preciso dar ao outro mais do que recebemos.

*“Só estes sentimentos e hábitos, qualificados ordinariamente com os nomes pouco exatos de **altruísmo** e **espírito de sacrifício**, são os que, a meu juízo, correspondem propriamente ao domínio da moral, ainda quando a maioria dos escritores, sob a denominação de Altruísmo, os agrupam junto ao sentimento de Justiça.”* (*Ética* In *La Moral Anarquista*, p.73)

O homem fecundo em idéias sofre quando não as pode socializar; já o pobre de pensamento, se concebe uma idéia, com muito trabalho, a oculta cuidadosamente para mais tarde patenteá-la, comenta Kropotkin. A planta precisa florir, continua, mesmo que isso signifique morrer.

“(...) o inventor que vive da glória póstuma, esquece até o alimento (...), persegue sua invenção, destinada, segundo ele, a mudar a face do mundo; já para o revolucionário ardente, parecem áridos todos os prazeres da arte, da ciência, da família, quando não estão compartilhados por todos; trabalham em regenerar o mundo a pesar da miséria e das perseguições.” (La Moral Anarquista, 44)

Refletindo mais profundamente sobre os fundamentos de uma nova Ética, Kropotkin aponta duas aspirações no ser humano: a aspiração da *comunidade*, por um lado e, por outro, a aspiração , que emana da primeira, por uma vida mais intensa, ou seja, por uma maior *felicidade individual* e a um mais rápido progresso físico, intelectual e moral. (*Ética In Moral Anarquista*, 66)

Essa dupla aspiração, traço característico da vida em geral, constitui para nosso autor, uma das propriedades fundamentais da vida, um de seus atributos, seja qual for o aspecto que a vida revista em nosso planeta ou fora dele, não sendo esta uma afirmação feita no campo da metafísica e muito menos uma suposição, mas fruto do estudo da Natureza e da própria história da humanidade.

Onde encontrar a origem dessa abnegação? Sua origem, escreve Kropotkin, concordando com Guyau, é o *sentimento de sua própria força, é a vida transbordando*, vida que se manifesta no crescimento, na multiplicação e na extensão. O homem não se conforma com uma vida ordinária, cotidiana; ele busca com prazer o *risco* e o *dar-se* sempre que se sente *capaz disso*. O homem possui uma *fecundidade moral* que lhe permite reconciliar o egoísmo com o altruísmo.

“Sem um desenvolvimento constante da comunidade e por conseguinte da intensidade da vida e variedade de suas sensações, a vida é impossível. Sem eles a vida vai degenera e chega à extinção. É uma lei da Natureza.” (Ética In La Moral Anarquista, 66)

A ética deve esclarecer ao homem sobre os meios de se conseguir o crescimento e o desenvolvimento da vida, finalidade imposta ao homem pela própria natureza. A moral humana, então, se desenvolve em virtude da própria necessidade que o homem tem de viver uma vida mais integral, mais intensa e mais fecunda. O impulso moral do dever não é outra coisa que uma superabundância de vida, que exige exercitar-se, dar-se; é ao mesmo tempo a consciência do poder. Poder obrar é dever obrar. E toda essa

obrigação moral se reduz a esta verdadeira concepção: a vida não pode manter-se senão na condição de expandir-se. (*La Moral Anarquista*, 45)

Quando Kropotkin observa a sociedade de sua época, constata que, ao lado de indivíduos pouco criativos, existem também os elementos para uma nova concepção da moral, ou seja, a prática da *solidariedade*, o *sentido da justiça* e o *espírito de sacrifício* persistem, apesar de todos os obstáculos.

A história nos ensina, escreve Kropotkin, que o sacrifício de si mesmo é um dos fatores mais poderosos e apreciáveis de progresso. Para dar um passo adiante, a humanidade, esse corpo enorme e preguiçoso, tem que passar por perturbações que custa a vida de muitos.

Para Kropotkin, os conceitos de *virtude* e *vício* são concepções zoológicas e não somente humanas. O homem aprendeu com os animais as primeiras lições de espírito de sacrifício e o reconhecimento da utilidade da vida em comum (*Ética* In *La Moral Anarquista*, 67). Isso não quer dizer que nosso autor despreze a influência das idéias e ideais sobre as concepções morais e sobre a imagem intelectual da época. Ele concorda com Fouillée de que as *idéias* são *força* e assinala, inclusive, como um dos principais obstáculos para a elaboração de um sistema completo de Ética que corresponda às exigências contemporâneas, o fato de que a Sociologia estar ainda em sua infância.

A história da humanidade, continua, não é uma cadeia ininterrupta da evolução desde a Idade da Pedra até nossos dias. Porém o fato de que a parte culta da humanidade considere os períodos de regressão como manifestações transitórias e enfermas cuja repetição seja preciso impedir, constitui-se em prova do progresso do critério ético. Na medida em que nas sociedades civilizadas crescem os meios para satisfazer as necessidades de todos, abre-se o caminho para uma concepção universal da justiça, aumentando a importância dos postulados éticos. Afirmar Kropotkin:

“Desde o ponto de vista da Ética realista, o homem pode portanto não só crer no progresso moral, mas também fundamentar esta crença cientificamente, apesar de todas as lições pessimistas da História. Ainda que em seus princípios a fé no progresso não passou de ser uma simples hipótese (em toda ciência a hipótese

precede o descobrimento), esta hipótese se tornou cientificamente comprovada.” (La Moral Anarquista, 65)

Conhece as críticas que são feitas à essa posição: o conhecimento da vida da Natureza só pode nos fornecer uma verdade fria e matemática, sem influência sobre nossa conduta; esse estudo pode nos inspirar o amor e a verdade, mas nunca a inspiração para emoções superiores (por exemplo, a *infinita bondade*) que só a Religião nos dá. Responde a essas objeções:

“(…),o reconhecimento da ajuda mútua como traço fundamental na existência de todos os seres vivos, é certamente uma versão digna (...), porque acrescenta à concepção desta um novo traço humanitário.” (Ética In La Moral anarquista, 66)

Por outro lado, ele mesmo aponta contradições nas teorias morais modernas. Por exemplo: a liberdade e o individualismo econômico propagados são mais aspirações do que realidade; enquanto se prega o individualismo econômico desde o século XVIII, cresce a submissão do indivíduo à organização militar do Estado e a seu sistema de instrução, dando-se uma maior absorção do indivíduo que perde sua individualidade. À essa situação reagem Godwin, Spencer e Nietzsche.

Mas nosso autor vê ressurgir, ao lado do individualismo extremo do século anterior, o universalismo dos antigos pensadores, completado pela noção da liberdade da personalidade individual. (*Ética In La Moral Anarquista, 72*) Mais importante do que a aspiração estritamente egoísta da independência econômica do século XVIII, está o desejo apaixonado da independência individual que pretende contribuir na formação de uma sociedade nova e melhor na qual o bem estar de todos seja a base do completo desenvolvimento da personalidade humana.

3.2. Considerações finais

A redação desse tópico foi interrompida com a morte do autor. Ele faz um balanço de seu estudo sobre as distintas escolas morais, assinalando duas tendências que vêm dominando a Ética desde a Grécia antiga: os que confundem moral e religião, atribuindo a origem dos conceitos morais ao sobrenatural; os que consideram como fonte da moral o homem mesmo. Estes últimos tentam criar uma moral natural e

tendem a reconhecer que o prazer e o desejo de alcançar a felicidade guiam os atos dos homens.

Para Kropotkin, esta postura dos hedonistas e dos eudemonistas¹⁵⁶ não resolve a questão da origem da moral. Escreve:

“A história nos ensina que se os homens tivessem sido guiados tão somente pela utilidade pessoal, a vida social teria sido impossível.” (Ética In La Moral Anarquista, 255)

A Ética teria que explicar porque o engano e a injustiça conduzem à decadência humana. Será isso uma vontade do Criador como opina o cristianismo ou

“será porque a mentira é sempre uma humilhação (a de se considerar mais débil que a pessoa a que se está mentindo) e, portanto, conduz o homem ao menosprezo de si próprio e porque os atos injustos supõe o pensamento injusto, isto é, mutilam o que há de mais precioso em nós”? (Ética In La Moral Anarquista, 255)

Para nosso autor, a origem da *moralidade* está na *justiça*. E a *justiça*, por sua vez, deriva da vida em comum. É nessa vida em comum, na *sociabilidade* que o homem aprende a exercer sua *liberdade* percebendo que ela só será plena na medida em que todos os homens forem livres; aprende a prática do princípio *“faça ao outro o que você desejaria que ele lhe fizesse em situação análoga”* ao descobrir-se *igual a seu semelhante*. A *liberdade* e o *sentimento de igualdade* leva o homem à *solidariedade*, reconhecendo que os interesses pessoais são sempre idênticos aos da coletividade. O homem faz a grande descoberta de sua *pequenez* (é parte da Humanidade) e de sua *grandeza* (faz parte desse Ser Superior, da Humanidade). Baseando-se no sentimento de *igualdade de direitos*, passa a exercitar a *justiça* chegando mesmo à ultrapassá-la.

É quando se observa, no campo da ética, o *instinto de conservação pessoal* ser vencido pelo *instinto de conservação social*; é quando se observa que o homem não se satisfazendo com o *débito-crédito*, isto é, com o *dar e receber*, percebe a necessidade e a alegria que existe na doação gratuita e incondicional, doação que pode chegar até

¹⁵⁶ *Hedonismo*: doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível, princípio e fim da vida moral. *Eudemonismo*: doutrina que admite ser a felicidade individual ou coletiva o fundamento da conduta humana moral, isto é, que são moralmente boas as condutas que levam à felicidade.

ao sacrifício de sua própria vida, descobrindo, então, o grande segredo da vida plena: a vida não pode manter-se senão na condição de expandir-se.

Esse caminho — *solidariedade, justiça e abnegação* — o homem aprende quando se dispõe a viver a solidariedade na busca dos interesses coletivos identificados como seus próprios interesse, ainda que na aparência possam mostrar-se alheios e/ou mesmo contrários. Porém, como na solidariedade está incluído o valor liberdade pessoal e igualdade de direitos, o aprendizado desse caminho nunca poderá ser resultado de estudo acadêmico, realizado pelo indivíduo isoladamente ainda que a Academia possa oferecer fatos, testemunhos que demonstrem a importância do desenvolvimento desses valores éticos. A experiência individual é imprescindível e **a expressão desse caminhar é singular, original.**

Por isso, nada deve ser imposto ao homem, mas no processo de construção da nova Ética, ao homem deve ser esclarecido que existem dois tipos de comportamentos: os necessários incondicionalmente para que a vida em sociedade seja possível e que têm caráter de reciprocidade e os comportamentos gratuitos que colaboram com a perfeição moral do indivíduo.

Kropotkin propõe à Ciência *uma investigação atenta das experiências alternativas criadas e autogeridas nos diferentes períodos históricos, que tiveram como objetivo o maior bem-estar do maior número de pessoas.* A investigação das tentativas vacilantes ou com sucesso que representam possibilidades ocultas no fundo da sociedade contemporânea é que poderá responder à humanidade talvez, a questão fundamental da Ética: *Por que hei de viver uma vida moral?*

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Reflexões sobre a teoria do Apoio Mútuo

A Idade Moderna assistiu à ressurreição do direito romano e à constituição de Estados centralizados e unitários, que puseram fim não só ao feudalismo, mas também às cidades livres — convertidas em partes integrantes de um Estado unitário — devorando as instituições sociais livres e promovendo um individualismo doentio, exagerado. No entanto, observa Kropotkin que o impulso para a solidariedade e para a liberdade, para a justiça e abnegação não morreu. Manifestou-se, nas práticas comunistas e libertárias de muitos *hereges*; manifestou-se, no séc. XIX nas uniões secretas operárias que prolongavam o espírito dos grêmios e guildas no contexto da luta operária contra a exploração capitalista e que proliferaram mais e mais, apesar de serem criadas leis contra tais uniões. Na Inglaterra, por exemplo, Owen conseguiu federá-las na *Grande União Consolidada Nacional*.

Para Kropotkin, o movimento operário se caracterizava pela abnegação, pelo espírito de sacrifício e heroísmo de seus militantes. A burocratização e a mediatização estatal desses movimentos ainda não tinha acontecido.

Entender porque os homens se unem foi a preocupação de Kropotkin que já partia, nas suas investigações para responder a esse problema, de uma hipótese: *a ajuda e apoio mútuos, assim como a luta mútua estão presentes na vida dos animais e homens*. A sociabilidade estudada até então como argumento em favor da origem pré-humana dos instintos morais carecia de um estudo que a enfocasse como *lei da natureza e um fator de evolução*. Acabou demonstrando, em *Apoio Mútuo* e em *Ética*, que a **solidariedade é um dos fatores principais do desenvolvimento da espécie e que é fator mais freqüente e importante do que a luta mútua no processo de evolução dos animais e progresso dos homens**; que no progresso ético do homem, o apoio mútuo — e não a luta mútua — tem se constituído parte determinante.

A importância desse seu estudo é que ele rompe com o mito de que a competição é o fator de progresso, é a lei da natureza. Nosso autor refuta a crença na existência de uma luta cruel pelos meios de subsistência *entre animais pertencentes a uma mesma*

espécie, tida pelo darwinismo social como o traço predominante e característico da luta pela vida, como a principal força ativa do desenvolvimento gradual no mundo animal; rejeita a crença de que *a luta dos indivíduos na sociedade fortalece a espécie*, ao mesmo tempo que *seleciona* seus membros. A sobrevivência dos *mais aptos* atuaria como meio de *seleção natural*, assegurando o progresso da raça. Essa concepção se expressa nas frases: *a lei da vida é a lei do mais forte; salve-se quem puder; é a lei da selva*.

Substitui essas crenças por suas constatações: a prática da *solidariedade* entre indivíduos de uma mesma espécie é mais freqüente do que a *luta mútua* e responde à diferentes necessidades (nos animais: caça, migração, defesa mútua, prazer, afeto; nos homens, além dessas, autogestão, justiça, liberdade). Essa prática só é enfraquecida quando há abundância ou escassez de recursos e a espécie que deixa de ser solidária, tende à extinção. Constata o prevalecimento do *instinto de conservação social* sobre o *instinto de conservação individual*.

Kropotkin, assim como Darwin, buscava uma correspondência entre as leis da natureza e as da sociedade, desconsiderando que as leis da natureza, universais e necessárias, não podem coincidir com as da sociedade, fruto de convencionalismos e, por isso, perfeitamente alteráveis, segundo poderes e interesses. A diferença entre esses dois estudiosos é que Kropotkin, fiel observador da realidade, se negou a reduzir a vida social dos homens a uma luta cruel entre seus semelhantes, mostrando-se inimigo da desigualdade econômica e da injustiça que semelhante situação engendrava. Para ele, o mundo natural não refletia o que acontece na sociedade e sim o que **deveria** acontecer; a Natureza teria sido o primeiro preceptor da Humanidade. Partindo, pois, de seus ideais de fraternidade universal, que deveriam reger a vida dos homens, fundamenta esta convivência em leis naturais, de cuja aplicação nas relações humanas surgiria uma sociedade, sobretudo, mais harmoniosa e justa que a estabelecida pela *competitividade* e pela *luta* capitalista.

Desse modo, tanto para Darwin como para Kropotkin, a busca do principal fator determinante na evolução das espécies responde também a um intento de justificar cientificamente um modelo de sociedade, porém a discrepância surgida no momento de estabelecer qual seria esse fator é o que separa as convicções capitalistas de Darwin das anarquistas de Kropotkin.

Levando-se em consideração o acelerado desenvolvimento das ciências¹⁵⁷ desde que Kropotkin escreveu sua obra, sua busca de uma base biológica para o comunismo libertário não carece hoje de valor científico. Representa um anseio de ver a aliança entre Ciência e Revolução e também constitui uma interpretação equilibrada e basicamente aceitável da evolução biológica e social.

Os termos utilizados por Darwin, Kropotkin os concebe da seguinte forma: a *luta pela existência*, como **luta coletiva** contra todas as condições naturais desfavoráveis para a espécie — o instinto de ajuda mútua move os animais a enfrentarem solidariamente a hostilidade ambiental e não como uma luta pelos meios diretos de existência; a *seleção natural*, como um processo que tem contribuído para o desenvolvimento do instinto social em virtude de sua utilidade para a conservação e o bem estar da espécie, processo que tem buscado continuamente meios para evitar, o quanto seja possível, a competição, sempre daninha para a espécie, na concepção do nosso autor; não são os mais fortes que sobrevivem e sim os *mais aptos*, ou seja, os animais sociais, os que praticam a solidariedade pelo menos entre elementos pertencentes a uma mesma espécie.

A cooperação, para Kropotkin, não se apresenta tão somente como uma forma de análise da realidade biológica ou social, mas também como método de transformação social e, neste sentido, o pensamento kropotkiniano é profundamente classista: tem-se que aplicar a *solidariedade dos trabalhadores* para lutar contra o Capital. Então, em que sentido pode haver uma relação entre *apoio mútuo* e *luta de classe*? São incompatíveis? São complementares? Os dois termos não parecem ser contraditórios; eles afetam realidades diferentes do conjunto social. O *apoio mútuo* não pode ser entendido, no pensamento kropotkiniano, como fator interclassista e nem como síntese hegeliana das contradições de classe. O que está em jogo para Kropotkin é o bem da espécie, o progresso, entendido como bem-estar de todos.

¹⁵⁷ O evolucionismo, nos últimos duzentos anos, apresenta-se como uma ideologia que permeia todas as ciências naturais e sociais, inclusive a biologia, a antropologia, a cosmologia, a linguística, a sociologia, a psicologia, a termodinâmica. Ainda temos hoje a sociobiologia criada pelo biólogo E. Wilson, nos Estados Unidos, na década de 1960, início de 70, tendo como inspirador Lorenz que dá uma explicação biologizante das sociedades humanas, entendendo que há uma natureza humana visível no comportamento social do homem, sendo que tal natureza o aproxima de outros animais também sociais e que consideram haver duas formas de ascensão social baseadas na seleção natural, ou seja, vencem e reproduzem-se os mais aptos. (Silvia, Cláudia, 1993)

A luta contra o Capital deverá ser realizada não pelos trabalhadores apenas, mas também por todos os que se sentirem solidários com a causa. A miséria na qual vivem os trabalhadores não deriva de escassez de recursos e sim de um sistema de exploração e opressão. Diante da *falsa* escassez de recursos, a solidariedade das “vítimas” e dos que tem consciência dessa falsidade aumentará, acredita Kropotkin.

Essa luta *na solidariedade* é necessária e conveniente para todos os indivíduos, pois a liberdade e a justiça só serão plenas na medida em que sua abrangência se tornar plena.

Quando os burgueses, na sua luta por liberdade, por independência, excluíram os “forasteiros” e também os camponeses, não só não foram efetivados os valores que pregavam como também tiveram como obstáculo os excluídos de sua luta; estes se aliaram ao opressor.

Quando os bárbaros deixaram nas mãos de outros (os “sacerdotes”, os “militares”, os “juizes”) a defesa da comuna, a defesa de seus próprios direitos individuais e/ou coletivos, é que, segundo nosso autor, foi criado o espaço para a dominação e a opressão.

Na luta pelo bem da espécie, Kropotkin assinala alguns pontos fundamentais: a luta deve ser coletiva e autogerida e deve envolver o maior número de grupos de interesses desde que a base ética seja o horizonte e o solo dessa luta. O compromisso com o gênero humano deve levar em consideração o indivíduo e suas necessidades, a sua independência e sua criatividade na direção da construção de uma sociedade nova e melhor, na qual o bem estar de todos seja a base do completo desenvolvimento da personalidade humana.

A conveniência de se criar uma sociedade baseada na *responsabilidade comunal individual* foi bem explicitada em *Apoio Mútuo*. Quanto à possibilidade, Kropotkin aponta já na própria sociedade burguesa ou em outras anteriores a existência de potencialidades, tendências de comportamentos sociais que dispensam o sistema competitivo e autoritário da sociedade burguesa.

A *cidade livre* medieval não é modelo a ser repetido, nem a *comuna rural* e/ou a *unidade tribal*. É preciso que o gênio criador da humanidade, investigando essas

experiências e as experiências “ocultas”, pouco visíveis no sistema capitalista, tidas como experiências alternativas, estudando a base ética dos diferentes movimentos sociais, analisando suas reivindicações e práticas torne possível o nascimento de uma nova forma de organização da sociedade. É preciso que o Estado, que surgiu nas aldeias mais atrasadas e não nas cidades livres auto-organizadas, seja visto apenas como uma forma histórica de organização e por sinal, afirma Kropotkin, uma forma inconveniente para o gênero humano. É preciso que o gênero humano se liberte da autoridade externa, que tome em suas mãos, de forma coletiva, a luta por suas próprias necessidades.

As reflexões que a investigação de Kropotkin sugere está colocada na atualidade. *Apoio Mútuo*, de Kropotkin, é um dos grandes livros do mundo, uma obra clássica; continua sendo reeditado e constantemente esgotado; livro sempre difícil de ser encontrado inclusive em bibliotecas, em virtude da demanda ser perene. É o que escreve Ashley Montagu¹⁵⁸, antropólogo de renome internacional no prólogo da obra citada, para a edição norte americana. Afirma que os dados fornecidos por Kropotkin, bem como a discussão que neles se baseia mantêm-se de pé nos diferentes campos do conhecimento: antropologia, ecologia e parece-lhe que os novos dados servirão para apoiar ainda mais a conclusão de Kropotkin de que a *ajuda mútua* e não a *luta mútua* tem colaborado no processo ético do homem.

“O livro de Kropotkin foi a primeira obra do século XX que pôs em movimento todas as idéias e investigações que para meados deste século adquiriram forma no princípio de cooperação. Também serviu para o fim, altamente útil, de chamar a atenção para a bibliografia, já considerável, sobre o tema da cooperação no mundo animal, que destacava um fator da evolução, importante e largamente menosprezado.” (Montagu, 1993:30)

Dobzhansky, zoólogo, comenta que a versão modernizada da teoria de Kropotkin apresentada por Ashley Montagu é mais compatível que contraditória com moderna a

¹⁵⁸ Montagu, A. *Qué es el hombre*. Espanha, Paidós, 1993. Outras obras de Montagu: *Hombre y agresión*; *Diación del desarrollo humano*; *Naturaleza agresividad humana*; *Contacto humano*; *Darwin, Competition and Cooperation*; *La revolucion del hombre*.

teoria da seleção natural¹⁵⁹; comenta também que os ecologistas atribuem cada vez maior importância às comunidades da mesma espécie e que a espécie não poderia sobreviver sem um certo grau de cooperação e ajuda mútua.

O etólogo,¹⁶⁰ Irenäus Eibl-Eibesfeldt, discípulo de Lorenz, em sua obra *Amor e Ódio*, defende que o homem tem, por adaptações filogenéticas, uma predisposição natural para o *abelhismo* (ética do apoio mútuo), e não para o cainismo, enfatizado por Hobbes, Rousseau, Darwin e Huxley. No que se refere ao altruísmo e à agressividade, as teses da *Apoio Mútuo* estão mais próximas da verdade científica que as de seus adversários.

Quero citar dois neokropotkinianos da atualidade: Paul Goodman, que escreveu *Nova Reforma* e o inglês Collin Ward, autor de *Anarquia em Ação*. Suas posições representam hoje o neo-anarquismo e embora não sejam hegemônicas no seio dos movimentos anarquistas propriamente ditos, estão presentes na base da essência libertária das movimentações juvenis, feministas, ecológicas e outras que exprimem a oposição e as alternativas às sociedades pós-industriais. Estão aí presentes de forma diferente da de Kropotkin, a utopia e o desejo reformador.

Temos aqui muito material para futuros estudos.

Implicações no campo da educação

O processo de constituição do pensamento de Kropotkin é, para mim, educadora, um modelo a ser imitado. Não estou me referindo ao conteúdo teórico como tal, mas à forma como ele pensa, como ele produz o conhecimento. Temos tratados de educação que deixam muito a desejar no aspecto contextual sócio-político-econômico, ao lado de outros que apresentam uma visão tão totalizadora, tão complicada no lugar de complexa, que o educador se sente perdido quando pensa em rever sua prática pedagógica; temos outros tratados que, então, se propõem a serem receituários,

¹⁵⁹ Dobzhanski escreveu *As bases biológicas da liberdade humana*. Buenos Aires, s/ed., 1957. Os trabalhos de C. H. Waddington, como *Ciência e ética*, por exemplo, vão todavia além na sua aproximação às idéias de Kropotkin sobre o apoio mútuo.

¹⁶⁰ Etologia é o estudo dos hábitos dos animais e de suas acomodações no meio ambiente. Os cientistas Karl von Frisch e Konrad Lorenz, austríacos e Nikolas Tinbergen, holandeses, ganharam o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1973 por terem criado esta nova ciência, a Etologia, que faz o estudo comparado do comportamento dos animais.

compostos de chavões que os identificam ou com propostas educacionais de manutenção do *status quo* ou com propostas de *esquerda*.

Kropotkin, primeiro não escreveu tratado sobre educação; segundo, não foi docente em nenhuma instituição, apesar de ter influenciado o pensamento de inúmeros indivíduos e/ou grupos e ainda exercer essa influência hoje, principalmente entre a juventude anarquista. No seu artigo *Aos jovens*, pode-se sentir sua ação de educador não autoritário, amoroso e convincente. Amoroso porque busca no jovem o que ele tem de bom e belo para, então, refletir com ele os caminhos do compromisso com nossos semelhantes. Esse folheto, considerado uma das exortações mais comoventes do gênero, surgiu pela primeira vez no periódico *La Revolté*. Manifesto de grande circulação e influência, esteve presente na França por 12 anos e foi traduzido para 12 idiomas europeus, para países da América do Sul e para os Estados Unidos. Mais tarde, surgiram edições clandestinas russas e traduções em chinês e japonês. Produziu muitos artigos tanto na imprensa operária como em revistas científicas de sua época, produção que não só teve ressonância em sua época, quando o autor tornou-se o representante, junto com Malatesta, da segunda fase do anarquismo — 1882-1920 — como também, na atualidade, quando vêmo-lo citado por Ashley Montagu, antropólogo de renome internacional, referindo-se a seu livro *Apoio Mútuo*. Seus escritos, de elevado conteúdo teórico, são de fácil compreensão, por isso difundidos também nos meios simples. Operários brasileiros do início do nosso século conheciam as obras kropotkinianas e buscavam colocar em prática seus princípios.

Para escrever, tinha necessidade de pesquisar obras, documentos originais em bibliotecas, galerias, conhecer as últimas novidades publicadas sobre o assunto a estudar, necessidade de pesquisar a imprensa operária, além de viajar a pé, quilômetros e quilômetros, fazendo pesquisa de campo, conversando diretamente com camponeses, operários. Tinha uma vivência no mundo intelectual e também no mundo sombrio do trabalho braçal. Atento ao que via, ouvia e lia, passava tudo pelo crivo de uma análise reflexiva rigorosa. Portanto, apesar de ter um posicionamento definido dentro da teoria anarquista e até de ser divulgador de uma de suas correntes que recebe seu próprio nome, Kropotkin não se mostra sectário, desrespeitoso com idéias diferentes das suas, não deixando, no entanto, de combatê-las toda vez e no que ele sentia que deveria.

Quando trata de educação, não trata de um assunto à parte de seus estudos. Educação está tão imbricada com todas as outras suas preocupações que não se pode separá-la do conjunto de sua teoria. Nem os princípios educacionais libertários estão isentos da conjuntura de transformação, construção e manutenção de uma sociedade ácrata, nem as ações que propõe no mundo prático, tipo criação e manutenção de escolas, centros de estudos, universidades populares, gestão de sistema educacional público não estatal e/ou confessional.

Para Kropotkin, a educação tem relação direta com o conceito de *revolução social* e de evolução da sociedade humana do tipo que propaga.

Concebe educação como um possível e privilegiado agente formador de mentalidades e vontades libertárias capaz de atuar em dois sentidos distintos: de um lado, pode estimular e impulsionar o processo de mudança social segundo os critérios libertários e, de outro, pode colaborar no processo de consolidação da nova ordem social e de sua manutenção garantindo a não degeneração dessa ordem social.

Kropotkin tem uma vocação acadêmica bastante evidente, inclinada para estudos da área de geografia física, mas não considera a ciência descomprometida com os problemas sociais. Sua alegria em produzir teorias fica claramente estampada em suas palavras:

“Na vida humana não há muitas alegrias que se possam comparar a essa de ver nascer de repente uma teoria que ilumina o espírito, depois de um longo período de pacientes pesquisas. (...). Da confusão espantosa dos fatos, do nevoeiro de hipóteses, — nem bem nascidas e já destruídas — surge um quadro imponente como se fosse uma cordilheira alpina emergindo de repente (...) das névoas que um momento antes a envolviam brilhantes aos raios do sol (...). E quando é submetida à prova e aplicada a centenas de fatos isolados que pareciam (...) contraditórios, essa teoria coloca cada um desses fatos no lugar que lhe é próprio (...).

“Quem já sentiu uma vez na vida a alegria da criação científica nunca mais a esquece; tão cedo não tornará a senti-la e sofrerá, à idéia de que essa espécie de felicidade pertence a um número bem pequeno de homens, quando tantos poderiam ter aí a sua parte, maior ou menor — se os métodos científicos e as oportunidades não fossem o privilégio de um grupo de homens.” (Em torno de uma vida, 219-220)

Quando ele resolve abandonar o mundo da ciência, priorizando seu engajamento ativo nas lutas por questões sociais, explica:

“As massas têm necessidade de instrução. Elas querem aprender. (...). Todos os discursos sonoros em que se fala em fazer progredir a humanidade enquanto os autores de tais projetos se conservam afastados daqueles aos quais pretendem ajudar, todas essas frases são puros sofismas criados por espíritos desejosos de escapar a uma contradição irritante.” (Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 231)

BIBLIOGRAFIA



Obras de Kropotkin:

Livros

KROPOTKIN, P. 1885. *Palavras de um rebelde*. Barcelona, Palma de Mallorca, 1977.

_____ 1887. *Nas prisões russas e francesas*. s/ed. s/d.

_____ 1892. *A Conquista do Pão*. Barcelona, Júcar, 1977.

_____ 1899. *Memórias de um revolucionário*. Barcelona, Granada y Cia., 1097.

_____ 1899. *Campos, Fábricas e Oficinas*. Barcelona, Júcar, 1978.

_____ 1901. *O Anarquismo e a Ciência Moderna*. Brasil, s/ed, s/d.

_____ 1902. *Apoio Mútuo*. España, Madre Tierra, 1989.

_____ 1905. *A Literatura Russa*, Buenos Aires, Claridad, 1943.

_____ 1909. *A Grande Revolução*. Buenos Aires, Proyección, 1976.

_____ 1922. *Ética: origem e evolução da moral*. Barcelona, Maucci, 1945.

_____ *A questão social*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, s/d.

_____ *Justicia y Moralidad*. Barcelona, Tierra y Libertad, 1936.

_____ *Em torno de uma vida*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946.

_____ *Panfletos Revolucionários*, Madrid, Ayuso, 1977.

_____ *La moral anarquista*. Barcelona, Júcar, 1978.

_____ *Textos escolhidos* (org: M. Tragtemberg). Porto Alegre, LPM, 1987.

_____ Carta para Lênin In *Libertárias*. São Paulo, n°.1, out./nov. de 1997.

Folhetos

KROPOTKIN, P. 1881. *Aos jovens*. Granada, s/d, 1885.

- _____ 1881. *O espírito revolucionário*. Barcelona, Salud y Fuerza, s/d.
- _____ 1882. *A lei e a autoridade*. Barcelona, s/ed., 1886.
- _____ 1883. *Declaração dos anarquistas ao processo de Lyon*. Barcelona, revista *Blanca*, nos. 1 ao 7, 1923-24.
- _____ 1888. *As prisões*. Valença, Sempere, s/d.
- _____ 1889. *O assalariado*. Barcelona, Ed. Rev. Social, 1890.
- _____ 1891. *A moral anarquista*. Algeciras, El porvir, 1902
- _____ 1893. *Um século de espera*. Barcelona, Presa, s/d.
- _____ 1894. *Os novos tempos*. Barcelona, Granada, 1904.
- _____ 1896. *A anarquia, sua filosofia e seu ideal*. Barcelona, Síntesis, 1976.
- _____ 1902. *O Estado*. Barcelona, Atlante, s/d.
- _____ 1903. *Comunismo e Anarquia*. Madri, revista *Blanca*, nos. 401-402, s/d.
- _____ 1909. *O terror na Rússia*. Valença, Sempere, 1911.
- _____ 1912. *Anarquismo*. Caracas, Edições FIJL, 1965.



Obras sobre Kropotkin:

- AVRICH. P. *Kropotkin: o rebelde, o pensador e o humanitarista*. s/ed., 1923.
- _____ *Expressões continentais de Pedro Kropotkin 1842-1942*. s/ed., 1942.
- BERNERI, Camilo. *P. Kropotkin: suas idéias federalistas*. s/ed., 1942.
- CAPPELLETTI, A.J. *El Pensamiento de Kropotkin*. Madrid, Zero, 1978.
- FREIRE, João. *Caducidade e Modernidade de Kropotkine: entre reforma e utopia* In revista *A Idéia* 20/21. Lisboa, Cementeira, 1981.
- GONZALES BLANCO, Edmundo. *O anarquismo exposto por Kropotkin*. 1934.

GRAVE, Jean. *Kropotkin*. s/ed., 1921. 2 vols.

MALATESTA. *Pedro Kropotkin. Lembranças e críticas de um velho amigo*. s/ed., 1976.

MILLER, M.A. *Kropotkin: Leituras selecionadas sobre anarquismo e revolução*. s/ed., 1970.

PLANCHE, F. e DELPHY, J. *Kropotkin*. s/ed., 1948.

PURUMOVA, N.M. *P.A. Kropotkin*. s/ed., 1972.

ROCKER, R. *Artistas e rebeldes*. s/ed., 1989.

READ, Herbert. *Kropotkin, seleções de seus escritos*. s/ed., 1942.

RUIZ, B. Canno. *El Pensamiento de Pedro Kropotkin*. México, Mexicanos Unidos, 1978.

WALTER, N. e Becker, H. *Peter Kropotkin. Ajam por vocês mesmos, artigos de "Freedom"*. (1886-1907), 1988.

WOODCOCK, G. *O Príncipe Anarquista*. Madrid, Júcar, 1950.

ZEMLIAK, Martin. Ed. *Obras de Kropotkin*. 1976.



Obras sobre educação:

Boletín de la Escuela Moderna. Edición de Albert Mayol, Barcelona, Tusquets, 1978.

DOMMANGET, Maurice. *Os grandes Socialistas e a Educação: de Platão a Lenine*. Braga, Public Europa América, 1974.

FERRER GUARDIA, F. *La escuela moderna*. Barcelona, Tusquets, 1978.

FORTUNATO, Marinice da S. *Uma experiência educacional de autogestão: A Escola Moderna nº1 na sua gênese*. Dissertação de Mestrado — PUC, São Paulo, 1992. (mimeo)

GALLO, Silvio. *Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação*. Campinas, Papirus, 1995(a).

_____ *Educação anarquista — um paradigma para hoje*. Piracicaba, Unimep, 1995(b).

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Educação e Movimeto operário*. São Paulo, Cortez, 1987.

JOMINI, Regina C.M. *Uma educação para a solidariedade*. Campinas, Pontes, 1990.

MAZZOTTI, Tarso B. *Educação popular segundo os sindicatos revolucionários e os comunistas na Primeira República*. Tese de doutorado — Filosofia da Educação, USP, 1987. (mimeo)

TOMASSI, Tina. *Breviario del pensamiento educativo libertario*. Madrid, Madre Tierra, 1988.

TRAGTENBERG, M. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária* in *Educação e Sociedade n.º1*. São Paulo, Cortez, 1978.

_____ *Sobre educação, Política e Sindicalismo*. São Paulo, Cortez, 1990.

XAVIER, M. *Elizabete e outros*. História da Educação, São Paulo, FTD, 1994. (Coleção Aprender Ensinar)

Obras gerais:

AVRICH, Paul. *Los anarquistas rusos*. Espanha, Alianza, 1974.

BAKUNIN, M. *Escrito contra Marx*. São Paulo, Novos Tempos, 1989.

BIZZO, Nélcio M.V. *Ensino de Evolução e História do Darwinismo*. Tese de doutorado — Faculdade de Educação — USP, 1991. (mimeo)

_____ *O que é darwinismo*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Ed. da USP, 1987.

BRENTON, Maurice.

BRUNO, Lúcia. *O que é autonomia operária*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- BUBER, Martin. *Caminhos de utopia*. s/ed., 1950.
- CAMPOS, Cristina H. *O sonhar libertário*. Campinas, Pontes Editores, 1988.
- CARR, E. H.. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-29)*. R. J., Zahar, 1981.
- CILLIGA, Anton. *Lenine e a Revolução*. Lisboa, Spartacus, s/d.
- COELHO, Plínio A. (org.). *Os anarquistas julgam Marx*. São Paulo, Novos Tempos, 1986
- COLE. *História do pensamento socialista*. 2 vol. México, Fondo de Cultura Economica, 1957.
- DANIEL, Celso. *Gestão local e participação na sociedade*. in Villas-Bôas, Renata (org). *Participação popular nos governos locais*. São Paulo, Pólis, 1994.
- DARWIN, C. *Origem do Homem*. São Paulo, Hemus, 1982.
- DE DECCA, Edgar. *1930, o silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- FAUSTO, Boris. *Os anarquistas e as minhas lembranças* in Prado, A. Arnoni (org). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- Estatutos do Centro de Cultura Social. São Paulo, Brás, s/ed., s/d.
- FERRO, Marc. *A Revolução Russa de 1917*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- FREIRE, João. *Ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-40*.(2 V). Tese de doutorado — Sociologia do Trabalho. Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 1988.
- GUERIN, Daniel (org.). *Proudhon — textos escolhidos*. Porto Alegre, LPM, 1983.
- HARTMAN, Francisco F. *Nem pátria, nem patrão — a vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

- HUXLEY, J. *O pensamento vivo de Darwin*. São Paulo, Livraria Martins, 1944.
- Jornal *A Lanterna* - São Paulo, 1900-1920.
- KHOURY, Yara M.A. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Pulo, Brasiliense, 1981.
- LEUENROTH, Edgar. *O movimento operário no Brasil*. São Paulo, 1965. (mimeo)
- LOCKE, John. *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (“Os Pensadores”)
- LUIZETTO, Flávio V. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literários e educacional: 1900-1920*. Tese de doutorado. USP, 1974. (mimeo)
- _____. *Utopias Anarquistas*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- MAGNANI, Sílvia L. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Palo, Brasiliense, 1982.
- MAKNO, Nestor *A Revolução contra a Revolução*. São Paulo, Cortez, 1988.
- MARAM, Sílvia L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- MONTAGU, ASHLEY. *Qué es el hombre*. Barcelona, Paidós, 1993.
- NASCIMENTO, Luis C. *Memória, Anarcosindicalistas e espaço público: as várias dimensões das propostas autogestionárias presentes na experiência do Centro de Cultura Social em São Paulo, (1933-1995)*, 1994. (mimeo)
- _____. *Vila comunitária: uma proposta alternativa para a habitação popular*. Dissertação de Mestrado. PUC - São Paulo, 1993. (mimeo)
- NETTLAU, M. *La anarquia a través de los tiempos*. Barcelona, Maucci, 1935.
- NORTE, Sérgio, A.Q. *Bakunim: snague, suor e barricadas*. São Paulo, Papirus, 1988.
- PRADO, Antônio A. *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

- Revista *Cenit*. no.102-104,
- Revista *História do Anarquismo*. Brasil, s/ edit, s/d, p.1:10.
- Revista *Itineraire*. Paris, Sommet, nº.3, 1988.
- Revista *Libertárias*. São Paulo, Imaginário, nº.1, out./nov. de 1997.
- Revista *Memória e História*. São Paulo, Ciências Humanas, nos.1 e 2, 1981-82.
- Revista *Polêmica*. Barcelona, s/ edit, ano X, nº.47, 48, 49. 1992.
- Revista *Reconstruir*, no.80
- Revista *Tierra y Libertad*. Mexico, no. 298, 1967. (extraordinário)
- ROCKER, Rudolf. *Revolución y Regresión*. Ed. Cajica Puebla, México, 1967.
- RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil 1675-1913*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969.
- _____. *Os anarquistas*. São Paulo, Global, 1984.
- ROUSSEAU, J.J. *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (“Os Pensadores”)
- RUSSEL, Bertrand. *Caminhos de liberdade: marxismo, anarquismo e sindicalismo*. 1961.
- SERGE, Victor. *O Ano I da Revolução Russa*. São Paulo, Ensaio, 1993.
- SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarco-sindicalismo*. São Paulo, Ática, 1987.
- THOMPSON, E. *A miséria da teoria*. R. S., Zahar, 1951.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo, Moderna, 1987.
- _____. *Memorial In Proposições*. São Paulo, Cortez e Unicamp, no.4, 1991.
- _____. *A Revolução Russa*. São Paulo, Atual, 1992.
- VOLIN, *La Revolución desconocida (1917-21)*. Buenos Aires, Americalee, 1954.

WOODCOCK, G. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre, LPM, 1990.

APÊNDICE

A CONQUISTA DO PÃO

Estamos diante da primeira grande teoria anarquista de economia, totalmente diferenciada das teses coletivistas em um ponto essencial: a retribuição do trabalho. Kropotkin, conseqüente com suas teorias gerais, nega toda possibilidade de existência ao salário, em uma sociedade organizada nos aspectos que propõe. Para ele, não tem sentido o lema *a cada um segundo o seu trabalho*, pois não existe critério objetivo e justo para avaliar a eficácia do trabalho realizado por cada pessoa; todos contribuem por igual na consecução de um mesmo objetivo. Acreditando que o próprio desenvolvimento industrial atualizaria as contradições do sistema capitalista e que isso favoreceria o surgimento do comunismo, recebe críticas já que essas teses fracassaram. (*Polêmica*, 1992:11)

Sua crítica ao sistema econômico traz, como pano de fundo, uma rejeição total à concepção vigente de *progresso* e de *desenvolvimento*. Só há *progresso* quando o bem estar social é para todos. Partindo de uma interpretação humanista, ainda que profundamente materialista de economia, propondo que a produção seja orientada a partir das necessidades físicas, morais e éticas, acaba sugerindo uma profunda mutação nas bases teóricas da economia clássica. O próprio desenvolvimento industrial atualizaria as próprias contradições do sistema capitalista, o que favoreceria o surgimento do comunismo. (*Polêmica*, 1992:1)

Obra, a mais conhecida e difundida nos países latinos e concretamente na Espanha e países de língua espanhola (onde Kropotkin era considerado o sucessor de Bakunin e a alma do periódico “*Idea*”), teve sua primeira edição em 1892. Foi publicada outras vezes: 1894, no *El Esclavo*, periódico anarquista de Tampa (Flórida, EUA); 1895, no *Grupo Comunista Anárquico*; nos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX, pela Editora *La Espanha Moderna*, *Suñé*, *La Revista Nueva*, *Bauzá*, *La Revista Blanca*, *Sempere* (1909, com 50.000 exemplares), *Prometeo*, etc. Em 1893 apareceu, em Barcelona, uma revista com o mesmo título do livro, *La conquista del pan*.

Kropotkin havia trabalhado nesta obra já em 1880, publicando artigos em *Le Revolté* sob o título de *La idea anarquista desde la perspectiva de su realización práctica* (*Le Revolté* era o principal órgão de difusão do coletivismo bakuninista e, mais remotamente, do fourierismo e socialistas utópicos).

A conquista do pão, primeira exposição sistemática do comunismo libertário em marcha, difere da obra *Palavras de um rebelde*, que contém considerações táticas sobre a revolução, oferecendo uma reflexão crítica sobre as bases históricas e científicas de uma sociedade justa e igualitária. Parece-me que o conceito de *progresso* apresentado garante a peculiaridade à teoria kropotkiniana. O *progresso* é visto como a busca e/ou o desenvolvimento de ações que têm por fim a *efetivação do bem-estar para todos*; não pensar no *bem estar para todos* é a negação do progresso. O *bem-estar para todos* não é quimera; é o objetivo primeiro e último, objetivo que será atingido utilizando-se, como *meio*, a expropriação revolucionária, bem como a distribuição coletiva das riquezas, a racionalização da produção e do trabalho, a supressão das atividades inúteis, burocráticas e militares, a utilização pública da ciência e da técnica, a implantação do direito ao ócio e atividade criativa para quem desejar. É tão forte o acento dado por Kropotkin à esta forma de conceituar *progresso*, que consegue abalar e/ou questionar, nas raízes, princípios consagrados entre economistas burgueses, socialistas e também coletivistas.

*“Basta de esas fórmulas ambiguas, tales como el ‘derecho al trabajo’, o ‘a cada uno el producto integro de su trabajo’. Lo que proclamamos nosotros es **el derecho al bienestar, el bienestar para todos**” (p.15)*

A análise crítica apresentada, questionando o sistema capitalista, passa pela análise das categorias *riqueza* e *miséria*. A riqueza não foi gerada pela *produção excedente*, afirma o autor, mas pelo contrário, a *produção excedente* só foi possível porque existiu a *miséria* dos pobres. Assim, esta riqueza acumulada pela humanidade, produzida coletivamente, contando já com a exploração de uns sobre outros, foi sendo apropriada por poucos, fazendo com que o filho do trabalhador entre na vida sem campo para cultivar, máquina para conduzir... tendo que vender sua força de trabalho por uma razão mesquinha e incerta, pagando tributo a seu patrão, governo e intermediários. “*Y ese impuesto que le sacan el Estado, el capitalista, el señor y el negociante, irá creciendo sin cesar.*” (p.14).

Observando que o desenvolvimento tecnológico desenrolava-se no mesmo ambiente de exploração, de apropriação, de defesa e manutenção de injustos privilégios e que, mesmo avançando a passos largos, não conseguia exterminar a *miséria*, aponta o autor

para o problema de ser o sistema capitalista um grande colaborador na direção da negação do *bem estar para todos*, portanto, do progresso, criando leis para manter privilégios, ainda que esteja colaborando no aumento do rendimento do trabalho humano, em grandes proporções. Pedir a ele outra missão é irracional, é filantropia, já que não pode estar cimentado na caridade. (p.69); até os *sentimentos sociais* são desconsiderados nesse sistemas.

“Qualquiera comprende que sin rectitud, sin respeto a sí propio, sin simpatía y apoyos mutuos, la especie tiene que degenerar. Pero eso no les importa a las clases directoras, e inventan toda una ciencia absolutamente falsa para probar lo contrario.” (p.14).

O capitalismo, continua, desenvolve ação consciente e direta limitando a produção do necessário, (por exemplo a extração do carvão, a fabricação de tecidos) para que o preço das mercadorias não caia, propiciando e estimulando o consumo do desnecessário, de artigos de má qualidade; produzindo alimentos nocivos à saúde, contanto que dêem lucro ao fabricante. Ao lado desta limitação consciente e direta da produção, observa a existência de uma limitação indireta e inconsciente, que consiste em não utilizar devidamente e/ou plenamente a força de trabalho do homem, gasto na produção de objetos inúteis e/ou na satisfação da vaidade dos ricos, (que deveriam utilizar seu ócio, escreve Kropotkin, em trabalhos úteis.(p.17)) Critica o salário de funcionários cuja missão é manter o direito de minorias governarem a vida econômica da nação; os gastos com juizes, prisões e *“todo ese embrollo que llaman justicia”*. (p.19); os milhões empregados na propagação de idéias nocivas e notícias falsas através da imprensa, em proveito dos partidos e/ou personalidades políticas e das companhias de exploradores. No nível internacional, produz o jogo competitivo entre nações que, sem consumidores internos, vão em busca de mercados fora, produzindo as guerras e também o desemprego. O armamento tem a finalidade de conquistar mercados, impondo a lei econômica aos vizinhos e facilitando a exploração no interior das nações.

O capitalista é um particular empreendedor, escreve Kropotkin, que aproveitou-se da revolução industrial para seu próprio interesse, tendo vencido a nobreza senhorial e agora, o povo. Realiza atividades inúteis e/ou nocivas à sociedade e vive defendendo sua posição privilegiada, escolhendo para si o trabalho menos penoso e as melhores

condições de trabalho. Para o povo, o trabalho penoso e embrutecedor, pois, explica Kropotkin, o povo é impedido de produzir o que necessita e é forçado a produzir, não o necessário para os demais e sim o que dá lucro aos donos da indústria. (p.10)

Observa o autor que há uma minoria de trabalhadores que gozam de *bem-estar* a custa da ruína da agricultura, da exploração de colônias sem educação técnica; que há florescimento de uma indústria sempre sobre a ruína de outras mais. Conclui ser **necessidade** do capitalismo, e não **acidente** que o lavrador seja besta de carga da sociedade, que haja o êxodo rural, que os pequenos ofícios aglomerem-se nos bairros pobres e imundos.

“El mal de la organización actual no está, pues en que el ”exceso de valor” de la producción pase al capitalista, como habían dicho Rodbertus y Marx, estrechando así el concepto socialista y las miras de conjunto acerca del régimen capitalista. (...) El mal está en que pueda haber un “exceso de valor” cualquiera en vez de un simple exceso de producto no consumido por cada generación, porque para que haya “exceso de valor” se necesita que hombres, mujeres y niños se vean obligados por el hambre a vender su fuerza de trabajo por una parte mínima de lo que esa fuerza produce y, sobre todo, de lo que es capaz de producir.”(p.71)

Contrariando as idéias de Malthus, Kropotkin enfatiza que o homem desenvolve sua força produtiva com muito mais rapidez do que ele mesmo se multiplica. Dá como exemplo o crescimento populacional da Inglaterra (1844) que foi de 62% enquanto sua força produtiva cresceu em 130%! Acredita que bastaria uma organização econômica, medianamente razoável, para que todos tivessem emprego, acesso ao bem-estar e ainda direito ao ócio:

“Basta de carbón, basta de trigo, basta de telas! Descansemos, recojámonos para utilizar mejor nuestras fuerzas, para emplear mejor nuestros ócios” (p.19)

Na sua interlocução com os socialistas e coletivistas¹⁶¹ está de pleno acordo quanto à expropriação do capital e dos meios de produção, mas considera errada a proposta de manter o *governo representativo* e o *salariato*. Alertando sobre as críticas que existem tanto com relação aos princípios do *governo representativo* como com relação à sua aplicação, comenta que o *parlamento* é uma forma do regime burguês, instituído contra a realeza, representando a consagração e acréscimo, ao mesmo tempo, do domínio burguês sobre os trabalhadores. Estes, cada vez mais, tomam consciência de seus direitos, o que obriga o *parlamento* a renovar sua face, fazendo surgir o *referendum*, a *representação proporcional*, e/ou *das minorias*. Mesmo assim, a confiança em um *governo representativo* vai desaparecendo paulatinamente.

“Esta impotencia es tan evidente para todos, son tan palpables las faltas del parlamentarismo y los vicios fundamentales del principio representativo, que los pocos pensadores que han hecho su critica (J. Stuart Mill, Laverdais) no han tenido más que traducir el descontento popular.” (p. 31)

Os coletivistas, afirma, estão equivocados, querendo substituir o patrão pelo Estado (governo representativo nacional ou comunal), adotando o parlamentarismo, modificado pelo *mandato imperativo* e o *referendum*, isto é, o *plebiscito*. A sociedade anda apresentando movimento acentuado para limitar a ação do governo, anda cansada de tentar resolver o problema que se resume em: *como inventar um governo que obrigue ao indivíduo a obediência, ‘ao mesmo tempo que ele, governo, não cesse de obedecer à sociedade.*(p.29) Analisando períodos históricos durante os quais deu-se a queda parcial e/ou completa do governo, salienta os progressos econômicos e/ou intelectuais aí ocorridos. Todo Governo, para Kropotkin, é a personificação da injustiça, da opressão, do monopólio.

Os argumentos que desenvolve contra o *salariato* parte do princípio de que o trabalho e seu produto são sempre coletivos e cumulativos, mesmo quando ele é realizado apenas, no presente, por uma pessoa. Mesmo quando o trabalho intelectual e o manual apresentam-se aos nossos olhos como coisas separadas, o primeiro é sempre

¹⁶¹ O autor entende por *socialista* e por *coletivista* os que tinham por princípio a defesa da propriedade coletiva dos instrumentos de produção; a remuneração segundo o tempo empregado em produzir, tendo em conta a produtividade do trabalho realizado; o *parlamentarismo* (mandato imperativo e referendum, ou seja, plebiscito).

sustentado pelo segundo. Todo produto de um trabalho não é apenas produto deste e sim, é sempre produto coletivo. O pensamento também é um produto coletivo (p.12) e, portanto, os inventos, descobertas, pertencem à humanidade. A apropriação pessoal dos frutos e dos meios de produção não é, portanto, justa nem útil, escreve Kropotkin (p.15). Tudo é de todos e todos necessitam de tudo. O individualismo do aldeão, continua, fazia-o pensar erradamente que consumia produtos de seu próprio trabalho, desconsiderando o uso que fazia, por exemplo, de pontes, estradas, de conhecimentos agrícolas produzidos e acumulados coletivamente. Na indústria, também tudo se entrelaça e se sustenta: descobertas, inventos, grau de cultura geral da classe operária; o túnel, o canal, as guerras contém o sofrimento de muitos.

“Cada descubrimiento, cada progreso, cada aumento de riqueza de la humanidad tiene su origen en el conjunto del trabajo manual y cerebral - pasado y presente.” (p.12-13)

“Millones de seres humanos han trabajado para crear esta civilización de que hoy nos gloriamos.” (p.11)

“...cada metro de túnel, han recibido su porción de sangre humana.” (p.11)

Para Kropotkin, o salário tem sua origem na apropriação pessoal do solo e instrumentos de produção. Acredita que todos trabalham na medida de suas forças, sendo impossível determinar a parte que corresponde a cada um na atual produção das riquezas.(p.15); impossível a remuneração proporcional às horas de trabalho.(p.26) O sistema de salário, assim como os *bônus de trabalho* - invenção dos socialistas ingleses, no início do século XIX, que tentaram acordar trabalho e capital, não querendo tocar com violência a propriedade dos capitalistas - faz o indivíduo velar por seu minuto de trabalho para que o minuto do vizinho não valha mais. Como a hora não mede nada (um indivíduo pode produzir mais ou menos que outro), acaba sendo medida a força muscular, a energia cerebral e nervosa, os anos de estudos preparatórios para tal trabalho, o que leva à tão conhecida distinção entre *trabalho simples* e *trabalho qualificado*, um outro tema não aceito por Kropotkin que vê o trabalhador manual realizando um trabalho considerado inferior ao trabalho intelectual, não tendo tempo nem meios para gozar da ciência e da arte, nem para

preparar-se para apreciá-las, tendo que se contentar com as migalhas das mesas dos privilegiados.(p.107)

A economia burguesa e o *socialismo científico* justificam a escala de salários pelo custo da força de trabalho, ou seja, a força de trabalho de um engenheiro custa mais à sociedade do que a força de trabalho de um cavador. Contrapondo-se ao pensamento de Marx que, semelhante à teoria de Ricardo sobre *valor*, sustenta que os produtos se trocam na proporção da quantidade de *trabalho socialmente* necessário para sua produção, Kropotkin denuncia que essa preocupação com *gastos de produção*, na verdade, esconde a defesa do *monopólio de educação* ou *monopólio da indústria*.(p.119) Aceitar essa discussão tal como é colocada representa, para o pensamento kropotkiniano, manter uma linha divisória entre trabalhadores e os que pretendem governá-los, entre aristocratas do saber e plebe de mãos calejadas; é estar conivente com a situação em que o trabalho braçal de uns alimenta e veste os que se aproveitam do tempo para melhor aprender a dominarem a quem os alimenta. Por que pagar mais ao médico que ao enfermeiro? Vale mais quem descobre a doença ou quem cuida do doente? (p.123) Aceitar essa distinção entre trabalhos, continua, é o mesmo que tomar uma característica da sociedade atual e considerá-la revolucionária. É erigir em princípio revolucionário um abuso que se condena hoje.

El ingeniero, el sabio y el doctor explotan sencillamente un capital- su diploma -, como el burgués explota una fábrica, o como el noble explotaba sus pergaminos.” (p.119)

*“No se nos venga hablando de los gastos de producción que cuesta la fuerza de trabajo”, y diciéndonos que un estudiante que ha pasado alegre su juventud en la Universidad tiene **derecho** a un salario diez veces más alto que el hijo del minero que se ha agostado en la mina desde la edad de once años,...” (p.119)*

A escala de salários proposta pelos coletivistas representa, para Kropotkin, um “progresso ao contrário.”(p.120), semelhante ao que aconteceu em 1789 quando os direitos feudais foram abolidos, porém os lavradores tiveram que pagar por isto; ou semelhante também ao que se deu na Comuna, quando houve desigualdade de salários

entre funcionários e soldados, governo e governados. “*Abajo los privilegios de la educación, lo mismo que los del nacimiento.*”(p.120)

O lema coletivista *a cada um segundo suas obras*, contém uma contradição fundamental, afirma Kropotkin, não sendo possível, simultaneamente, defender a abolição da propriedade privada e sua manutenção. Esse lema é obstáculo ao desenvolvimento da sociedade. Embora o princípio dê ares de “justiça”, o velho problema social de retribuir ao trabalhador por seus esforços não fica resolvido; o trabalho prestado à sociedade não pode ser valorado em unidade monetária. Uma nova fase econômica da história que propõe uma sociedade livre em que haja posse da herança em comum, exige uma nova forma de produção, de consumo que propiciará ao homem ser plenamente produtivo, consumindo bem mais do que o necessário, além de ter garantido o seu direito ao ócio.

É com otimismo que Kropotkin olha para os esforços que a humanidade vem fazendo nesses três últimos séculos contra os poderes do capitalismo e do Estado em busca de sua *independência*, desenvolvendo forte individualismo, pois é nessa busca, por incrível que pareça, afirma, que o homem descobre a necessidade imprescindível da ação coletiva, do apoio mútuo, deparando-se com a falsa ilusão de pensar que tudo pode ser comprado com dinheiro; a história moderna evidencia a necessidade do concurso de todos; sozinho, o homem não pode nada.(p.26) Mesmo nas lutas por autonomia territorial, existe a necessidade de se efetivar acordos comuns, acima das fronteiras, ou seja, acima de interesses regionais. Até mesmo o comércio, que tem por móvel o enriquecimento pessoal ou/e de grupos, tende a realizar tratos não formais onde há predominância dos acordos comuns sobre interesses particulares. Ou até mesmo o Estado recorre, muitas vezes, ao *livre acordo*.(p.100)

Esta tendência para a *independência*, Kropotkin vê repetir quando observa o crescimento do número de empresas de iniciativa privada e de associações livres e variadas que se organizam diretamente por correspondência ou por delegações. Elas apresentam tantas vantagens diante da ingerência governamental, afirma, que “*debemos reconocer en ellas un factor cada vez más importante en la vida de las sociedades.*”(p.31) Assim agem as grandes companhias industriais; a Sociedade Zoológica de Londres e outras sociedades científicas; associações de voluntários para o exercício de serviços vários, tais como salvamento de náufragos; oficinas de

inventos como por exemplo a de S. Petersburgo (p.28). Os voluntários que trabalham com náufragos, por exemplo, ignoram qualquer tipo de pensamento que possa excluir ou privilegiar uma vítima. Dizem eles, escreve Kropotkin: - *Les hacen falta nuestros servicios, son seres humanos: eso basta, su derecho queda asentado! Salvémoslos!* (p.28)

Quando a humanidade conseguir eliminar a miséria, as castas, a apropriação privada do capital coletivo, o Estado, a tendência para a *independência* se fará muito mais evidente.(p.31) Esse é o traço característico, a essência da geração da segunda metade do século XIX, afirma, mesmo que os escritores de socialismo e de política prefiram ignorar, enfatizando, via imprensa burguesa, as funções e ações do governo em detrimento de assuntos referentes à vida dos seres humanos sem mando. A sombra do homem político (de governo, que diz ao povo: - Dê-me o poder e eu o livrarei da miséria) cobre e omite a humanidade inteira. Mesmo assim, é grande a quantidade de indivíduos que passa a vida sem nada conhecer do Estado, exceto os impostos.

Para Kropotkin, escrever a história das associações espontâneas constitui obra capital do século XIX.(p.92). Mostrando ser um bom conhecedor desse assunto, cita, por exemplo, fatos sobre a organização das vias férreas da Europa, de 280.000 km, que se fez sem a ingerência governamental de nenhum país envolvido. Comenta:

“El comun acuerdo entre los centenares de compañías ferrocarrileras a las que pertenecen los caminos de hierro de Europa se ha establecido directamente, sin la intervención de un gobierno central que imponga la ley a las diversas sociedades, sino que se ha mantenido por medio de congresos compuestos de delegados que discuten entre sí y someten a sus comitentes proyectos y no leis. Este es un principio nuevo, que difiere por completo del principio gubernamental, monárquico o republicano, absoluto o parlamentario. Es una innovación que se introduce, aunque con timidez, en las costumbres de Europa; pero el porvenir es suyo.” (p.95)

“Si hace cincuenta años alguien lo hubiera previsto y predicho, nuestros abuelos le hubiesen creído loco o imbecil, y habrían

exclamado: “Nunca lograréis que se entiendan cien compañías de accionistas! Eso es una utopia, eso es un cuento de hadas que nos contáis. Sólo podría imponerlo un gobierno central, con un director de bríos.” (p.93)

O lado negativo das associações livres é a exploração do fraco pelo forte, do pobre pelo rico. Os estadistas utilizam-se desse argumento para defender a existência do Estado. Kropotkin contra-argumenta, salientando que a intervenção do Estado não tem diminuído essa exploração; ao contrário, tem fortalecido o grande capital, gerado miséria. Para evitar um mal possível, os autoritários recorrem a um mal maior, que se converte em origem dos mesmos abusos que se quer remediar.

Na verdade, Kropotkin não se coloca apenas a favor das associações livres, mas se opõe à existência do Estado, incompetente até para socorrer as vítimas de guerra que ele mesmo provoca. É a Cruz Vermelha, organização voluntária, que vai realizar essa tarefa. Cita, inclusive, uma obra de Henry George, *Problemas Sociais*, que contém estudos denunciando a cumplicidade do Estado na formação de 0,9 das grandes fortunas dos E.U.(p.36)

Na visão kropotkiniana, o problema que o homem do final do séc. XIX deve enfrentar é a *expropriação*: devolução à comunidade de tudo o que serve para conseguir o bem-estar, devolução realizada não por vias legais e sim através da livre federação dos grupos; a base fundamental da sociedade não seria mais a apropriação dos frutos do trabalho. (p.30). Seria preciso a tomada imediata, efetiva de todo o necessário para todos. Esta seria a única maneira científica de proceder, a única que o povo compreende e deseja. O uso da força para eliminar os obstáculos, liberar a evolução nos espíritos, que se encontrava comprimida pela classe possuidora, far-se-ia necessário.(p.20)

A *revolução social* estaria prestes a acontecer, embora ele não soubesse de onde viria nem como se anunciaria. Ela se desenvolveria em ritmo e formas diferentes, sem uniformidade até mesmo dentro de um país. (p.52-53) Crendo no instinto justiceiro da massa (p.62), atribuía à ela a iniciativa da *expropriação*, mais do que aos planejadores intelectuais: “*Nos repugna trazar con sus menores detalles planes de*

expropiación. (...), todo cuanto un hombre o un grupo puede proyectar hoy, será superado por la vida humana.” (p.61)

Rebatendo os argumentos de quem aponta para os erros da massa, Kropotkin escreve que é preferível deparar-se com uma injustiça temporal, reparável do que sustentar injustiças seculares, já tão cristalizadas. Não desconhece as objeções ao seu pensamento, reforçadas pela educação que se recebe e que propaga as funções providenciais do Estado, desde as tradições romanas até o código de Bizâncio (direito romano), fazendo-nos crer *não ser possível existir uma sociedade sem Estado, uma economia política sem capital privado.*

No entanto, os estudos que fazia sobre a história da emancipação de municípios dos séculos X, XI e XII, quando a população passou a decidir em comum, o trabalho, o consumo, o uso de pontes e estradas que antes tinham seu uso taxado por pedágios; quando surgiu a tendência de não se medir o consumo de água gasta nos domicílios, de não se cobrar passagens nos diferentes meios de transporte proporcionais aos quilômetros viajados; tendência de se colocar as necessidades do indivíduo acima da avaliação dos serviços por ele prestados à sociedade, reforçavam a tese da inutilidade do Estado e de sua nocividade. Ainda mais, observava que, cada vez que uma grande idéia ocupava o posto das mesquinhas preocupações cotidianas, até as sociedades atuais fundamentadas no individualismo *“se ven obligadas de continuo a caminar hacia el comunismo”* (p.26)

“Llégase a considerar la sociedad como un todo, cada una de cuyas partes está tan intimamente ligada con las demás, que el servicios prestados a tal o cual individuo es un servicio prestado a todos.” (p.27)

Prestando atenção a um fato corriqueiro de nossa vida, aponta aí um embrião de valor comunista anarquista:

“Quando vais a una biblioteca pública (...) el bibliotecario no os pregunta qué servicios habéis prestado a la sociedad para dalos el libro o los cincuenta libros que le pidáis y, en caso necesario, os ayuda a buscarlos en el catalogo. Mediante un derecho de entrada

uniforme la sociedad cientifica abre sus museos, jardins, bibliotecas, laboratorios...” (p.27)

Explica o fracasso de revoluções passadas pelo não reconhecimento da liberdade plena do indivíduo, pela exigência que faziam no cumprimento de *deveres* (via decretos, alianças, novos parlamentos) sem antes terem sido satisfeitas as *necessidades* básicas do ser humano.

“Si alguna vez llegase a constituirse una sociedade comunista autoritaria, no duraria, y bien pronto se vería obligada, por el descontento general, a disolverse o a reorganizarse sobre principios de libertad.”(p.103)

Em muitos casos, a escassez, a miséria até chegaram a aumentar para os trabalhadores, enquanto os ricos, escondidos, iam vivendo de suas rendas, esperando pacientemente que o povo desacreditasse da *revolução*; iam assim organizando a *reação*. Na Comuna, denuncia, o comportamento dos socialistas governamentais, que viviam se acusando mutuamente de reacionário, de autoritário, primava-se por mostrar-se ao povo como *salvadores da pátria*. Entende que, mais importante que o aspecto dramático de seus primeiros dias, a revolução verdadeira acontece após a derrota dos antigos governos, quando todo o povo se sente envolvido, discute tudo, interessado em assegurar a vitória. É nesse momento que se produz grandes abnegações. A verdadeira força do movimento se encontra na rua (p,21-22), escreve, e se o povo não for forte, será fuzilado pelos próprios revolucionários.

O homem, vivendo em uma sociedade justa e igualitária, não precisaria ser forçado a trabalhar, afirma Kropotkin, contrariando o axioma difundido entre os fundadores da economia política capitalista que reza ser a fome o maior estímulo do homem para o trabalho produtivo - se tiver seu sustento garantido, o homem não trabalha, suga os outros. Observa Kropotkin que, mesmo no meio capitalista, começa-se a advertir que entra na produção certo elemento coletivo, ainda pouco conhecido, que pode ser muito mais importante do que a perspectiva da ganância pessoal (p.104). Aponta-se para a qualidade inferior do trabalho assalariado em comparação com o trabalho voluntário, para a espantosa perda de força humana nos trabalhos da agricultura e da indústria moderna, para o aumento do número de indivíduos que se encostam no

trabalho dos demais, para a falta de atrativo na produção. Até os comunistas *clássicos* questionam se não estão enganados, supondo um ser imaginário, guiado pela ganância ou salário. Pena que esse raciocínio não impede, afirma Kropotkin, que reformadores socialistas defendam remuneração individual, trabalho assalariado.

Por que temer uma organização social que não obrigue o homem a trabalhar? pergunta o autor. Não está a sociedade capitalista baseada na exploração do trabalho alheio? O burguês não se enriquece com o trabalho do outro? Em uma sociedade igualitária, o parasita seria expulso pelo seu próprio grupo de trabalho, a não ser que esse grupo o considerasse gênio e quisesse sustentá-lo. Por que não acreditar em uma sociedade autogerida na área do trabalho? O argumento de que o homem tem que ser forçado a trabalhar - “*cantilena tan vieja como el mundo*”(p.104), pode ter validade, escreve Kropotkin, para os proprietários de escravos e/ou servos, não para os próprios escravos ou servos, que sabem o que esse estribilho vale e conhecem seus motivos.

Kropotkin vai mais fundo em sua observação, deduzindo que há uma tendência da humanidade para o trabalho voluntário, espontâneo. O homem prefere o trabalho coletivo ao individual desde que seja organizado com a sua participação. Observa ainda que:

“En lo venidero, cuando un hombre tenga que decir algo útil, alguna palabra superior a las ideas de su siglo, no buscará un editor (...). Buscará colaboradores entre los que conozcan el oficio y hayan comprendido el alcance de la nueva obra, y juntos publicarán el libro o el periódico.” (p.79)

Embora grande número dos socialistas, escreve Kropotkin, respeitem o princípio da *divisão do trabalho*, o melhor seria a variedade de ocupações, afirma. Concordando com J. B. Say, vê, na *divisão do trabalho*, o enriquecimento dos ricos, vê produção de miséria, vê produtores consumindo pouco e não participando das decisões na área da produção, mantendo seus cérebros inativos, trabalhando mal por isso; de outro lado, vê consumidores produzindo pouco e participando nas decisões, mantendo assim seus privilégios.

Por que considerar *rebelde*, *subversivo* aquele que reage contra a prisão que representa o trabalho que objetiva enriquecer o patrão? Por que considerar *perigoso* o

homem que, tendo energia para realizar um trabalho todo, revolta-se em ter que realizar apenas um décimo desse trabalho?

Kropotkin propõe a substituição do lema *direito ao trabalho* por *direito ao bem estar*. O primeiro representa uma luta na qual o homem será sempre um escravo assalariado, um homem de labor, governado e explorado pelos burgueses de amanhã, vivendo em um “presídio industrial”. Já o lema *direito ao bem estar*, abre uma possibilidade para que o trabalhador possa viver com dignidade, criando seus filhos como membros iguais de uma sociedade superior à nossa (p.24). Só assim a revolução social pode acontecer, pois o homem poderá decidir o que entende por *bem estar para todos*, o que se faz necessário para assegurá-lo e o que se deve abandonar como desprovido de valor. Um programa baseado no princípio “direito ao trabalho” garantirá empregos de baixo salário aos trabalhadores, organizados em níveis nacional, municipal. Se o lema for *direito ao bem-estar*, escreve Kropotkin, os trabalhadores terão direito de apoderar-se de toda riqueza social, de tomar casas, alimentos, direito ao gozo da arte, da ciência.

O nome das ciências econômicas, para o autor, deveria ser *fisiologia da sociedade* (p.128); na série das ciências sociológicas, a economia das sociedades humanas deveria tomar o posto ocupado pela fisiologia na série das ciências biológicas. Desde A. Smith até Marx, comenta Kropotkin, as ciências econômicas tem partido da análise da produção, dos meios empregados para se criar riquezas, da divisão do trabalho, manufatura, tecnologia, acumulação do capital, só depois tratando do consumo, ou seja, da satisfação das necessidades. Por fim, explicam como repartir as riquezas, tendo, como lógica: *produzir para consumir*. Deveriam, segundo o autor, estudar primeiro as necessidades do homem e os meios para satisfazê-las, com a menor perda possível de forças humanas, antes de discutir produtividade, mudança, impostos, governo etc., tendo como lógica, a *satisfação das necessidades*. (p.129) Para Kropotkin, as leis de valor, de câmbio são falsas, pois falso é o ponto de partida de sua discussão; partindo-se da análise da produção atual, chega-se ao capitalismo ou, no máximo, ao coletivismo, mas se se parte da *necessidade*, chega-se ao comunismo.

Para o autor, a crise econômica não resulta, como se afirma, do excesso de produção; não se exporta o que sobra, como aconteceu nas primeiras exportações; agora exporta-se o que o trabalhador produz mas não consegue comprar com seu salário. A crise

eve-se ao fato de termos transformado a sociedade em uma companhia comercial, baseada em débito/haver. Propõe uma solução: **que cada um dê mais do que recebe.** (p.123)

Percebo que Kropotkin é otimista porque consegue enxergar para além dos efeitos nefastos do individualismo autoritário e do autoritarismo *paternalista* (organização de sistema político-econômico para o povo obedecer), consegue enxergar para além do capitalismo e do socialismo científico. Para ele, é no caminho da luta pela *independência* que o homem se encontra com o valor *solidariedade, apoio mútuo*, tomado como imprescindível para que a verdadeira liberdade seja atingida. Na verdade, ele acredita na tendência da humanidade para o anarquismo como ideal de organização política, entendendo anarquismo como **a não aceitação da autoridade instituída e a busca de um sistema fundado nos princípios da liberdade individual que se constrói na relação entre homens livres.** Acredita ser o século XIX tanto a data do aborto do parlamentarismo, como o momento do início da gestação de uma verdadeira *revolução social*. Resumindo, ele acredita que a humanidade persegue a liberdade econômica e política, cuja síntese é o comunismo anárquico. (p.25)

PALAVRAS DE UM REBELDE

O livro, mostra de maturidade do pensamento do autor, o porta-voz mais consciente do pensamento anarquista desde Proudhon e Bakunin, contém declarações proféticas derivadas da fina percepção que o autor tinha das autênticas alterações sociais, sintomas interpretados por ele como presságios da destruição final do Estado, da decadência do capitalismo privado. Contém também o embrião de suas teorias gerais sobre evolução social, sobre teoria da evolução e organização social e considerações práticas sobre a revolução social.

O artigo *El orden* traz uma reflexão sobre o conceito de ordem e também uma narração de como seu grupo recebeu o nome de *anarquista*. Primeiro salienta que nenhuma idéia que representa uma tendência nova, pode escolher, desde o princípio,

um nome que expresse perfeitamente suas aspirações. Não foram os mendigos que se autodenominaram mendigos, o mesmo acontecendo com o nome *nihilismo* e também com *anarquismo*. Na Internacional, o grupo que negava a autoridade e a combatia em todas as suas formas, foi chamado, primeiro de *federalista*, depois, *antiestatista* e *antiautoritário*. Evitava-se chamar de *anarquista* para não aproximá-lo dos *proudhonianos*, a quem a Internacional combatia por suas reformas econômicas. Justamente por causa desse antagonismo, os adversários passaram a chamá-lo de *anarquista*, pretendendo com isso denunciar que esse grupo fomentava a desordem, o caos. A fração anarquista aceitou, então, o nome, com toda sua significação e consequência. *An-arquia*, de origem grega, queria dizer ausência de todo poder, e não desordem. Aceitaram a denominação sem a preocupação inútil em retificar a imprensa, nem dar ao público lições de grego.(p.54) A *anarquia* implica a negação da ordem vigente e dá nome a um grupo de homens que buscam conquistar um porvir de liberdade e amor para a espécie humana. (p.56)

Kropotkin, mesmo vivendo em um contexto sócio-político-econômico caótico (ausência de toda base científica e humanitária, dissipação do capital social, desprezo de todas as leis de sociabilidade, perpétua guerra industrial, resistência criminal dos detentores do poder (p.22)), consegue apresentar nessa obra, uma análise da situação bastante otimista, observando que a miséria ajudava o homem a refletir; a greve forçada, na rua, ensinava o trabalhador a conhecer os vícios, os faustos e a impotência das classes diretoras; a repressão não matava o ideal revolucionário. Esse otimismo fundamenta-se também no hálito juvenil da crítica no terreno da ciência, filosofia, ética e na geral fermentação da opinião pública (p.22) Cita obras teóricas tais como: *Introducción a la historia del siglo XIX*, de Gervinus, célebre historiador alemão; *La razón del Estado*, de Ferrari, filósofo italiano. Ambas apresentam estudo detalhado da história moderna, prevendo para fins do século uma grande revolução. (Trabalho publicado no *El Rebelde*, de Genebra, em 1879)

Observava ainda que, enquanto a ciência social burguesa permanecia muda ou entretida com preceitos ditados por velhas teorias, pregando o individualismo egoísta, a competência entre homens e nações, o onipotência do Estado (que passa do protecionismo ao livre-câmbio e vice-versa, da reação ao liberalismo e vice-versa, da momeria ao ateísmo e vice-versa (p.10)), a classe governante ia prometendo trabalho a todos e gerando desemprego, liberdade no trabalho e organizando a hierarquia de

poder nas fábricas, o bem-estar para todos e gerando crises e miséria, instrução a todos e criando situações de impossibilidade de estudo além de inculcar falsos conhecimentos, prejudiciais à classe trabalhadora; prometia liberdade política e organizava a reação, paz e produzia uma guerra sem fim, produção em abundância e o trabalhador não ganhava o suficiente para consumir...

Segundo o autor, elementos ativos da sociedade foram constatando que essa organização política era uma verdadeira aliança dos poderosos para dominar, pela fome, os trabalhadores, mas também constataram a inércia dessa organização bem como a incapacidade da classe governante de compreender as aspirações populares, incapacidade, então, de reorganizar a indústria, a produção, o consumo. A classe diretora, escreve, estava tão preocupada com a bolsa e tão envelhecida com a tradição que nem percebia que até para sua própria manutenção, deveria se colocar à frente dessas aspirações. O povo começou a pensar em ele mesmo gerir seus próprios negócios, percebendo que as leis não garantem direitos; só a organização popular:

“El día que, unidos los explotados, podamos salir en número de algunos miles a la calle, a tomar directamente la defensa de nuestros derechos, nadie intentará disputarnos los ya conquistados y reivindicaremos a nuestro favor otros muchos a los que tenemos derecho.(...) Las libertades no se dan, se toman.” (p.28)

Os direitos ditos *políticos* (liberdade política, direitos do cidadão, sufrágio universal, liberdade de eleição, de imprensa, de reunião, etc.), embora advindos de revoluções passadas, não são políticos para Kropotkin, pois não atingem a todos. (p.25). Além do mais enfatiza que: *“Los que necesitan que se les garantice la libertad de hablar y escribir y la de agruparse, son precisamente los que no son bastante fuertes para imponer su voluntad.”*(p.26) O sufrágio universal, instrumento excelente para solucionar pacificamente as querelas entre governantes, não tem utilidade para os governados. (p.26) Quanto à liberdade de imprensa, lembra-se das obras de M. Girardin (?) que tratam da sua impotência: se as idéias subversivas se manifestam, é possível afogá-las, se a imprensa revolucionária se torna perigosa, encontra-se pretexto para suprimi-la. Com a liberdade de reunião se dá a mesma coisa, além de ser um bom método para fazer com que as sociedades secretas desapareçam. (p.27) A inviolabilidade do domicílio e/ou da correspondência segue o mesmo raciocínio.

A reflexão que o autor faz sobre a atitude submissa às leis nos reporta aos escritos socialistas sobre a história da gênese e desenvolvimento das leis, salientando que o espírito popular toma sempre a dianteira aos homens de estudo, produzindo assim a filosofia dessa história. O homem simples percebe que uma lei nova só serve para abolir a precedente, enquanto a situação de opressão, de exploração não se altera. Além disso, as leis que parecem beneficiar a população advêm sempre pela força da insurreição. Com relação a esse assunto, aconselha a leitura de *El individuo contra el Estado*, de H.Spencer, o capítulo titulado *Pecados de los legisladores*. Mesmo as leis liberais modernas nada mais são do que retorno às liberdades que existiam antes da subjugação do povo pela igreja, pelo rei.

Do lado dessas práticas, as sociedades humanas produzem também outros usos e costumes derivados do desejo de dominar o semelhante, de apropriar-se de seu trabalho. Esses desejos vê Kropotkin desenvolver-se, principalmente, nos sacerdotes, que exploram a superstição popular, e nos guerreiros, que impelem à invasão e à pilhagem do vizinho. São esses os maiores responsáveis pelo surgimento das leis; os primeiros sancionam e os segundos, passando por *defensores da lei*, acabam assegurando também seu próprio poder.

Portanto, o primeiro dever dos revolucionários do século XIX, escreve, será o de “hacer un auto de fe de todas las leyes existentes, como lo harán con los títulos de propiedad.”(p.99)

Subdividindo as leis em três grandes categorias (*proteção da propriedade, proteção das pessoas e proteção do governo*), Kropotkin as analisa e conclui a inutilidade e danosidade delas:

“Cuando la ley establece los derechos de un fulano sobre una casa, por ejemplo, establece su derecho, no sobre una cabana que ha edificado, él solo o con el concurso de algunos amigos; establece, por el contrario, sus derechos sobre una casa que **no ha** construido con su trabajo, sino que la ha hecho edificar por otros, a quienes no ha pagado todo el valor de su trabajo. (...) La misma casa, edificada en medio de la Siberia, no tendría el valor en una gran ciudad; y este valor proviene del trabajo de toda una

cincuenta de generaciones que han levantado la ciudad, que la han embellecido,proveyéndola de agua y de gas, dotándola de buenas calles, de universidades, de teatros y de almacenes y de caminos de hierro y de carreteras. Reconociendo, pues, los derechos de un fulano de tal sobre una casa en París,(...), la ley le apropia- mui injustamente- una cierta parte de los productos del trabalho de la humanidad entera. Y es precisamente porque esta apropiación es una injusticia manifesta (todas las otras formas de la propiedad tienen el mismo carácter),que ha sido necesario todo un arsenal de leyes y todo un ejército de soldados, policías y jueces, para mantenerla contra el buen sentido, el sentido de justicia inherente a la humanidad.”

(...)

“En cuanto a garantizar al trabajador los productos de su trabajo, no hay leyes que de ello se encarguen. Es tan simple y tan natural, está tan dentro los usos y costumbres de la humanidad, que la ley no ha pensado en ello.” (p.99)

A obediência às leis se consegue, principalmente, fazendo com que exista a crença nas leis que pertencem à categoria da *proteção das pessoas* (castigo e prevenção de crimes). Saídas do núcleo de costumes úteis às sociedades humanas, foram utilizadas pelos dominadores para santificar sua própria dominação. As crenças de que “*sem governo os homens se assassinariam mutuamente*” e de que “*El objeto final de todo gobierno es el de dar doce honrados jurados a cada acusado*”(p.101) foi firmando raízes no lugar de princípios justos existentes desde as comunas do século XII, hoje já tão esquecidos, tais como o de que toda comuna é responsável pelas ações cometidas por cada um de seus membros. O criminoso poderia ser expulso, ter sua casa arrasada ou receber correções (p.97), mas o crime era considerado um acidente ou uma desgraça; não se admitia o princípio da falta pessoal, tão predicado pela Bíblia. A Igreja Bizantina , assim como o Código Civil Romano introduziram noções de propriedade territorial ilimitada que transtornaram os costumes comunais dos povos primitivos. Visitem as prisões, escreve, e estudem ao que chega o homem privado de liberdade junto com outros indivíduos depravados; conheçam a corrupção, os vícios

da prisão. Conclui que só há dois corretivos para serem empregados no caso dessas enfermidades do organismo humano que conduz ao delito: a fraternidade humana e a liberdade. É a ociosidade, a lei e a autoridade que mantém o crime. Kropotkin tem obra sobre o assunto.¹⁶²

Uma outra crença que deve ser destruída, comenta, é a fé e esperança que aprendemos a depositar em um *governo representativo*, em um *governo procurador*, forma política do governo burguês. Sabemos que existe íntima relação entre regime político e econômico e que o progresso intelectual que opera nas massas populares está igualmente unido às duas questões colocadas. (p.68) Ao lado das palavras *coletivismo*, *comunismo* ouvimos *Estado Operário*, *Município Livre*, *Anarquia* etc. Uma nova sociedade deverá criar uma nova organização política, já que os vícios do *governo representativo* são inerentes à instituição, não dependem apenas da desigualdade social; aplicado em ambiente onde todos tenham igual direito ao capital e ao trabalho, produziria resultados funestos também. O *governo representativo* será sempre o mesmo; suas grandezas negativas serão iguais se regularmente eleito ou se surge habilmente dos incêndios de uma insurreição. (p.74) Escreve Kropotkin: “*Pensar en un Estado obrero, gobernado por una asamblea elegida, es el peor de los pensamientos que puede inspirarnos nuestra educación autoritaria.*”(p.83) Utilizando-se da democracia indireta, nunca se chegará ao socialismo, já que sua tendência é o centralismo.

O autor considera a Comuna como precursora da próxima revolução social. Derrotada, mas não vencida (p.59), essa revolução que nasceu no espírito coletivo, saiu do coração do povo, escreve Kropotkin, nos entusiasma, não pelo que fez, mas pelo que promete no dia que triunfar. (p.60) A Comuna se deixou levar pelo fetichismo governamental e elegeu um governo. Como consequência, seus líderes deixaram de marchar com o povo exercendo papéis inúteis, discutindo no lugar de agirem, perdendo a inspiração que nasce do contato contínuo com as massas,

¹⁶²Nas *prisões russas e francesas*, publicada em 1887, o autor aborda a questão penal e a loucura. Iniciou esses estudos quando estava na Sibéria e teve que enviar sugestões de reforma do sistema penitenciário ao Ministro do governo russo. Defende o desaparecimento do sistema, pois carece de justificação: “*La prisión no impide que los actos antisociales se produzcan: por el contrario, aumenta su número. No mejora a los que van a parar a ella. (...) No consigue lo que se propone. Mancha a la sociedad. Debe desaparecer.*”(Kropotkin In *Polêmica*, 1992:9), Suas análises se antecipam definitivamente às conclusões extraídas pela antipsiquiatria ou pela psiquiatria democrática de F. Basaglia (?). *Polêmica*, 1992:9)

tornando-se impotentes, paralizados por seu distanciamento do foco da revolução, passando, eles próprios, a obstruir a iniciativa popular.

“Llegaremos a la concepción de que la mejor manera de ser libre es no siendo representado por nadie, la de no abandonar los asuntos y las cosas en poder de otros, la de no confiar a la Providencia o a los elegidos nada absolutamente.” (p.70)

As palavras de Agustín Thierry escritas em 1828: “Prevenidos por nuestras costumbres modernas contra el prestigio de los reys absolutos, existen otros no menos falsos, de los cuales nos debemos guardar, y son éstos los del orden legal y los del régimen representativo.”(p.70) continuam atuais, salienta Kropotkin, pois o regime representativo apresenta os mesmos vícios, não tendo melhorado em nada com o sufrágio universal. Não só Proudhon, mas até os moderados, comenta, como Mill e Spencer gritam contra ele. As paginas 77-80 trazem dados interessantes sobre a comédia das eleições e sobre os vícios constitucionais das assembléias representativas. Os representantes votam sobre questões que desconhecem e Kropotkin lembra-se de Proudhon:

“Pobre Proudhon! Me imagino sus desvelos cuando tuvo la cándida ingenuidad de haber estudiado, al entrar en la Asamblea, todas y cada una de las cuestiones contenidas en la orden del día.

Llevaba a la tribuna un derroche de cifras, una multitud de ideas y nadie le escuchaba. Ignoraba que las cuestiones se resuelven todas antes de la sesión con esta sencilla pregunta: beneficia o perjudica al partido?” (p.82)

Também o Estado, que teve seu apogeu na Idade Média, afirmando-se por meio de conquistas, de astúcia, de assassinatos, apresenta-se, para o autor, roto já por enfermidades constitucionais, impotente, vivendo artificialmente de reformas que, de uma certa forma, aceleram sua queda; já não é o bem público o princípio que o rege e sim a manutenção de privilégios, o combate ao povo. (p.21) No lugar de impedir a exploração do operário pelo capitalista, protege essa exploração, a especulação, a propriedade privada; no lugar de assegurar o trabalho, impede a emancipação dos operários; dita leis que impedem a difusão de idéias de solidariedade e igualdade;

corrompe com postos e/ou dinheiro inclusive os que se fazem apóstolos da solidariedade dos trabalhadores; coloca no cárcere ou reduz ao silêncio quem não se deixa corromper. A máquina bastarda, complicada e obstrutiva que ele constrói, propicia o surgimento de funcionários apegados a um partido político que lhes garante um bom salário com um mínimo de esforço. O Estado está por desaparecer sob o peso de suas atribuições, para ceder seu posto à novas organizações. Suas necessidades são sempre maiores que os meios que dispõe; as dívidas são feitas tanto na paz e muito mais na guerra. A guerra, por sua vez, ao mesmo tempo que acelera a bancarrota moral, político e econômica do Estado, justifica-se na luta por hegemonia, base da organização política e econômica burguesa. A Europa, comenta, recusou o socialismo e agora defronta-se com uma guerra brutal, interminável; só a revolução social pode por fim à ela, colocando os instrumentos do trabalho no poder dos produtores e organizando a produção segundo as necessidades dos trabalhadores, a paz será atingida quando todos trabalharem para um e esse para todos. (p.47)

Os povos latinos, principalmente, escreve Kropotkin, apontam para a ação coibidora do Estado; autonomia das províncias, municípios, organização de associações de grupos operários, supressão de poderes autoritários, estabelecimento de laços de apoio mútuo e livre acordo. (p.13) **Esta é a fase histórica que entramos, enfatiza o autor, e nada pode impedir sua realização.** Ao mesmo tempo, a história de nossos dias é a história dos governos privilegiados contra as aspirações igualitárias do povo. (p.15)

Afirma que a sociedade está agitando suas entranhas, renovando e fortalecendo a fonte da vida; que o novo mundo está sendo elaborado nas fábricas mediante suas vozes que bradam pela abolição da propriedade privada individual, supressão do Estado, que acreditam no comunismo, na igualdade real (terra, capital, e trabalho para todos), na autonomia dos municípios, na união e internacionalização dos trabalhadores. Escreve:

“En las sombrías multitudes que la burguesía desprecia tanto como teme, de cuyo seno ha salido siempre el hálito que inspira a los grandes reformadores los más arduos problemas de economía social y organización política, toman cuerpo, uno tras de otro y se discuten y solucionan con arreglo a los novísimos dictados del sentimiento y la justicia.” (p.09)

Não só os reformadores, que vivem miséria superior à sua paciência, extenuados, realizando trabalho superior à suas forças, vão prestando atenção às idéias novas encarnadas no espírito popular, como também os sábios que, desembaraçando-se dos erros e preconceitos adquiridos através da educação recebida, pouco a pouco, tornam-se portavozes delas. As bases das instituições sociais, propriedade e poder serão atacados tanto pelos trabalhadores manuais como pelos trabalhadores intelectuais; *“igual por el interesado en el cambio que por el que retrocedería asustado el día que viera tomar cuerpo a estas ideas, saliendo de entre el polvo de las bibliotecas y encarnándose en el tumulto que acompaña a toda realización práctica.”*(p.21)

Há épocas, reflete o autor, em que se sente que é preciso acabar com a corrupção, com a rotina e lançar-se no desconhecido, em busca de um ideal. (p.17) Não se trata apenas da questão de pão, mas de *progreso*, entendido como a busca do bem-estar social para todos. Trata-se de recuperar os princípios morais que regeram a vida nas tribos, quando havia uma identificação do indivíduo com seus semelhantes, princípios substituídos, segundo Kropotkin, pela moral hipócrita das religiões, moral que mata no indivíduo as obrigações para com seus semelhantes, impondo a ele submissão e respeito a um ser supremo, abstração invisível, cujo furor pode ser aplacado comprando-se sua *benevolência*. No lugar da defesa de um deus, o autor propõe a defesa da solidariedade: *“Si quieres ser feliz, haz a los demás lo que quisieres que te hicieren a ti mismo.”*(p.18) ¹⁶³Essa afirmação, continua, indução científica, que nada tem a ver com as prescrições religiosas, abre de golpe um horizonte imenso de perfectibilidade e de melhora de nossa espécie. Os cérebros livres compreenderão que a felicidade do homem isolado não é possível, só a felicidade de todos, na liberdade da espécie humana. (p.18) O homem embrutecido, sem solidariedade, envelhece tudo o que toca; com seu dinheiro e seus instintos brutos, prostitui crianças, mulheres, arte, imprensa; venderá seu próprio país. Covarde para se matar, matará o melhor e mais sadio de sua pátria. A saúde da humanidade está em eminente perigo. *“La peste está en nuestras entrañas; es preciso destruir la causa.”*(p.20)

É verdade, observa o autor, que os revolucionários são em número bem reduzido e que é grande o número dos oportunistas; porém, o importante é que as idéias libertárias estejam conformes com a evolução que se produz nesse momento no

espírito humano e, sobretudo, salienta, nos povos latinos. (p.49) A evolução, escreve, não se produz no sentido autoritário e sim no sentido da liberdade individual, liberdade do grupo produtor e consumidor, da autonomia do município, dos grupos, da federação livre, autogestão do consumo e produção. Essas idéias não nasceram em gabinete, mas nas entranhas do povo, são conceitos populares de transformação; a população dos centros industriais e/ou rurais as reconhecem e as recebem com aplausos desde que sejam apresentadas em linguagem simples, acrescidas de exemplos práticos. A revolução é uma ação das massas, ação muitas vezes preparada por *minorias revolucionárias*. Essas *minorias revolucionárias* não devem assumir o poder. O meio de administrar os bens sociais expropriados e os serviços públicos é a *Comuna*, associação local de indivíduos ligados por laços residenciais ou outros laços de interesse, para a satisfação de necessidades comuns. As comunidades urbanas e rurais serão os centros vitais e produtivos da cidade e do campo e também pontos de interseção de toda uma rede de associações federadas com diversos objetivos; cada comunidade será uma federação de grupos individuais menores (Woodcock, 1971:281). Kropotkin vê indícios dessa tendência nas muitas organizações científicas, literárias e esportivas que ligam milhões de pessoas de todos os países. A aplicação universal desse princípio será a norma da sociedade futura.

Se a revolução tardar, não importa; seus frutos maduros serão mais saborosos, afirma.(p.22) A próxima revolução será diferente da revolução burguesa. Esta não tocou o regime da propriedade privada, mas, ao contrário, reforçou, já que essa propriedade inaugurou a exploração burguesa.(p.50) A revolução a que se refere Kropotkin terá a missão de abolir o Estado e a propriedade individual (p.54) e terá um caráter de generalidade, o que a distinguirá das precedentes. Com os laços de solidariedade já estabelecidos na Europa, será impossível uma revolução local. Salientando outro aspecto deveras muito importante, escreve: “*El carácter distintivo de la próxima revolución será, pues, el siguiente: Tentativa de revolución hecha por los pueblos, pero de revolución económica, y sin esperar que caiga de arriba, como maná llovido del cielo.*”(p.24)

Importante observar que Kropotkin estudava tudo que sentia ser importante para o preparo de uma revolução. Podemos afirmar que essa foi a preocupação de sua vida.

¹⁶³Em Mateus 7, 12 temos: “*Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês*

As categorias chaves que pudessem acelerar o processo da revolução social, recebiam uma atenção tão especial dele, chegando, seus estudos, a criar obras valiosíssimas. Se as leis de proteção da pessoa eram as fundamentais para que o povo aceitasse as leis no seu todo, pesquisou o assunto e escreveu, por exemplo, *As Prisões* além de inúmeros artigos sobre o tema. Se a revolução deve ser preparada a partir do povo e se existe, entre o pensamento, as críticas e o agir, a insurreição um grande abismo, preocupa-se em estudar como transpô-lo. Por isso passa anos de sua vida analisando os meios de agitação que os revolucionários utilizaram nas diferentes épocas para acelerar o advento de revoluções, para dar às massas consciência dos acontecimentos que se preparavam (p.105-108), para que se pudesse identificar melhor os principais inimigos, despertando o arrojo e o espírito de rebeldia. Como germinaram as revoluções? Não satisfeito com suas pesquisas, incita os envolvidos à escrita de obras que tratem, por exemplo, de como se desorganiza um governo, como se levanta o moral de um povo prostrado, deprimido pela miséria, pela opressão. Toma como exemplo a Revolução Francesa, sobre a qual escreveu uma belíssima obra¹⁶⁴ e tece comentários sobre algumas das ações que a precederam e a prepararam: folhetos, panfletos, livretos de 3-4 páginas, canções populares, manifestos, teatro popular, uso de fantoches nas ruas, gravuras significativas para atingir os analfabetos (eram colados nas árvores, no campo).

CAMPOS, FÁBRICAS E OFICINAS

Esta obra, estritamente sociológica, editada em 1898 em Londres, compõe-se de estudos desenvolvidos pelo autor no período 1888-90. Os temas, principalmente os

também a eles. Pois nisso consiste a Lei e os Profetas.”

relacionados à organização industrial, já haviam sido publicados anteriormente na revista *Nineteenth Century* (Cappelletti, 1978:25).

O livro apresenta dois temas centrais: crítica da organização social e econômica e uma proposta de sistema alternativo baseado na descentralização, no trabalho não alienante e na livre cooperação e discute a integração trabalho/educação, propondo método de educação integral.¹⁶⁵ Foi escrito após *Conquista do Pão* e é anterior à *Apoio Mútuo*, representando mais um passo do autor na construção do sistema social do comunismo libertário.

Kropotkin pesquisou obras significativas sobre o assunto tanto no universo acadêmico como na imprensa operária; coletou pessoalmente dados ricos e abundantes sobre o estado da agricultura e indústria de países tais como Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Itália, Espanha, Índia, Brasil, México, etc., com algumas excursões a outros centros produtores como Estados Unidos e Japão, atento aos tipos de organização industrial e seus objetivos, considerando a concentração ou descentralização da produção e consumo, técnicas de cultivo etc., “*para ocupar-se luego de los sistemas educativos.*” (p.05). Além desse estudo sério e competente, visitando países, fábricas, fazendas-modelo, visitava também as casas de trabalhadores, artesãos, camponeses; com a mochila nas costas, chegava a caminhar 35km, parando para conversar, entrevistar. Observa-se, inclusive, que o próprio Kropotkin passa suas crenças a limpo. Por exemplo, sai de Londres rumo ao interior, após ter lido a obra de Leonce de Lavergne, esperando encontrar o campo densamente cultivado, conforme dados obtidos com a leitura. Depara-se com o êxodo rural e busca entendê-lo. Seria por causa da terra imprópria para o cultivo? Mais adiante observa que terras impróprias igualmente estavam dando boa colheita. Então, pensa: *Tal senhor, tal terra!* Mas logo foi entendendo que faltavam as condições político-econômicas para o plantio. A evolução de seu pensamento se fazia assim. Kropotkin continuou enriquecendo *Campos, fábricas e oficinas* com dados novos, por exemplo, método de cultivo, que coletou em suas viagens pelos Estados Unidos em 1901.

¹⁶⁴ *La gran Revolución Francesa*, Proyección, Buenos Aires, 1976. O autor faz uma investigação precisa da origem das revoluções e dos motivos por que nem sempre mantém seu ímpeto original, nem alcança todos os objetivos propostos na luta por seus protagonistas mais conscientes.

¹⁶⁵ Esta obra é considerada por estudiosos como a melhor e mais completa defesa de uma orientação pedagógica e educacional laica e científica, moralizadora e humana. (Valenti y Campi, Santiago In *Polêmica*, 1992:88)

Sua crítica quanto à organização social e econômica passa por uma análise da situação da indústria e da agricultura, bem como da relação entre indústria e campo. Por que o sistema fabril se desenvolve enquanto o campo apresenta-se descuidado? Por que o êxodo rural? Por que a *divisão de trabalho*? Por que a separação campo/fábrica?

Obras como a de Thorold Royers e as conferências de Toynbee sobre o crescimento do sistema fabril na Inglaterra e seu relacionamento com o êxodo rural, bem como os dados que Kropotkin pessoalmente coletava, ajudaram-no a concluir que o triunfo das fábricas se devia à fraudes, adulterações, exploração de criança e também a esse êxodo rural provocado. Não foi a decadência rural que originou a fábrica, nem tão pouco foi o êxito da fábrica que provocou o êxodo rural. O êxodo rural era fruto de uma política econômica que priorizava o sistema fabril e desejava, inclusive, industrializar a agricultura.

Constatou também que a ciência estava muito mais atenta ao sistema fabril, não socializando suficientemente os progressos agrícola-horticultura, divulgando que o solo e suas forças produtivas eram limitadas, quando ainda não era possível prever o limite da produtividade do terreno. Muitas vezes, a ciência chegava até a extraviar os passos da agricultura, escreve, referindo-se às teorias de Liebig.

Mesmo assim, a agricultura americana prosperava. Em virtude de que? pergunta-se Kropotkin. Consultando diversos trabalhos, entre eles os de Schhaeffle, publicados em *Zeitschrift für die gesamte Slaatswissenschaft* e em *Quarterly Review* (1886/1887), descobriu que as terras americanas não eram tão férteis como se dizia; o que havia era terra barata e boa organização da produção: pequenas fazendas, cultivo intensivo e racional, correspondência direta entre associações de agricultores e seus sócios, organização de *meetings* onde oradores especiais divulgavam novidades sobre agricultura racional; sistema peculiar de posse, transferência e herança da terra; muitos hábitos e costumes comuns de apoio mútuo. Comenta:

“La fuerza, pues de la ‘competencia americana’ no reside en la posibilidad de tener en una sola pieza centenares de acres de trigo, sino en tener la propiedad del suelo, en un sistema de cultivo que se adapta al carácter del país en un espíritu de asociación más desarrollado, y, finalmente, en un número de instituciones y

costumbres destinadas a elevar al agricultor y su profesión a un alto nivel, respeto que es desconocido en Europa.”

O que estava ocorrendo nos diferentes países, no geral, afirma, era uma diminuição da área cultivada e um aumento na importação de produtos agrícolas. Como exemplo, cita a Inglaterra que, nos últimos 25 anos, teve sua importação aumentada de 1/4 para 2/3. Se a área cultivada fosse a mesma de há 35 anos, comenta, utilizando-se métodos de cultivo modernos, teríamos maior colheita e até produtos para exportação. Escreve: *“La nación Británica no cultiva su suelo; se lo impidem. Y los llamados economistas se quejan de que éste no pueda mantener a sus habitantes da nación”* (p.41)

Por outro lado, observa que a importação agrada a muitos, e cita Neumann Spullart, estatístico *“quase poeta do comércio do mundo”* :

“Por qué hemos de cultivar el trigo, criar ganado vacuno y lanar, dedicarnos a cuidar árboles frutales, labrar la tierra y sufrir todas las penalidades a que se halla sujeto el agricultor, teniendo que mirar siempre con temor hacia el cielo, temiendo una mala cosecha, cuando podemos obtener con mucha menos fatiga montañas de grano de la Índia, América, Hungría o Rusia, carne de Nueva Zelanda, (...), y así sucesivamente?”(p.11)

Mas, continua , o estatístico não se pergunta a que preço isso é realizado e quanto durará. É isso, por ventura uma necessidade? Por acaso isso não é uma quimera? Há quem afirme, escreve, que o consumo da carne aumentou em determinado país devido o preço baixo da importada. Tece comentário sobre isso:

“Y aun suponiendo que lo sea, ¿no estamos sin embargo, obligados a analizar ese resultado compuesto que llamamos precio, antes de aceptarlo como el supremo y ciego director de nuestras acciones?” (p.57). *“Pero, ¿de qué proviene esta diferencia? ¿Es tanto lo que se paga de menos a los trabajadores (...)?”* (p.58)

Kropotkin denuncia também que, por detrás do que os economistas denominam de *excesso de produção*, existe uma política para manter os salários baixos, impedindo o consumo e os reformadores, inclusive os mais avançados temem que um bom salário

possibilite um crescimento repentino na população o que, para eles, seria um caos. Para Kropotkin, “*Exceso de producción significa mera y simplemente la falta de medios de poder adquirir por parte de los trabajadores; (...).*” (p.30).

Nosso autor observava que a desigualdade econômica, as condições miseráveis de vida do trabalhador rural e fabril gerada por essa organização social e econômica eram explicadas como *lei natural* e encontravam suas justificativas nas teorias produzidas, por exemplo, por Malthus, Darwin, Wallace, Smith.

Um dos princípios trabalhados por Kropotkin nessa obra, contrariando o que a ciência, a economia política clássica e também a socialista divulgavam, é o de que *é possível, no plano econômico, satisfazer a todos*. Comenta que a crença de Malthus, desenvolvida na sua obra *Estudio del principio de población* de que a população cresce muito rapidamente, de que os que virão não encontrarão “*sítio para ellos en el festín de la naturaleza; (...)*” (p.66) e de que esta lei não pode ser alterada via mudanças institucionais, dava aos ricos uma espécie de argumento científico contra as idéias de igualdade contidas em Godwin¹⁶⁶. Também Darwin e Wallace, observa, relacionavam sua teoria da *variedade da espécie* com essa idéia fundamental de Malthus, concluindo que os recursos naturais serão inevitavelmente insuficientes para a subsistência dos seres vivos. Em resumo, esclarece:

“... podemos decir que la teoria de Malthus, ao revestir de una forma pseudocientífica las secretas aspiraciones de las clases poseedoras de la riqueza, vino a ser el fundamento de todo un sistema de filosofía práctica, que, penetrado en la mente de todas las clases sociales, ha venido a reaccionar (como lo hace siempre la filosofía práctica) sobre la filosofía teórica de nuestro siglo”.

(p.67)

Kropotkin, então, se posiciona a favor do aumento de população:

¹⁶⁶ Willian Godwin (1756-1836) ofereceu a primeira teorização orgânica do anarquismo. Escreveu *An Enquiry Concerning the Principles of Political Justice and Its Influence on General Virtues and Happiness* (publ. 1793). Exerceu uma profunda influência em R. Owen e em L. Tolstoy, admirador do *Enquiry*, de onde retirou idéias para a escola Jásnaja Poljana. Engels afirmou que a obra de Godwin era “patrimônio exclusivo da classe operária”, em *La situazione della classe operaria in Inghilterra* (1845). Tomassi, Tina, 1988:40

*“Sólo podrán horrorizarse de ver aumentar la población de este país a razón de un individuo cada 1.000 segundos, aquellos que están dispuestos a no ver en su semejante más que un copartípe de la riqueza adquirida por la humanidad, sin considerarlo al mismo tiempo como productor también de la misma; pero nosotros que vemos en todo recién nacido un **trabajador** futuro, capaz de producir mucho más de la parte que le corresponda de la existencia general saludamos su advenimiento. Sabemos que la densidad de la población és una condición necesaria para que pueda el hombre aumentar las facultades productivas de su trabajo. Sabemos que un trabajador altamente productivo no es posible, mientras que los hombres, pocos en número y repartidos sobre grandes superficies de terreno no puedan combinar sus esfuerzos para bien del progreso y la civilización” (p.56).*

O êxito da fábrica tem uma história relacionada com a teoria de A. Smith. Criticando essa teoria, denomina de *divisão social* o que para Smith é *divisão do trabalho*, já que os homens estavam sendo divididos em castas, semelhante ao que acontecia na antiga Índia. Demonstra que a *divisão do trabalho*, ao contrário do que aparenta, gera um desperdício de recursos materiais e humanos, colocando-se contra o bem estar de todos e a felicidade pessoal, produzindo mais miséria no universo dos trabalhadores e mais riqueza, não para a Nação, enquanto um todo, como apregoam economistas modernos, mas para os já ricos. Os trabalhadores produzem muito e consomem pouco, sendo que grande parte deles morre, inclusive, de fome. A especialização substitui o trabalho do artista, do artesão, do camponês amante da terra, tornando a atividade produtiva monótona, cansativa e quase sempre realizada de forma desumana, como por exemplo: *“empujando una vagoneta de carbón en una mina, desde los trece años a los sesenta, o haciendo el muelle de un cortaplumas o la décimoctava parte de un alfiler.”* (p.08).

A teoria kropotkiniana propõe que todo indivíduo seja um trabalhador e que alterne suas atividades entre trabalho fabril, trabalho no campo, trabalho acadêmico. O operário deve cuidar do solo por algumas horas, redigir artigos; o médico deve trabalhar como enfermeiro em alguns momentos e o enfermeiro deve receber instruções sobre medicina. Deve-se combinar *“el contacto físico con las cosas y el*

cultivo del espíritu.” (p.06). A lógica da fábrica baseia-se num trabalho contínuo, mas essa não é a lógica da comunidade nem do indivíduo.

“La economía clásica ha insistido en la división, nosotros proclamamos la integración y sostenemos que el ideal de la sociedad...es una sociedad de trabajo integral, una sociedad en la que cada individuo sea producto de ambos, trabajo manual e intelectual, en la que todos trabajen lo mismo en el campo que en el taller industrial.” (Kropotkin, 1992:10)

Acreditando que a civilização pode oferecer coisa melhor aos homens, escreve:

“... para ser rico no necesitan quitarles el pan de la boca a los demás, sino que lo más racional sería establecer una sociedad en la que los hombres, con el trabajo de sus brazos y de su inteligencia, y ayudados por las máquinas ya inventadas y por inventar, creasen ellos mismos toda la riqueza imaginable.” (p.06).

Os economistas modernos, continua, partindo de uma concepção de vida que tem o *negócio* como único e principal estímulo da sociedade humana, acreditam que as coisas não mudam e desejam que também a agricultura adote os princípios da *divisão do trabalho*, bem como que cada região e/ou Nação tenha sua especialidade particular (Hungria e Rússia deveriam trabalhar com o trigo, Inglaterra com o tecidos, carvão, Bélgica com a lã). Kropotkin, ao contrário, concebendo que a *variedade* é o caráter distintivo, tanto do território como de seus habitantes, pregava a necessidade de uma variedade nas ocupações, entendendo que cada Nação e/ou região deve caminhar rumo à sua auto-suficiência econômica, nas áreas agrícola e industrial, só importando os produtos que realmente não possa produzir:

“Cada pueblo se convierte a su vez en manufacturero, y no está lejos el día en que cada nación de Europa, así como los Estados Unidos y hasta las más atrasadas de Asia y América, fabriquen case todo lo que les haga falta. Las guerras y otras causas accidentales podrán por algún tiempo contener la propagación de la industria pero no impedirla. Eso es inevitable. Para todo el que empieza, los primeros pasos son los unicos difíciles, pues en cuanto

una industria ha conseguido arraigarse, trae en pos de sí centenares de otras; y desde el momento que se ha empesado a trabajar y se an vencido los primeros obstáculos, el desenvolvimiento industrial marcha con rapidez.” (p.33)

Conhecia as objeções que economistas e políticos faziam à sua proposta de auto-suficiência: a Europa não consegue produzir para toda sua população e, se conseguisse, não seria vantajoso, visto ser possível encontrar produtos mais baratos no exterior. No entanto, estava convencido tanto da inconveniência, do ponto de vista ético, dessas importações “*vantajosas e necessárias*”, como da possibilidade e até da tendência para a auto-suficiência:

“Las industrias de toda clase se descentralizan y reparten por el mundo entero, y en todas partes una variedad completa de industrias crece, en el lugar que antes ocupaba la especialización. Tales son los rasgos más característicos de los tiempos que corremos.” (p.33)

Não se trata, escreve, de se colocar contra a especialização, mas de considerá-la como uma *divisão temporal* de funções, podendo garantir êxito em cada empresa particular. O que se condena é a *divisão permanente* por ela estar contra a natureza do homem, além de nela se encontrar os germes da ruína do próprio sistema industrial. E se os intentos socialistas, alerta, ao quererem resolver a situação capital/trabalho, utilizarem-se também da *divisão do trabalho*, ou seja, da *divisão social*, fracassarão por completo. Comenta:

*“Cuando nosotros, separándonos de la escolástica de nuestros libros de texto, examinamos la vida humana en su conjunto, pronto descubrimos que, mientras que todos los beneficios de una división temporal del trabajo deben conservarse es ya hora de reclamar los que corresponden a la **integración del mismo**.” (p.10)*

A especialização em um determinado ramo da ciência é temporário, comenta. (Grã-Bretanha, artes mecânicas; EU, espírito para criar empresas gigantescas; França, pensamento sistemático; Alemanha, pedagogia). Qualquer progresso intelectual, social ou industrial não pode manter-se encerrado dentro de uma nação; cruza os

mares, perfura montanhas, nada detém seus passos. E essa crescente internacionalização exclui, inclusive, qualquer hegemonia comercial ou industrial. A hegemonia dos países fundadores do progresso deve, para alguns economistas, ser mantida por causa da superioridade de seus conhecimentos técnicos ou por sua adiantada organização industrial ou ainda pela força. Não esqueçamos, alerta Kropotkin, de que todo domínio está baseado sobre a força que se *crê* legítima e, quando essa crença começa a ser questionada, os vitoriosos serão os que combatem por novos direitos contra privilégios antiquados.

Esta visão tão repleta de certeza de que o novo sobrepõe-se ao velho não o deixa cego para os possíveis descaminhos ocultos no novo. Ao invés de sermos conservadores, afirma, identifiquemos quais são as condições modernas e que deveres elas impõem à nova geração.

Kropotkin também quer entender o porque de as pequenas indústrias continuarem a existir, apesar das vantagens da grande indústria no aspecto da economia de produção, no processo de vendas. Ele escreve:

“Cuando empecé a estudiar el asunto, hará unos quince años, jamás sospeché, debido a la poca atención que le prestaban los economistas ortodoxos, lo amplio, complejo, importante e interesante de la organización que resultaría como consecuencia de una investigación minuciosa; (...)” (p.102)

A defesa da pequena indústria e da indústria doméstica feita pelos ultraconservadores estava servindo, comenta, como bandeira contra a democracia social. Eles propunham a volta aos *antigos bons tempos*, reintrodução das antigas corporações patriarcais e exclusivistas que poderiam ser colocadas sob a imediata intervenção e tutela do Estado. De outro lado, continua, os democratas socialistas, apoiando-se no penúltimo capítulo de o *Capital*, de Marx, se colocavam contra todos os que não aceitassem a idéia de que *a pequena indústria estava em decadência* e que era muito bom que ela desaparecesse logo, pois seria seguida pela *centralização capitalista*. Nesse desprezo pela pequena indústria, eles estavam de acordo com os economistas da escola ortodoxa, a quem combatiam em quase todo resto.

Não se trata, afirma nosso autor, de idealizar a moderna fábrica em detrimento das pequenas indústrias, nem de idealizar as chamadas formas medievais da pequena indústria, colocando-se contra novas formas e tipos de organização sócio econômica. Trata-se de não se aceitar, como *lei natural*, a ruína das pequenas indústrias e da indústria rural e o pauperismo dos trabalhadores. Concorde com Harold Rogers o qual considerava que todo sofrimento imposto à classe trabalhadora atendia aos interesses temporais de uma minoria.

Penetrando no mundo dessas pequenas indústrias, estudando sua vida, lutas, fracassos e êxitos, visitando bairros e/ou casas de trabalhadores, começou a perceber como os economistas, que entendem de aritmética, mas não de seres humanos, escreve nosso autor, estavam errados ao considerá-las *tipos isolados de indústrias*.(p.124) Encontrou grande variedade nas pequenas indústrias quanto à forma de organização, quanto ao processo de vendas, quanto ao aspecto técnico. Observou que, apesar de muitas delas funcionarem precariamente, não desapareciam; adaptavam-se as mudanças. Nelas não encontrou nenhum traço característico de uma indústria decadente; elas tentavam manter-se diante da competência da indústria grande. Viu, como uma necessidade econômica, a extensão das pequenas indústrias ao lado das grandes. A absorção da pequena indústria pela grande era um fato, mas isso não impedia que novas pequenas indústrias fossem surgindo, em número tanto maior quanto maior fosse o gênio inventivo da Nação.

Embora não desconhecesse a necessidade da existência de algumas grandes fábricas, tipo as que lidam com fundição, com minas, observa que muitas delas nada mais eram do que aglomerações de várias indústrias distintas, sob uma direção central. As fábricas gigantes oferecem graves inconvenientes, alerta, não podendo reformar seu maquinário.

Analisando a pequena indústria da Suíça, observou que ela se mantinha graças à extensão da cooperação, extensão da educação técnica nas escolas, introdução de novos ramos de produtos semi artísticos em diferentes pontos do país e uma econômica distribuição da força motriz (hidráulica e elétrica). A Bélgica tinha mais de ¼ dos trabalhadores industriais nas pequenas indústrias. Na Rússia, apesar da política de economistas ultra reacionários da escola da Moscow Gazette, que buscava aniquilar artificialmente a indústria rural para assim criar a grande indústria

centralizada, a indústria doméstica não pereceu; pelo contrário, ela recebeu novo impulso produzindo, por exemplo, melhor seda que a importada. Kropotkin extrai esses dados de suas consultas aos 450 volumes publicados por diferentes *Conselhos Provinciais* (Zemstvos), por *Comitê da Pequena Indústria*, por *Comitê da Estatística de Moscou*, nas atas de assembleias municipais, nas monografias que descreviam as indústrias nos seus aspectos técnico, econômico e sanitário.

Com respeito às associações cooperativas, Kropotkin recorda os obstáculos que os governos da Alemanha, França, Rússia, Áustria colocavam quanto a sua criação e desenvolvimento. Os trabalhadores eram também impedidos de atuarem como vendedores e/ou exportadores dos produtos que fabricavam.

A pequena indústria, para ter êxito, conclui, precisava assegurar um mercado para venda dos seus produtos, fortalecer-se mediante associações. O desejo de conservar sua relativa independência e o conhecimento do que o esperava na fábrica, fazia com que o trabalhador, só em último caso, abandonasse seu negócio próprio para se tornar um assalariado. Isso explicava a persistência da pequena indústria, apesar das vantagens que a grande indústria apresentava.

A utopia kropotkiniana se resume na racionalização do campo, na descentralização da indústria, bem como na proposta de se combinar indústria com agricultura. Os trabalhadores não devem perder a posse do solo que deve ser por eles cultivado e a fábrica, com sua força motriz e maquinário, deve pertencer à comunidade (como já acontece na parte francesa da serra do Jura (p.137)) e ser dirigida pelos próprios trabalhadores. Esse modelo produtivo, descentralizado, autogestionário, ecológico desconsiderava as divisões capitalistas entre cidade e campo; a pequena, média e grande indústria coexistiriam em harmonia; a tecnologia poderia beneficiar a todos, permitindo maior conforto e jornada de trabalho reduzida para todos.

“La humanidad en general, así como cada individuo separado en particular, todos ganarán con el cambio, y éste se ha de realizar sin remedio” (p.141)

Para tanto, propõe que a sociedade proporcione a todos uma educação integral, ou seja, o ensino da ciência e de um ofício deverão ser administrados desde criança, combinando depois, no trabalho, o conhecimento científico com o prático. Isso supõe

uma profunda modificação do sistema educacional vigente, o qual reflete e reforça a cisão trabalho intelectual/trabalho manual, fruto da *divisão do trabalho*, produzindo, de um lado, homens instruídos, com meios para realizar experimentos, mas desprovido de gênio inventivo; de outro, homens com faculdades inventivas, pouco conhecimento científico e sem meios de se dedicar à experimentação. Isso prejudica a sociedade como um todo, assim como o problema de patentes, que divide e dispersa os esforços dos inventores ao invés de uni-los e combiná-los. O menosprezo pelo trabalho manual é elevado à altura de uma teoria. Escreve Kropotkin:

“El hombre de ciencia - dicen - debe descubrir las leyes de la naturaleza; el ingeniero aplicarlas y el obrero, ejecutar en madera o acero, en hierro o en piedra, los dibujos y formas trazadas por aquél, debiendo trabajar con máquinas inventadas para que las use, pero no por él. Nada importa que no las entienda ni pueda mejorarlas; el hombre de ciencia y el ingeniero científico cuidarán del progreso de la ciencia y la industria.” (p.143)

Esta *especialização*, escreve, resultou em que, nos princípios da indústria moderna, três gerações de operários inventaram; depois, deixaram de criar e os progressos introduzidos pelos engenheiros se apresentavam pouco práticos. No passado, continua, o contato direto entre trabalhadores e homens de ciência possibilitava invenções e/ou descobertas na própria oficina. Como exemplo disso, cita o instrumentalista Watt, o construtor de carruagem Stephenson, o aprendiz de platero Fulton, o construtor de moinhos Rennie. Também os gênios Galileu, Newton, Leibnitz, Linneo (que se fez botânico ao mesmo tempo que ajudava diariamente seu pai, que era jardineiro), por exemplo, construíam seus próprios instrumentos de trabalho. As artes mecânicas não foram obstáculo para as invenções e descobertas; estas não são necessariamente aplicação de uma lei. É verdade que o inventor leva em consideração o estado geral da ciência, mas em um dado momento, dá um salto no desconhecido. Kropotkin alerta para o fato de que o invento mecânico quase sempre veio antes da lei científica. Se antes era possível a criação trabalhando diretamente com as máquinas, agora faz-se necessário uma educação científica combinada com a arte mecânica a que ele chama de *educação integral* ou *completa*. Essa educação, e não a *educação técnica*, é que deve ser administrada. E isso, afirma, não é nada difícil; basta propagar o que já se fez em pequena escala.

Esse seu raciocínio contra a escola técnica não impede que elogie a Escola Técnica de Moscou (p.146-7), que teve sua metodologia aplicada também na Escola de Artes e Ofício de Chicago, em Boston (a escola mais perfeita de todas), na Escócia.(p.148) Fundada por M. Dellaves e funcionando há mais de 20 anos, atendia por volta de 100 alunos (menores de 15 anos) e os estudos abrangiam duas seções (química e mecânica), durando de 5 a 6 anos. Mesmo criticando a desatenção à educação humanitária, elogiava o ensino da matemática dessa escola, melhor que o administrado na Universidade de São Petersburgo. Salienta alguns pontos de sua metodologia: o decorar era pouco apreciado; dava-se grande estímulo à investigação independente; a teoria era aplicada nas aulas-oficinas e as peças fabricadas não serviam apenas como exercício, mas eram utilizadas de uma forma ou de outra; dedicava-se grande atenção às abstrações na área de geometria, como meio de se desenvolver inteligência e amor à investigação. Os alunos fabricavam máquinas, recebendo os primeiros prêmios nas Exposições Internacionais (Bruxelas, Filadélfia, Viena, Paris).

Diferente de outras escolas técnicas que ensinavam logo um ofício determinado, o ensino da arte mecânica se processava em três estágios, quando os alunos aprendiam os fundamentos de três ofícios: carpintaria, tornearia e fundição. Depois é que eram admitidos nas oficinas de ferramentaria e maquinaria¹⁶⁷.

*“Los niños **trabajan** con los instrumentos físicos, y estudian geografía en el campo, con instrumento en mano, lo mismo que en la clase; algunos de los trabajos topográficos llenaran mi corazón, como viejo geógrafo, de alegría.” (p.148)*

A rapidez é um fator importante na produção. Kropotkin acredita que o homem é mais rápido quanto mais instruído, mas abomina a rapidez por pura motivação econômica, que resulta em ato de violência contra o homem e traz em si a condenação do sistema das grandes fábricas:

“... hombres adultos, con manos y cabezas temblorosas trabajaban de un modo febril, uniendo los extremos de los hilos procedentes

¹⁶⁷ Kropotkin informa que esse sistema está detalhadamente descrito na obra do inglês Mr. Ch. H. Ham; quanto à perfeição do trabalho mecânico, consultar as memórias dos jurados das mencionadas Exposições (p.147)

del resto que queda en las bovinas, no siendo possible seguir con la vista la rapidez de sus movimientos. Pero el hecho mismo que se necesite un trabajo tan violento, es la mayor condenación del sistema de la gran industria. ¿Qué ha quedado del ser humano en esos cuerpos temblorosos? ¿Cuáles serán sus consecuencias? ¿A qué tal de roche de fuerza humana, cuando ella podría producir diez veces el valor del resto de hilo que se pretende aprovechar?”
(p.155)

Comenta ainda:

“Los grandes maestros pintaban com sorprendente rapidez; pero eso era el resultado de su gran desarrollo de inteligencia y imaginación, de una delicada concepción de lo bello y de una fina percepción de los colores y éste es la clase de trabajo que le hace falta a la humanidad.” (p.155)

Salienta que a **perda de tempo** é o traço característico do sistema educacional vigente; muitos conhecimentos administrados são inúteis e, mesmo os úteis, por causa da metodologia aplicada, são assimilados tão devagar, que chegam a perder sua atualidade. Como solução para o problema da **perda de tempo**, propõe que se aplique o princípio: *“De los ojos y la mano al cerebro.”* (p.151). O processo de aprendizagem deve garantir a integração das capacidades; o homem deve saber trabalhar com os braços, com a inteligência, nas diferentes direções que lhe aprouver; deve respeitar as diferentes fases do desenvolvimento humano, ou melhor dizendo, deve aproveitá-las; o jogo deve ser muito utilizado, os métodos de investigação científica devem ser socializados, estimulando a auto aprendizagem e a independência de pensamento, bem como devem ser ensinados bons sistemas de trabalho que desenvolvam o amor pelos instrumentos de trabalho e o prazer na atividade que realiza, bem como na busca da verdade, do belo. Deve-se cultivar, no aluno, um profundo sentimento de solidariedade humana e de justiça, para que sinta-se útil entre os seres humanos.

Antes mesmo dos 10/11 anos, o aluno poderá ir tomando contato com os fundamentos das diferentes áreas do conhecimento e aprender conteúdos tais como: idéia geral do universo, da Terra e seus habitantes, dos principais fenômenos físicos, químicos,

sociológicos e botânicos, deixando o estudo de suas leis para um estágio mais profundo e especial. Aos 18/20 anos, terá, não apenas conhecimentos científicos, mas saberá aplicá-los em prol da ciência e estará apto para ocupar um posto em indústria.

Kropotkin relata uma experiência pessoal muito interessante de quando era aluno.

*“Me acuerdo, como si fuera ayer, de qué modo tan rápido se me presentó la geometría bajo un aspecto nuevo, y lo que esto contribuyó a facilitar todos los estudios ulteriores. Se trataba de fabricar un globo **mongolfier**, y yo hice la observación de que los ángulos de la parte superior de cada una das tiras de papel de que se habia de componer el globo debian cubrir menos de la quinta parte de un ángulo recto cada una. Recuerdo, después, de qué modo las rayitas y tangentes dejaran de ser meros signos cabalísticos, desde el momento que nos permitían calcular la altura de un palo en el perfil de la obra de una fortaleza, y de qué modo se hacía sencilla la geometría aplicada al espacio, cuando empezábamos a hacer en pequeña escala un bastión com troneras y barbetas; ocupación que, como era de esperar, fue pronto prohibida, a causa del estado en que poníamos los vestidos. ‘Parecéis trabajadores’, era el reproche que nos dirigían nuestros inteligentes maestros; cuando precisamente eso, y el desenvolvimiento de la geometría, era para nosotros una verdadera satisfacción.” (p.151)*

Nosso autor enumera alguns dos benefícios que resultariam de uma educação tal como propõe: aumento da riqueza, graças à maior instrução dos produtores; valorização do trabalho, quer seja manual ou intelectual; desenvolvimento pleno e integral das capacidades de cada ser humano. Para os que criticam sua proposta entendendo que o intelectual passaria a ser um trabalhador e vendo nisto a decadência dos intelectuais e dos gênios, responde que, ao contrário, haverá um progresso tão grande nas ciências e nas artes, portanto também na indústria, que só poderá ser comparado ao período do Renascimento. O progresso poderia estar caminhando muito mais rápido pois os problemas que ora resolvemos tiveram suas soluções previstas há cem anos atrás. Darwin, por exemplo, não precisaria de trinta anos para elaborar a

teoria da origem das espécies se tivesse contado com trabalho coletivo; a teoria mecânica do calor, assim como a teoria da variedade da espécie não teriam permanecido silenciadas por mais de meio século, assim como a necessária revisão nos diferentes ramos da ciência não estaria paralisada à espera de trabalhadores científicos.

“(...) y todos sabemos de qué modo las ideas de Darwin se propasaron e impusieron a la atención de la juventud universitaria, en general, por personas que no pertenecían al profesorado, y eso que en las manos de Darwin, la teoría de la evolución resultaba estrecha, debido a la excesiva importancia dada a un sólo factor de la evolución.” (p.157)

Kropotkin não está iludido de que é possível uma mudança no sistema educacional ou em qualquer outro campo enquanto imperar o egoísmo no sistema de consumo e produção. O que pode haver são experiências microscópicas, que nunca chegarão ao resultado pleno desejado, já que é muito íntima a conexão entre as múltiplas funções em uma sociedade capitalista e que são muitos os obstáculos econômicos e sociais colocados para impedir seu desenvolvimento.

“Pero la energia del genio construtivo de la sociedad depende principalmente, de la profundidad de sus concepciones respecto a lo que debiera hacer y de qué modo; y la necesidad de reconstruir la enseñanza, es una de aquellas que se hallan más al alcance de todos, y es de las más adecuadas para inspirar a la sociedad esos ideales, sin los que el estancamiento y aun la decadencia son inevitables” (p.156)

Nosso autor coloca questões fundamentais no campo da economia política científica, preocupando-se com os meios utilizados para satisfazer as necessidades humanas, sob o presente sistema de *divisão permanente* de funções e produção mercantilizada. São esses meios verdadeiramente econômicos? Economizam realmente as forças humanas?

Que vê no campo? Utilização de instrumentos obsoletos na lavoura; trabalhadores sem acesso à educação e que, para exigirem seus direitos, “... *tienen que machar com*

sus mujeres y sus pequeñuelos contra las bayonetas de sus propios hijos como hicieran sus abuelos ciento y trescientos años ha.” (p.167) E na indústria? Trabalhadores gastando metade de seu salário anual com alimentos de baixa qualidade (segundo estudos de Engels); 25 a 40% do salário anual com aluguel de moradia; sendo despedido do emprego a partir dos 40/50 anos de idade; não tendo acesso a educação, iniciando trabalhar precocemente ou estudando sob um sistema de educação que tem a *especialização* como proposta de vida.

Diante dessa situação, Kropotkin propõe um agricultura racional e executada, não como obra de indivíduo e/ou família isolada, mas como ação combinada dos produtores organizados em grupos livremente formados e federados entre si. Propõe a descentralização da indústria que deveria atender às verdadeiras necessidades dos seres humanos e não ao *lucro*; nas numerosas pequenas indústrias que deveriam ir surgindo, o espaço para a criação e a arte deveria estar garantido. No lugar da *divisão do trabalho*, propõe a *divisão temporal*, mas alerta que o homem deverá sempre diversificar suas atividades, o que possibilitará um pleno desenvolvimento de suas capacidades e, por isso, ele será mais feliz.

De regresso à Rússia, em 1917, Kropotkin fundou juntamente com outros companheiros, a Associação de Federalistas composta por técnicos, agrônomos, engenheiros, químicos e outros profissionais com a finalidade de aplicar as conquistas científicas na indústria e agricultura, o que apoiaria os soviets dos operários e camponeses na construção de uma sociedade nova. Acreditava que as teses libertárias teriam futuro no seu país e até poderiam se tornar hegemônicas; no momento, era importante dialogar com o leninismo, freiar os excessos burocráticos da revolução. Logo todo esse sonho foi desfeito, já que o importante na Rússia era a afirmação do poder do partido que triunfara e o partido desconfiava de qualquer proposta que ele não a tivesse indicado.

Em Moscou, Kropotkin recebeu a visita da Cheka. Não querendo sofrer novas humilhações, retirou-se para Dmitrov, à 65 Km, cidade vinculada a Moscou apenas por um trem mensal.

Junto com Vera Figner e Máximo Gorki, tentou, por inúmeras vezes, combater o novo depotismo, conforme relata em carta a Lenin. A situação da Rússia, ele descreve no

seu Manifesto aos trabalhadores da Europa Ocidental, o qual saiu clandestinamente do país, graças à delegada da Inglaterra, senhora Bonafield que esteve em Moscou.

Lenin, no entanto, teve um carinho especial por Kropotkin, enviando-lhe os melhores médicos para Dmitrov e exigindo receber notícias sobre sua saúde diariamente. Esses informes foram publicados na imprensa.

O editorial anarquista Golos Truda que até 1921 havia publicado em russo as obras de Kropotkin, era visto com respeito. Com sua morte, a editora, embora autorizada a publicar o restante de suas obras, foi saqueada, destruída e fechada 15 dias após essa autorização.

Kropotkin viveu em pobreza; assim mesmo não aceitou a oferta de 250.000 rublos oferecidos pelo governo da revolução pela publicação de suas obras, refutando que não confiava em nenhum governo; não aceitou também a chamada ración académica que teria direito como sábio.

1.11. Resumo Biográfico

1828 O príncipe Alejandro Petrovich Kropotkin, pai de Pedro Kropotkin, toma parte na campanha turca como oficial do Estado Maior. Descende de um príncipe de Kiev e possui a propriedade campestre de Nikolskoie (distrito de Meschovsk), banhada pelo rio Sirena e situada a 565 Km de seu palácio de Moscou. Possuía mil e duzentos servos, setenta e cinco criados, doze camareiros, cinco cozinheiros e quatro cocheiros. O avô e bisavô de Pedro Kropotkin desistiram do serviço militar e moravam em propriedade própria, Urusovo.

1831 Seu pai toma parte da repressão à insurreição polaca. Conhece sua mãe, Catalina Nicolaievna Soulina (sua mãe, filha do governador da Sibéria). O casamento dos pais de Kropotkin “foi celebrado com grande pompa no palácio Lazienki”.

1842 No dia nove de dezembro nasce Pedro, em um palácio de bairro aristocrático de Moscou; contava com três irmãos: Nicolás Helena e Alejandro que contavam respectivamente com nove, oito e um ano. (Tolstoi tinha nesta

época 14 anos e Bakunin, 28).

- 1846 Morre sua mãe, com trinta e cinco anos. Fica sob os cuidados da alemã Sra. Burman.
- 1848 Seu pai se casa com Elizabeth Karandino, filha de um almirante da esquadra do mar Negro. Desse casamento, nasce Paulina.
- 1849 Sra. Burman é despedida. Kropotkin fica aos cuidados do estudante russo N.P. Smirnov e o ex-soldado do exército de Napoleão, Poulain.
- 1850 No vigésimo aniversário da subida ao trono do czar Nicolás I, por ter adoecido o filho da Sra. Nazimov, Kropotkin o substitui na cerimônia. Por ser o menor dos assistentes, o czar, achando gracioso o menino, o coloca na plataforma imperial. Em seguida, inscreveu-o como candidato ao corpo de pagens.
- 1852 Seu irmão Alejandro é enviado pelo czar ao corpo de cadetes de Orel; foi logo transferido para Moscou. Kropotkin, ao atravessar o Bosque de Koluga, em direção à propriedade do pai, nas lentas carroças, sente nascer o seu “amor pela natureza”. Morre Gogol e Kropotkin recorda “o sentimento que sua morte produziu em Moscou”.
- 1853 Poulain é despedido e substituído por um tutor alemão. As poesias de Nekrassov são suas favoritas. Lê Gogol, Herzen e copia literatura de autores proibidos, entre eles, Tolstoi.
- 1854 Escreve novelas e as assina sem o título de príncipe. Com Smirnov, escreve a novela *História de Meio Rublo*.
- 1855 Até este ano, vive em sua cidade natal, no velho bairro dos *caballerizos*, em Moscou. Funda uma revista manuscrita mensal.
- 1856 Nasce sua futura esposa, Sofia Ananiev, em Kiev. O czar Alejandro II dirige um discurso à nobreza de Moscou em favor da abolição da servidão, concluindo, com palavras de Herzen: “Melhor seria, senhores, que a liberação venha do alto, e não aguardar até que venha das massas”.

- 1857 Vai morar em S. Petersburgo, capital da Rússia e ingressa no Corpo de Pagens. Somente 150 crianças, no geral filhos da nobreza da corte, recebem educação nesse corpo privilegiado. Tem excelentes professores: Winkler (matemático) e Klassovsky (literatura russa).
- 1858 Lê Herzen, inclusive a revista clandestina *A Estrela Polar*. Estuda obras dos Enciclopedistas e o *Dicionário Filosófico* de Voltaire. Regressando de umas férias em Nikolskoie, sozinho, em uma diligência, conversa em um povoado com camponeses sobre a abolição da servidão.
- 1859 Estuda cientistas destacados tais como: Clasius, Joule, Seguin, Helmholtz, Tyndall, Mendeliev, Darwin, Bogt, Moleschott. Lê *Economia Política*, de Say. Participa como ouvinte em discussões sobre as teorias emancipadoras de Herzen em casa de seu primo Dimitri Kropotkin, futuro governador de Kharkov.
- 1861 Sofia Ananiev vai viver com sua família na Sibéria. Kropotkin é nomeado sargento do Corpo de Pagens. A emancipação dos servos é decretada. Em Nikolskoie, no verão, admira a maneira tranqüila e inteligente com que os camponeses aceitam a nova situação. Aparece seu primeiro artigo na revista *Knijni Vestnick* que é uma crítica ao livro de Engels sobre as classes operárias na Inglaterra.
- 1862 Ajuda a sufocar o incêndio de Apraxin Dvor, em S. Petersburgo. Opta por trabalhar na Sibéria, onde percorrerá oitenta e cinco mil quilômetros em carros, vapores botes, cavalo. É nomeado oficial do exército e auxiliar do general Koubel, que tem, em sua casa, uma completa coleção das obras de Herzen e que havia sido bondoso para com Bakunin, no seu exílio. Conheceu Antonia, mulher polaca de Bakunin. É nomeado para estudar a situação das prisões; visita muitas delas e redige um informe contendo sugestões de melhoramento para os presos. Atravessa o bonito lago Baikal. O célebre poeta, desterrado, M.L. Mikhailov empresta-lhe o livro de Proudhon, *Sistema das contradições econômicas*. Koubel o nomeia secretário de uma comissão para estudar o estabelecimento da autonomia municipal. Ouve menção com

respeito ao nome de seu avô materno.